

O ÚLTIMO DESAFIO

MARGARET PETERSON HADDIX

LIVRO 10

editora ática



O Último Desafio

Margaret Peterson Haddix

(Livros em PDF.tumbl.com)

Capítulo 1

Amy e Dan Cahill esqueceram de procurar grampos em Londres.

Eles conheciam o esquema. Ao chegar a um hotel novo, sempre precisavam vasculhar o quarto em busca de aparelhos de escuta ou outros equipamentos secretos de espionagem que seus inimigos pudessem ter plantado. Além disso, sempre conferiam todas as rotas de saída possíveis e tudo o que pudesse servir de arma. Amy e Dan só tinham 14 e 11 anos. Mas seus instintos eram como de veteranos da CIA.

Ao chegarem em Londres, no entanto, Amy entrou no quarto do hotel, deu três passos e desabou na cama. Dan passou cambaleando por ela e foi se esparramar no sofá. Sentou e caiu para trás, puxado pelo peso da mochila. Parecia ter sido esmagado.

Ele foi esmagado, pensou Amy. *Nós dois fomos. Agora que sabemos a verdade. Agora que sabemos quantas mentiras nos contaram esse tempo todo, quantos segredos foram escondidos, tudo o que esperam de nós...*

Só a descabelada *au pair* das crianças, Nellie Gomez, parecia ter energia sobrando, pois continuava de pé. Tinha energia até para se balançar de leve ao som de uma música bizarra qualquer que ouvia no iPod, enquanto arrastava a sacola de viagem e a gaiolinha do gato para dentro do quarto. Amy pensou que ela ou Dan deveriam lhe oferecer ajuda. Porém, naquele momento, até carregar uma sacola de viagem parecia estar além das suas capacidades.

Nellie se virou para fechar a porta. Depois também pareceu desmoronar.

Ela desmaiou?, Amy se perguntou.

Antes que Amy tivesse tempo de fazer qualquer coisa, Nellie estava de pé outra vez. Ela não tinha desmaiado, apenas se abaixou para recolher uma coisa que Amy e Dan não tinham visto no chão quando entraram no quarto: um envelope simples de papel pardo.

Nellie ergueu o envelope no ar, como se fosse um prêmio.

— O que vocês acham, crianças? — ela perguntou. — Querem apostar que esta é a próxima dica?

Eles tinham sido avisados de que deveriam esperar uma dica. Em código, é claro, para o caso de algum dos inimigos tentar interceptá-la. Normalmente, os dois irmãos teriam corrido para pegar e abrir o envelope, depois começariam a tentar decifrar o mais recente código. No mínimo, teriam dito a Nellie que, com idade que tinham – e com o destino do mundo dependendo deles – eram velhos demais para serem chamados de "crianças".

Mas Amy só deu de ombros.

Dan inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto.

— Crianças? — Nellie os chamou com uma voz perplexa. Ela tirou os fones de ouvido. — Vocês escutaram o que eu disse?

Nellie virou o envelope.

— Pois é, endereçado a Amy e Dan Cahill — ela disse. — E Nellie Gomez. Nossa. Agora me sinto oficialmente na disputa. Alguém deve ter enfiado isso por baixo da porta, estava aqui, esperando a gente.

Ela estendeu o envelope na direção dos irmãos.

— Quem quer fazer as honras da casa?

Nenhum deles se mexeu.

Nellie sacudiu o envelope na cara dos dois.

— Vamos lá, galera — ela insistiu. — É uma *dica*.

Ela os tratou como se fossem o gato Saladin, que sempre se distraía facilmente com um pedaço de salmão.

— Vocês não querem ver o que está escrito aqui? Alguém está tentando nos ajudar!

— Se *alguém* quisesse no ajudar — retrucou Amy — teria simplesmente nos dado todas as respostas na Jamaica.

Ela sabia por que isso não havia acontecido, mas agora não tinha forças para pensar a respeito.

— Ou lá no comecinho — acrescentou Dan — no funeral.

Há pouco mais de um mês, Amy e Dan tiveram uma enorme surpresa depois da morte de sua querida avó Grace. Eles faziam parte de um seleto grupo de parentes que receberam uma oferta inédita no testamento de Grace: cada um podia ganhar 1 milhão de dólares ou uma única pista.

Amy e Dan tinham escolhido a pista.

Desde então, os dois percorriam o mundo fazendo o possível para superar, ultrapassar ou simplesmente evitar alguns de seus parentes menos agradáveis na corrida até o prêmio final. Eles tinham perdido a conta das vezes que tentaram matá-los.

Quando não estava completamente apavorada, Amy adorava a situação. Descobrir que era corajosa o bastante para pular daquele telhado em Viena... Fazer parte da única equipe a desvendar a pista no Cairo... voar até o topo do monte Everest...

Mas só no dia anterior, na Jamaica, Amy, Dan e Nellie haviam descoberto a verdade sobre a busca pelas pistas. Depois se deram conta da crueldade daquilo durante o longo voo sobre o Atlântico. Até ontem, acreditavam que não eram diferentes das outras equipes – com exceção do fato de serem mais novos, mais pobres, órfãos e menos informados. Eles achavam que pelo menos o *objetivo* era o mesmo: vencer, chegar ao prêmio final antes de todo mundo.

Não, pensou Amy com amargura. *Somos mais novos, mais pobres e mais ignorantes, e chegar ao prêmio antes dos outros não é o suficiente. Para vencermos, também precisamos fazer*

todo mundo esquecer e perdoar quinhentos anos de punhaladas nas costas, brigas, traições, e... assassinatos.

Como alguém seria capaz de perdoar ou esquecer tudo isso?

— É impossível — Amy murmurou.

— A dica? — disse Nellie, com um olhar confuso. — Vocês ainda nem viram qual é.

— Toda a busca pelas pistas — corrigiu Dan. — É inútil. Não podemos vencer. Não do jeito que eles querem que a gente vença. Por que nos demos ao trabalho de vir até aqui?

Ele fez um gesto na direção da janela. Estavam no 12º andar, por isso só conseguiam ver um trecho do céu cinzento.

— Odeio Londres. Nunca para de chover?

Amy se lembrou do entusiasmo insano de Dan ao fazer o *check-in* em outro hotel, semanas atrás, no Egito. Ele tinha corrido pelo quarto, achando graça em anunciar o nome de cada novo objeto que descobria: “um bloco de papel!”, “um guarda-chuva!”, “uma Bíblia!”. Ela se sentiu culpada ao pensar o que a busca pelas pistas tinha feito com aquele menino entusiasmado. Era como se ele tivesse se transformado num velho rabugento uns setenta anos mais cedo.

— Bom... — Nellie franziu a testa, num gesto de incerteza.

Por um instante, Amy achou que ela fosse dizer: *vocês têm razão, crianças. Nunca para de chover em Londres e esta busca pelas pistas é insana. Só tenho 20 anos e vocês nem são minha família de verdade. Vou para casa. Agora.*

Então Nellie balançou a cabeça, sacudindo seus cabelos tingidos de preto e loiro.

— Olha, crianças. Eu prometi pra sua avó...

— Ela está morta — disse Dan, no mesmo tom de velhice precoce. — Ela está morta, o Lester está morto, a Irina está morta...

Mamãe e papai estão mortos, Amy completou em sua mente. Na Jamaica, os irmãos levaram em consideração todas aquelas mortes como motivo para vencer a busca pelas pistas. Lester foi um espectador inocente, arrastado para dentro daquilo só porque se dispôs a ajudar. Irina era uma ex-inimiga que sacrificou sua vida para salvar Amy e Dan. E os pais das crianças tinham deparado com a morte ao tentar evitar que uma única pista caísse em mãos erradas.

Qual o sentido de todas aquelas mortes se Amy e Dan não continuassem tentando?

Mas como podiam continuar tentando quando tudo o mais era impossível?

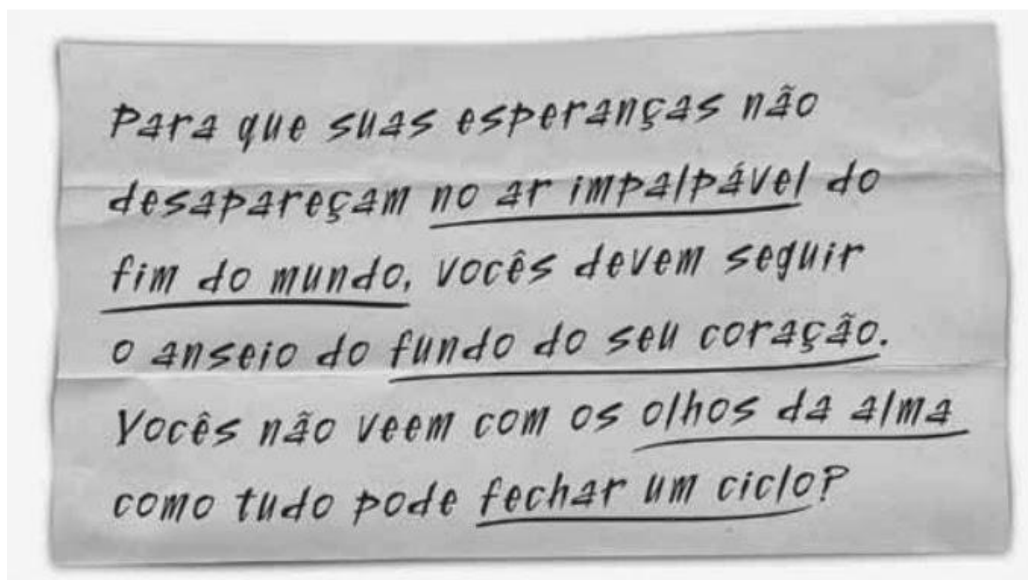
Nellie alternou o olhar entre Amy e Dan, como se pudesse ler suas mentes.

— Vamos dar um passo de cada vez, certo? — ela disse em voz baixa. — Apenas ouçam.

Abriu o envelope e começou a ler em voz alta:

— “Para que suas esperanças não desapareçam no ar impalpável do fim do mundo, vocês devem seguir o anseio do fundo do seu coração. Vocês não veem com os olhos da alma como tudo pode fechar um ciclo?” — Nellie olhou para cima. — Isso faz sentido para vocês? Algumas das palavras estão grifadas... isso talvez signifique alguma coisa.

Ela mostrou o bilhete primeiro para Amy e depois para Dan:


Para que suas esperanças não
desapareçam no ar impalpável do
fim do mundo, vocês devem seguir
o anseio do fundo do seu coração.
Vocês não veem com os olhos da alma
como tudo pode fechar um ciclo?

Alguma coisa cutucou a mente de Amy, mas ela ignorou.

Não importa, ela pensou. *Não podemos vencer.*

— Isso não faz nenhum sentido para mim — respondeu Dan, amargo.

Prrr, reclamou Saladin em sua gaiolinha. Ele parecia tão ranzinza quando Dan. Nellie se agachou para empurrar a alavanca que libertava o bicho.

— Pelo menos o gato eu consigo agradar — murmurou Nellie.

Mas Saladin não se esfregou na perna dela para agradecer. Enrijeceu o corpo e soltou um grunhido baixo e gutural. E depois pulou na direção da janela.

— Saladin! — gritou Amy.

Ela olhou rapidamente para ver se a janela estava aberta. Estava, porém havia uma tela. Não... ele chiava para alguma coisa atrás da tela, um bicho empoleirado lá fora, no parapeito.

Um macaco.

Amy piscou. E, apesar de tudo, sorriu. O macaco a fez lembrar de um de seus livros favoritos, cuja história se passava em Londres: *A princesinha*, no qual um macaco com saudades da Índia escalava os telhados para visitar uma menina solitária que também tinha saudades da Índia. Então o macaco fazia com que ela encontrasse uma família nova, embora seus pais estivessem mortos...

O sorriso de Amy desapareceu.

Ficção, ela disse a si mesma. *Outra coisa que não é verdade.*

De qualquer modo, aquele macaco não trazia presentes. Arreganhava os dentes para Saladin e batia na tela com a mão. O bicho devia segurar algum objeto afiado (eram só suas garras? Ou uma *faca*?), pois rasgou a tela. O macaco pulou em cima de Saladin e caiu no chão. Depois, com três saltos velozes, foi parar ao lado de Nellie. Pulou para cima dela e arrancou o papel de suas mãos.

— Não! Isso é *nosso*! — berrou Nellie.

Ela correu em direção ao macaco, tentando agarrar o papel de volta. Mas o animal fugiu em disparada.

— Eu pego! — gritou Dan.

Ele pulou do sofá. Mas devia ter esquecido que ainda estava com a mochila nas costas, pois apenas caiu para a frente e não passou nem perto do macaco. O bicho correu para o lado, na direção de Amy.

— Vou tentar! — Amy gritou.

Ela ficou de pé e disparou para a direita. O macaco disparou para a esquerda.

Saladin pulou do parapeito da janela, como se achasse que ele e Amy juntos pudessem encurralar o macaco. Porém o bicho facilmente passou correndo entre eles.

Ele virou de costas ao alcançar outra vez o parapeito da janela. Sorriu e mexeu a cabeça para cima e para baixo, fazendo *quiii-quiii-quiii*.

— Esse macaco está rindo de nós? — perguntou Nellie, indignada. Então correu para o parapeito da janela.

O macaco apenas riu mais alto. Depois, no exato momento em que Nellie ia agarrá-lo, jogou dentro do quarto um objeto que parecia uma moeda e pulou pela janela.

O bicho havia sumido.

Com a única dica que eles tinham.

Capítulo 2

Dan recolheu a moeda. Era feita de algum tipo de metal grosso, com um K rebuscado gravado em cada um dos lados.



Um K. É claro.

— Os Kabra — concluiu Dan num tom sombrio.

Os Kabra haviam se tornado os piores inimigos de Dan e Amy na busca pelas pistas. Eram podres de rico e a maldade em pessoa.

— É claro que eles têm até um macaco treinado para cumprir suas ordens — disse Amy, desanimada.

— Provavelmente têm um zoológico particular — murmurou Dan.

Ele correu para a janela e chegou lá apenas uns poucos passos antes de Amy. O macaco agora já estava vários andares abaixo deles. Levava o papel enrolado entre os dentes e descia por uma corda presa ao telhado. Sob os olhares de Dan, Amy e Nellie, o macaco atingiu o chão e atravessou a calçada. Então um par de mãos saiu de uma limusine estacionada e recolheu o bicho. A porta se fechou e a limusine preta partiu em alta velocidade.

— Eram as mãos de Isabel Kabra — afirmou Amy. Ela pronunciou o nome com cuidado, como se cada sílaba machucasse.

Machuca mesmo, pensou Dan.

Ele não perguntou como Amy podia reconhecer as mãos de Isabel a 12 andares de distância. Isabel tinha assassinado os pais de Amy e Dan. Tinha tentado matar os próprios Amy e Dan na Indonésia e os havia ameaçado de morte na Austrália e na África do Sul. Além disso, tinha

mandado seus filhos nojentos, Ian e Natalie, atacá-los várias vezes. Na Coreia, os irmãos Kabra deixaram Amy e Dan para morrer no desabamento de uma caverna.

Quando alguém sofre tanta crueldade e truculência nas mãos de uma pessoa, acaba desenvolvendo um sexto sentido. Sabe quando ela está por perto.

Dan tinha tanta certeza quanto Amy de que aquelas mãos eram as de Isabel.

Ele se afastou da irmã, não suportava ver a agonia em seu rosto. Queria poder correr atrás de Isabel, dar uma surra nela, jogá-la na cadeia, pegar de volta tudo o que ela havia tirado deles. Mas ele era um menino de 11 anos. Não tinha como agir. O melhor que podia fazer era juntar uma enorme bola de catarro e cuspi-la pela janela. Ele mirou com precisão na limusine que partia em alta velocidade.

— Dan! — exclamou Nellie.

— Que foi? — perguntou Dan, inocente. — Ela é do *mal*. Um cuspe na limusine é o mínimo que essa mulher merece.

Dan percebeu que Nellie estava tentando não dar risada. A vantagem de ter uma *au pair* de apenas 20 anos era que às vezes ela mesma pensava e agia como uma criança. Mas depois ela fez uma cara séria.

— Só não acho que sua mira seja tão boa assim — disse Nellie. — Não desse distância.

— Ah, é? — desafiou Dan. Ele estava feliz por ter algo para distraí-lo. Enfiou a moeda com o K na mão de Nellie. — Jogue isso pela janela, para onde quiser. Prometo que eu acerto de primeira.

Antes que Dan tivesse a chance de realmente provar a perícia de seu cuspe, sentiu que alguém o puxava por trás. O que era dessa vez? Alguém tentando roubar sua mochila bem das costas dele?

Dan se virou. Era apenas Amy.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

— Precisamos olhar uma coisa na internet — ela disse. — Imediatamente.

Os olhos de Dan e da irmã se encontraram. Às vezes ele se perguntava como os dois podiam ser parentes. Ela era tímida, ele não parava de falar. Ela gostava de livros e bibliotecas tranquilas, ele, de videogames barulhentos e qualquer tipo de piada que envolvesse arrotos ou peidos. Ainda assim, houve ocasiões – principalmente durante a busca pelas pistas – em que Dan sentiu como se ele e Amy fossem praticamente a mesma pessoa, pensando a mesma coisa na mesma hora.

Agora era um desses momentos.

— Certo — Dan concordou.

Ele baixou a mochila para que Amy pudesse tirar o laptop mais depressa. Ela lhe entregou o cabo. Ele o plugou na tomada e ela ligou a outra ponta no computador. Enquanto esperavam o computador iniciar, ela entregou ao irmão uma caneta e um bloco de papel timbrado que estavam na escrivaninha.

— O que vocês dois estão fazendo? — Nellie perguntou enquanto Dan começava a escrever no papel.

— Estamos decifrando a dica — Amy respondeu. — Tenho um palpite, mas quero conferir na internet.

— Achei que vocês fossem desistir — disse Nellie. — Achei que vocês tinham dito que não poderiam vencer.

Dan olhou para Amy e voltou a escrever. Deixou que a irmã explicasse.

— Ainda não acho que possamos vencer — Amy explicou. — Não como os Madrigal querem.

Antes, ela teria dito a palavra Madrigal com a mesma espécie de medo e repulsa que sentia por Isabel Kabra. Mas, na Jamaica, Dan e Amy descobriram que os Madrigal eram na verdade os mocinhos da história.

Mocinhos bons demais, pensou Dan. *Os que acham que podemos terminar tudo isso de mãos dadas e cantando uma música alegre em volta da fogueira. Eles são doidos!*

— Na Jamaica, você concordou com tudo o que os Madrigal pediram — disse Nellie. — Eu também concordei.

— Verdade — Amy respondeu. Ela parecia distraída. O computador agora já tinha ligado e ela estava online. — Só que não parece possível. Mas se não pudermos vencer como os Madrigal querem, o mínimo a fazer é garantir que os Kabra não vençam.

Dan ergueu os olhos do papel.

— Você consegue imaginar a gente deixando a Isabel Kabra dominar o mundo? — ele perguntou.

As palavras ficaram pairando no silencioso quarto do hotel. Aquilo, finalmente, era algo em que Dan podia se apoiar. Tudo o que os Madrigal queriam era grande incerto demais: paz, amor, perdão... Dan não conseguiu lembrar esses objetivos nem mesmo durante uma viagem de avião sem contratempos. Ele *nunca* conseguiria olhar Isabel Kabra nos olhos e dizer: “Eu te perdoo”. Mas impedir que ela vencesse a busca pelas pistas, que adquirisse o maior poder de todos, que causasse mais mortes imperdoáveis... Isso já seria o suficiente, não seria?

Teria que ser. Aquela era a melhor esperança que Dan conseguia alimentar.

A chuva continuava a cair lá fora, agora mais forte. O quarto continuava cinza. Nellie balançava a cabeça com uma expressão fúnebre.

Então Nellie, irreverente como sempre, sorriu. Levou a moeda com o K, que Dan havia lhe dado, até a boca.

— E agora temos *outra* reviravolta que muda todo o jogo — ela disse, como se fosse uma comentarista esportiva e a moeda seu microfone. — Pra vocês de casa que estão acompanhando o placar, os malignos Kabra podem achar que acabam de tomar a dianteira, mas seu truque do macaquinho saiu pela culatra. Eles parecem ter dado uma nova injeção de ânimo nos valente

irmãos Cahill, que estão a poucos segundos de decifrar sua mais recente dica, graças à memória fotográfica de Dan e às *incríveis* habilidades de pesquisa de Amy.

Dan terminou de fazer uma réplica exata do bilhete que o macaco tinha roubado. (Quer dizer, exata a não ser pela letra feia de Dan.) Ele de fato tinha memória fotográfica, o que já os havia salvo diversas vezes durante a busca pelas pistas. Ele tinha certeza de ter lembrado de tudo, inclusive das palavras grifadas. Entregou o papel para Amy e virou-se para Nellie.

— Nellie — ele parecia dar uma bronca nela — isso não é brincadeira.

* * *

Nellie ficou assistindo Dan e Amy se debruçarem sobre o computador. Ela não tinha dúvida de que em alguns instantes eles fariam alguma dedução brilhante. E depois anunciariam que precisavam partir imediatamente para algum lugar dramático.

Pessoalmente, Nellie torcia para que fosse Stonehenge. Ela sempre quis ver aquilo. Mas talvez não nesta viagem... Nellie não queria ter de explicar para alguma autoridade britânica por que as duas crianças sob sua tutela faziam *rapel* num monumento tão importante. Muitas vezes, era o que acabava acontecendo nessas aventuras em busca de pistas.

Tinha sido surpreendente – e um pouco assustador – observar a transformação de Amy e Dan ao longo do último mês. Nellie tentou lembrar de como ela própria era aos 11 ou aos 14 anos de idade. Aos 11, tinha passado o verão de bobeira na piscina, certo? No ano em que completou 14 anos, tinha colocado o piercing no nariz.

E... foi nesse ano em que a avó de Dan e Amy entrou na vida de Nellie. Não diretamente, pois Nellie só viria a conhecer Grace depois. Porém oportunidades começaram a surgir de mão beijada para Nellie no ano em que ela entrou no ensino médio. Oportunidade de ganhar uma bolsa de estudos de kung fu. Para fazer um curso de aviação. Para ter aulas mais avançadas que as da escola, com novos professores exigentes que pareciam se importar demais com uma certa menina de piercing no nariz e cabelo colorido sentada no fundo da sala.

Nellie levou muito tempo para descobrir de onde vinham todas aquelas oportunidades. Mas agora percebia que Grace tinha mudado sua vida completamente.

E a Grace era uma Cahill do bem, pensou Nellie. *O que alguém como Isabel Kabra poderia fazer com pessoas como eu, se estivesse no comando?*

Nellie passou os dedos pela moeda com o K. antes, parecia que Grace havia escolhido Nellie para ser *au pair* de Amy e Dan no cara ou coroa. Pura sorte. Mas Nellie descobriu que sua família estava ligada aos Cahill há várias gerações. De certo modo, Nellie também estava tão predestinada a participar da busca pelas pistas quanto Amy e Dan.

E, na Jamaica, Nellie havia aceitado esse destino.

Ela continuou passando os dedos pela moeda com o K. Agora não estava pensando em famílias nem no destino. Estava pensando na moeda, que não parecia mais uma moeda. Tinha uma linha fina que percorria toda a borda. Uma rachadura, talvez?

Nellie enfiou a unha dentro da rachadura. Com a pressão, a "moeda" se abriu, revelando uma rede eletrônica em miniatura dentro dela.

Neste exato instante, Amy girou na cadeira.

— Descobri! — ela exclamou. — A resposta é...

Nellie mergulhou na direção de Amy e tapou a boca da menina com a mão.

— Não fale! — ordenou Nellie. — Nós fomos... — com a mão que não estava na boca de Amy, ela arrancou minúsculos fios elétricos da moeda falsa — ... grampeados!

* * *

Na limusine, a um quarteirão de distância, Isabel Kabra se inclinou para a frente, prestando muita atenção na voz fina de uma menina estúpida que soava em seus fones de ouvidos.

— *Nós fomos...*

Estática. Nada além de estática. A conexão de áudio tinha caído.

Então eles descobriram o aparelho de escuta. E daí? Tinha sido um excesso de precaução, de qualquer modo. Isabel estava com a dica dos irmãos Cahill e tinha muito mais recursos para decifrá-la. Tinha muito mais de tudo o que importava, mais do que eles jamais teriam.

Aquilo era apenas... irritante.

Isabel quase franziu a testa. *Não, não faça isso. Lembre-se das rugas. Botox não resolve tudo. Não vale a pena criar rugas por causa desses pirralhos.*

Eles realmente não mereciam atenção, mas, só para garantir, ela repassou na mente tudo o que tinha ouvido, procurando alguma coisa relevante na conversa patética daquelas crianças patéticas.

"Na Jamaica, vocês concordou com tudo o que os Madrigal pediram..." "Mas se não pudermos vencer como os Madrigal querem..." Isso significava que eles tinham juntado forças com os Madrigal, os cretinos sombrios que eram a pedra no sapato da família há séculos. Bom, enfim. Na experiência de Isabel, a lealdade nada mais era que uma oportunidade para a traição.

Ela acelerou a conversa mentalmente até uma coisa que o menino havia dito: *"Você consegue imaginar a gente deixando Isabel Kabra dominar o mundo?".*

Isabel se permitiu um sorriso, embora sorrir fosse tão propício para o surgimento de rugas quanto franzir a testa.

Sim, ela conseguia imaginar aquilo. Conseguia imaginar perfeitamente: o poder, a glória, a *justiça* daquilo. Isabel Kabra era superior a todas as outras pessoas do mundo. Quando vencesse a busca pelas pistas, finalmente enxergariam isso. Ela seria soberana e todos os habitantes do planeta lhe obedeceriam.

Era obedecer... ou então morrer. Exatamente o que mereciam.

E Amy e Dan Cahill mereciam morrer.

O sorriso de Isabel se abriu. Ela era quase grata àqueles pirralhos por conseguirem continuar vivos por tanto tempo. Assim, ela podia pensar em maneiras ainda mais cruéis de matá-los.

— Mamãe? — resmungou Natalie, a filha de 11 anos de Isabel, sentada no banco em frente a ela na limusine. — Você está com uma cara meio assustadora agora.

Isabel percebeu que ainda segurava aquele macaco nojento.

— Toma — disse Isabel, jogando o animal no colo da filha. — Você e Ian tirem o papel da boca dele e descubram o que significa. Pelo menos uma vez na vida, façam valer as habilidades e a educação superior que têm.

Isabel havia treinado os filhos muito bem: a menina se afastou do macaco, instintivamente sabendo que os pelos ficariam horríveis em seu vestido preto de grife. E Ian, aos 14 anos, pareceu anojado com a ideia de se expor à saliva do animal. Aqueles instintos serviriam bem a Ian e Natalie algum dia, caso se tornassem líderes do império dos Kabra – após longas décadas do reinado brilhante de Isabel, é claro. Mas, por enquanto, seus filhos eram meros serviçais e ela não podia tolerar que desobedecessem uma ordem direta.

— O que aconteceu com o "Sim, mamãe", "Você é quem manda, mamãe"? — perguntou Isabel. — Quando vocês pararam de me obedecer imediatamente?

Ian murmurou algo que Isabel não conseguiu entender muito bem.

— O que você disse? — perguntou Isabel. — Fale direito!

— N-nós... — Ian estava *gaguejando*? Justo o Ian, que ela havia treinado para ser preciso e elegante, que sabia como envergar um bom fraque desde os 3 anos de idade? Ele limpou a garganta e conseguiu pronunciar as palavras: — ... não paramos de obedecer. Só que agora pensamos antes.

Isabel deu uma bofetada no menino.

Capítulo 3

Amy enfileirou os aparelhos de escuta na escrivaninha. Depois que Nellie tinha destruído o microfone dos Kabra, os irmãos Cahill vasculharam todo o quarto de hotel, como deveriam ter feito desde o começo. Encontraram três outros grampos: um aparelho minúsculo, engenhosamente instalado dentro de um abajur; um aparelho elegante sobre a moldura de um quadro, que Amy a princípio tinha achado que era parte da obra; e, embaixo da cama, um aparelho um tanto rústico que parecia ter sido construído por um jogador de futebol americano com dedos grossos.

— Ekat — disse Amy, apontando para o aparelho engenhoso.

— Janus — disse Dan, apontando para o aparelho elegante.

— Tomas — disse Nellie, apontando para o aparelho rústico e revirando os olhos.

— E o dos Kabra era Lucian, assim estão todos presentes — resumiu Amy.

Eles nomeavam os clãs da família Cahill que também estavam atrás das pistas. Cada clã descendia de um dos quatro filhos briguentos de Gideon e Olivia Cahill: Katherine, Jane, Thomas e Luke. Apenas os Madrigal, o clã de Amy e Dan, sabiam que uma quinta criança nascera depois que a família tinha se desintegrado: Madeleine.

Minha antepassada, pensou Amy.

Era gostoso saber em qual parte da história ela se encaixava. Ela queria saber isso desde o começo da busca pelas pistas.

Mas será que eu realmente me encaixo se não tentar fazer o que os Madrigal querem?, ela se perguntou.

Dan empurrou os três aparelhos mais para perto uns dos outros sobre a escrivaninha. Ergueu o punho sobre eles, pronto para esmagar os três num só golpe.

— Três, dois, um... — ele disse, numa dramática contagem regressiva.

No último instante antes de sua mão atingir os aparelhos, Amy agarrou seu pulso.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, tentando se libertar dela. — Você está maluca?

— Preciso falar com você – disse Amy.

Ela fez um gesto na direção do banheiro e puxou o pulso do irmão. Dan franziu a testa, porém foi atrás. Nellie apontou para si mesma e ergueu as sobrancelhas como se perguntasse “Eu também?”.

Amy fez que sim com a cabeça.

Dentro do banheiro, Amy abriu totalmente as torneiras da pia e da banheira. Juntas, elas produziram um som parecido ao de uma cachoeira. Nellie e Dan precisaram se aproximar para

ouvir o que Amy dizia. Não havia perigo de que suas palavras fossem captadas por algum aparelho de escuta.

— Se nós só estamos tentando garantir que os Kabra não vençam, será que não deveríamos dar uma ajuda para as outras equipes? Contar nossa dica para eles? — ela perguntou. — E... isso não combina com o que os Madrigal querem que a gente faça?

— Você está de brincadeira? — Dan se espantou. — Quer que a gente entregue nosso trabalho numa bandeja?

— E se vocês compartilharem suas respostas e depois, sei lá, os péssimos Holt acabarem dominando o mundo? — Nellie questionou.

Os Holt eram os representantes dos Tomas: Eisenhower e Mary-Todd Holt e seus três filhos, Hamilton, Reagan e Madison.

— O Hamilton não é tão ruim — retrucou Dan.

— Certo, mas e o *Eisenhower*? — perguntou Nellie.

Eisenhower Holt era um palerma musculoso e cabeça-dura.

E ele estava lá quando a mamãe e o papai morreram, pensou Amy. Ela cerrou os punhos, como se com isso pudesse esmagar o tosco aparelho de escuta dos Holt.

— O tio Alistair às vezes é legal — observou Dan. — Ele não traiu a gente... nos últimos tempos.

Alistair Oh, um Ekat, tinha se aliado aos irmãos mais do que qualquer outra pessoa. Mas também havia passado a perna neles diversas vezes. Então, durante um terrível incêndio numa ilha da Indonésia, garantira que Amy e Dan se salvassem antes dele. Mas isso bastava para redimi-lo?

Ele mentiu para nós na China depois disso, pensou Amy. E também estava lá quando a mamãe e o papai morreram. Não foi ele quem armou o incêndio que matou os dois, mas... ele também não os salvou.

— Como você sabe que o grampo dos Ekat é do Alistair e não do Bae Oh? — perguntou Nellie, fazendo uma careta.

Tio de Alistair, Bae Oh era um velho altamente desagradável. Ele teria deixado Dan e Amy morrerem no Egito se Nellie não tivesse resgatado os dois.

Amy cerrou os punhos com mais força. O grampo dos Ekat teria que ser destruído também.

— Com isso sobram os Janus — disse Nellie. — Vocês querem dar uma dica para Jonah Wizard? Querem deixar que ele acrescente “senhor do mundo” a todos os seus outros títulos?

Jonah Wizard já era um astro internacional do hip-hop, autor de um livro pop-up campeão de vendas e modelo de porta-pirulitos. A única coisa maior que sua fama era seu ego.

Amy esperou que Dan defendesse Jonah, para poder contrariar seus argumentos. Dan havia ficado meio amigo de Jonah na China. Mas agora tinha apenas uma expressão atordoada no rosto.

— Opa! — ele exclamou. — Tem certeza de que o Jonah ainda está na competição? Quando foi a última vez em que o vimos procurando uma pista?

— Ele não estava no Tibete. Nem nas Bahamas. Nem na Jamaica — especulou Nellie. — Será que o grande Jonah Wizard pode mesmo ter desistido?

— Tem um aparelho aqui que só falta ter o nome Janus escrito numa etiqueta — comentou Amy.

— Talvez Cora Wizard esteja cuidando pessoalmente do trabalho sujo — sugeriu Nellie.

Cora Wizard. Mãe de Jonah. Amy não conseguia lembrar se havia conhecido a mulher. Não, espere. Ela lembrava.

Aquela noite, pensou Amy. *Também vi Cora lá, na noite em que nossos pais morreram.*

Amy teve que se segurar na pia. Sentiu o sangue se esvaindo de seu rosto.

— Não podemos deixar Cora Wizard vencer — ela sussurrou.

Nellie e Dan olharam para ela. Ambos pareceram entender na mesma hora.

— Então é isso. Vocês não podem confiar em nenhuma das outras equipes — disse Nellie. — Não mesmo. Não todas juntas.

— Dã — o menino fez pouco caso. — A gente já sabia disso um mês atrás.

Amy piscou para conter algo que talvez fossem lágrimas. Torceu para que Nellie e Dan pensassem que era apenas vapor das torneiras da pia e da banheira totalmente abertas.

— Então como é que os Madrigal podem achar que somos capazes de... — ela começou a falar.

— Temos que vencer — interrompeu Dan. — E então... então quem sabe vamos ter poder suficiente para pôr todo mundo na linha.

Por um instante, ele pareceu um pequeno leão, planejando a dominação mundial. Depois era Dan outra vez, correndo empolgado para fora do banheiro.

— Vamos pisotear os grampos — ele gritou por cima do ombro. — Vamos lá, um por vez. Primeiro eu!

Amy e Nellie se entreolharam e deram de ombros. Então correram atrás dele. Juntos, os três derrubaram os grampos da escrivaninha e começaram a pular em cima deles, esmagando os aparelhos eletrônicos sob seus pés.

* * *

Dois homens estavam sentados numa sala escura. Um tinha um nariz aquilino e uma expressão fúnebre. O outro estava vestido todo de cinza e tinha fones nos ouvidos. O primeiro homem, William McIntyre, não parava de olhar para o outro cheio de expectativa e de perguntar:

— Você consegue ouvi-los agora? E agora?

Finalmente o homem de cinza, Fiske Cahill, empurrou os fones para trás.

— Eles estão decifrando a dica — ele informou. — Estão dando prosseguimento à busca. Mas... destruíram todos os outros grampos.

O senhor McIntyre ficou em silêncio por um instante.

— Exceto o nosso — ele disse por fim.

— Tivemos a vantagem de mandar embutir nosso aparelho de escuta na parede — explicou Fiske. — Eles estão hospedados num quarto dos Madrigal. Um que nós providenciamos para eles.

O homem contraiu o rosto.

— Você não acha correto espioná-los — opinou o senhor McIntyre, interpretando a expressão do outro homem.

— Tem tanta coisa que não acho certa nessa busca pelas pistas — retrucou Fiske. — Estamos jogando com crianças. Estamos jogando com a vida delas.

— Cada geração não joga com a seguinte? — perguntou o senhor McIntyre.

Fiske emitiu uma espécie de grunhido, amargo demais para ser uma risada.

— Falou o homem que escolheu nunca ter filhos — Fiske comentou. — Mas... eu fiz a mesma escolha. — Ele lançou um olhar vazio para a parede e murmurou: — Mais um arrependimento.

O senhor McIntyre começou a levantar a mão, como se talvez fosse colocá-la no ombro de Fiske. Mas Willian McIntyre não era o tipo de homem que tenta consolar os outros com gestos. Baixou a mão.

— Achei que você tinha ficado mais otimista — disse McIntyre. — Agora veste cinza em vez de apenas preto.

— É cinza escuro — respondeu Fiske. — Permite apenas um pouco de esperança... — Ele tamborilou na mesa com os dedos. — Gostaria de saber o que eles estão pensando. Por que decidiram destruir os grampos mas continuar a busca? Eles devem ter discutido isso de algum modo.

Ele imaginou bilhetes sendo passados de mão em mão ou uma conversa sussurrada dentro de um closet enquanto a água corria no banheiro, mascarando os sons para os microfones. Conhecendo Amy, Dan e Nellie, ele suspeitava que os três tivessem feito aquilo de um jeito divertido. Fiske não tinha muita familiaridade com nenhuma espécie de diversão.

— Eles sabem que o destino do mundo depende de reunir a família Cahill — disse McIntyre.

— Isso é suficiente? — questionou Fiske. — Será que deveríamos ter dado os detalhes exatos, descrito as consequências precisas... contado *tudo* a eles?

O senhor McIntyre se afastou da mesa:

— Quanto peso duas crianças conseguem suportar? — ele questionou. Ficou sentado num silêncio funesto por um instante e depois acrescentou: — Você podia simplesmente *perguntar* a eles o que estão pensando. Afinal, eles nos contaram suas pistas. Nós contamos as nossas. Eles sabem que estamos do lado deles.

— Sim, mas... você não vê como esta busca pelas pistas os ensinou a mentir? — perguntou Fiske. — Ensinou os dois a suspeitar de todo mundo?

O senhor McIntyre franziu a testa:

— Eles sabem que estamos juntos nesta empreitada — argumentou.

— E é por isso que estamos sentados numa sala escura em segurança, enquanto eles estão prestes a enfrentar o perigo? — Fiske perguntou. — Um perigo que nós vamos tornar ainda pior?

* * *

— E a resposta é... — Amy fez uma pausa dramática — Willian Shakespeare.

Dan piscou.

— Certo, Amy. Eu sei que você leu, tipo, todos os livros que já foram escritos até hoje. E que você sabe muito mais sobre palavras e escritores do que eu — ele disse. — Mas como foi que você chegou de "no ar impalpável", "fim do mundo", "fundo do seu coração" e todas aquelas outras coisas a *Willian Shakespeare*?

— Porque foi ele que inventou essas expressões em inglês — disse Amy. —Olhe.

Ela empurrou para o lado os restos de aparelhos de escuta destruídos e puxou a cadeira para se sentar ao computador. Então apertou uma tecla e a proteção de tela sumiu, substituída pelo site que Amy estava olhando antes de descobrirem o primeiro grampo.

— Esta é uma lista de todas as palavras e expressões que Shakespeare cunhou em inglês. "No ar impalpável", "fim do mundo", "fundo do coração", "olhos da alma", "fechar um ciclo"... Todas as expressões grifadas são itens desta lista.

Dan observou enquanto Amy olhava a lista de palavras e expressões. Havia centenas delas.

— Nossa, a língua inglesa já existia antes do Shakespeare? — perguntou Nellie. — *Bated breath, gossip, leap-frog, mimic*... "Prender a respiração", "fofoca", "pula-sela", "mímica"...

— Ah, espera aí! Ninguém mais usa a maioria dessas frases dele — Dan replicou enquanto olhava para o computador.

— Realmente algumas expressões soam estranhas hoje em dia — Amy admitiu. — Mas tem uma palavra aqui que você adora Dan.

Ela apontou na lista do computador: *puke*, ou seja, vômito.

— Shakespeare inventou a palavra *puke*? — Dan perguntou.

— Sim — Amy confirmou.

— Bem... tenho que admitir que ele meio que sabia o que estava fazendo... ele falou.

Dan não iria confessar para Amy, mas sempre achou que *puke* era uma palavra em inglês perfeita. O som dela lembrava muito o barulho de alguém vomitando.

— E que tal... — Amy continuou, destacando outras palavras legais da lista.

Dan não estava no clima para uma aula de línguas. Ele preferia quando a corrida pelas pistas tinha a ver com espadachins e mestres de kung fu.

— Certo, certo, vou confiar na sua palavra. — Ele queria dizer "desencana", mas tinha receio de que Shakespeare tivesse inventado essa expressão também. — Mas agora que sabemos que nossa próxima pista tem a ver com Willian Shakespeare, o que vamos fazer?

Nesse exato instante, o telefone do hotel tocou.

Os três pularam de susto, depois Nellie estendeu o braço e atendeu. Ficou escutando por um instante, então cobriu o bocal com a mão.

— É o serviço de *concierge* do hotel — informou. — Estão perguntando se queremos ingressos para alguma atração. Ou... — ela ergueu as sobrancelhas, num gesto expressivo — ... alguma produção teatral.

Amy abriu um sorriso.

— Oh, não — resmungou Dan. — Não!

— O que está passando no Globe? — perguntou Amy, ansiosa.

— Não vou a nenhuma peça do Shakespeare! — protestou Dan.

Nellie o ignorou.

— Sim, eu gostaria de três ingressos... — disse ao telefone. Ela terminou de combinar com a pessoa e desligou, com uma expressão sonhadora nos olhos.

— É *Romeu e Julieta* — ela contou a Amy. — *Romeu e Julieta*, em Londres, onde Shakespeare escreveu a peça encenada no Globe, assim como a produção original...

Amy ficou com a expressão tão atônita e sonhadora quanto a de Nellie.

— Que maravilha — ela sussurrou.

— Que tortura — resmungou Dan. — Que castigo cruel e horrível. Pior que aquelas cobras e aranhas venenosas na Austrália. Pior que quase ser transformado em pirulito na China. Ela só pode ser a pior coisa que nós tivemos que fazer até agora!

Mas ninguém estava ouvindo.

Pelo menos, não que ele soubesse.

Capítulo 4

Ian Kabra atravessou o chão frio de mármore nas pontas dos pés. Quase todos os espiões notáveis dos últimos quinhentos anos eram seus familiares. Ele mesmo tinha sido treinado em espionagem praticamente desde que nasceu. Mas Ian jamais pensou que precisaria empregar seu treinamento em movimentos furtivos em sua própria casa.

Uma viga rangeu em algum lugar lá em cima – no terceiro ou talvez no quarto andar da mansão dos Kabra. Ian congelou onde estava.

É uma casa velha, ele disse a si mesmo. Faz sons como esse o tempo todo. Não faz?

Normalmente, Ian nem teria prestado atenção. Mas normalmente ele não estaria invadindo a única ala da casa que sempre fora proibida para ele e Natalie. A ala onde estavam guardados todos os segredos da família Kabra.

Os olhos do rapaz iam de um lado para o outro, atentos ao menor sinal de qualquer luz que denunciassse onde ele estava. Ensaiou desculpas na cabeça: *Ora, não, mamãe, papai, como vocês podem sequer pensar que eu sairia da cama no meio da noite para fazer algo errado? Ou às escondidas e de maneira desonesta? Só estou... pegando um copo d'água. Sim, é isso. Eu estava com sede e achei que a água ia ser mais gostosa aqui do que perto do meu quarto. Vocês não me ensinaram que eu mereço sempre o melhor? Como podem pensar que eu estou aqui porque... porque não confio mais em vocês?*

Nenhuma luz se acendeu. Nenhuma mãe ou pai acusador, ou empregado desconfiado, lançou um olhar de censura contra ele. Respirou fundo, em silêncio, e tornou a avançar, um centímetro por vez. Por mais cuidado que tomasse, ouvia um *tssc-tssc* baixo toda vez que seus pés com meias roçavam o piso.

O que vai acontecer se eles me pegarem? Será que vale o risco?

— Eu só quero saber a verdade — sussurrou Ian, tão desesperado que seus lábios chegaram a formar as palavras e suas cordas vocais chegaram a emitir pequenos traços de som. Ele congelou de novo, mas nada aconteceu.

A verdade...

Sempre haviam lhe ensinado que a verdade era muito flexível. Sua mãe era capaz de abrir um belo sorriso para outra mulher e dizer numa voz encantadora: “Oh, esse vestido é perfeito para você. Onde o comprou?”. E depois, nas costas da mulher, passava horas dizendo que uma bruxa velha tão horrenda e disforme não podia ter escolhido um modelito mais repulsivo do que aquele. Ou... Ian tinha ouvido os pais ao telefone, em ocasiões diferentes, falando com sócios e garantindo a eles: “Sim, é claro que seus interesses são muito importantes para nós...”, e depois de desligar,

dizendo para um subordinado: “Feche essa fábrica. Não vale nada.” Ou “Venda as ações. Não deixe sobrar nenhuma”.

Mas é assim que eles tratam os perdedores. Pessoas de fora. Pessoas que não são Lucian como nós.

Ele lembrou de como sua mãe havia tratado Irina Spasky, que tinha sido fiel quase até os últimos momentos de sua vida.

Ela não era da família Kabra. Meus pais têm um código de conduta: os Kabra são os únicos que importam. Esse é só o jeito deles. Sim, talvez eles sejam inescrupulosos com todos os outros, mas na verdade estão fazendo isso pela família deles. Por Natalie e por mim.

Então por que sua mãe tinha dado um tapa nele mais cedo? Por que ela parecia não se importar mais com o fato de Ian ou Natalie estarem vivos ou mortos, desde que ela vencesse a busca pelas pistas? Por que estava deixando Natalie à beira das lágrimas durante semanas? Ian sempre tinha achado a irmã menor um pouco irritante, mas nos últimos tempos chegava a sentir pena dela, vendo-a se esforçar tanto para agradar a mãe, que, por sua vez, havia se tornado completamente impossível de agradar.

O que mudou? Ian se perguntou. *O que aconteceu? Será que é só porque estamos... perdendo?*

lan agora encostava em uma maçaneta. Obrigando as mãos a pararem de tremer, tirou do bolso de seu pijama de seda uma chave mestra à moda antiga e inseriu na fechadura. Seus pais haviam providenciado para que ele recebesse treinamento em como arrombar fechaduras para roubar informações de rivais nos negócios, inimigos da família ou espiões internacionais, caso fosse necessário. Ele nunca tinha imaginado ficar tão confuso, sem saber quem eram seus verdadeiros inimigos.

É hora de descobrir, Ian disse a si mesmo, friamente.

Nesse exato instante a fechadura deu um estalo. Ian girou o pulso e abriu a porta.

Ainda olhando por cima do ombro, entrou na ala secreta e fechou a porta atrás de si.

* * *

Jonah Wizard deu um último aceno para os fãs amontoados em volta de sua limusine e escorregou no banco do carro. Seu motorista fechou a porta com força e abriu caminho entre dezenas de meninas pela frente do veículo para voltar ao seu lugar.

— Você é tão lindo, Jonah! — berrou uma delas, beijando a janela enquanto o carro partia. Ela deixou um borrão de batom no vidro.

Jonah olhou para a mancha de batom. Tinha pedido ao pai para marcar aquele show em Londres no último minuto. Havia cantado e dançado com toda dedicação durante as últimas três horas. Tinha até acrescentado um bis surpresa no final. A multidão, os gritos e o entusiasmo eram sua recompensa, exatamente aquilo de que precisava agora: uma prova de que seus fãs o amavam.

Uma prova de que ele merecia esse amor. Então por que ele continuava achando que a mancha de batom parecia sangue?

Por causa da busca pelas pistas, Jonah disse a si mesmo. *Porque se meus fãs soubessem o que eu quase fiz... Se soubessem o que minha mãe espera que eu faça... se eu fizesse isso...*

Frases incompletas. Era assim que Jonah estava pensando desde a China. Não conseguia concluir um pensamento porque isso significaria tomar uma decisão impossível. Uma decisão irreversível, com a qual seria obrigado a conviver pelo resto da vida.

— Belo show — disse Broderick, o pai de Jonah, sentado no canto oposto do banco da limusine. Ele fazia contas em seu inseparável celular. — Noventa mil pessoas a 75 libras por cabeça, menos despesas, isso dá um faturamento de...

Jonah empurrou o celular, quase o derrubando das mãos do pai.

— Oh, dinheiro — disse Jonah numa voz vacilante. E se lembrou de pelo menos tentar parecer normal. — Aê, você só pensa nas verdinhas?

— Vermelhinhas, no caso. Ou azuis... Na verdade tem de várias cores — respondeu Broderick. Jonah olhou para ele sem expressão no rosto. — Estou falando do dinheiro inglês — explicou Broderick. — As libras esterlinas.

— Ah — disse Jonah. — É. Mas...

Outra frase incompleta.

O que meu pai acha que eu deveria fazer? Quanto ele sabe, afinal?, Jonah se perguntou. *O que ele quer para mim? Só mais dinheiro? Ou...*

Jonah não conseguia sequer pensar na pergunta. Tudo sempre tinha sido tão fácil para ele. Logo da primeira vez em que tinha pego um instrumento musical – um violão de criança – havia conseguido tocar “Brilha, brilha, estrelinha” só de ouvido. (Ele tinha escrito sobre isso em seu livro pop-up chamado *Brilha brilha, gangsterzinho*.) Mesmo nos primeiros estágios da busca pelas pistas, as coisas tinham simplesmente vindo de mão beijada. Ele era um Janus, por isso não era um grande desafio cantar, fazer turnê, gravar, blogar, tuitar, se promover e de quebra ainda procurar pistas. Ele havia precisado fazer algumas manobras arriscadas – forçar um pouco a barra – mas, enfim, as coisas tinham dado certo. Ele já dominava o mundo da música. Vencer a busca pelas pistas e conquistar o resto do mundo pareciam apenas o próximo passo.

Até a China.

Na China, Jonah tinha ficado cara a cara com o mal.

O mal dentro de si mesmo.

Ele quase permitira que Dan Cahill fosse sacrificado pelas pistas. Por muito pouco não tinha deixado Dan morrer. Horrorizado, Jonah havia desistido da missão. Lembrou do alívio que sentira naquele momento, ao contar para a mãe que não aguentava mais procurar pistas, ameaçar parentes, mentir e guardar segredos. Naquele momento, ele havia imaginado o resto da sua vida como um longo e feliz show, uma grande apresentação depois da outra – fama e fortuna sem qualquer complicação.

Mas sua mãe tinha dito que não, ele não podia desistir. Tinha dito...

O celular de Broderick apitou, anunciando uma nova mensagem de texto. Ele a leu e depois estendeu o celular para Jonah ver.

— Isso é o que sua mãe quer que você faça amanhã à tarde — informou Broderick.

Jonah se segurou no encosto do banco. Apertou os olhos até virarem fendas tão estreitas que ele mal conseguia ler. Ele estava evitando a mãe fazia dias. Tinha ignorado as mensagens dela, deixando-a pensar o que quisesse. Mas será que havia chegado a hora? O momento em que ele precisaria escolher?

Ele tinha se esforçado tanto para que a mãe se orgulhasse dele. Ele era Jonah Wizard, o astro internacional. Seria amanhã o dia em que ela o veria se tornar Jonah Wizard, o assassino?

* * *

— Hora do momento entre pai e filho! — Eisenhower Holt gritou a plenos pulmões.

O soco no estômago que deu em seu filho teria derrubado a maioria dos homens adultos. Porém Hamilton vivia em treinamento olímpico desde os 2 anos. Ele apenas sorriu para o pai.

Eisenhower olhava em volta, observando o espetáculo que se desenrolava diante deles. Lá embaixo no campo, homens de uniforme vermelho e branco perseguiam uma bola que rolava depressa. No estádio ao redor deles, milhares de pessoas se levantaram e comemoraram, movendo-se quase como se fossem uma única criatura.

— Ingleses! — berrou Eisenhower. — Os melhores torcedores de *soccer* do universo!

— Aqui isso se chama *football*, palhaço — uma voz rosnou atrás deles.

Eisenhower e Hamilton viraram para trás. Eisenhower Holt tinha 1,90 metro de altura e Hamilton era quase do seu tamanho. Mas o homem atrás deles era bem mais alto que os dois. Estava sem camisa, revelando músculos que provavelmente teriam parecido rochas se, assim como seu rosto de pedra, não estivessem pintados de tinta vermelha e branca.

Eisenhower sorriu para o homem.

— Falou e disse! — concordou. Ele bateu o peito contra o do homem. Seu tórax musculoso se chocou contra o do desconhecido feito o embate de dois rochedos gigantes. — Vai, Manchester United!

Demorou um minuto, pois pedras se mexem devagar, mas o homem sorriu de volta para ele.

Esse é o meu pai, pensou Hamilton, orgulhoso. *Ele sabe como lidar com qualquer situação que tenha a ver com esportes.*

Eisenhower e Hamilton se viraram para assistir ao jogo de novo.

— Pai — disse Hamilton após alguns minutos. — Você não está muito preocupado, está? Que nós... hã, tipo... perdemos o rastro? Quer dizer, na busca pelas pistas?

— Vamos recuperar o rumo — Eisenhower respondeu com confiança. — Nós Holt somos especialistas em vitórias-surpresa.

Hamilton concordou com a cabeça, como fazia sempre que seu pai lhe transmitia a sabedoria da família Holt. Mesmo quando ele não acreditava muito.

Ultimamente, aquilo acontecia cada vez mais.

— Além disso — continuou Eisenhower — sua mãe precisava de tempo para comprar agasalhos novos paro Reagan e Madison. Do jeito que essas meninas estão crescendo, talvez acabem ficando mais altas que eu! — Ele abriu um sorriso orgulhoso. — E como eu poderia vir pra Inglaterra e não ir a um jogo de futebol com o meu filho?

— Seria impossível — concordou Hamilton.

Os dois assistiram às ágeis manobras dos jogadores no campo em silêncio por um instante. Antes da busca pelas pistas, Hamilton teria apreciado passar um tempo a sós com o pai desse jeito. Mas hoje algo o incomodava.

A busca pelas pistas... Claro, quero vencer tanto quanto meu pai. Mas a maneira como estamos tentando vencer...

Desde a África do Sul, toda vez que Hamilton fechava os olhos, a mesma imagem vinha à sua mente: um homem de chapéu-coco, Alistair Oh, suando. Suando porque o pai de Hamilton ameaçava matá-lo.

Às vezes, quando Hamilton via isso, se imaginava confrontando o pai, berrando: "Pai, *não*! Você não pode matar o Alistair!".

Às vezes ele imaginava Alistair morrendo.

O que realmente tinha acontecido na África do Sul era que Hamilton havia intercedido secretamente, sem o pai saber. Hamilton e Dan Cahill, juntos, tinham salvado a vida de Alistair.

Eu tive de fazer isso!, pensou Hamilton. *Essa era minha única escolha! Isso não quer dizer que eu traí minha família! Minha mãe e Reagan também não queriam que Alistair morresse!*

Mas essa não tinha sido a única vez em que Hamilton virara a casaca. Seu pai não sabia exatamente quantas vezes Hamilton havia colaborado com Dan e Amy, quanto o filho tinha tentado ajudá-los em vez de ajudar os outros Holt.

Eu sou um traidor?, Hamilton se perguntou. *Ou só estou... fazendo a coisa certa?*

Antes da busca pelas pistas, o certo e o errado pareciam muito simples para Hamilton. Certo era fazer o que seu pai queria que ele fizesse. Errado era todo o resto. Complexidade era para estratégia de futebol, não para decisões éticas.

Mas e se, no que dizia respeito à busca pelas pistas, o pai de Hamilton estivesse errado desde o começo?

Hamilton olhou de relance para o pai outra vez.

— Papai — ele começou a falar — você às vezes não pensa...

— Não — respondeu Eisenhower depressa. — Tento fazer isso o mínimo possível. Atrapalha o desenvolvimento muscular. — E riu de sua própria piada.

— É sério... — Hamilton tentou de novo.

— É sério? — Eisenhower baixou a voz. Olhou em volta, como se quisesse garantir que ninguém mais pudesse ouvir. — Se é sério, vou te contar uma coisa que ninguém sabe sobre mim. Não sou muito bom de pensar. Nunca fui. Mas quero coisas melhores para você e para as meninas. É por isso que vencer a busca pelas pistas é tão importante.

Hamilton engoliu em seco. Agora, como ele podia dizer o que ia dizer?

O celular de Eisenhower tocou nesse exato instante, interrompendo a conversa.

Ele levou o telefone ao ouvido:

— Alô, pudinzinho?

Vários torcedores em volta se viraram para olhar, dando risadinhas. Porém Hamilton enfrentou todos com uma cara feia. Não tinha problema nenhum os pais usarem apelidos melosos um com o outro. Problema nenhum.

As outras pessoas rapidamente desviaram o olhar.

— É mesmo? — Eisenhower disse ao telefone. Depois comemorou: — Uhu! — Ele tapou o aparelho e disse para Hamilton: — Não te falei? Os Holt estão de volta na área! Sua mãe e as meninas acharam uma dica!

Ele fez uma dancinha da vitória, ali mesmo.

Evidentemente, a mãe de Hamilton ainda falava do outro lado.

— Certo, certo, você recebeu um telefonema e... — disse Eisenhower. Então ele quase largou o telefone. — Temos que ir aonde?

* * *

Ian Kabra estava sentado em meio a dezenas de pastas de papel pardo. Achava que tudo seria computadorizado na ala secreta dos Kabra. Assim, ele só precisaria decodificar uma senha secreta, baixar tudo num pen drive e depois examinar as informações na privacidade de seu próprio quarto. Tinha esquecido como seus pais eram paranoicos com hackers. Ter de procurar em arquivos de papel significava que ele estava completamente vulnerável a ser descoberto.

Ian deu um suspiro e, resoluto, pegou a pasta seguinte. Autorizações de massacres, aprovações de traições... Milhares e milhares de pessoas executadas sem misericórdia, geração após geração de sua família.

Ian supunha que a maioria das pessoas ficaria horrorizada ao ler aqueles arquivos. Supunha que, quando seus pais lhe mostrassem aqueles arquivos – em seu aniversário de 18 anos, talvez? – esperariam que Ian ficasse orgulhoso. Os papéis à sua volta registravam fantásticas histórias de poder. O poder cru, latejante, manejado com brilhantismo, século após século.

Mas Ian não sentia horror nem espanto. Também não sentia surpresa. Ele sempre soube que sua família era poderosa e não tinha escrúpulos. Aquele era o estilo dos Lucian. E esperavam que Ian agisse como seus antepassados. Ele já tinha demonstrado – no playground da pré-escola,

naquelas ridículas reuniões da família Cahill na Nova Inglaterra. na busca pelas pistas como emissário dos pais – que era perfeitamente capaz de fazer jus a seu sangue Lucian.

O que ele estava questionando agora?

Ian se deu conta de que a pasta que havia acabado de pegar tinha uma etiqueta mais nova: O CASO HOPE CAHILL E ARTHUR TRENT.

O coração de Ian acelerou. Ele reconhecia aqueles nomes. Eram os pais de Amy e Dan Cahill, casal que tinha morrido num incêndio acidental anos atrás. Ou talvez não tão acidental. Ian passou rapidamente os olhos nos papéis do arquivo. A maioria eram cartas. Ele notou com que perícia seus pais haviam mobilizado os outros clãs da família Cahill – um Janus, Cora Wizard; um Ekat, Alistair Oh; e dois Tomas, Eisenhower e Mary-Todd Holt – para confrontar Hope Cahill e Arthur Trent sobre as pistas que eles tinham coletado, as vantagens que tinham adquirido. Era brilhante o modo como Isabel e Vikram Kabra haviam juntado grandes inimigos em prol de um objetivo comum.

Porém a confrontação em si tinha ido mal. Isabel Kabra havia acendido um fósforo com a intenção de forçar Hope e Arthur a jogar de acordo com as regras dela.

E... Hope Cahill e Arthur Trent morreram em vez de dar a Isabel Kabra o poder que ela queria.

Ian sentiu os papéis escorregarem de suas mãos.

Minha mãe causou a morte dos pais de Amy e Dan, ele pensou, quando o horror finalmente o atingiu. Outra onda de horror o acertou em seu pensamento seguinte: *A Amy e o Dan sabem disso?*

lan pensou no jeito como Amy havia sorrido para ele na Coreia, como tinha deixado ele flertar com ela, como tinha corado e gaguejado com as cantadas dele. Naquele momento, era impossível que ela soubesse a verdade.

E depois?

Amy e Dan estavam sendo um pouco frios com ele desde a Coreia, mas Ian tinha achado que era mais porque ele próprio os havia traído, fazendo parecer que ia abandoná-los para morrer. Não que eles jamais tivessem estado em perigo de fato. (Será que estavam? Ele teria se importado se estivessem? Será que ele era diferente da mãe?)

É claro que eles sabem que a busca pelas pistas é assim...

Espontaneamente, outra lembrança voltou à sua mente, uma que o atormentava fazia semanas. Uma memória do topo do monte Everest. Ian estava caindo, mergulhando rumo à morte certa. Embora tivesse contratado um grupo inteiro de xerpas para ajudá-lo a subir e descer da montanha em segurança, Amy tinha sido a única próxima o bastante para alcançá-lo. Mas ela havia enfrentado uma escolha: salvar o procurado tubo de ensaio com o valioso soro dos Janus ou salvar Ian.

Ian soube, na fração de segundo em que tinha precisado pensar, que a opção lógica, racional, *provável* teria sido Amy escolher o soro. Era o que Ian teria feito no lugar dela. O soro

era preciosíssimo, talvez até insubstituível. E Ian só era alguém que, mais de uma vez, tinha feito elogios falsos a ela para logo depois traí-la.

Mas Amy tinha salvo Ian e deixado o soro cair. Ian ainda não conseguia entender por que ela tinha feito aquilo. Era tão estranho para um Lucian... para um Cahill.

Todos estavam tão agasalhados naquele dia, com cada centímetro de pele coberto contra o frio brutal do Everest. Por isso Ian não tinha conseguido ver a expressão no rosto de Amy naquele instante, não tinha conseguido decifrar o que ela pensava. Mas tinha olhado nos olhos dela. E ela tinha um olhar de quem... sabia.

Ela sabia, naquele momento, que minha mãe causou a morte dos pais dela. E mesmo assim me salvou.

Aquilo tornava tudo ainda mais incompreensível.

Ian pegou o arquivo Hope Cahill/Arthur Trent outra vez. Talvez tivesse deixado passar alguma coisa. Talvez sua mãe tivesse tentado compensar a morte dos pais de Amy e Dan.

O arquivo continha tanto os documentos a respeito do incêndio como uma enxurrada de cartas enviadas depois. Não foi difícil ligar os pontos. Assim que as labaredas saíram de controle, os não Lucian entraram em pânico. Nenhum deles parecia ter entendido que Isabel queria que Hope e Arthur morressem. Alistair Oh, Cora Wizard e Mary-Todd tinham todos, em algum momento, ligado para os bombeiros. Eisenhower Holt havia pego a mangueira do jardim vizinho e mirado na casa em chamas.

E Vikram e Isabel Kabra tinham arquitetado um plano para encobrir o fato, tentando esconder todas as evidências de seu envolvimento.

— Eles se sentiram culpados — Ian sussurrou para si mesmo. — Se não, por que pareceriam tão defensivos?

Não o consolava muito, mas ele se agarrava a detalhes para se convencer de que os pais não eram tão maus assim. Ian virou o penúltimo papel do arquivo e ficou surpreso ao descobrir que a última folha não tinha nada a ver com a morte de Hope Cahill e Arthur Trent. Em vez disso, era um relatório que sua mãe tinha escrito sobre a morte de Irina Spasky.

"Ela nos traiu completamente", escreveu sua mãe. "Desobedeceu uma ordem direta minha e foi resgatar Alistair Oh e Amy e Dan Cahill quando eu lhe disse que eles precisavam ser eliminados..."

Eliminados. Umas poucas semanas atrás, sua mãe tinha tentado, a sangue frio, assassinar Alistair, Amy e Dan. Não por engano, não como um mal necessário, mas deliberadamente. Ian percorreu com os olhos o documento inteiro. A tentativa de homicídio não era sequer um instrumento de negociação, uma ameaça feita em troca de um objetivo. Tinha sido planejada com cuidado, era um objetivo em si.

E Irina tinha morrido no lugar dos outros.

"Quando vi o que Irina estava fazendo, eu poderia ter voltado para resgatá-la", Isabel tinha escrito. "Mas por que me dar o trabalho?"

Tão fria. A vida de uma mulher descartada em poucas palavras.

Não que Ian tivesse algum grande apego emocional por Irina Spasky. Ela tinha ameaçado usar suas unhas envenenadas tantas vezes que dificilmente seria amiga íntima de alguém. Porém houve momentos, quando Ian era pequeno, em que Irina lhe disse com uma certa melancolia: "Por acaso você poderia me chamar de titia Irina? Você agora tem a mesma idade de outro menininho que eu conheci...".

Ela tinha coberto a boca imediatamente com as mãos, como se na verdade não pretendesse dizer aquilo. E Ian com certeza nunca tinha chamado Irina de titia. Com o incentivo dos pais, ele a havia tratado como uma serviçal, pouco abaixo de sua esfera de atenção. Mas ela servira a família dele com lealdade durante anos. Nem mesmo Irina Spasky merecia ser abandonada para morrer com as palavras *Por que me dar o trabalho?*

Franzindo a testa, Ian folheou os papéis que descreviam as três mortes. Alguma coisa *estava* diferente. A vaga ponta de remorso que transparecia nos documentos mais antigos sumia completamente no que dizia respeito a Irina Spasky. Era como se sua mãe não fosse nem mais capaz de sentir remorso – nem arrependimento, culpa, dúvida ou lealdade a ninguém além de si mesma.

Por que não?, Ian se perguntou.

Alguma coisa chacoalhou do outro lado da sala e Ian gelou. Rapidamente, apagou a pequena luz de leitura que estava usando. Na escuridão repentina, ele se sentiu cego. Não sabia se devia pular e se esconder ou se era mais sensato não se mexer, fazer o máximo de silêncio possível.

É só um barulho lá fora, no zoológico da família Kabra, Ian disse a si mesmo. *Deve ser aquele maldito macaco que minha mãe insistiu em usar hoje.*

A coisa chacoalhou de novo e Ian não conseguiu mais fingir que não era a maçaneta da ala secreta. Antes que ele tivesse chance de se mexer, a porta se abriu e de repente o facho de uma lanterna atingiu seu rosto.

Alguém fez *oh*. Foi um *oh* que Ian reconheceu.

— *Natalie*? — ele perguntou.

— Ian? — sussurrou a irmã.

Ela soltou a lanterna e o facho de luz descontrolado rolou pela sala. Ian a recolheu e a apontou direto para o chão, confinando a luz a um espaço restrito.

— Não... não... não deixe a luz aparecer na janela — ele disse, desesperado.

Natalie engoliu em seco.

— O que você está fazendo aqui, Ian? — ela perguntou numa voz fraca.

Ian pensou rápido.

— A mamãe e o papai queriam que eu pegasse uns arquivos para eles — explicou Ian. — Eles confiam em mim, me deixam entrar aqui. Porque eu sou mais velho que você.

— Você está mentindo — retrucou Natalie, quase secamente. — Se mamãe eu papai sabem que você está aqui dentro, por que você está tão preocupado em não deixar a luz aparecer?

Ian se esquecera de que Natalie havia tido todas as mesmas aulas de lógica e pensamento analítico que ele. Esperou que ela dissesse “Vou contar para eles”, para que ele pudesse dizer “Vou contar primeiro”. E então Ian poderia pensar num jeito de negociar o silêncio dela.

Mas Natalie não disse coisa alguma. Apenas deu uma fungada. Era engraçado... Aquela simples fungada fez Ian tomar uma decisão: Natalie nunca saberia o que ele tinha acabado de descobrir sobre os pais. Ele não queria que ela lesse sobre como Irina Spasky havia morrido.

— Volte para cama — Ian mandou. — Não tem nada para olhar aqui.

— Tem segredos aqui — insistiu Natalie, teimosa. — Explicações. — Ela ergueu os olhos para o irmão: — Você também não confia neles, não é? É por isso que nós dois estamos aqui.

Ian deu um suspiro. Às vezes Natalie era esperta demais para o seu próprio bem.

— Nós se preocupe com isso — ele respondeu — só pense na próxima bolsa Prada que a mamãe vai comprar para você.

— Não — disse Natalie. — Preciso saber... O que aconteceu com ela? Por que ela está sendo tão cruel? Cruel o tempo todo, até com a gente?

Ian deu de ombros, sem resposta. Mantendo baixo o facho da lanterna, ele recuou um pouco para que Natalie não visse a bagunça de arquivos no chão. Sem querer, esbarrou numa mesa, perdendo o equilíbrio. Esticou os braços e agarrou a borda da mesa, porém seus dedos roçaram em alguma outra coisa. Um... tubo de ensaio?

Ian se virou e o segurou contra a luz.



Era um tubo de ensaio que Ian já tinha visto antes, com palavras estranhas escritas nele. Ian sabia que as palavras em si não importavam mais. Eram anagramas de instruções que Amy Cahill havia seguido semanas atrás em Paris. Ela tinha arriscado a vida para seguir aquelas instruções, pouco antes de Ian entrar em cena e roubar o tubo de ensaio de suas mãos.

— Então é *aqui* que a mãe e o pai guardam o soro dos Lucian — disse Natalie, espiando por cima do ombro dele. — Não era de se imaginar que eles o colocassem em algum lugar mais seguro?

Ian sacudiu o tubo de ensaio, que supostamente continha um dos líquidos mais valiosos da face da Terra. Talvez o líquido mais valioso, ponto final, já que o soro dos Janus tinha sido perdido e ninguém sabia o que havia acontecido com o soro dos Tomas, o dos Ekat, ou o soro mestre original criado pelo próprio Gideon Cahill mais de quinhentos anos atrás. Ian tinha quase certeza de que o soro mestre seria o prêmio final na busca pelas pistas, lembrava de como fora em Paris, quando ele havia sentido tanto orgulho de ter finalmente se apoderado do soro dos Lucian.

Ele tinha sido tão ignorante naquele momento.

— Não importa o que vai acontecer com o tubo de ensaio — ele disse à irmã, virando o recipiente de cabeça para baixo — está vendo? Está vazio.

Natalie olhou para ele, perturbada.

— Então eles beberam o soro — ela sussurrou. — Você acha que foi só a mamãe? Ou a mamãe e o papai?

— Quem se importa? — Ian perguntou, ríspido. — Seja como for, não guardaram nem um pouquinho pra gente.

— Isso não é justo — Natalie resmungou como de costume. Mas deste vez era um resmungo em nome de lan. — Foi você que achou o soro. Eles deviam pelo menos ter compartilhado com você.

— Somos apenas empregados para eles — respondeu lan. — Serviçais. Como... — ele engoliu em seco — ... como a Irina.

Capítulo 5

Dan se sentiu enganado. Nellie e Amy o haviam convencido de que ele tinha que ver *Romeu e Julieta* porque seria um bom lugar para procurar uma pista.

— É sobre famílias em conflito — Nellie tinha dito. — Você não acha que isso tem a ver?

Além disso, as duas haviam garantido que a peça seria emocionante.

— Na época de Shakespeare, o teatro não era visto como algo de alta classe, literário ou coisa desse tipo — Amy comentara, praticamente lendo as palavras direto da tela do computador. — Era feito para as pessoas comuns. Do mesmo jeito que o outro grande tipo de entretenimento da Londres elisabetana: a briga de urso.

— Como assim, briga de urso? — Dan tinha perguntado.

Amy havia tapado os ouvidos de Saladin com as mãos antes de responder.

— Oh, era horrível — ela tinha explicado. — Eles acorrentavam um urso e depois deixavam vários outros bichos, geralmente cachorros, atacarem. Todo mundo ficava assistindo para ver se o urso matava os cachorros ou se os cachorros matavam o urso.

— Parece aquele *reality show* de sobrevivência na selva — Nellie havia dito. Seu rosto tinha ficado sombrio. — Ou esta busca pelas pistas.

— Bom, enfim — Amy havia continuado depressa. — Tem lutas de espada em *Romeu e Julieta*. Duas ou três. Você vai adorar.

Então agora Dan estava no Teatro Globe por uma eternidade, enlouquecendo de tédio. Tinha acontecido uma luta de espadas, é verdade. Uma só. Mas Das tinha perdido a maior parte porque estava se debruçando sobre Amy para perguntar:

— Peraí... Eles estão brigando por quê? Só porque um dos caras virou pro outro e mordeu o polegar? O que isso tem de errado?

— Era um insulto terrível na época do Shakespeare — Amy tinha explicado.

— Bom, então... posso morder o polegar pra Isabel Kabra da próxima vez em que encontrar com ela?

Nesse instante a luta de espadas terminara. Desde então, a peça era praticamente só pessoas falando coisas melosas sobre o amor. Agora a menina, Julieta, estava de pé num balcão que ficava suspenso acima do palco.

— Romeu, Romeu — ela suspirou. — Ah, por que és tu Romeu?

Dan cutucou Amy com o cotovelo:

— Qual é o problema dessa menina? Como assim, "por que és tu Romeu"? Ela não gosta do nome dele, é isso?

— Ela não pode ficar com Romeu porque ele é da família rival. É por isso que ela está sofrendo.

— Mas... — Dan começou a falar.

— Xiu — censurou Amy. — Quero ouvir isso.

Ela se recostou na cadeira, com um olhar sonhador. Do lado dela, Nellie parecia tão absorta quanto Amy.

Dan olhou em volta. Parecia que todas as outras pessoas no teatro olhavam para Julieta com aquela mesma expressão pateta que Amy e Nellie tinham no rosto. Inclusive as pessoas que estavam de pé no meio do teatro, onde não havia telhado, fazendo com que a chuva caísse direto em suas cabeças.

Amy tinha dito que aquelas pessoas eram chamadas de *groundlings* e que não havia um telhado sobre a cabeça delas porque o teatro pretendia ser historicamente preciso, o mais parecido possível com os teatros da época de Shakespeare.

Dan pensou que, se estivesse de pé na chuva vendo uma peça imbecil sobre o amor, não teria se incomodado com uma pequena imprecisão histórica para manter a cabeça seca.

A atenção dele se desviou para ainda mais longe. Dan olhou para o telhado do teatro, três andares acima. Ele, Amy e Nellie estavam em assentos laterais, perto do palco, por isso ele tinha uma boa visão do telhado circular de palha que protegia todo mundo que não era *groundling*. Amy lhe dissera que aquele era o único telhado de palha em Londres, só permitido porque eles usavam uma palha especial, resistente a chamas. O Teatro Globe original tinha sido totalmente destruído por um incêndio.

Outro incêndio, pensou Dan. *Provavelmente iniciado por brigas entre os Cahill, mesmo no século XVII.*

O estômago de Dan revirou. Aquilo estava acontecendo com ele desde a Jamaica, quando tinha assistido à morte de um homem inocente. Dan havia entrado em choque logo depois, mas desde então fazia muito esforço para convencer Nellie e Amy de que tinha voltado ao normal.

Eu voltei, ele disse a si mesmo.

A não ser quando pensava demais sobre Lester ou quando lembrava de como a busca pelas pistas era perigosa. Então seu estômago revirava, sua visão ficava embaçada, sua mente apagava, e ele não sabia direito se ia vomitar, desmaiar ou apenas começar a gritar, gritar, gritar...

Dan se forçou para concentrar toda a atenção no telhado de palha. Talvez houvesse uma pista escondida lá em cima e ele a veria enquanto Nellie e Amy assistiam à peça.

Uma mão apareceu no trecho do telhado para onde Dan olhava.

Ele pulou para trás e piscou com força.

Aquilo era uma alucinação? Estava imaginando Lester estender a mão outra vez para fora da areia movediça?

Ele se obrigou a olhar de novo. Não era uma alucinação. Havia uma mão agarrando o telhado de palha. Diante dos olhos de Dan, uma silhueta escura surgiu atrás da mão: alguém estava

se segurando e espiando por cima do topo daquela parte do telhado, diretamente em frente ao palco.

Outras duas cabeças vestidas de preto apareceram ao lado da primeira.

Dan puxou o braço de Amy. Lembrou-se de não agir como se tivesse acabado de achar que estava delirando e vendo a mão de um defunto.

— Você não me avisou que ia ter ninjas! — ele disse, empolgado.

— Do que você esta falando? Não tem ninjas em *Romeu e Julieta*! — afirmou Amy.

— Claro que tem — Dan insistiu. — Olhe! — Ele apontou para a parte de trás do telhado. — Quanto vai demorar até eles descerem de rapel pro palco?

Amy também olhou para o telhado.

— Oh, não — ela gemeu.

No breve instante em que Dan havia desviado o olhar, os três ninjas tinham começado a vestir outras roupas por cima de seus trajes escuros. Era o mesmo tipo de roupa que as pessoas no palco estavam usando: vestidos à moda antiga para dois deles, e calção e túnica para o terceiro. Depois os ninjas começaram a contornar o telhado seguindo o trecho mais alto, em direção à parte que ficava sobre o palco.

— O que eles estão procurando? — Amy murmurou, pois eles andavam um pouco e enfiavam uma espécie de bastão de teste na palha do telhado.

Os ninjas em trajes elisabetanos passaram para um trecho do telhado que Amy e Dan não conseguiam ver porque ficava praticamente sobre a cabeça deles. Amy surpreendeu Dan, mergulhando por cirna das pessoas sentadas na sua frente.

— Com licença, licença, desculpa incomodar — ela disse ao descer, enquanto as pessoas se assustavam resmungavam. Só Amy era capaz de pedir desculpas no meio de um mergulho daquele. Chegando ao chão, ela fez algo parecido com uma cambalhota e caiu de pé na seção dos *groundlings.*

— Eles estão enfiando alguma coisa dentro da calha! — ela sussurrou de volta para Dan.

Dan olhou para Nellie que incrivelmente ainda olhava absorta para *Romeu e Julieta* no palco. Então ele imitou o mergulho de Amy e caiu no meio dos *groundlings*.

— Que calha? — ele perguntou à irmã.

Ela apontou. Um tubo descia do telhado pela lateral do palco, pintado para se confundir com os diversos enfeites cênicos rebuscados. Dan pensou em dizer a Amy que aquele cano não funcionaria de verdade como uma calha, porque era tampado no topo. Porém os pseudoninjas tinham retirado a tampa e estavam enfiando uma espécie de corrente pelo tubo.

— É um desentupidor de canos — Dan disse a Amy. — Aquela coisa que você usa pra desentupir...

Um papel enrolado caiu da saída do tubo.

Amy se jogou para pegá-lo.

— Isso é nosso! — o ninja de calção gritou para ela.

— Azar seu! — Dan gritou de volta. — Agora é nosso!

As pessoas em volta dele viraram, olharam feio e fizeram *xiu*, mas Dan não se importou. Ele rinha certeza de que o papel era outra dica. Era só nisso que conseguia pensar. Nem queria saber de que equipe eram os cinjas. Eles ainda estavam três andares acima, no telhado. Dan e Amy tinham todo o tempo do mundo para escapar.

Então o ninja de calção puxou uma corda. Prendeu uma das pontas no telhado e desceu escorregando, bem na direção de Amy e Dan. Dan olhou em volta, aflito. Nos assentos deles, Nellie tinha parado de prestar atenção na peça e observava os dois. Seu rosto estava pálido e ela parecia preocupada, pois gesticulava freneticamente.

— Vão! Corram! — ela gritou, apontando para a saída. — Encontro vocês lá fora.

Mas os espectadores ao redor de Amy e Dan avançaram na direção do ninja na corda, furiosos, resmungando coisas como “Não é pra acontecer isso na cena do balcão!”. Dan ficou preso entre a enorme barriga de um homem e o casaco encharcado de uma mulher. Não conseguia nem mesmo enxergar Nellie. Amy agarrou o braço dele e puxou.

— Por aqui! — ela gritou.

Só havia um jeito de escapar: subir.

Subir no palco.

* * *

Jonah tinha um assento ruim no Globe.

Antes de a peça começar, para evitar pensar nos planos de sua mãe, ele tinha mandado uma mensagem de celular para o pai:

Ae Quase naum da pra ver palco pq tem 1 coluna no meio Nunca deixe isso acontecer c/ fans no meu show

Mas sua mãe devia estar interceptando as mensagens do pai, pois foi ela quem respondeu:

vc não está aí pra ver a peça

O assento de Jonah ficava na seção acima da de Amy e Dan. Eles não podiam vê-lo, mas ele conseguiria observar todos os seus movimentos quando os dois deixassem o lugar. E então ele conseguiria...

Não pense nisso, Jonah disse a si mesmo.

A peça começou. Os atores cantaram, riram, brigaram. Jonah parou de pensar neles como atores. Quase conseguia acreditar que o que estava vendo era real. O príncipe da cidade apareceu e disse que qualquer um que começasse outra briga seria condenado à morte.

Jonah começou a suar.

E então não conseguiu ouvir mais nada, pois as palavras do príncipe ecoavam em seus ouvidos: “Se outra vez perturbardes nossas ruas,/ Pela paz rompida vós dareis as vidas./ Sob pena de morte, ide todos embora”.

Dareis as vidas... Dareis as vidas... Sob pena de morte, ide embora...

Jonah não foi embora. Ficou ali sentado, inerte, até ver Amy e Dan descerem pulando da seção deles e pegarem alguma coisa do chão do teatro.

Será que eu não posso simplesmente falar para minha mãe que eles estavam longe demais para eu atacar?, ele se perguntou.

A mãe dele não gostava de desculpas.

Havia uma corda pendurada um pouco mais para o lado, perto do lugar de Jonah. Ele não saberia dizer se a corda tinha estado ali o tempo todo ou não. Mas fechou os olhos com força e pulou, agarrando-a. Seu plano era apenas descer depressa, antes que alguém o visse. Porém a corda balançou para a frente. Em pânico, ele a soltou.

E aterrissou no palco.

Antes que tivesse tempo de decidir o que fazer, outra pessoa caiu bem em cima dele – alguém que vestia uma túnica e calção sobre uma roupa de ninja. Jonah nem se deu o trabalho de tentar entender o que aquilo significava. Empurrou a pessoa e ficou de pé.

Parecendo confuso, o ninja agarrou a corda de novo e começou a correr na direção da escada que levava ao balcão de Julieta. Jonah se virou e viu que Amy e Dan estavam subindo no palco pela lateral. Eles congelaram quando viram Jonah.

Minha mãe achou que eles iam confiar em mim de novo, mas não confiam, pensou Jonah com amargura. *E agora estou no palco, bem à vista de todo mundo...*

Jonah olhou para a plateia. Em toda a sua vida, ele jamais tinha sentido medo de aparecer em público: as plateias o acalmavam. Sentia que precisava de uma plateia naquele momento, de seus fãs, seus milhões e milhões de parceiros. Os aficionados por *Romeu e Julieta* não eram seu público habitual, mas serviriam numa hora de aperto. Porém aquela plateia estava agitada e nervosa, gritando: “Sai do palco!” e “Para de estragar Shakespeare!”.

Aquela plateia também era muito menor comparada às que Jonah estava acostumado. Ele conseguia distinguir as pessoas. Viu Alistair Oh avançando em direção ao centro do palco, derrubando pessoas com sua bengala. Notou Isabel, Ian e Natalie Kabra – os inescrupulosos Lucian, que sua mãe queria que ele imitasse – vindo da esquerda, abrindo caminho na multidão. E era claro que os Holt tinham estado na mesma seção que Jonah, mas em lugares mais altos. Eles desciam pelas vigas de madeira.

Todo mundo está aqui, pensou Jonah debilmente.

Atrás dele, Julieta gritou.

Jonah se virou. Ele gostou daquela distração, achou bom ter um pouco mais de tempo antes de precisar decidir qualquer coisa. Viu Julieta pulando de cima do balcão; ela tinha se jogado para escapar do ninja que parecia confuso.

— Me segura, seu tonto! — Julieta gritou para Romeu.

Romeu estendeu os braços e a apanhou meio sem jeito, mas depois improvisou:

— Oh, céus! Quem sois, rapariga que irrompeis pela janela?

A plateia inteira – exceto os buscadores de pistas, que avançavam – começou a aplaudir e ovacionar. Jonah queria aquele tipo de aclamação. Sempre quis aplausos: dos fãs, dos pais, até de seus parentes obcecados pela busca das pistas. Ele alternou o olhar entre Amy, Dan e a plateia, com todas as suas opções muito claras diante de si.

Por que tenho de escolher quem me ama?, ele pensou, aflito.

E naquele momento, de uma hora para a outra, Jonah soube o que precisava fazer.

Deu um passo à frente

— Essa é pra você, mãe — ele sussurrou.

* * *

— Amy! Por aqui! — gritou Dan.

Amy se libertou da paralisia que a dominava desde o instante em que vira Jonah aterrissar no palco. Ela partiu em disparada atrás de Dan, correndo até a parte frontal do palco, para onde o vento havia soprado a chuva. Ela escorregou na madeira molhada.

— Amy! Aqui embaixo! Eu te ajudo!

Amy viu Alistair no meio da multidão, acenando para ela. Será que podia confiar nele?

— Joga o papel pra mim! Eu guardo! — Alistair gritou. — Depois você pode segurar na minha mão... eu te ajudo a descer.

Acho que não, Amy disse a si mesma. Se Alistair se importava tanto com a segurança dela, por que tinha pedido o papel primeiro?

Ela se afastou da frente do palco, virando a cabeça para todos os lados, de olho em Alistar, em Jonah e nos pseudoninjas. Alistair se aproximava cada vez mais do palco. O ninja tinha amarrado a corda no balcão para que as outras duas figuras fantasiadas pudessem descer atrás dele. Agora os três ninjas estavam correndo na direção de Dan e Amy.

Amy correu ainda mais rápido.

Se conseguirmos pelo menos chegar do outro lado do palco...

Dan deve ter pensado a mesma coisa, pois também acelerou. Estava bem na frente dela. Eles estavam quase chegando, quase em segurança...

Dan parou de repente.

— Que foi? — Amy perguntou.

O rosto de Dan agora tinha um tom doentio de verde. Ele pôs a mão na barriga. Cambaleou para trás e quase não conseguiu ficar de pé.

— São os...? — Amy começou. Então percebeu para onde Dan estava olhando. Para *quem* ele estava olhando.

— Os Kabra — sussurrou Dan.

Bem na beira do palco, justo onde Dan e Amy acharam que seria um lugar seguro, Isabel Kabra se erguia acima da multidão. Amy estava perto o bastante para ver que a mulher não estava flutuando no ar. Usava as costas de seus próprios filhos, Ian e Natalie, como apoio.

Isabel estava de salto alto.

Isso deve doer, pensou Amy.

Era mais fácil pensar em sapatos do que pensar em Isabel Kabra e tudo o que ela tinha feito. Mas Amy não conseguiu conter o horror.

Da última vez em que vimos Isabel cara a cara, o Lester morreu, lembrou.

Isabel não tinha segurado a cabeça dele embaixo da água. Seus capangas é que o haviam perseguido...

Amy olhou rapidamente por cima do ombro. De repente ficou ainda mais preocupada com os ninjas em trajes exóticos.

— Dê esse papel pra nós! — rosnou o ninja de calção a uns poucos passos de distância.

Do outro lado de Amy, Isabel desceu das costas dos filhos e pisou no palco.

— Ah, não. Acredito que estas sejam *minhas* vítimas — ronronou Isabel.

Então os ninjas não trabalhavam pura Isabel. Isso fez Amy se sentir um pouquinho melhor. Agora ela conseguia pensar com mais clareza. Amy enfiou o papel na mão de Dan e sussurrou no seu ouvido:

— Vamos ter que nos separar para distraí-los. Corra! Eu vou pro outro lado. Eles vão me perseguir, e não a você.

Mas Amy vislumbrou a expressão de sarcasmo de Isabel. Ela percebeu o que Amy tinha feito. E agora Amy e Dan estavam presos entre Isabel e os ninjas, com Alistair subindo no palco pelo lado direito.

Se corrermos para a esquerda, se corrermos para os bastidores...

Nesse instante Jonah surgiu à esquerda deles, acabando com qualquer chance que tinham de escapar naquela direção.

— Aê — disse Jonah.

Estranhamente, ele parecia estar se dirigindo à plateia inteira, não só a Amy e Dan. Jonah passou um braço pelos ombros de Dan.

Que jeito estranho de roubar o papel, pensou Amy. *Ou... ele não tentaria estrangular Dan, tentaria? Aqui, na frente de todo mundo?*

Havia um certo desespero no modo como Jonah se agarrava a Dan. Até Isabel olhava para Jonah como se não entendesse direito o que ele estava prestes a fazer.

Amy agarrou o braço do irmão e o puxou para longe.

— Aê — reclamou Jonah, virando-se na direção de Amy. — Não. Não é isso. Eu estava pensando...

O ninja de calção empurrou o peito de Jonah, que perdeu o equilíbrio. Ele agitou os braços, desesperado, derrubando um barril, que rolou para cima de Isabel, derrubando-a do palco. O barril continuou rolando, atingiu o chão e explodiu.

A plateia gritou e se dispersou, tentando se esquivar dos destroços que voavam.

— Aê, não é isso... — Jonah começou a dizer, enquanto tentava recuperar o equilíbrio.

Os ninjas o empurraram de novo, derrubando-o para trás. Girando os braços, Jonah atingiu Alistair também. Os dois caíram em cima da plateia enfurecida.

Amy agarrou abraço de Dan, pronta para fugir, porém os ninjas misteriosos os cercaram.

Mas eles acabaram de ajudar a gente!, ela disse a si mesma. *Será que são aliados?*

Amy queria acreditar naquilo.

— Hã, obrigada por se livrar do Jonah e da Isabel, hã... Hamilton? — ela chutou.

Trajes elisabetanos de ninja não eram o estilo dos Holt e o ninja de calção não era, nem de longe, grande o bastante para ser Hamilton. A voz também não parecia com a dele. Mas os Holt eram os únicos na busca pelas pistas com duas meninas e um menino.

— Não somos os idiotas dos Holt! — o ninja rosnou. — Eles estão ali!

Amy olhou e viu todos os Holt vindo pelo lado oposto, atravessando o palco. As meninas e Mary-Todd vestiam agasalhos cor-de-rosa brilhantes, que pareciam novos. Hamilton e seu pai usavam camisas do Manchester United. Com certeza eram eles os verdadeiros Holt.

— Quem são eles? — Hamilton gritou do outro lado do palco. — Pra quem estão trabalhando?

Amy pensou que talvez fosse melhor escapar do que ficar ali e descobrir. Mas, nesse exato instante, o ninja de calção agarrou seu braço, puxando-a para longe do irmão. Os dois outros ninjas seguraram Dan.

Então lá estava Hamilton, agarrando o ninja de calça e puxando seu capuz.

— Vou descobrir! — gritou Hamilton.

Ele segurou com força, mesmo enquanto o ninja gritava “Não! Pare!” e tentava se soltar.

Longos cabelos castanho-avermelhados se soltaram do capuz do ninja. Amy ficou boquiaberta. Já tinha lido a expressão “seus olhos saltaram do rosto” diversas vezes, mas nunca havia sentido aquilo de forma tão completa.

— Sinead Starling? — ela perguntou.

Capítulo 6

Hamilton Holt soltou o menino (ops, *menina*) que tinha acabado de desmascarar. Ele não era lerdo. Era só pôr uma bola de rúgbi ou um bastão de hóquei nas suas mãos e as pessoas começavam a usar palavras como ágil e ligeiro para descrevê-lo. Na busca pelas pistas, ele havia descoberto que, sob pressão, seu cérebro também conseguia ser bastante ágil e ligeiro.

Esta não era uma dessas ocasiões.

Naquele instante, seus olhos e ouvidos lhe afirmavam que ele tinha acabado de largar Sinead Starling, sua prima distante. Porém seu cérebro não conseguia processar a informação.

— Não! — ele protestou. — Vocês, Starling... vocês estão fora da corrida desde a Filadélfia. Desde o segundo dia. Aquela explosão no Instituto Franklin... Era para vocês ficarem no hospital durante anos!

Hamilton sentiu uma pontada de culpa. Os Holt haviam deflagrado a explosão no Instituto Franklin. A família de Hamilton tinha causado os ferimentos nos trigêmeos Starling. Mas só por acidente.

Porque na verdade estávamos tentando ferir Amy e Dan, pensou Hamilton, amargurado. Ele balançou a cabeça numa tentativa de clarear a mente. *Ninguém sabe*, ele disse a si mesmo. *Ninguém sabe que fomos nós.*

Sinead deu um sorrisinho arrogante para ele.

— Somos gênios, lembra? — ela disse. — Ted, Ned e eu, deitados em nossos leitos de hospital, desenvolvemos novos procedimentos médicos para acelerar a cura. E... — ela sorriu — nós lemos sobre as pistas e recuperamos totalmente o tempo perdido. Eu diria até que provavelmente estamos na frente. Você não diria, Ted?

Hamilton ainda tinha problemas para assimilar o fato de Sinead ser a ninja de calça. Apertou os olhos para ver os outros dois ninjas, que ainda vestiam máscaras escuras.

— O Ted e o Ned são os caras de vestido? — ele perguntou. — Não entendo.

— Seu cérebro de neandertal — respondeu Sinead, revirando os olhos. — *Hello*?! É um disfarce e uma homenagem. Obviamente você não conhece Shakespeare.

Hamilton não conhecia. Mas a busca pelas pistas havia lhe ensinado muita coisa sobre perigo e agora podia senti-lo ao seu redor. Se ficasse ali ouvindo Sinead falar, Jonah subiria de volta ao palco e atacaria outra vez. Ou Isabel começaria a executar algum plano diabólico. Ou...

Ou Dan seria levado embora.

E isso já estava acontecendo. Enquanto falava, Sinead havia dado algum sinal para os irmãos e eles estavam carregando Dan para o balcão.

— Socorro! — gritou Dan. — Amy! Hamilton! Alguém!

— Deixa comigo! — Hamilton berrou, correndo atrás deles. Amy vinha logo ern seguida.

Romeu bloqueou o caminho deles.

— Afastai-vos! — exigiu o ator. — Descei de nosso palco! Deixai-nos concluir a peça e encontrar o destino que nos aguarda...

Eisenhower Holt se chocou contra Romeu feito um tanque de guerra.

— Seu destino acaba de mudar, amigo — murmurou Hamilton.

Eisenhower pegou Romeu pelo colarinho e o arremessou para a beirada do palco, por onde Isabel, Alistair e Jonah tentavam subir de volta. Era como assistir a um campeão de boliche fazer uma jogada quase impossível: ao cair do palco, Romeu derrubou os três Cahill de volta para a multidão.

— Romeu! — Julieta gritou.

Ela pulou atrás dele.

A multidão em pânico gritou mais alto.

— Família Holt, foco! — Eisenhower urrou feito um treinador no intervalo. — Sem distrações! Não pensem em nada além da busca pelas pistas!

Hamilton correu atrás de Dan. Os irmãos Starling tinham amarrado Dan ao balcão, a uma boa distância do palco. Agora tentavam pegar o papel que estava na mão dele. Dan fazia o possível para manter longe o papel mesmo enquanto se contorcia e lutava contra as cordas. Amy havia conseguido se esquivar de Romeu e Eisenhower e alcançar o balcão antes de Hamilton. Puxou o braço de um dos meninos Starling, mas ele simplesmente a empurrou para longe.

— Patético — murmurou Sinead atrás de Hamilton. — Quem deixou esses retardados ficarem na busca pelas pistas por tanto tempo? Ainda bem que voltamos, porque vocês todos são um bando de idiotas!

As palavras de Eisenhower Holt ainda ecoavam na mente de Hamilton: *Sem distrações! Não pensem em nada além da busca pelas pistas!* De fato, Hamilton só precisava agarrar o papel e dar no pé. Mas ele já estava distraído. Não conseguia deixar de ver a dor e o medo nos rostos de Amy e Dan... e a esperança que transparecia toda vez que algum dos dois olhava de relance para ele.

Hamilton andou a passos largos na direção de Ned e Ted e bateu suas cabeças uma na outra. Depois, fez um dos meninos escorregar pelo palco na direção de Sinead, uma variante da técnica de boliche humano de seu pai. Sinead caiu exatamente na posição certa para que Hamilton pudesse levantá-la do chão, segurando firme. Ele a pendurou pelas roupas ao lado de Dan, no balcão.

— Mais respeito com o meu camarada Dan — Hamilton repreendeu Sinead, com o rosto a uns poucos centímetros do dela. — E com a Amy também. Vocês perderam boa parte da busca pelas pistas e as coisas mudaram. A Amy e o Dan, eles são, eles são... — Ele lembrou de um termo que seu treinador de futebol gostava de usar. — Eles são adversários dignos. Entendeu?

— Ned! — gritou Sinead, assustada. — Ted! Plano B!

Mal se dando o trabalho de olhar, Hamilton estendeu os punhos em ambas as direções, acertando um Starling do lado direito do maxilar e o outro do esquerdo. Os dois caíram no chão.

— Valeu, Ham! — exclamou Dan. — Faz um favorzinho?

Habilmente, Hamilton desfez o nó da corda com que os Starling haviam amarrado Dan e o baixou até o palco.

— Tá bom, tá bom, anda logo! — Eisenhower gritou, enquanto ele e o resto dos Holt guardavam a beirada do palco, empurrando todo mundo que tentasse subir de volta. — Agora pega a pista pra equipe Holt! Vai!

Automaticamente, Hamilton passou o braço por cima do ombro de Dan. Tarde demais, Dan tentou trocar o papel de uma mão para a outra, para tirá-lo do alcance de Hamilton. Foi inútil: Hamilton já tinha agarrado a página esfacelada. Ele a levantou, num gesto de triunfo.

— Legal! — Eisenhower berrou.

Ao mesmo tempo, Dan encarou Hamilton, com espanto.

— Ham? — Ele parecia... traído. — Achei, bom, já que nós nos ajudamos antes...

Hamilton congelou. Alternou o olhar entre seu radiante pai e um desconsolado Dan.

— Hã... — murmurou Hamilton.

— Adversários dignos são adversários mesmo assim! — provocou Eisenhower — Otário!

— Ah, é? E alguns adversários nem são dignos! — retrucou Sinead.

Ela se soltou do balcão e pulou para agarrar o papel da mão de Hamilton. Hamilton poderia ter se mexido. Ele tinha tempo. Porém seu cérebro o atrasava outra vez.

Equipe Holt, ele pensou. *O que é que significa? Bater em criancinhas... lsso é jeito de vencer? O que realmente está acontecendo aqui?*

Sinead arrancou a página dos dedos dele. Os outros Holt abandonaram a beirada do palco para correr e derrubá-la. E depois outros parentes também se amontoaram sobre ela, todos mordendo, chutando, arranhando, gritando. O cotovelo de Alistair Oh estava na orelha de Isabel Kabra, a mão dela estava na boca de Sinead Starling e os dedos de Sinead estavam no cabelo de Madison.

E o papel tinha sido rasgado em pedacinhos.

Capítulo 7

— Amy! Vamos! — gritou Dan.

— Não! O papel! Temos que... — Amy apontou para a pilha de parentes Cahill que se debatiam no palco. Ela parecia estar preste a pular dentro da briga.

Dan agarrou o braço da irmã. Agora ela se debatia contra ele.

Como ele deveria fazer aquilo?

— Vamos só planejar nossa estratégia — disse Dan, caso algum dos outros pudesse ouvi-lo.

Amy lançou um olhar desconcentrado paro o irmão.

Ele piscou pra ela.

Amy parecia totalmente confusa. Dan olhou rapidamente ao redor para garantir que ninguém estava olhando, depois puxou a irmã para trás da cortina do palco.

— Dan o que você está fazendo? — Amy perguntou. — Temos que ficar e brigar...

Dan sussurrou no ouvido dela:

— Não, não temos. Eu guardei uma parte do papel!

Amy se afastou, encarou o irmão e depois puxou Dan mais para dentro da área dos bastidores, longe dos parentes. Eles se enfiaram num quartinho mal iluminado cuja placa dizia ADEREÇOS. Amy trancou a porta atrás deles.

— Acho que estamos seguros aqui — ela sussurrou — Agora conta... do que você está falando?

— Quando o Ned e o Ted me amarraram no balcão, tomei cuidado para pôr as duas mãos atrás das costas — disse Dan — eu sabia que eles não iam me deixar ficar com o papel, por isso comecei a rasgar os pedaços e enfiar nos bolsos.

— Dan... talvez fosse um documento valiosíssimo! — Amy protestou. — Talvez fosse até uma página original escrita por Shakespeare!

— E talvez o pedaço que eu peguei seja suficiente para descobrir a próxima dica! — retrucou Dan.

Amy parou de discutir.

Dan começou a arrancar pedaços de papel do bolso.

— Bom, não é um original escrito por Shakespeare... a não ser que ele usasse máquina de escrever — disse Dan, analisando o primeiro pedaço.

Amy pareceu relaxar um pouco.

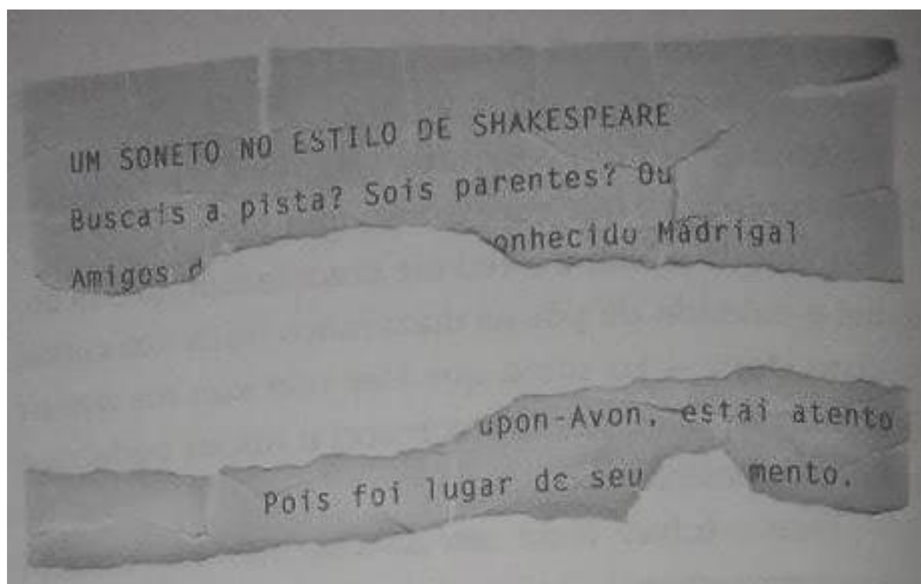
— Não é melhor a gente esperar e olhar isso lá fora? — perguntou Dan.

— Não... Temos que ver se é o bastante ou se vamos precisar voltar e brigar — disse Amy.

Era tão óbvio que ela estava sendo corajosa, combatendo o instinto de sair correndo. As espadas e armaduras forravam a parede e lançavam sombras assustadoras em seu rosto.

Dan rapidamente começou a organizar os pedacinhos.

Quando eles tinham juntado tudo o que podiam, o pedaço de papel dizia:



— Eu peguei os pedaços de cima e de baixo — disse Dan, como se pedindo desculpas. — Porque comecei a achar que, nas dicas, geralmente as coisas do fim são as mais importantes, e já que eu nunca tinha olhado o papel, não sabia muito bem qual era a parte de baixo. — Ele apontou o "mento" da última linha. — Desculpa eu não ter arranjado a palavra inteira aqui. Se eu tivesse, você provavelmente conseguiria resolver.

— Eu posso resolver mesmo assim! — disse Amy, abrindo um sorriso radiante para o irmão.

— Você pode? — Dan se espantou.

— Adivinha onde William Shakespeare nasceu? — perguntou Amy.

— Não sei, mas aposto que você vai me contar — respondeu Dan.

— Em Stratford-upon-Avon — disse Amy, apontando as palavras enquanto as pronunciava.

— Então você acha que essa palavra que está faltando no último verso é *nascimento* — concluiu Dan. Uma sensação de pavor começou a tomá-lo. — Ah não... não me diga...

— Isso mesmo. Já faz quinhentos anos, mas a casa ande Shakespeare nasceu ainda existe — disse Amy. — E vamos visitá-la.

* * *

Alistair Oh entrou cambaleando no museu de arte Tate Modern. Ele não era fã de arte moderna. Na sua opinião, era a prova de que os Cahill do clã Janus tinham enlouquecido. Mas o museu ficava praticamente ao lado do Teatro Globe e agora era um bom lugar pra se esconder. Ninguém esperaria encontrá-lo ali.

Alistair tentou andar com a dignidade de sempre, mas era difícil, pois o bolso do seu paletó cor de creme estava arrebentado e ele tinha manchas de sangue na bochecha por causa do vale-tudo da família no Globe. E... aquilo em seu cabelo era lama?

Passou por tudo isso e mesmo assim não tinha conseguido pegar nenhum pedacinho de papel.

Estou velho demais pra isso, ele pensou, muito embora seu tio, Bae Oh, fosse muito mais velho e ainda tão obcecado pela busca das pistas quanto Alistair.

Alistair se enfiou numa salinha escura e vazia na verdade era uma pequena sala de projeção.

Que desatino, pensou. *Hoje em dia as pessoas acham que vídeo é arte?*

Ele se acomodou num banco e lembrou com saudades do museu que seu clã, os Ekat, havia orgulhosamente mantido na base secreta no Egito. Sempre esperou que suas próprias invenções geniais um dia tivessem um lugar de honra ali, fascinando todos os visitantes. Porém ele tinha estado tão focado em achar as pistas ao logo dos anos que a única coisa que havia inventado era o

burrito de micro-ondas. E, como tantas outras coisas, muitos tesouros dos Ekat que estavam no museu tinham sido roubados ou destruídos durante a corrida pelas pistas.

Tesouros destruídos, esperanças destruídas, vidas destruídas... Isso algum dia vai acabar?, ele se perguntou, enquanto imagens tremulavam e morriam na parede à sua frente.

Aquele pensamento lhe trouxera à mente uma imagem repentina da alegre e encantadora Hope Cahill, assassinada anos atrás. Amy estava cada vez mais parecida com ela.

Eu não matei Hope, refletiu Alistair, assim como vinha fazendo durante os últimos sete anos. Desta vez o pensamento veio com um eco: *Mesmo assim tenho culpa...*

Alistair fechou os olhos, tentando represar a dor.

Quando abriu os olhos de novo, estava cercado.

— Você está nos devendo! — rosnou uma voz irritada.

Credores, pensou Alistair. Era inevitável, com todos os milhões que ele havia gasto na busca pelas pistas.

Alistair piscou e percebeu que estava sendo intimidado por três adolescentes que haviam trocado seus trajes de ninja elisabetano por jeans e camiseta: Sinead, Ned e Ted Starling.

— Perdão, o que disse? — ele perguntou, com uma educação que eles não mereciam.

— Você é Ekat, nós somos Ekat... Você nos deve uma ajuda na busca pelas pistas — disse Sinead. — *Tio* Alistair.

Aquela simples palavra, *tio,* fez Alistair contorcer o rosto. Ele lembrava claramente de como havia dito aquela palavra a Bae Oh em sua adolescência... antes de saber que Bae tinha encomendado a morte do irmão, pai de Alistair, por causa das pistas.

Ele lembrava de como Amy e Dan haviam dito aquela palavra no começo da busca.

Quando confiavam nele.

Alistair balançou a cabeça, tentando clarear a mente e se concentrar nas crianças que estavam de pé à sua volta, não nas que tinham sumido de novo.

— Como vocês sabiam que eu estava aqui? — perguntou Alistair.

— Foi simples — disse um dos meninos (Ned, talvez?). — Exceto pela mansão dos Kabra, era o lugar menos provável que você visitaria em Londres. Por isso procuramos aqui primeiro.

Alistair tinha ouvido dizer que Ned havia feito um doutorado aos 10 anos, mas mesmo assim era incapaz de amarrar os próprios sapatos ou falar sensatamente sobre qualquer assunto além de física quântica. Alistair não estava muito a fim de discutir física quântica agora, por isso evitou olhar para ele.

— Está vendo? Nós sabemos como você pensa — rosnou Sinead — somos iguais a você.

Espero que não, pensou Alistair, triste.

— Pensei ter ouvido dizer que tinham recuperado o tempo perdido pelas pistas — disse Alistair — que talvez estivessem na frente.

— É claro que falamos isso pra eles — retrucou Ted. — Nossos *inimigos*.

— Mas com você, colega Ekat, é como se estivéssemos na mesma equipe — Sinead completou, tentando agradar o tio. Ela tirou um pedacinho de lama do cabelo de Alistair. — Tenho certeza de que, se você compartilhar tudo o que descobriu até agora, vamos saber muito mais que qualquer outra pessoa.

Ela sorriu, exibindo um excesso de dente.

Uma vida inteira de trabalho procurando as pistas, pensou Alistair, *realmente a obra da minha vida. E eles querem que eu entregue simplesmente de mão beijada?*

— Não — respondeu Alistair.

Sinead recuou.

— O quê?... Você vai preferir ajudar a Amy e o Dan, aqueles pirralhos? —ela acusou. — Nós sabemos que você está ajudando os dois o tempo todo. De que outro jeito eles teriam resolvido alguma coisa?

— Integridade — sussurrou Alistair. — Coragem. Inteligência. Ousadia. Empenho.

Sinead bufou.

— Ah claro. Eles? — ela perguntou. — Antes dessa busca pelas pistas, eles não tinham coragem nem de atravessar a rua sozinhos. Você espera que acredite que eles saíram sozinhos para dar a volta ao mundo?

— Eles... cresceram — disse Alistair e ficou surpreso porque as palavras lhe causaram um aperto no coração. *Eu poderia tê-los apoiado o tempo inteiro,* ele pensou. *Mas na maior parte das vezes eu não fiz isso.*

Sinead pareceu lembrar de que estava tentando convencer Alistair.

— Bom, enfim — ela mudou de assunto — a questão não são eles. Somos nós. Os brilhantes Ekat. Nossos pais sempre disseram que você era o mais inteligente de todos.

Ela olhou para o tio com uma expressão de idolatria, claramente falsa, estampado no rosto. Até tremeu as sobrancelhas um pouco. Estava se esforçando bastante.

Assim como Alistair sempre se esforçara bastante.

E cometera tantos erros.

—Tolo — murmurou Alistair. — Eu fui um tolo.

— Mas... o burrito de micro-ondas! — exclamou Sinead. — Você inventou isso! Ganhou milhões!

— Ouçam — disse Alistair. — Vou dividir com vocês parte da sabedoria que adquiri ao longo dos anos.

Os três adolescentes se aproximaram.

— Quando você está perto do fim da vida... quando é um velho solitário... começa a se dar conta do verdadeiro valor de suas conquistas — ele começou. — A pista mais brilhante que já decifrei, os milhões que ganhei... até o próprio burrito para micro-ondas... Às vezes acho que estaria disposto a trocar tudo isso por um abraço de alguém que me ame de fato.

Sinead, Ted e Ned congelam por um instante. Depois Sinead deu um pulo e, com certo receio, passou os braços em volta dos ombros de Alistair.

— Oh, *nós* amamos você, tio Alistair — ela disse.

Alistair se afastou:

— Não, não amam — retrucou.

Ele empurrou o banco para trás e ficou de pé. Suas pernas estavam duras e doloridas, mas ele queria muito conseguir sair dali com uma pose digna. Começou a andar em direção à porta.

— Espere! — gritou Ned.

Alistair continuou andando.

— Tem outra coisa que talvez você queira saber — Sinead gritou atrás dele. — Roubamos as pistas de Bae Oh!

Alistair hesitou por um instante. E depois, lentamente, se virou.

Capítulo 8

— AHHHHHHH! — Nellie gritou.

— AHHHHHHH! — gritou Dan, sentado ao lado dela no banco da frente do carro.

— O que deu em vocês dois? — Amy perguntou do banco de trás.

Ela ergueu o olhar por cima da pilha de livros sobre Shakespeare que estava estudando desde que tinham saído da agência de aluguel de carros e partido para Stratford.

— Esqueci que preciso dirigir do lado errado da rua de novo! — disse Nellie. — Quer dizer, é o lado certo pra eles... hã, o lado esquerdo, é desse lado que eles dirigem... mas...

— ESTÁ VENDO AQUELE CARRO? — Dan berrou.

Parecia estar na pista deles.

— Guinada pra direita? — murmurou Nellie. — Não... esquerda. Direita? Esquerda? AHHHHH!

No último minuto ela virou o volante para a esquerda. Parou o carro sobre a grama e ficou ali parada, tremendo, enquanto carros passavam zunindo por eles.

— Não sei se vou conseguir fazer isso — ela disse.

— O quê? — espantou-se Amy. — Nellie... você já dirigiu do lado errado da rua antes, quando estávamos na África do Sul.

— Você foi *incrível* lá, ziguezagueando pela cidade inteira! — Dan lembrou. — Nellie, você é a *melhor* motorista.

Aquilo era verdade apenas se você definisse *melhor* como mais *perigosa*. E Dan provavelmente definia.

— É, em geral eu sou — concordou Nellie. Ela enxugou a testa com a mão. Seus dedos ficaram cobertos de suor. — Mas não sei, é estranho. É, tipo, como se isso tudo agora fosse real. Lá na África do Sul, eu me sentia meio como se estivesse só dirigindo num videogame. Mas agora... agora sei qual é o objetivo da busca pelas pistas e sua importância. É tipo, uou, *responsabilidade.*

— Se você tivesse batido o carro com a gente na África do Sul... ou em qualquer outro lugar... você teria sido responsável pela nossa morte — ponderou Dan. — Mesmo sem saber a verdade sobre a busca pelas pistas.

— Valeu. Isso me faz sentir muito melhor — disse Nellie, cheia de sarcasmo.

Ela passou o dedo na argola de nariz em formato de cobra que insistira em consertar antes de partirem da Jamaica.

Não fez menção de voltar para a estrada.

Amy lembrou de como Nellie tinha parecido abalada quando eles se encontraram depois de saírem escondidos pelos fundos do Globe.

Agora a Nellie *acha que isso tudo é impossível?*, Amy se perguntou. *Será que ela só levou um dia a mais para se dar conta?*

— Não podemos deixar a Isabel vencer, lembra? — observou Amy. — Nem Isabel... nem o Eisenhower... nem a Cora... nem o Alistair...

Não era por acaso que Amy mencionava pessoas que tinham estado presentes na noite em que seus pais morreram.

Nellie segurou o volante com força.

— Você tem razão — ela concordou, endireitando o queixo. — Tenho de fazer isso. Só não fiquem olhando, ok? Isso me deixa nervosa.

— Vou ficar lendo — disse Amy, depressa.

— É pra isso que servem as baterias de longa duração — disse Dan, abrindo o laptop.

Amy até empilhou livros ao lado da gaiolinha de Saladin para que ele também não olhasse.

No começo, Amy estava muito ciente do movimento do carro. Mas depois se distraiu lendo sobre Shakespeare. Ela adorava aquele homem. Em seus textos, ele conseguia ser tão engraçado, tão sábio, tão... humano.

E estava tão claro que ele era um Madrigal.

Ele não tinha nascido rico e famoso. Os especialistas nem sabiam ao certo se seus pais eram alfabetizados. Seu pai tivera problemas financeiros quando Willian era adolescente e por isso estudiosos achavam que William provavelmente havia abandonado a escola. Ele com certeza não pudera frequentar uma universidade. Quando havia começado a escrever peças em Londres, alguns dos outros escritores caçoaram dele por não ser escolarizado.

Ele era como Dan e eu, pensou Amy. *Uma pessoa qualquer, ignorada por todos.*

Além disso, havia os “anos perdidos” de Shakespeare, a época em que ele parece ter sumido dos registros históricos.

Obviamente ele estava fazendo serviços para os Madrigal, pensou Amy. *Procurando pistas, talvez negociando com os Lucian e os Ekat, secretamente mantendo o equilíbrio de poder entre os clãs.*

Fazia tanto tempo que ela e Dan estavam na busca pelas pistas que era como se mal precisassem olhar alguma coisa para ver as impressões digitais que os Cahill deixaram na história inteira.

— Oh, puxa! — exclamou Dan, virando-se de repente. — Como esse cara poderia ser um de nós? Willian Shakespeare... um Madrigal? Até parece!

Mais uma vez, a mente de Dan e a de Amy corriam em direções totalmente diferentes.

— Você está brincando? — Amy gritou. O carro deu uma dançada, depois corrigiu o movimento. Amy lançou um olhar meigo para a *au pair*. — Desculpa, Nellie. Não pretendia distrair você.

— Tudo bem — respondeu Nellie, olhando fixo para a estrada diante deles. — Podem falar agora que estou na rodovia. É muito mais fácil. Não tem carros vindo na minha direção.

Amy voltou a atenção para Dan.

— Deixa eu adivinhar — ela continuou. — Você acha que Shakespeare deve ter sido um Janus, porque seus textos eram obras de arte. Ou... você está com inveja porque o "cara" famoso dos Madrigal nunca é um artista do kung fu, montanhista ou espadachim, como os dos outros clãs. Quase todo mundo diz que Shakespeare foi o maior escritor que já existiu. Isso não é o bastante pra você?

— Ah, qual é — Dan argumentou. — Toda a obra dele foi feita com uma pena de escrever.

Amy achou que sua cabeça ia explodir.

— Mas — Dan continuou — eu concordo que Shakespeare era um grande escritor.

Tudo o que Amy tinha planejado esbravejar com ele se dissolveu no ar.

— Você... você concorda? — ela conseguiu dizer.

— Ah, claro — disse Dan. — Você não viu aquela lista de adesivos com insultos de Shakespeare na lojinha do Globe? Aquilo me deixou curioso, por isso tenho pesquisado umas coisas na internet. Esse cara realmente sabia como insultar os outros. "Congro imundo"? "Tua língua tem mais veneno que serpente do Nilo"? "És um inchaço, uma úlcera pestosa, um carbúnculo podre e tumefeito"? Vou usar essa aqui da próxima vez em que eu vir Isabel Kabra! Ou os Starling!

— Então você acha que Shakespeare era um grande escritor só por causa dos seus insultos — concluiu Amy, desanimada.

— Oh, por isso e por... Você sabia que ele não sabia nada de ortografia? — Dan apontou para alguma coisa na tela do computador. — Sobraram seis cópias da assinatura dele e nenhuma delas está escrita do mesmo jeito. Ele é o melhor escritor da história e não sabia escrever nem o próprio nome!

— Não existiam padrões ortográficos na época dele — retrucou Amy, na defensiva. — *Ninguém* escrevia as coisas do mesmo jeito o tempo inteiro. Era realmente confuso.

Dan deu uma risadinha.

— É, mas se Shakespeare estivesse vivo hoje, aposto que estaria usando uma dessas camisetas ótimas que vi uma vez: "Quem cola não sai da iscola" — ele brincou.

Amy revirou os olhos.

— Não estou te entendendo — ela disse. — Pra você Shakespeare não pode ter sido um Madrigal porque era ruim em ortografia?

— Não — respondeu Dan, impaciente. — Estou dizendo que ele era bom demais para ser um Madrigal.

Amy ficou sem expressão:

— Agora estou totalmente perdida. Acho que estamos falando línguas completamente diferentes.

— Ouça — começou Dan. — Pense no que o homem de preto... hã, o tio-avô Fiske... nos contou lá na Jamaica. O Cahill original, Gideon, inventou um tal soro maravilhoso que

supostamente o tornava ótimo em tudo. Quatro de seus filhos conseguiram parte do soro e o tomaram, o que até mudou seu DNA. Por isso todo mundo do lado de Katherine era mais inteligente que as pessoas normais, todo mundo do lado de Thomas era mais forte e mais atlético, e...

— Tá, tá, essa parte eu sei — interrompeu Amy. — A família de Jane recebeu o gene artístico, criativo. A família de Luke ficou com a estratégia e a liderança. O que levou aos Ekat, Tomas, Janus e Lucian que conhecemos e tanto amamos hoje. — Ela fez uma careta. — O que isso tem a ver com o Shakespeare? Se ele era um Madrigal, não fazia parte de nenhum desses clãs.

— Certo — disse Dan. — Nossa antepassada, Madeleine, apareceu depois que o soro tinha sumido e a família estava rompida. Por isso Madeleine nunca tomou soro nenhum. Nem os filhos dela, nem os seus netos. O clã dela... nosso clã... nós não somos *turbinados*.

Amy sentiu uma pontada de dor: seu próprio irmão tinha acabado de admitir que eles eram totalmente ordinários. Sem talento. Sem graça. Tudo o que ela sempre havia suspeitado sobre si mesma.

Mas Dan não tinha terminado de falar.

— Por isso, sem nenhum soro... como Shakespeare chegaria a ser o melhor escritor de todos os tempos? — ele perguntou. — Melhor que todos esses escritores Janus que tinham o soro milagroso no DNA?

— Não sei — admitiu Amy. — Você acha que ele simplesmente fez muito, muito esforço?

Ela sempre se sentiu atordoada, como sempre acontecia toda vez em que pensava no soro. Aquilo parecia muito uma trapaça. Não que os Cahill não trapaceassem: ela tinha visto coisas suficientes durante a busca pelas pistas para saber que trapacear era praticamente um traço de família. Mas o soro... era como usar drogas. Uma coisa muitíssimo perigosa.

Secretamente, ao descobrir a verdade sobre o lugar dos Madrigal na família, ela ficara um pouco aliviada por não haver nenhum soro em seu DNA. Porém, antes de entender qualquer coisa, havia lutado para conseguir aquele frasco de soro dos Lucian em Paris. Tinha subido até o topo do monte Everest na esperança de encontrar o soro dos Janus.

E parece que o soro mestre é o prêmio final da busca pelas pistas, pensou Amy. *De algum modo.*

A ansiedade apunhalou seu estômago. Ela sempre tentava não pensar sobre aquilo. Lembrou do argumento de Dan no quarto de hotel, dizendo que vencer significaria que obteriam poder suficiente para pôr todo mundo na linha, para atingir todos os objetivos. Mas aquele era mesmo o jeito Madrigal de resolver as coisas? Será que Grace tinha mesmo colocado em marcha toda a busca pelas pistas só para que Amy e Dan pudessem ter acesso a algo que talvez os transformasse completamente?

Grace não achava que éramos bons o bastante?, Amy se perguntou.

Ela percebeu que tinha começado a choramingar.

— Amy — Dan a chamou. — Você vai pirar outra vez?

— Tudo é tão complicado — ela reclamou. — Eu estava me sentindo bem por termos conseguido decifrar as dicas de Shakespeare e por Hamilton ter nos chamados de “adversários dignos”… As coisas realmente mudaram desde que a busca pelas pistas começou. Talvez ainda exista esperança para nós. Mas há tantas coisas que não entendo. Como os Starling nos alcançaram tão fácil? Como todas as outras equipes sabiam de tudo a ponto de estar no Globe ao mesmo tempo que nós? O que os Madrigal esperam de nós? E além disso...

— Amy — disse Dan, num tom muito solene. — Eu sei exatamente do que você precisa.

— Do quê? — perguntou Amy.

— De uma pausa para um lanche — Dan respondeu. — E... mesmo que isso não ajude você, vai *me* ajudar. Nellie, você pode por favor dar uma parada? Estou morrendo de fome!

— Eu não ia achar ruim sair da estrada um pouquinho — Nellie comentou. Ela fechou dois Volvos e um BMW. Os três buzinaram.

Quando eles pararam no posto, Dan percorreu os corredores, se deslumbrando com todos os maravilhosos salgadinhos britânicos.

— Olhem, estes aqui são de monstros! — ele gritou. — Preciso experimentar! E anéis de batata sabor churrasco! E...

Ele começou a tirar saquinhos das prateleiras.

— Dan, você já comeu tranqueira em praticamente todos os continentes — disse Nellie. — Por que está tão empolgado agora?

— Porque, em quase todos os outros lugares, são as mesmas coisas que tem nos Estados Unidos ou estão escritas em línguas que eu não entendo — Dan explicou. — Isto — ele pegou um saco de tirinhas de bacon — parece uma coisa com a qual eu sempre sonhei. Não seria triste se eu nunca viesse aqui? É por isso que as pessoas deveriam viajar!

Amy se afastou de Dan e Nellie. Aquilo era tão típico. Dan se recusando a ficar preocupado, ela se preocupando o suficiente pelos dois.

Ela ouviu uma voz dizer “Teatro Globe”. Virou-se depressa.

A voz vinha de uma televisão perto da caixa registradora.

— Aparentemente houve um tumulto no famoso teatro hoje à tarde — dizia a âncora do jornal.

Amy se aproximou e ficou num ângulo em que pudesse ver a tela. Porém não estava passando nenhuma imagem do teatro, havia apenas uma mulher falando.

— Jonah Wizard, astro internacional do hip-hop e de *reality show*, foi detido para interrogatório sobre sua participação no tumulto, que causou centenas de libras de prejuízo — continuou a âncora — as apresentações no Globe foram suspensas por tempo indeterminado. A polícia está decidindo se vai indiciar Wizard... e possivelmente outros... por destruição intencional de propriedade.

Amy jogou um maço de notas de libras no balcão.

— Isso paga tudo — ela disse, apontando para as sacolas de Dan e Nellie estavam carregando. Ela sabia que tinha pago a mais, mas não se importava.

Puxou Dan e Nellie para fora.

— Opa, opa, o que esta acontecendo? — perguntou Nellie enquanto eles corriam para o carro.

Depressa, Amy contou aos outros dois o que tinha ouvido na TV.

— O quê? — Dan exclamou. — Isso não faz sentido. Durante a busca pelas pistas, os Cahill destruíram lugares históricos em todo o planeta e nada nunca virou notícia!

— Eles abafam tudo — concordou Nellie. — Cada clã paga pelo próprio estrago. Os Madrigal sempre pagaram pelos prejuízos que vocês dois causaram.

Amy não sabia daquilo.

— Bom, nós não quebramos nada, a não ser em Veneza — ela disse. — Certo, em Viena também...

— A família de Jonah tem uma montanha de dinheiro para abafar escândalos — protestou Dan. — Ele quebrou aquele monte de estátuas de terracota na China... bom, pra me salvar, depois de ter armado uma cilada pra mim. Mas sei que o pai dele pagou os oficiais chineses e ninguém mais ouviu falar do estrago. O Jonah só quebrou um barril no Globe e já está aparecendo no noticiário?

— Alguma coisa mudou — disse Amy, devagar. — Alguma coisa importante...

Capítulo 9

Jonah Wizard estava completamente imóvel. Posava no museu de cera, onde qualquer pessoa de alguma importância nos últimos duzentos anos tinha sido imortalizada com uma estátua. Na verdade, Jonah imitava uma estátua de cera, pois a dele ainda não estava pronta. O Madame Tussauds tinha acabado de abrir e a sala estava começando a encher de gente exclamando: “Elas parecem tão reais!”.

Dali a poucos minutos, Jonah iria se mexer. Começaria com alguma coisa pequena, talvez uma sobrancelha erguida. Depois engataria uma sequência de dança. A música preencheria a sala e ele começaria a cantar. Todos gritariam de alegria e se amontoariam em volta dele. Talvez algumas meninas até desmaiassem.

Normalmente, aquele era o tipo da coisa que Jonah adorava. A música, a adoração dos fãs, era para isso que ele vivia. Porém hoje, ele odiava aquilo.

Hoje, ele não estava fazendo aquilo só para emocionar os fãs ou promover sua música, seu programa de TV, suas bebidas energéticas, seus livros pop-up ou sua grife. Nem qualquer outro produto no vasto e avassalador império do entretenimento de Jonah Wizard.

Hoje ele era apenas uma distração, um chamariz. Enquanto estivesse cantando, dançando e chamando atenção do museu inteiro, sua mãe planejava colher uma pista que acreditava estar escondida no sapato da estátua de cera de William Shakespeare, a poucas salas de distância. E, só para o caso de isso não funcionar, ela tinha trazido latas de gás venenoso. E granadas. E uma arma.

Alguém pode se machucar, pensou Jonah. *Alguém pode morrer. Talvez até algum dos meus fãs, por minha causa.*

E não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Sua mãe estava chantageando o próprio filho para que continuasse na busca pelas pistas... e para que fizesse isso do jeito dela.

Ela tinha ficado furiosa por ele ter saído do Teatro Globe sem nenhuma dica.

— Pelo jeito, você não está tão interessado no maior prêmio da história — ela tinha dito, olhando feio para ele. — Pelo jeito, precisa de mais incentivo.

— Não, mãe, eu tentei no Globe — ele havia protestado. — É só que... não somos Lucian. Pensei num jeito melhor de vencer, num jeito mais *Janus*... Eu posso explicar...

— Não funcionou, não é mesmo? Não quero nem ouvir falar de planos assim — disse Cora. Ela o agraciou com um sorriso estreito, sem emoção. — Eu sei que vai funcionar.

E então ela própria havia chamado a polícia. Tinha levado Jonah de carro para a delegacia para que ele ficasse atrás do vidro e fosse reconhecido por testemunhas que estavam no Globe.

— Você vê suas opções agora, não vê? — ela havia perguntado. — Você faz o que eu quero. Senão vai pra cadeia.

Pensando naquilo agora, Jonah tinha que fazer muito esforço para se manter imóvel.

Não conseguia se imaginar sendo de fato mandado para a prisão. Mas seu pai havia explicado exatamente o que um problema de relações-públicas não resolvido poderia fazer com a vida de Jonah:

Programa de TV – cancelado.

Turnê de shows – cancelada.

Contrato de gravação – cancelada.

Camisetas exclusivas – jogadas na seção de liquidação com desconto de 75%. Talvez até tiradas das prateleiras e queimadas por falta de procura.

Ele não conseguia suportar a ideia de que ninguém mais iria querer suas camisetas, sua música, seu programa de TV... que ninguém mais iria gostar dele.

Porém, se Jonah fizesse o que sua mãe dizia, seus pais dariam um jeito em tudo. Evitariam todos esses possíveis desastres.

Do outro lado da sala, a mãe de Jonah piscou para ele. Era sua deixa.

Ele ergueu uma sobrancelha e uma menina que o encarava bem de perto pulou para trás e gritou. Jonah começou a dançar e cantar, e tudo aconteceu exatamente como havia imaginado: gritos, o delírio dos fãs, a imensa multidão instantânea, até as meninas desmaiando.

Era tão bizarro. Aquilo tudo parecia errado. Mesmo que a mãe dele não precisasse recorrer ao gás venenoso, às granadas, à arma.

Depois disso, Jonah se enfiou na limusine que aguardava em frente ao museu. Talvez pela primeira vez na vida, não olhou nem de relance para a multidão enquanto o carro se afastava do meio-fio.

— Eu sei que a mãe te ligou. Você cuidou de tudo? — ele perguntou ao pai.

Broderick continuou com a cabeça curvada sobre o celular.

— Houve um probleminha — ele respondeu. — Uma testemunha não quer retirar o depoimento. Não quer mudar a história de jeito nenhum.

— Pague pra ela — disse Jonah.

Finalmente, Broderick olhou para o filho.

— Ela disse que não quer nosso dinheiro — o pai retrucou.

— Todo mundo quer dinheiro — respondeu Jonah, recuperando um pouco mais de sua antiga confiança. — Ofereça mais.

Por um instante, ele quase sentiu próximo do pai, pois sabia que eles deviam estar pensando a mesma coisa: nenhum deles jamais havia conhecido uma pessoa que não quisesse dinheiro.

Mas Broderick balançava a cabeça.

— Ela não quer aceitar nada — ele insistiu. — Mas... disse que encontraria você se quiséssemos. Para falar sobre o assunto.

— Ah... é uma dessas — concluiu Jonah. E deu uma risada sem fazer nenhum esforço para que soasse normal. — Aê, por que você não disse antes?

Era apenas outra fã, alguém que achava que a chance de conhecê-lo valia mais que qualquer quantia em dinheiro.

Ele respeitava aquilo. No momento, era exatamente daquilo que precisava.

Meia hora depois, eles pararam em frente a um hotel sem graça.

— Talvez seja melhor você realmente usar o seu charme — avisou Broderick, com um olhar que Jonah não conseguiu identificar direito.

— Eu sei — respondeu Jonah, frio. — Vou arrasar. Como sempre.

Saiu do carro a passos largos e subiu pela calçada rachada. Na recepção, Broderick disse:

— Meu filho tem um encontro marcado com uma de suas hóspedes na... hã... sala de reuniões?

O funcionário indicou uma série de cadeiras.

Jonah se virou.

— Aê, aê, aê, minha parceira...

Então parou.

A mulher sentada diante dele era velha.

Tinha cabelos brancos.

Tinha rugas em todo o rosto, como se jamais tivesse ouvido falar em cirurgia plástica.

Segurava uma bolsa no colo, uma imitação muitíssimo barata, quem sabe, da bolsa que a rainha Elizabeth estava usando quando Jonah a conheceu.

E estava vestindo uma coisa marrom de poliéster... Como chamar aquela roupa? Um *terninho?*

— Jonah... hã... esta é Gertrude Pluderbottom — apresentou Broderick.

A velha senhora franziu os lábios.

— Pode me chamar de senhorita Pluderbottom — ela disse numa voz dura e rouca de mulher idosa.

Seus olhos pareciam penetrar Jonah e seu pai ao mesmo tempo. Como ela fazia isso?

— Creio termos combinado que eu me encontraria com Jonah a sós, não? — ela perguntou para Broderick.

— Hã... é... sim, hã... Jonah, te espero no carro — Broderick avisou e foi embora

Jonah se afundou em uma das cadeiras em frente a senhorita Pluderbotton.

— Aê — ele cumprimentou meio sem ânimo. — Belezinha?

A senhorita Pluderbottom apertou os olhos para ele. Aquilo a fez parecer ainda mais assustadora.

— No intuito de travar uma conversa cordial — ela começou — vou interpretar essa vaga reunião de sílabas como uma tentativa de dizer que você está feliz em conhecer minha pessoa e deseja perguntar a respeito de minhas ideias e preocupações. Correto?

Jonah ouviu sua própria voz dizer, sem força:

— Sim, senhorita.

Jonah tinha certeza de que, em sua vida inteira, nunca havia chamado ninguém de “senhorita”.

Ele nem tinha se dado conta de que podia ser tão cordial.

A senhorita Pluderbottom fungou.

— Assim está melhor — ela disse. — Enfim, eu tentei falar com você ontem no Globe.

— Tentou? — perguntou Jonah.

— Você não lembra nada do que eu disse? — espantou-se a senhorita Pluderbottom.

Jonah mal conseguiu evitar dizer: *Eu não presto atenção em pessoas como você.* Será que alguma idosa tinha falado com ele lá? A senhorita Pluderbottom não era jovem e descolada. Não era uma top celebridade. Não podia fazer nada para ajudar a carreira dele nem a busca pelas pistas.

Hoje ela pode, ele lembrou a si mesmo.

— Desculpe — disse Jonah, injetando um nível máximo de sinceridade em suas palavras.

A senhorita Pluderbottom não pareceu acreditar nele. Tirou um fiapo de seu casaco marrom de poliéster.

Jonah se flagrou sentindo pena daquele fiapo.

— Por que você estava na peça ontem, Jonah? — perguntou a senhorita Pluderbottom com os olhos ainda apertados e desconfiados.

— Oh, eu sou muito fã de Shakespeare! — Jonah respondeu. — Ele é meu truta, Billy S.!

— Hmmm — murmurou a senhorita Pluderbottom.

Ela esperou.

A boca de Jonah ficou seca.

— E... por causa da minha mãe — ele acrescentou.

— É claro — disse a senhorita Pluderbottom. Ela se debruçou um pouco para a frente. — Mas estou inclinada a crer que sua mãe queria que você *absorvesse* um pouco de cultura, não que a destruísse.

O cérebro de Jonah foi tomado pelo pânico.

— A maioria das mães, sim — ele respondeu. — Mas a minha... Sabe, está rolando uma espécie de caça ao tesouro na minha família.

Por que ele havia dito aquilo? Jonah conhecia a regra tácita: não contar sobre a busca pelas pistas para pessoas de fora.

No entanto, continuou falando.

— Tem um grande prêmio no final — ele explicou. — Meus pais... bom, minha mãe... é só com isso que ela se importa. Vencer.

— Realmente — disse a senhorita Pluderbottom. Ela ainda o observava.

Jonah estava acostumado a ser observado. Praticamente sua vida inteira tinha sido gravada e transmitida pelo mundo. *Todos* o observavam. Mas ele não estava acostumado a ser observado daquele jeito. Era como se a senhorita Pluderbottom pudesse enxergar através dele, como se pudesse ler sua mente, como se soubesse de cada coisa ruim que ele já havia feito na vida.

Ela sabia que ele tinha abandonado Dan e Amy numa ilha infestada de crocodilos no Egito?

Que ele tinha armado para que Dan fosse assassinado na China?

Eu sabia que não ia acontecer nada de verdade no Egito!, ele queria explicar à senhorita Pluderbottom. *E mudei de ideia na China! Arrisquei minha própria vida para voltar e salvar o Dan! Está vendo, não sou tão ruim.*

— E este grande prêmio — começou a senhorita Pluderbottom, devagar. — Vale a pena arruinar a peça para centenas de outras pessoas por causa dele? Vale a pena arruinar sua reputação por ele? Vale a pena mentir?

Jonah se contorceu no assento.

— Minha mãe acha que sim — ele explicou. — É tipo, um gigantesco tesouro de família.

— Um legado de família, então — continuou a senhorita Pluderbottom. — Você não sabe que "Nenhum legado é tão rico quanto a honestidade"?

— Hã... — Jonah murmurou.

— Isso é Shakespeare. Seu "truta" Billy S. — ela disse. — *Da peça Bem está o que bem acaba.*

Deveria ter sido muito engraçado ver os lábios enrugados da senhorita Pluderbottom dizendo "seu truta" e "Billy S.", mas Jonah não conseguiu rir.

— Permita que eu lhe conte por que estava na peça ontem — ela começou.

Jonah prestou atenção.

— Sou professora — disse. — Ensinei Shakespeare para alunos do ensino médio em Cedar Grover, Iowa, Estados Unidos, durante os últimos 49 anos. E esse tempo todo guardei dinheiro para esta viagem. Eu levava marmita todo dia, mesmo quando o refeitório da escola servia Almôndega Surpresa. Juntei cupons de desconto. Parei de comprar roupas novas.

Jonah imaginou que aquilo devia ter acontecido por volta de 1972.

— Tudo o que eu queria era ver onde o Bardo nasceu, andar por onde ele andou — ela continuou falando. — Então o Globe abriu e percebi que também poderia ver Shakespeare encenado como teria sido durante sua vida, quando toas as suas peças eram novas...

— Então volte da próxima vez em que estiver passando *Romeu e Julieta* no Globe — disse Jonah.

— Olhe para mim. Você acha que eu tenho mais 49 anos para economizar para outra viagem? — perguntou a senhorita Pluderbottom.

Jonah percebeu que seu pai era um idiota. O problema *era* dinheiro.

— Eu pago sua próxima viagem — ele respondeu. — Mude seu depoimento e eu pago até pro Globe reabrir o mais rápido possível. Você me ajuda, eu te ajudo... todo mundo sai ganhando.

— Não — ela retrucou. — Todo mundo sai perdendo. Eu estaria vendendo minha integridade. Você começaria a pensar que pode fazer qualquer coisa e sair impune.

Ela era maluca? Ele *podia* fazer qualquer coisa e sair impune.

Ou... pelo menos até agora isso sempre tinha acontecido.

— Não, não, seria como se você estivesse me ensinando uma lição — argumentou Jonah, desesperado. Ele olhou de relance para o enorme buraco em sua cadeira, por onde o estofamento saía. — Talvez sua viagem custe muito caro. Eu colocaria você num hotel de verdade. Cinco estrelas.

— Mesmo se minha viagem custasse 1 milhão de dólares, você nem perceberia que gastou esse dinheiro — respondeu a senhorita Pluderbottom e, de algum modo, seus olhos pareceram ficar mais frios e duros. — E se eu quisesse lhe ensinar uma lição, pediria que fizesse algo que me impressionasse. Prometer ler todas as peças de Shakespeare, por exemplo. Enviar-me um relatório sobre cada uma delas.

— Eu poderia fazer isso — disse Jonah em voz baixa.

Ele esperou a mulher argumentar que ele poderia facilmente pagar para outra pessoa fazer isso em seu lugar. Eles podiam assinar documentos acertando eles detalhes. Para isso serviam os advogados.

Aquilo estava quase terminando.

Porém os olhos da senhorita Pluderbottom de repente se amaciaram.

— Puxa, Jonah — ela disse, colocando a mão no coração. — Nossa. Qualquer outro menino de 15 anos que eu conheço iria resmungar, reclamar e agir como se essa tarefa fosse uma tortura. Mas você... você realmente gosta de Shakespeare. Eu sinto isso.

Jonah ficou de pé num pulo.

— Não gosto! — ele reclamou. — Isso é mentira!

Ela estava estudando Jonah outra vez.

— Não, você está mentindo — ela disse. — Você é muito fã de Shakespeare.

Jonah ficou de joelhos no chão diante da senhorita Pluderbottom.

— Por favor! — ele suplicou. — Não conte pra ninguém! Eu faço qualquer coisa! Mando-te todas as apresentações de Shakespeare, em cada Teatro Globe recriado no mundo inteiro! Você ia adorar o de Tóquio! E Dallas! E Roma! E...

— Jonah. — A senhorita Pluderbottom riu de verdade. — Não é crime gostar de Shakespeare.

— Isso iria acabar com a minha reputação! — Jonah exclamou. — Iria queimar meu filme na hora!

É claro que, perto dos outros Janus, ele podia admitir que adorava Shakespeare. E Mozart, Rembrandt, Beethoven, Bach... toda a velha guarda. Na China, ele tinha até se distraído e falado demais para Dan. Mas pensou que poderia negar se fosse preciso.

Ele jamais podia deixar que seus fãs descobrissem esse seu lado.

— Tudo bem — ela o confortou. — Shakespeare tem muito em comum com os artistas de hip-hop.

Jonah olhou fixo para ela.

— Isso... isso é o que eu sempre achei — ele sussurrou.

— É por isso que eu sempre uso *Living la vida gangsta* para apresentar meu módulo sobre sonetos de Shakespeare. Realmente faz meus alunos prestarem atenção no ritmo das palavras — contou a professora.

Jonah caiu de costas no chão. Ao conseguir sentar-se de novo gaguejou:

— Você... você conhece meu trabalho?

— Como assim?! — ela exclamou. — Uma professora solteirona de Iowa com 70 anos não pode gostar de hip-hop? Essa música nova que você postou na internet, *Como a luta dói,* acho que talvez esse seja seu melhor trabalho!

Então a senhorita Pluderbottom era sim só mais uma fã. Tudo ia dar certo.

— Então você vai dizer pra polícia e pra mídia que estava enganada — afirmou Jonah — Diga que você só me confundiu com algum outro menino no Globe. Fala que eu nem estava lá!

— Não posso fazer isso. Você não ouviu nada do que eu disse sobre integridade e honestidade? — ela replicou.

— Mas... você é minha fã!

— E esse é mais um motivo para eu não mentir por você — ela disse. — Dizer a verdade é bom para o seu caráter e para o meu. *A ti mesmo sê leal/ e seguir-se à, como a noite o dia, / que não podes ser perjuro a homem nenhum.* De...

— *Hamlet* — completou Jonah, emburrado.

Jonah se sentia o próprio Hamlet: perdido. A senhoria Pluderbottom nunca mudaria o depoimento. Ele seria condenado por vandalismo. Sua carreira iria por água abaixo. E a busca pelas pistas apenas ficaria cada vez pior... até que ele realmente precisasse matar alguém.

— Jonah, minhas palavras não são vazias — ela disse num tom delicado — Acho que você precisa ser leal consigo mesmo.

Ela provavelmente só estava falando sobre admitir para o mundo que ele gostava de Shakespeare. Mas Jonah ouviu muito mais que isso na voz da mulher.

Quem é meu verdadeiro eu? O menino que armou para Dan ser assassinado... ou o menino que o salvou?, Jonah se perguntou. *O menino que obedece à mãe ou o que vê um jeito melhor de fazer as coisas?*

Quem sou eu?

Capítulo 10

Dan espiou dentro de um berço. Ali havia um boneco representando Willian Shakespeare bebê.

Talvez a próxima pista esteja escondida nesse boneco de algum jeito, pensou Dan. *Embaixo da roupa? No enchimento?*

Esticou o braço para pegar o boneco...

E sentiu seu corpo inteiro ser puxado para trás. Alguém o tinha agarrado pelo colarinho.

— Rapazinho! — Era a guia, uma mulher que tinha parecido simpática quando ele, Amy e Nellie entraram no quarto onde Shakespeare supostamente tinha nascido.

Agora ela olhava feio para ele.

— Não encoste nos artefatos! — ela o repreendeu severa.

— Mas você acabou de falar que nenhum dos móveis é original, por isso...

— Mesmo assim, eles têm centenas de anos! — exclamou a guia.

Seria abusar da sorte se Dan dissesse "O boneco, não. Ele parece de plástico"?

Antes que Dan tivesse chance de decidir, a guia o empurrou em direção à próxima sala.

— Saia! — ela ordenou.

Amy e Nellie ficaram para trás, fingindo que não o conheciam. Talvez achassem uma dica sem Dan.

Mas quando elas o reencontraram no jardim atrás da Casa de Shakespeare, Amy balançou a cabeça, tristonha.

— Aquela guia era uma quebra-molas! — reclamou Dan.

— Outro xingamento do Shakespeare? — perguntou Nellie.

— Não... Eu vi isso escrito numa placa na estrada quando estávamos chegando aqui — Dan admitiu. — "Cuidado com os quebra-molas"... Deve ser tipo uma lombada, mas parece um xingamento, não parece?

Amy tirou a mochila dos ombros e deixou caiu no chão. Estava carregando uns 12 livros de Shakespeare, "por via das dúvidas". Parecia querer acertar os dedos dos pés de Dan, porém ele conseguiu escapar.

— Sério mesmo, Dan — disse Amy. — Você achou que podia simplesmente pegar o que quisesse, com a guia bem do seu lado? Use a cabeça!

— Eu estava usando a cabeça! — insistiu Dan. — Achei que a guia não estivesse olhando. E que o boneco seria o melhor lugar para esconder uma dica. E que não teríamos muito tempo. E se outra pessoa achar a próxima pista antes de nós?

Amy pôs as mãos nos quadris.

— Você está vendo alguma das outras equipes à espreita? — perguntou Amy.

— Não, mas...

Dan parou de falar, pois Amy não estava mais escutando. Estava olhando o jardim deserto ao redor, com um olhar de perplexidade no rosto. Andou até a cerca e observou a rua de uma ponta à outra.

— O que você está procurando? — Dan quis saber.

Amy voltou com uma expressão estranha no rosto.

— Os Cahill — ela respondeu. — Não é estranho que nenhum dos outros esteja aqui?

Dan se deu conta de que aquilo era surpreendente. As outras equipes tinham tido 18 horas para alcançá-los. A Casa de Shakespeare já estava fechada quando eles chegaram a Stratford na noite anterior – e estava trancada, com barras intimidadoras em todas as janelas. Por isso os três tinham se instalado num hotel e esperado o dia seguinte.

— Aposto que ninguém além de mim pegou uma parte tão grande do poema de Globe — disse Dan, com orgulho. — Eles não conseguiram decifrar.

— É, mas vir pra Stratford-upon-Avon é meio óbvio se você está procurando uma coisa que tem a ver com Shakespeare — argumentou Amy. — E todos eles sabem sobre Shakespeare, senão não teriam ido ao Globe. Quem sabe deixamos passar alguma coisa. Quem sabe os outros estão em alguma das outras casas de Shakespeare.

— Peraí... quantas casas onde Shakespeare nasceu tem aqui? — Dan perguntou, tentando não demonstrar pânico. — O cara só nasceu uma vez. E foi aqui. Certo?

Amy riu.

— Certo, até onde se sabe. Mas existem outras quatro casas de Shakespeare na região de Stratford — ela disse. Tirou um livro da mochila e começou a folheá-lo. — As casas onde a mulher dele cresceu, onde a mãe dele cresceu, onde a filha e o genro moraram, onde a neta morou...

— Puxa, por que eles não preservaram logo todas as casas onde o cara pisou? — murmurou Dan.

— An, bem que eu queria! — disse Amy, melancólica.

— Tá de brincadeira, Amy — disse Dan. — Engraçadinha, você.

— Bom, acho que a gente devia ir a todas as outras casas de Shakespeare, só pra garantir — sugeriu Amy, consultando o livro. — Podíamos começar por...

— Ah, não — protestou Dan, balançando a cabeça. — Lembra do poema? — Ele enfiou a mão no bolso e tirou os pedacinhos de papel que tinham trazido do Globe. Juntos colaram tudo cuidadosamente com fita adesiva. — “Pois foi lugar de seu na-nascimento.” Nós até escrevemos isso no papel! Por isso é aqui que a gente tem de procurar. Só. Esta. Casa. Velha.

— Lugar de seu na-nascimento — caçoou Nellie.

— Bom, eu tive que falar desse jeito — disse Dan. — É como se as palavras me forçassem a isso.

Nellie começou a rir. Depois parou e olhou boquiaberta para ele.

— Me dá isso — ela disse, arrancando o papel das mãos de Dan.

Parecia ler para si mesma. Seus lábios se mexiam. Sua cabeça subia e descia, como quando ela estava ouvido o iPod.

— Pentâmetro iâmbico — ela murmurou. — Deve ser pentâmetro iâmbico, não é?

Ela se debruçou e começou a fuçar na mochila de Amy.

— Tem algum livro que analisa os sonetos de Shakespeare? — Nellie perguntou.

— Não — disse Amy, como se pedisse desculpas. — Eu não podia comprar tudo. Tinha pouco espaço na mochila.

Nellie ficou de pé num pulo. Olhou para a loja de presentes, balançou a cabeça e depois voltou correndo para dentro da Casa de Shakespeare.

Amy e Dan se entreolharam e correram atrás dela.

Quando a alcançaram, ela estava no primeiro andar outra vez, de volta ao quarto onde Shakespeare havia nascido. E estava falando com a guia que tinha gritado com Dan.

Ele tentou se esconder atrás de Amy.

— Os sonetos de Shakespeare — Nellie estava dizendo para a guia. — Pentâmetro iâmbico, certo?

— Ah, sim — respondeu a mulher. — Quase sempre. Pentâmetro iâmbico, 14 versos, rimas em esquema a-b-a-b...

— C-d-c-d-e-f-e-f-g-g — concluiu Nellie, como se estivesse concordando com a mulher.

Dan achou que Nellie estava tagarelando em alguma língua estrangeira: francês, espanhol ou até italiano, que ela tinha aprendido tão rápido. Mais uma vez, Dan não fazia ideia do que ela estava falando.

Ah!, ele percebeu de repente. *Ela está distraindo a guia para eu poder examinar o boneco!*

Ele só queria que Nellie o tivesse avisado de seu plano. Dan cutucou Amy. Se pudesse fazê-la dar um passo à direita, ele poderia se debruçar sobre o berço e a guia não o veria. Amy olhou para ele e Dan fez um gesto com as mãos.

Amy franziu a testa e fez que não com a cabeça aproximando-se da guia e de Nellie.

Certo, talvez aquilo funcionasse melhor.

— Pentâmetro? — Amy perguntou à guia. — Isso significa cinco de alguma coisa por verso?

— Cinco pés — respondeu a guia.

Elas ainda estavam falando de poesia? Desde quando poesia tem pés?

— Bom, talvez seja mais fácil pensar como se fossem cinco batidas por verso — explicou a guia. — É mais fácil ouvir se você declamar em voz alta como, por exemplo, que tal o Soneto 18: “A ti comparo um dia de verão”! Está vendo? Cinco sílabas marcadas, cada uma vindo depois de uma sílaba átona. Pentâmetro iâmbico.

— Bem que eu desconfiei! — exclamou Nellie.

Ela estava apelando um pouco. Falava como se aquilo fosse divertido, como se o não-sei-que-lá iâmbico de fato importasse.

A guia olhou para Dan. Rapidamente, ele se agachou atrás de Amy outra vez.

Nellie estava mexendo no papel colado com fita.

— Hã... uma amiga minha está tentando escrever um poema sobre Shakespeare no mesmo estilo dos sonetos dele — ela disse, estendendo o papel para a guia ver. Nellie o dobrou, deixando à mostra só o final. — Este último verso na verdade não funciona, né?

— “Pois foi lugar de seu na-nascimento?” — a guia leu em voz alta.

Ei!, pensou Dan. As palavras também forçaram ela a dizer desse jeito.

Enquanto a guia estava curvada sobre o papel, Dan foi até o berço novamente. Amy o puxou de volta no exato instante em que a guia levantava a cabeça.

Me dá cobertura!, Dan queria gritar. Mas talvez aquilo não importasse. Talvez Dan devesse simplesmente mergulhar no berço, agarrar o boneco e sair correndo tão rápido que ninguém pudesse apanhá-lo.

Ele esperou a guia olhar o papel outra vez.

— Tem certeza de que este poema é de uma “amiga”? — perguntou a guia, desconfiada. — Não é seu mesmo?

— Ah, não — disse Nellie. — Eu não escreveria desse jeito.

Ela esticou a mão e agarrou Dan pelo braço, mantendo-o preso.

Agora Dan estava totalmente confuso. Com Nellie o segurando, como ele ia pegar o boneco e fugir? O que ela esperava que ele fizesse?

— Este verso não está tão ruim — a guia estava dizendo. — Não precisava ter sido rasgado. Você consegue pensar numa palavra de cinco sílabas que signifique “nascimento”? É isso que está quebrando o ritmo.

Dan gelou.

Aquilo de que elas estavam falando... *era* mesmo importante. Todo esse papo sobre sílabas e ritmo significava que a palavra de que Amy tinha tanta certeza estava errada. O boneco que Dan estava planejando roubar não importava. Eles não tinham que procurar a próxima dica no lugar onde Shakespeare nascera. Tinha que olhar em outro lugar.

A guia ainda estava estudando o papel.

— Tem certeza de que sua amiga não quer escrever sobre a morte de Shakespeare em vez de ser sobre seu nascimento? — ela perguntou. — “Sepultamento” se encaixaria perfeitamente aqui.

*Sepultament*o, pensou Dan. “Pois foi lugar de seu sepultamento.” É isso.

Nellie pegou o papel de volta das mãos da guia.

— Você tem razão! — ela exclamou. — Obrigada! Obrigada!

Ainda com a mão no braço de Dan, ela começou a arrastá-lo para a porta.

— Não tem de quê, mas... aonde você está indo? — perguntou a guia.

— Tive um rompante de inspiração poética. Preciso segui-lo — explicou Nellie.

— Onde Shakespeare foi enterrado? — perguntou Dan.

Ele achou que não havia perigo em deixar a guia perceber sua presença, agora que estava indo embora.

— Igreja da Santíssima Trindade, lá perto do rio — disse a guia. — É só seguir...

Mas Dan não ouviu o resto. Ele, Amy e Nellie já tinha atravessado a sala seguinte e desciam as escadas depressa, pulando três degraus por vez.

Capítulo 11

Sinead Starling se agachou atrás de um banco da Igreja da Santíssima Trindade. Com Alistair, formava a equipe de reconhecimento de área. Seus irmãos vigiavam o lado de fora. Pelo menos era o que ela havia dito a Alistair que os meninos fariam.

Ele não percebeu, não é?, ela se perguntou. *Não notou que meus irmãos estão...*

Havia certas palavras que Sinead não se permitia pensar. Ela apertou os braços em volta do corpo. Mesmo por baixo do agasalho, sentia as saliências das cicatrizes que cruzavam seu tórax, uma das lembranças da explosão do Instituto Franklin. Ela tremeu, atingida outra vez pelas recordações horríveis:

O clarão, o estrondo do que parecia ser o mundo inteiro caindo em cima dela e dos irmãos... a dor... os gritos. Quantas vezes ela chamou pelos irmãos antes de alguém responder? Quantas vezes Sinead implorou, "Salvem eles! Por favor, salvem eles!"?

Sinead cerrou os dentes e tentou deter o fluxo de lembranças.

Realmente precisamos vencer, ela lembrou a si mesma. *Custe o que custar. É só nisso que podemos pensar.*

Ela e os irmãos já tinham tido dois golpes de sorte, recebendo dicas misteriosas sobre o Globe ontem e a igreja hoje. Não que Sinead tivesse exatamente contado a Alistair que estava recebendo ajuda em suas brilhantes deduções.

— Psiu — veio o sussurro de Alistair pelo aparelhinho de comunicação escondido na faixa de cabeça de Sinead.

Ela podia não confiar em Alistair, mas aquele era um ponto a seu favor: ele adorava aparelhos tanto quanto Sinead e os irmãos. Ou tanto quanto eles sempre tinham adorado antes.

— Estou aqui — Sinead sussurrou de volta. — Ainda nada a reportar.

Não que ela pretendesse reportar para Alistair algo que realmente valesse a pena.

— Acho que podemos dispensar seus irmãos da vigia — Alistair sussurrou de seu posto do outro lado da igreja. — Parece que chegamos tarde à festa.

— O quê? O que isso quer dizer? — chiou Sinead.

Ela ergueu a cabeça tão depressa que deu uma cabeçada na lateral do banco.

Ah, percebeu Sinead, enquanto a dor em sua cabeça aumentava. *Ele quer dizer que as outras equipes já estão aqui.*

Um grupinho dos Holt avançava pela nave, perto da frente da igreja, no que parecia ser uma formação militar.

Jonah Wizard espreitava junto à parede, passando os dedos nas pedras.

E dois dos malditos Kabra, Natalie e Ian, estavam cercando Alistair, encurralando-o num canto.

Somos Ekat, você é Ekat... Na verdade é como se estivéssemos no mesmo time, Sinead havia dito para Alistair no dia anterior, quando tentava convencê-lo a contar seus segredos. Será que ele tinha acreditado nela? Será que esperava sua ajuda agora?

Sinead começou a se levantar. Ficou de pé. Porém a lembrança da explosão no Instituto Franklin ainda rondava sua mente. Sinead ainda não sabia qual das outras equipes tinha causado aquilo. E se tivessem sido os Kabra?

Ian estava enfiando a mão no bolso.

Para tirar um revólver?, Sinead se perguntou. *Ou algo pior... uma granada de mão? Um detonador?*

O flashback de Sinead estava recomeçando. Se houvesse outra explosão, será que ela conseguiria alcançar os irmãos a tempo de garantir sua segurança?

Ian tirou do bolso... um pedaço de papel.

— Quantas pistas você tem, tio Alistair? — ele perguntou numa voz simpática enquanto olhava para o papel. — Só entre nós, pode me dizer. Pode contar vantagem. Diga como vocês Ekat são mais espertos que nós Lucian.

Ele lançou para Alistair um sorriso que provavelmente tinha a intenção de ser sedutor. Sinead achou que parecia desesperado.

Desespero era um sentimento que ela entendia.

— Apelando para minha vaidade, não é mesmo? — perguntou Alistair. — Ora, por favor. Me dê crédito, sou mais esperto que isso.

— Você tem 14 pistas, não tem? — perguntou Natalie. — Quinze, se contarmos a pista que os Starling roubaram de Bae Oh e compartilharam com você. E três delas são pistas que ninguém além dos Ekat possui. Certo?

Alistair piscou.

Tio Alistair!, pensou Sinead. *Você não consegue fingir melhor que isso? Você acaba de confirmar tudo!*

— Não! — respondeu Alistair, exagerando um pouco na ênfase. — Vocês estão enganados!

Ian anotou alguma coisa em seu pedaço de papel.

Rapidamente, Sinead enfiou uma lente de contato no olho, uma das lentes de visão telescópica que ela e os irmãos haviam projetado. Ela focou o mais rápido que pôde o papel na mão de Ian. Era um emaranhado de iniciais, números e pontos de interrogação. A maioria das pessoas teria achado aquilo sem pé nem cabeça. Mas Sinead sempre tinha sido boa em matemática. Concentrou-se na coluna onde Ian tinha escrito o número 3. Somou os números de cabeça e refez a conta duas vezes.

Nas três vezes, ela chegou ao mesmo resultado: 38. E sabia o que aquilo significava: Ian Kabra achava que juntas, as equipes tinha achado 38 pistas.

Estamos mais atrás na corrida do que eu pensava, percebeu Sinead, dominada pelo desespero. *Só falta uma pista.*

As cicatrizes em seu tronco doíam. Sua cabeça latejava. Ela tirou a lente telescópica, espiou pela porta atrás de sim e viu seus irmãos agachados atrás de uma lápide no cemitério da igreja.

Vamos fazer o que for preciso, pensou Sinead. *Mentir, enganar, roubar, trair cada parente que temos... Nós Starling precisamos encontrar a última pista.*

* * *

Hamilton patrulhava a parte da frente da igreja enquanto sua mãe e suas irmãs examinavam o túmulo de Shakespeare, que ficava do lado de dentro em vez de lá fora, no cemitério. Na verdade, o túmulo era parte do chão, um pouco próximo do altar, e ficava protegido por uma corda.

O rapaz viu Ian e Natalie Kabra chegando perto demais.

— Cai fora — ordenou Hamilton. — Isso agora é território dos Holt.

Numa briga limpa, Hamilton sabia que poderia dar conta dos dois irmãos Kabra, sem esforço. Porém os Kabra não brigavam limpo. E seu pai não estava lá para dar apoio. Eisenhower tinha saído de manhã cedo para uma missão altamente confidencial em algum outro lugar de Stratford. Pouco antes de sair pela porta, ele tinha posto sua gigantesca mão no ombro de Hamilton e dito:

— Conto com você para tomar contar das coisas por aqui, filho.

Isso significava esmurrar Ian antes de ele sequer respirar de novo?

Ian ergueu a mão num gesto de inocência. Falsa, é claro.

— Só uma simples pergunta — perguntou Ian. — Vocês acharam dez pistas, certo?

Hamilton espremeu os olhos, tentando decifrar Ian.

— Por que eu iria contar isso pra você? — Hamilton perguntou. Será que ele devia começar a esmurrá-lo agora?

Mary-Todd surgiu do lado deles.

— Você por acaso está propondo uma troca de informações? — ela perguntou a Ian em voz baixa. — Um momento de cooperação?

— Não — disse Ian, recuando. Ele puxou a irmã consigo. — Não. Não é isso. Não... eu não acho...

Agora Hamilton olhou para a própria mãe, espantado. *Troca de informações? Momento de cooperação?* De onde tinha vindo aquilo?

Mary-Todd Holt estava aflita, observando as outras equipes. Sinead discutia com Alistair junto à parede oposta. Ian e Natalie deslizavam na direção de Jonah, feito um par de cobras se arrastando até a presa.

— Deveríamos ficar preocupados com os que não estão aqui? — murmurou Mary-Todd.

— O quê? — perguntou Hamilton. — Todo mundo está aqui, tirando o pai. E...

E Amy e Dan. E Isabel Kabra.

Hamilton deu as costas para a mãe e correu atrás dos irmãos Kabra. Agarrou Ian pelo pescoço e o levantou do chão, pressionando sua cabeça contra a parede de pedra. Era uma ótima sensação fazer *algo*.

— Onde eles estão? — exigiu saber. — O que sua mãe diabólica fez com o Dan e a Amy?

Natalie puxava inutilmente o braço de Hamilton.

— Solta ele! — ela gemeu. — Minha mãe não fez nada com o Dan e a Amy. Ela nem está aqui!

— Certo — disse Hamilton. — Ela não está aqui, o Dan e a Amy não estão aqui... Tudo se encaixa. Todo mundo conhece sua mãe. Ela tentou jogar Amy pros tubarões. O Dan disse que ela soltou aranhas e cobras venenosas em cima deles. Ela tentou queimar os dois vivos. Mandou vocês explodirem uma caverna em cima deles. O que ela está aprontando agora? O que está fazendo com o meu amigo e com a Amy?

— *Agh... ulp... ugh*! — engasgava Ian.

— Lá estão eles! — gritou Natalie. — A Amy e o Dan acabaram de entrar na igreja!

Hamilton achou que fosse só um truque, como um adversário numa briga que diz “Olha! Seu cadarço está desamarrado!”, para poder desferir um soco no burro que olhasse. Mas Hamilton não tinha muito receio de levar um soco da pequena Natalie Kabra. Então olhou.

Amy, Dan e sua *au pair* de cabelo maluco entraram em disparada pela porta lateral. Seus rostos estavam vermelhos, como se tivessem corrido muito.

Hamilton soltou Ian e o menino se espatifou indefeso no chão.

— Até mais — disse Hamilton. Fez menção de ir embora, depois mudou de ideia. Chegou mais perto, seu nariz a poucos centímetros do de Ian. Hamilton sinceramente esperava que o queijo inglês fedido que tinha comido no café da manhã ainda estivesse presente em seu hálito. — Mas falem pra sua mamãe que é melhor ela nunca mais tentar machucar a Amy e o Dan. Senão...

Ian recuou.

— Você não precisa ter medo de nossa mãe fazer nada com ninguém — disse Natalie.

Ela olhou de relance para um requintado bracelete relógio em seu pulso. Era o tipo de coisa que Madison e Reagan não usariam nem mortas.

— Minha mãe está sob controle. Contanto que terminemos a busca das pistas a tempo. — Ela consultou o relógio outra vez, embora não tivessem passado mais de dez segundos desde a última olhada. — Temos que ir depressa.

— Você... você acha que a Amy e o Dan nos ajudariam a tentar descobrir o que devemos procurar aqui? — perguntou Ian numa voz fraca.

— Talvez... Se vocês nunca tivessem tentado matar eles — disse Hamilton.

— Pois é — murmurou Ian, triste. — Foi isso que eu pensei.

Hamilton nunca tinha imaginado que acabaria sentindo pena de um Kabra.

Por que havia tantas surpresas na busca pelas pistas que não tinham nada a ver com as pistas?

Capítulo 12

Fomos os últimos a chegar, pensou Amy, ofegando enquanto entrava na igreja. *É como se mais uma vez estivéssemos em último lugar.*

Ned e Ted Starling estavam lá fora, no cemitério, espiando atrás das lápides. Jonah Wizard estava agachado num banco, estranhamente sem seu inseparável pai obcecado pelo celular. Hamilton e os irmãos Kabra estavam reunidos junto à parede. Mary-todd, Reagan e Madison Holt estavam na frente da igreja, olhando fixo para o chão. Sinead Starling e Alistair estavam sussurrando perto do altar.

Todos se aliaram de jeitos diferentes, deixando a gente de fora, pensou Amy. *Todos estão decifrando a pista e nós ainda nem vimos o túmulo de Shakespeare.*

— Ah, que bom! — disse Dan, alegre. — Nenhuma das equipes foi embora ainda!

— Ficou doido? — perguntou Amy. — Você queria rever nossos inimigos depois da cena de ontem? Depois de tudo o que aconteceu na busca pelas pistas?

— Não — respondeu Dan. — Mas, se todos ainda estão aqui, isso quer dizer que ninguém descobriu o próximo lugar para onde temos de ir.

Nesse ponto ele tinha razão.

— Então cadê a Isabel Kabra? — Amy quis saber.

— E cadê o Eisenhower Holt? — perguntou Nellie.

Dan deu de ombros.

Nada impedia que Isabel e Eisenhower tivessem saído em busca da próxima pista, usando os Kabra e os Holt que ainda estavam na igreja como iscas.

O bom disso, pensou Amy, *é não termos de enfrentar as piores pessoas que estavam presentes na noite em que nossos pais morreram.*

Amy respirou com um certo esforço. Eles ainda tinham de enfrentar todos os outros.

Não posso deixar nenhum deles vencer, ela lembrou a si mesma. *Não posso deixar nenhuma dessas pessoas terríveis conquistar o maior poder do mundo. Pois, nesse caso, ainda mais pessoas inocentes morreriam...*

Ela teve uma lembrança repentina do rosto gentil e sorridente de Lester, lá na Jamaica. Lembrou que aquele sorriso tinha sumido por completo.

Temos que continuar pelo Lester, ela pensou. *Pela mamãe e pelo papai. Pela Grace...*

Amy deu mais um passo em direção aos inimigos que estava entre ela e o túmulo de Shakespeare. Aquilo não era como no Globe, onde seus concorrentes haviam surgido de todos os lados, e só o que ela e Dan podiam fazer era sair correndo. Agora era mais difícil. Amy teve tempo

para pensar entre um passo e outro, para se lembrar de quanta destruição as pessoas naquela igreja já haviam causado, de como tantos deles haviam chegado perto de matar a ela e seu irmão.

E os Madrigal querem que nós todos sejamos amigos?, pensou atônita.

— Aê! Meus camaradas! Amy e little Dan! O que tá pegando?

Era a famosa voz de Jonah Wizard, ressoando do outro lado da igreja. Amy olhou para o irmão, que tinha ficado todo amiguinho de Jonah na China.

Dan estava olhando fixo para a frente, com o rosto pálido.

— Aê! Qualé, primos... chega de ódio — gritou Jonah. — Olha, talvez eu devesse pedir desc...

Nellie apareceu, bloqueando o caminho de Jonah e esticando os braços na frente de Amy e Dan, num gesto protetor.

— Você não devia estar sob a custódia da polícia? — Ela perguntou a Jonah. — Preso pelo que aconteceu no Globe? Ou... na China? Ou no Egito?

Ela o encarou, com a intensidade de um raio laser no olhar. Amy se pegou repensando na imagem que fazia de Nellie, como uma *au pair* que não está nem aí.

Jonah deu um passo para trás.

— Não, não, aqueles foram todos... mal-entendidos — ele respondeu, assustado. Recuperou-se o bastante para exibir seu famoso sorriso. — E sobre a situação no Globe... meus pais estão cuidando disso. — Seu sorriso se alargou. — O que vocês esperavam? Eu sou Jonah Wizard!

Era a imaginação de Amy ou os cantos do sorriso dele estavam tremendo? Alguma coisa incomum transparecia em seus olhos, também... Seria preocupação? Dúvida? Medo?

Vindo do grande Jonah Wizard? Pensou Amy. *Nunca.*

— Achei que você ia abandonar a busca pelas pistas — disse Dan, pronunciando-se com coragem. Ele saiu de trás da proteção de Nellie. — Não foi por isso que você falou pra sua mãe lá na China?

— Pode crer — disse Jonah, confirmando com a cabeça. — A verdade é... sim e não. Eu embarquei numa nova empreitada. Um jeito diferente de procurar pistas, digamos.

Aquele nem parecia Jonah falando. Normalmente o que ele dizia nunca fazia sentido. Isso era típico. Mas *embarquei? Empreitada?* Aquela não era a linguagem do hip-hop.

Jonah deve ter notado Amy olhando embasbacada para ele, pois acrescentou, sem muito ânimo:

— Aê, aê. Pode crer.

Amy não tinha tempo para entender Jonah Wizard. Virou de costas para ele... e imediatamente esbarrou em Ian Kabra.

— Amy! — exclamou Ian e seu rosto se iluminou. — Fico feliz em ver que você não se machucou no Globe ontem!

Os olhos âmbar de Ian pareciam cheios de preocupação com o bem-estar dela.

Ah, não, pensou Amy. *Esses olhos nunca mais vão me enganar.*

Amy apertou os próprios olhos, tentando canalizar parte da fúria que Nellie tinha acabado de usar contra Jonah. Fúria era um sentimento muito melhor que medo.

— Saia da minha frente — Amy disse para Ian.

— Não, por favor, apenas ouça... — ele implorou. Olhou em volta desesperado, franzindo um pouco o rosto ao ver Nellie, Dan e Jonah parados tão perto dali. — Se você puder vir comigo, para conversarmos em particular...

— Quer dizer, pra você me levar até sua mãe horrível? Até alguma armadilha? — contestou Amy. — Quão burra você acha que eu sou?

— Isso não tem a ver com a minha mãe — afirmou Natalie, ao lado de Ian. — Não estamos... quer dizer, ela nem está aqui. Sabemos quantas pistas vocês tem e...

Amy deu um passo adiante, ultrapassando-os. Seu coração bateu forte... Ela esperava que Ian fosse agredi-la, agarrá-la, começar outro *round* de tortura e pesadelo típico dos Kabra.

Nada aconteceu.

Amy deu outro passo e ousou olhar para trás de relance. Ian não estava tentando alcançá-la. Ele e Natalie tinha virado para o outro lado, na direção da porta.

E... agora estavam indo embora.

O coração de Amy começou a bater ainda mais forte. O pânico a fez tropeçar.

Será que os Kabra já tinham achado a próxima pista?

* * *

Quando Dan, Amy e Nellie finalmente chegaram perto do altar, todos os outros participantes da busca pelas pistas estavam se dirigindo para a saída.

— Até mais, cara — disse Hamilton, acenando meio sem jeito.

— Espera... Você achou alguma coisa aqui? — perguntou Dan. — Ou está desistindo?

— Ah... hã... só estou indo almoçar mais cedo — Hamilton respondeu, quase parecendo envergonhado.

Ele saiu pela porta.

— Todos acharam a pista antes da gente? — perguntou Amy, desconsolada.

— Acho que seria útil fazer um rascunho daquela estátua de Shakespeare ali — disse Nellie, numa voz estranhamente alta. — Algum de vocês tem um caderno para me emprestar?

Amy tirou um caderno da mochila. Dan lançou um olhar surpreso para Nellie. O que havia de errado com ela?

Nellie passou cerca de dois segundos rabiscando alguma coisa, depois entregou para Amy e Dan verem.

— Esse desenho está bom? — ela perguntou, tão alto que o vigia olhou feio em sua direção.

Dan olhou para o caderno.

Nellie não tinha desenhado Shakespeare. Tinha rabiscado uma palavra: CÂMERAS.

— Bom, claro, Shakespeare é, tipo, o cara mais famoso da Inglaterra — disse Dan. — É claro que eles têm câmeras de seg...

Ele parou de falar e olhou em volta. Nellie não estava falando de câmeras de segurança. Estava falando de câmeras de espionagem. Como a que estava escondida na dobra do braço da estátua de Shakespeare. E a que estava escondida perto do altar. E a outra lá em cima do balcão do coral. E a que estava no banco da frente.

Os outros não tinham ido embora porque acharam uma pista. Tinham ido embora porque não conseguiram achar. E queriam saber logo se Amy e Dan a achariam.

Amy estendeu o braço e tomou a caneta da mão de Nellie.

— Acho que você precisa fazer olhos maiores — ela disse. — Tipo assim.

Ela não desenhou olho nenhum. Escreveu: MELHOR DESTRUIR AS CÂMERAS?

— Ah, verdade — disse Nellie, pegando a caneta de volta. Escreveu: NÃO, SENÃO TODO MUNDO VAI VOLTAR. FINJA!!!!

Dan caminhou até a estátua de Shakespeare em tamanho natural. Era parte de um memorial montado na parede, perto do altar. Shakespeare só aparecia da cintura para cima, posando com uma pena e uma folha de papel.

— Aposto que a pista está ali dentro! — exclamou Dan.

Na verdade, ele achava que talvez fosse importante que Shakespeare estivesse olhando ao longe e não para o papel. Quem sabe a pista na verdade estivesse na pedra, na parede oposta?

— Ou nas palavras escritas embaixo — sugeriu Amy.

Havia alguma coisa em latim embaixo da estátua de Shakespeare e depois um poema, que Nellie começou a ler em voz alta.

— "Fica passante, por que passaides tão veloz? / Lede se puderdes, vós que a invejosa morte aqui pôs..." — Nellie torceu o nariz. — Credo. Esse poema é bem ruim.

Dan teve quase certeza de que ela estava falando sério, não estava fingindo.

— Talvez a pista esteja no que está escrito errado — disse Dan. Talvez as outras equipes não soubessem que, na época de Shakespeare, não existia um único jeito de escrever as palavras. — "Arte" sem E, "seu" com O... Acho que vou copiar isso.

Ele tomou o caderno de Nellie e escreveu o que já estava pensando: SEMPRE TEM UM "V" EM VEZ DO "U". SERÁ UM CÓDIGO?

— Dá aqui. Eu faço isso — Amy se ofereceu.

Ela escreveu: SÓ 24 LETRAS NO ALFABETO NO TEMPO DE WS. TODO U=V. TODO J=I.

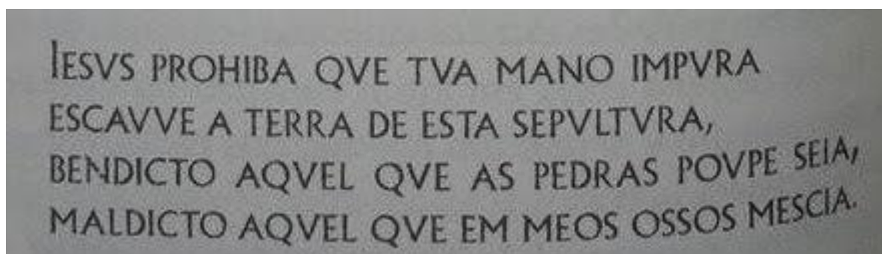
Uau, pensou Dan, Shakespeare só tinha 24 letras para aprender e mesmo assim não sabia escrever certo?

Em voz alta, disse:

— Bom, a gente sabe que a pista não ia estar no próprio túmulo dele, mas vou olhar pra ver se tem alguma coisa escrita errado ali também.

Dan tinha certeza de que despistaria qualquer um que estivesse observando pelas câmeras. Foi olhar o túmulo. Era tão simples e liso que alguém poderia passar batido por ele.

Porém havia uma ameaça gravada no topo:



— “Mano” quer dizer “mão” — disse Amy. — E “aqvel” só pode ser “aquele”.

E “IESVS” era “JESUS”; “POVPE” era “POUPE”; “SEIA” era “SEJA” e “MESCIA” era “MEXA”.

O PRÓPRIO SHAKESPEARE ESCREVEU ISSO E QUIS QUE FICASSE NO TÚMULO DELE, Amy escreveu no caderno. Ergueu a sobrancelha e Dan sabia o que ela estava querendo dizer: *Por que ele teria tanto receio de alguém mexer em seus ossos, a ponto de amaldiçoar a pessoa?*

Coisa dos Madrigal, pensou Dan. A *dica* só pode ser essa.

Ele começou a procurar anagramas nas palavras escritas do jeito bizarro.

Nada. Pelo menos nada que fizesse sentido.

Talvez fosse algum outro problema com o número de sílabas?

Dan tentou contar o número de sílabas por verso, mas não sabia direito se “DE ESTA” seria lido como duas sílabas ou três. Mesmo “MEOS” podia na verdade ser pronunciado como “ME-OS”.

Amy e Nellie vão descobrir se é outro problema de pentagonômetro iâmbico, pensou Dan.

Amy e Nellie pareciam tão perdidos quanto Dan.

Ele tinha certeza de que elas não estavam só fingindo.

* * *

Maldictos somos nós, pensou Amy.

Fazia horas que eles estavam perambulando perto do túmulo de Shakespeare. Amy tinha lido o poema na pedra tantas vezes que estava praticamente gravado em suas pálpebras. Ela achou que jamais o decifraria.

Nellie tinha saído da igreja uma vez e trazido comida escondida para todos eles. Os biscoitos cobertos por glacê com a forma do rosto de Willian Shakespeare não os havia inspirado como ela imaginara. E Dan tinha acabado de sair para usar os banheiros públicos do lado de fora. Mas Amy

sentia como se tivesse sido condenada a ficar junto ao túmulo de Shakespeare por toda a eternidade.

Eu nunca tive a oportunidade de sentar perto do túmulo da Grace, pensou Amy. *E a tia Beatrice nunca quis levar a gente para visitar o dos nossos pais.*

Será que Miss Alice já tinha erguido um túmulo para Lester? Será que alguém ergueria um para Irina Spasky?

Não pense em nada disso agora, Amy disse a si mesma. Percebeu que Nellie, do seu lado, tinha começado a reler a lápide em silêncio pela enésima vez, e Amy fez o mesmo. *Jesus proíba que tua mão impura...*

Passos se aproximaram, um ruído que parecia estranhamente alegre.

— Olhem o que eu achei! — Dan gritou atrás delas.

Amy e Nellie viraram. Amy com um dedo nos lábios e Nellie apontando para a coleção de câmeras de espionagem em volta deles.

— Ah, foi mal... Não tem nada a ver com a busca pelas pistas — disse Dan, com tanta empolgação na voz que Amy suspeitou que ele estivesse mentindo.

Ela fez menção de lhe entregar o caderno onde vinham trocando bilhetes, mas ele recusou com a cabeça.

— Não, sério mesmo! — ele exclamou, mostrando uma sacola enorme. — Acabei de achar um lugar ótimo, chamado Companhia de Decalques de Stratford, bem ao lado dos banheiros. Bom, eu tive que descer por uma trilha, mas mesmo assim... Olha o que eu comprei!

Ele abriu a sacola.

Amy lembrou que, quando a vida deles era normal, uma das obsessões malucas de Dan eram os decalques de túmulos. Vários sábados, lá em Boston, ele ia de ônibus para um cemitério, escolhia suas lápides favoritas e fazia uma cópia esfregando um lápis no papel sobre as inscrições. Mesmo a caminho do funeral da avó, Amy sabia que ele tinha a esperança de fazer um decalque do túmulo dela. Amy imaginou que esses decalques da tal companhia eram basicamente a mesma coisa, porém mais profissionais. Dan estava tirando da sacola folhas de papel preto e figuras de cavaleiros, reis e dragões para usar nos decalques.

— Essa não é a coisa mais legal que vocês já viram? — perguntou Dan, com um sorriso radiante. Ele alternou o olhar entre Amy e Nellie, e seus ombros caíram. Começou a pôr tudo de volta na sacola. — É claro, só comprei isso pra fazer mais tarde, depois de terminarmos a busca pelas pistas.

Ele se agachou ao lado das duas.

Isto parece uma maldição, pensou Amy, e voltou a ler o poema.

O tempo passou. Dan saiu de novo e voltou com mais lanches. Nellie foi alimentar Saladin no hotel. E depois o vigia da igreja estava parado ao lado deles, dizendo:

— Sinto muito. Preciso pedir que se retirem. Fechamos em cinco minutos.

Eles haviam perdido um dia inteiro. E ainda não tinham nenhuma pista.

* * *

— Não podemos ir embora! — protestou Dan. Ele olhou para o túmulo de Shakespeare, a mesma placa de pedra imbecil que ele, Amy e Nellie tinham passado a maior parte do dia examinando. — Ainda não!

O vigia olhava fixo para eles.

— Faz vinte anos que trabalho aqui como voluntário — comentou o velho homem. — Vi muitas pessoas obcecadas por Shakespeare. Mas nunca vi tanta devoção ao túmulo dele. Vocês passaram o dia inteiro aqui, não é mesmo? — Ele balançou a cabeça, descrente.

— O que eu posso dizer... somos fãs — respondeu Dan em voz baixa.

— Então talvez vocês possam voltar outra hora — disse o vigia. — Mas por hoje terão que se despedir do Bardo.

Relutante, Dan ficou de pé e começou a caminhar na direção da porta. Ele trocou olhares com Amy. O rosto da irmã se contorcia de angústia e ele sabia que ela estava pensando: *Mas não podemos ir embora sem uma pista! E... e se todo mundo realmente já decifrou a dica?*

Desesperado, Dan se virou rapidamente.

— Por favor, senhor — ele pediu ao vigia. — Eu sei que provavelmente isso não é permitido, mas... será que eu poderia fazer um decalque das palavras no túmulo de Shakespeare?

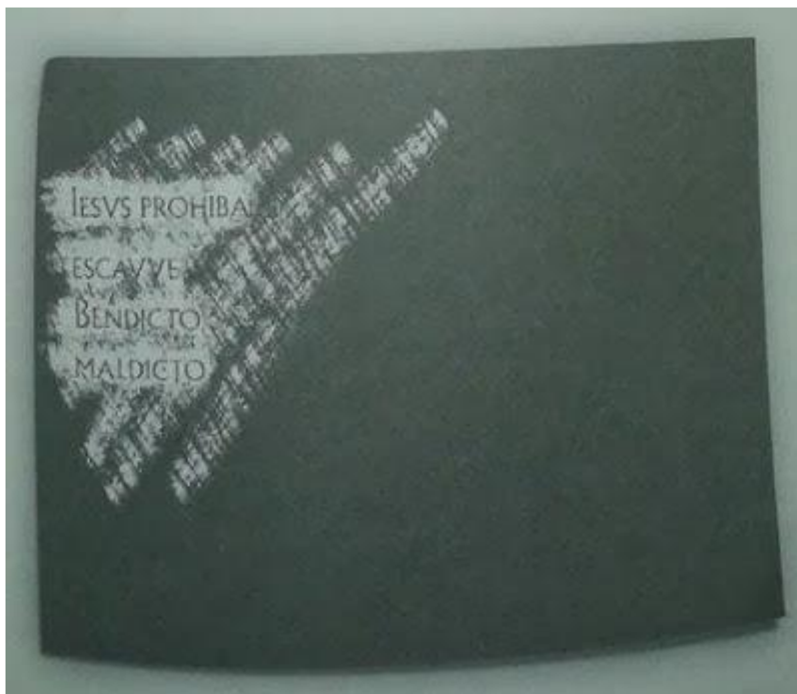
Dan esperava que Amy sentisse orgulho dele por não ter simplesmente corrido até lá. Ele levantou uma das grandes folhas de papel preto que tinha comprado na Companhia de Decalques e usou sua expressão mais inocente, mais merecedora de compaixão.

O velho homem hesitou.

— Ah, está bem — ele disse afinal. — É bom ver um jovem como você já tão interessado em boa literatura.

O homem andou até sua mesa por um instante. Dan tentou observar para ver se ele estava desligando algum tipo de sistema de segurança, mas era impossível saber. Então o homem levantou a corda para deixar que Dan ficasse sobre o túmulo de Shakespeare. Ele teve que afastar um buquê de flores para ajoelhar e começar o decalque.

Dan pôs o papel em cima da inscrição e começou a esfregar um giz de cera prateado na superfície.



As palavras começaram a aparecer na página de Dan. Ele passou para a parte do meio do poema, esfregando o giz de um lado para o outro no papel.

— Ei! O que você está fazendo? Algum tipo de obra de arte? — gritou uma voz e Dan levou um susto, fazendo o giz de cera derrapar pela página.

Era Hamilton Holt.

É claro, pensou Dan. *Se os Holt estavam observando tudo por câmeras, por certo iam achar que eu estava copiando uma dica. Que burrice a minha.*

Felizmente, Amy já estava respondendo por ele.

— Ah, o Dan tem esse hobby maluco de fazer decalques de túmulos — ela respondeu, encolhendo os ombros. — É só isso.

— Legal — disse Hamilton. — Você pode fazer um pra mim?

— E pra mim? — Jonah apareceu atrás dele.

— E pra mim? — perguntou Sinead.

— Sério mesmo, galera. Não é nada de mais — protestou Dan, olhando para cima enquanto continuava a colorir o papel.

— Então você não vai se importar de dividir com a gente. — Agora era Ian falando, enquanto escondia com a mão a câmera que tinha estado no altar.

Então talvez eles não tenham voltado só porque me viram ajoelhando no túmulo, pensou Dan. *Eles voltaram para buscar as câmeras, para que o vigia não as encontrasse ao fechar a igreja.*

Aquilo não aliviou em nada o nervosismo de Dan.

Que diferença faz?, ele disse a si mesmo. *Não achei uma dica. Só estou fazendo uma cópia desse poema para Amy, Nellie e eu podermos ficar olhando para ele por mais seis ou sete horas. Por que não estragar a noite de todos eles também?*

— Claro, vou fazer uma cópia para cada um de vocês — disse ele, fingindo generosidade. — Uma para cada equipe.

Dan olhou de volta para o papel. Ele tinha se descuidado do decalque enquanto olhava para cima. Havia começado a colorir o papel abaixo do último verso do poema, sobre uma parte do túmulo que antes estava coberta pelas flores.

E daí que esta cópia ficou ruim?, pensou Dan. É só eu dar para uma das outras equipes.

Então percebeu que mais palavras estavam surgindo no papel, palavras que estavam gravadas no túmulo tão levemente que não podiam ser vistas na pedra. Só apareciam no decalque. Mas sem dúvida estavam ali. O poema do túmulo de Shakespeare não tinha apenas quatro versos... também tinha uma segunda estrofe secreta.

E o quinto verso secreto, o único que Dan podia ler até agora, começava assim:

MAS SE FORES DO CLAN DOS MADRIGAL...

Capítulo 13

Dan gelou.

Não!, ele disse a si mesmo. *Você não pode deixar ninguém ver que você percebeu uma coisa nova...*

Ele forçou o braço a voltar a se mexer, a continuar esfregando o giz de cera no papel. Mas tomou o cuidado de decalcar longe das palavras secretas. Avançou para cima do papel, como se tivesse apenas tentando alcançar a palavra mais distante, “IMPVURA”. Mas na verdade tentava cobrir o verso secreto com os joelhos.

Seria apenas sua imaginação ou todo mundo estava perto demais? Claustrofobicamente perto? Quem iria perceber primeiro? Será que Ian deste lado veria as palavras *Mas se*, que não estavam totalmente encobertas por seu joelho esquerdo? Ou seria Jonah, do outro lado, quem veria o *Madrigal* não totalmente encoberto com seu joelho direito? Por que Dan não tinha passado a vida inteira comendo o tempo todo para que tivesse joelhos muito, muito gordos?

O giz de cera de Dan quase escorregou para fora do papel. Desde o jardim de infância ele não coloria tão mal. *Não espere*, ele disse a si mesmo. *Use isso!*

Ele arrancou o papel do túmulo e começou a rasgar a página em pedacinhos.

— Deu errado — ele disse, tentando parecer natural. — Desculpem.

Ele enfiou os papéis rasgados, virados para baixo, sob seus pés.

— Amy? — ele pediu. — Você pode me passar outra folha de papel?

Os olhos de Amy encontraram os do irmão. Dan percebeu que ela sabia que ele tinha descoberto alguma coisa. Ela entendeu que ele estava tentando esconder isso dos outros.

— Claro — Amy respondeu e lhe deu o papel.

Enquanto ele começava, com o máximo cuidado, a fazer outro decalque apenas dos quatro primeiros versos do poema, Amy começou a falar.

— Algum de vocês também foi ver a casa onde Shakespeare nasceu? — ela perguntou, claramente tentando tirar a atenção sobre Dan. — O papel de parede em alguns dos quartos é tecido pintado... uma espécie de tapeçaria barata, segundo a guia. Mas é supercafona. No século XIX, quando os turistas visitavam a casa, escreviam seus nomes nas paredes e janelas. Houve uma briga pelo controle da casa e eles caiaram as paredes para cobrir os nomes, mas ainda tem algumas janelas com nomes escritos, até de pessoas famosas como Sir Walter Scott... Ah, e John Adams e Thomas Jefferson visitaram a casa juntos em 1786, eu acho, e os dois assinaram o livro de visitas...

Obviamente, Amy estava tentando deixar todo mundo tão entediado a ponto de eles caírem no sono.

Dan terminou dois decalques e os entregou. Hamilton se afastou em direção à porta. Ian também. Mas Sinead chegou mais perto.

— Eu li sobre isso! — ela disse para Amy.

— E você sabia que P. T. Barnum tentou comprar a casa de Shakespeare em 1847? — acrescentou Amy. — Ele queria mandá-la de navio para os Estados Unidos e montá-la sobre rodas, para ser exibida no país inteiro. Como se fosse parte do seu circo.

— Que horrível! — exclamou Sinead.

Dan enfiou um decalque na mão de Sinead. Depois fez um para Jonah também. Certo, Amy, ele pensou, torcendo para que ela pudesse ler sua mente outra vez. Comece a levar os outros na direção da porta para eu poder fazer um decalque para nós, com todos os versos secretos.

— Quem sabe você faria a enorme gentileza de fazer outro decalque só para mim? — disse Alistair, aproximando-se.

Dan levou um susto. Estava tão concentrado em Amy e Sinead que nem tinha percebido que Alistair havia chegado também.

— Eu... eu achei que você formava uma equipe com os Starling agora — comentou Dan. — Só vou fazer um por equipe.

— Ah, mas o que é uma equipe, na verdade? — perguntou Alistair, enigmático. — Shakespeare disse que uma rosa, se tivesse qualquer outro nome, continuaria exalando o mesmo doce perfume. Isso também se aplica a palavra equipe? Ou... família? O que essas palavras realmente significam?

Alistair com certeza estava ficando doido. Só para se livrar dele, Dan fez outro decalque rápido e lhe entregou. Agora apenas o vigia estava parado ao lado de Dan.

— Meu jovem — disse o vigia. — Já passam das seis.

— É o último — pediu Dan, alucinado. — Prometo.

Ele fez a parte de cima do decalque num piscar de olhos, pegando apenas um leve vestígio de cada palavra. Depois mudou de posição. Preencheu a última parte, a parte secreta, de cabeça para baixo, de costas para o vigia. Dan só esperava que o velho não estivesse torcendo o pescoço e olhando por cima do seu ombro. Ele chegou a ter calafrios, pensando no que poderia acontecer... E se o vigia visse as palavras aparecendo no papel de Dan e gritasse alto o bastante para todo mundo ouvir: "Grande Bardo que está no céu! Nunca soube que isso estava escrito no túmulo de Shakespeare!".

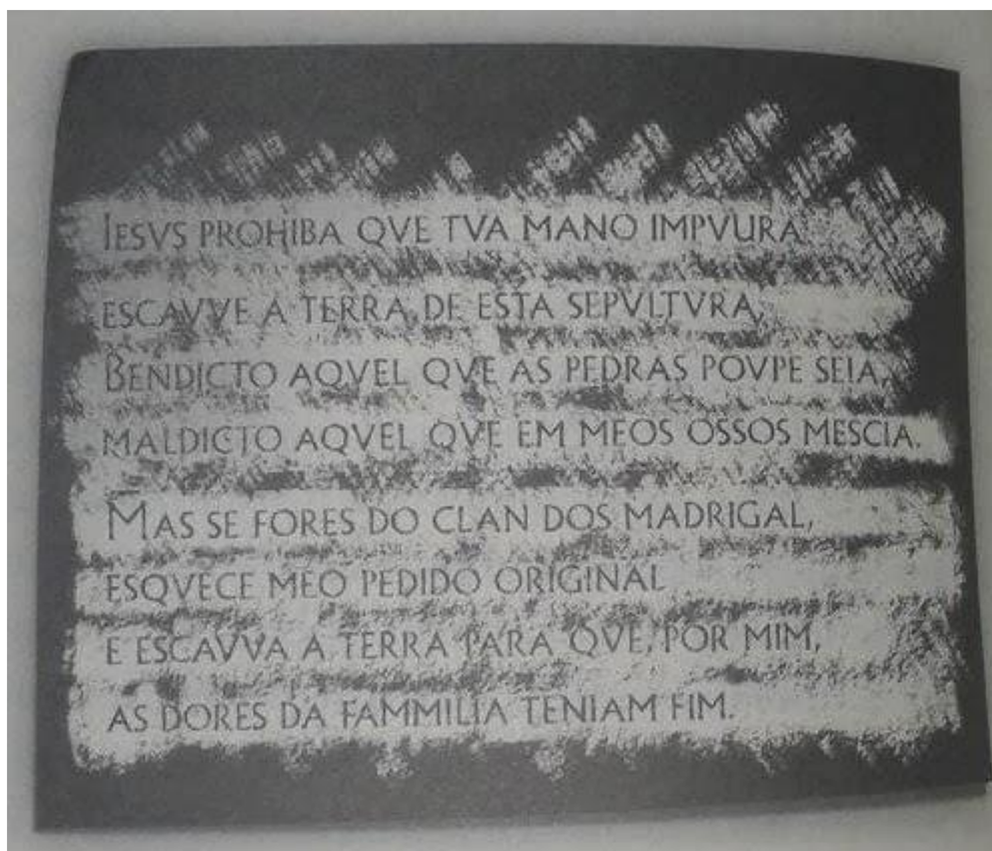
Dan fazia tanto esforço para impedir que o vigia descobrisse os versos secretos que ele próprio ainda não tinha visto. Chegou à parte de parte de baixo do túmulo e soltou o giz. Depois enrolou o papel o mais rápido que pôde.

— Valeu — Dan agradeceu ao vigia.

Assim que saiu da igreja, Dan puxou Amy para o lado. Os outros estavam bem à frente deles, mas Dan não conseguiu esperar. Desenrolou o papel e segurou de modo que somente Amy pudesse ver.

— Esse aqui ficou ótimo, não ficou? — ele perguntou, tentando fazer parecer que apenas se gabava, exibindo seu trabalho.

O decalque prateado brilhava no resto de luz do sol. Finalmente Dan conseguiu ler o poema inteiro do túmulo de Shakespeare, com os versos secretos e tudo:



Legal, pensou Dan. *Finalmente um poema que eu entendo logo de cara. E uma coisa que vai ser divertida de fazer!*

Shakespeare estava pedindo que eles escavassem seu túmulo.

Capítulo 14

Isto é terrível!, pensou Amy, olhando fixamente para o decalque que Dan tinha feito do túmulo. *Não podemos escavar o túmulo de Shakespeare! Não podemos!*

Não que a busca pelas pistas não os tivesse forçado a túmulos antes. Mas aquele era William Shakespeare...

— Amy — disse Dan numa voz muito baixa, para que ninguém mais pudesse ouvir. — Se não fizermos isso, um dos outros vai fazer. Mas cedo ou mais tarde, eles vão achar o resto do poema ou simplesmente vão começar a cavar por não ter nenhuma ideia melhor.

Amy olhou em volta. Logo à frente deles, Jonah falava no celular, provavelmente com um de seus pais:

— Ahã, eu vi a tumba. Até descolei um desenho dela que o Dan fez. E tenho um relatório pronto pra te mandar.

Se Jonah Wizard decidisse escavar o túmulo de Shakespeare, provavelmente compraria a igreja primeiro, mandaria demolir, contrataria um monte de tratores e retroescavadeiras para fazer o serviço... e depois apenas jogaria fora o corpo de Shakespeare quando tivesse terminado.

Se os Holt escavassem o túmulo de Shakespeare, eles provavelmente usariam seu crânio para praticar futebol. Oh, eles não planejariam isso. Mas, para os Holt tudo terminava em esporte.

Se... Amy não podia continuar imaginando possibilidades calamitosas.

— Por que tantas coisas na busca pelas pistas se resumem a decidir entre opções ruins? — ela perguntou ao irmão.

— Eu sabia que você ia concordar em fazer isso! — exclamou Dan, radiante.

— Vamos ser respeitosos — avisou Amy. — Não vamos estragar nada que não seja necessário. Vamos pôr tudo de volta que achamos...

— Exceto a próxima pista — retrucou Dan.

* * *

Fiske Cahill e William McIntyre estavam sentados numa sala privada de um restaurante às margens do rio Avon. A vista era encantadora – as árvores, o céu, os barcos balanço de leve na água – mas nenhum dos dois estava prestando atenção na paisagem. O senhor McIntyre falava no celular. Fiske Cahill desejava que a sua audaciosa e resoluta irmã Grace ainda estivesse viva. Aquele não era um desejo novo para Fiske: ele sentia a falta de Grace com desespero desde que ela tinha morrido. E agora a busca pelas pistas estava caminhando para seus momentos mais

perigosos. O próprio Fiske precisaria tomar decisões que podiam ajudar tanto a salvar como arruinar tudo.

— Você sempre foi melhor que eu nesse tipo de coisa, mana — ele sussurrou.

Ele lembrou a si mesmo que muitas coisas dependiam mais de Dan e Amy do que dele. Mas qual era a justiça disso?

— Sim, obrigado. Adeus — disse o senhor McIntyre, desligando o celular. — Nosso amigo na igreja disse que todos acabaram de partir — informou o senhor McIntyre. — Ele acredita que mestre Dan foi o único a encontrar a dica. Mas um representante de cada uma das outras equipes estava lá. E ninguém estava brigando.

Fiske assentiu com um gesto discreto.

— Então não foi arriscado demais indicar a todas as equipes que deviam ir à igreja — acrescentou o senhor McIntyre, quase parecendo alegre.

Fiske ficou de pé e foi para perto da janela. Queria ter visto a expressão de Amy e Dan ao sair da igreja. Eles estavam felizes? Confiantes? Entusiasmados? Ou desgastados pela busca das pistas? Será que suas vidas jovens e brilhantes poderiam ser destruídas, como tinha acontecido com a vida dos pais deles?

— Esse round ainda não acabou — comentou Fiske. — Olha o que aconteceu quando entregamos todos aqueles ingressos para o Globe.

— Você sabe que precisamos continuar forçando os clãs a se encontrarem — retrucou o senhor McIntyre. — Não há alternativa. Como é mesmo aquela citação de Shakespeare? “No fazer humano existe uma maré/ Que, tomada cheia, conduz à fortuna.” Tivemos que decorar essa fala inteira na escola. A busca pelas pistas é como essa maré para Madrigal. É nossa melhor oportunidade de reunir os Cahill em quinhentos anos. E, como você sabe, nosso êxito agora é mais importante do que nunca. — Sua expressão se fechou outra vez. — É nossa ultima chance.

Fiske nunca tinha ido bem na escola, Era tímido e reservado demais para ficar à vontade na sala de aula ou mesmo apenas com um professor particular. Mas ele tinha quase certeza de que o próximo verso de Shakespeare depois de “conduz à fortuna” era alguma coisa sobre o fracasso e o infortúnio.

— Você sabe que esse verso é da peça Júlio César. Você sabe que ela termina em tragédia — anunciou Fiske. — Não sabe?

* * *

— Temos que contar para Nellie — sussurrou Amy.

— E arranjar equipamentos no hotel — Dan sussurrou de volta.

— Depois já vai estar escuro e poderemos entrar escondidos de volta na igreja — concluiu Amy.

Eles esperaram os outros tomarem distância e pegaram o caminho de volta para o hotel. A noite havia chegado e toda a vila de Stratford parecia estar fechando. A um quarteirão do hotel onde se hospedaram, eles viraram uma esquina... e avistaram Nellie na calçada, falando com Alistair.

— Bom é muita gentileza sua nos convidar para jantar purê com linguiça hoje — Nellie estava dizendo.

Desesperados, Amy e Dan começaram a fazer não com a cabeça, por trás das costas de Alistair.

— Mas estamos muito cansados — disse Nellie, sem mudar a expressão do rosto. — Acho que vamos usar o serviço de quarto e ir para cama cedo.

Amy e Dan confirmaram com a cabeça e voltaram pela mesma esquina de onde tinham vindo. Contornaram o quarteirão para chegar ao hotel. A cada esquina, eles se grudavam na parede e olhavam primeiro, só por garantia.

No quarto, Saladin soltou um furioso *Prr!* Que claramente significava *O quê? Vocês me deixaram sozinho o dia inteiro e agora vão me abandonar de novo?*

Dan agarrou uma lanterna. Amy pegou a melhor ferramenta que conseguiu encontrar na pressa: uma lixa feita de metal. Quando estavam prestes a sair do hotel, ela tirou o celular para ligar para Nellie.

— Você não viu o quão perto Alistair estava dela? — perguntou Dan.

— Certo — disse Amy, tristonha, enquanto guardava o telefone.

— Vamos voltar antes que Nellie tenha a chance de sentir nossa falta — disse Dan.

Mas voltar para igreja foi um processo lento. Eles andavam nas pontas dos pés e viravam as esquinas com muito cuidado. Sempre que passavam por uma janela, paravam e espiavam para garantir que ninguém das outras equipes estivesse observando do lado de dentro. Conforme foi escurecendo, as sombras à sua volta ficaram mais compridas, parecendo esconder silhuetas ameaçadoras. Quando chegaram ao cemitério que rodeava a igreja, Dan acendeu a lanterna. A luz fraca apenas fez a escuridão à sua volta parecer mais densa mais ameaçadora. Sons sinistros ecoavam nas árvores acima deles... seriam corujas? Morcegos?

É só a sua imaginação, Amy disse a si mesma, com firmeza.

Eles alcançaram a porta lateral da igreja. Uma enorme placa advertia os possíveis invasores sobre o excelente sistema de segurança da igreja. Amy perdeu o ânimo ao ver as correntes pesadas enroladas em volta da maçaneta.

— Dan... mesmo se a gente conseguir entrar, a polícia vai chegar aqui antes de termos chance de escavar o túmulo — ela disse.

— Vamos cavar depressa — insistiu Dan.

Ele encostou num dos elos e a corrente inteira começou a desenrolar. Os elos imensos fizeram uma barulheira infernal, roçando uns nos outros e depois caindo no chão. Por fim, fez-se silêncio. A corrente inteira estava amontoada no chão.

— Por que uma pessoa iria passar uma corrente na porta sem trancar as pontas? — perguntou Dan. — Por que apenas fazer parecer que a porta está trancada?

— Alguém de outra equipe chegou aqui primeiro — disse Amy, meio fora do ar.

Eles tinham sido tão ingênuos... Qualquer pessoa poderia ter voltado à igreja de carro, mais rápido do que eles tinham andado. Isabel ou Eisenhower poderiam ter entrado escondidos no exato instante em que os outros partiram. O peso da derrota se abateu sobre Amy.

— Alguém chegou antes da gente — ela resmungou.

— Eles já pegaram a próxima pista e foram embora.

Dan empurrou a porta.

— Não — ele corrigiu a irmã. — Nesse caso, teriam trancado a corrente de novo. Para encobrir o rastro.

A porta se abriu com um rangido.

— Está vendo? — disse Dan. — Quem quer que seja, ainda está aqui.

Capítulo 15

Amy, a covarde, começou a balbuciar que agora eles precisariam tomar muito, muitíssimo cuidado.

— Quem quer que esteja aí dentro deve ter ouvido aquela corrente cair, por isso vai estar alerta — ela sussurrou. Na fraca luz da lanterna, seu rosto parecia fantasmagórico e apavorado. — Eles devem estar preparando uma armadilha para nós. Devíamos voltar e pedir a ajuda da Nellie. Talvez do Hamilton também... O Hamilton nos ajudou antes, vai ajudar agora. Vamos ter que fazer planos, montar nossa própria armadilha...

— O quê? E deixar a pessoa escapar com a pista? Enquanto ficamos sentados conversando? Não mesmo! — disse Dan.

Ele entrou na igreja e foi instantaneamente engolido pela escuridão. Um plano lhe ocorreu ao dar aquele único passo. Amy tinha razão quando disse que a corrente havia feito barulho demais. Dan podia muito bem usar aquilo em seu benefício.

Ele apontou o facho da lanterna para a frente da igreja.

— Polícia! — ele gritou. — Parados!

Não havia ninguém ali.

Depressa, ele vasculhou a igreja toda com o facho de luz. Prestou atenção, tentando ouvir a respiração apavorada de alguém escondido nos bancos. Enfiou a cabeça na porta outra vez e disse a Amy:

— Entra. A barra está limpa.

— Seu *idiota* — resmungou Amy. — Estúpido.

Mas Dan notou que ela tinha entrado na igreja. Então fechou a porta.

— Você esqueceu “sapo marreco e venenoso”, “imbecil de cabeça encalombada” e “vergalho de boi” — comentou Dan. — Mas pelo menos eu não sou uma “tina de bestialidade” que nem você.

— Mais insultos de Shakespeare? — perguntou Amy.

— Quer que eu continue? — retrucou Dan, alegre. — Agora eu sei dezenas.

— Não — disse Amy. — Quero que você fique quieto para a gente pode ouvir se alguém chegar.

Aquilo realmente pareceu uma boa ideia para Dan. Ele calou a boca e ambos andaram nas pontas dos pés até o túmulo de Shakespeare. Dan segurou a lanterna rente ao chão para iluminar o piso irregular de pedra. Mas todo tipo de perigo parecia espreitar na escuridão além do facho da lanterna.

Se uma das outras equipes não está aqui escavando o túmulo de Shakespeare, então quem deixou aquela porta destrancada?, Dan se perguntou. *Será que é mesmo uma armadilha?*

Não havia nada que ele pudesse fazer, senão continuar andando em direção ao túmulo.

— Shakespeare morreu em 1616 — sussurrou Amy. — Espero que ninguém tenha trocado a argamassa em volta do túmulo desde essa época. Uma argamassa com 400 anos de idade deve ser quebradiça, fácil de cavar. Mas se for mais nova que isso...

— Vamos dar um jeito — Dan sussurrou de volta.

Eles agora estavam junto à lápide. Dan se agachou e afastou o buquê de flores outra vez. Seus dedos roçaram as palavras entalhadas secretas que tinham aparecido no decalque; linhas vagas na pedra, parecendo aleatórias. Não era surpresa que pudessem ter passado quase quatrocentos anos sem serem detectadas.

Amy mordeu o lábio.

— Cuidado pra não quebrar a pedra — ela avisou.

— Amy, é uma *pedra* — disse Dan. — Como é que eu vou quebrá-la?

— Com seus superpoderes? — brincou Amy.

Para ela, era uma excelente tentativa de piada.

Não que fosse engraçada de verdade.

Dan passou a mão ao longo da rachadura entre o túmulo de Shakespeare e o do lado. Encostou na argamassa da rachadura e recolheu a mão depressa.

— Amy! — ele sussurrou. — Não é argamassa! É falso!

— O quê? — Amy se surpreendeu.

Dan levou a mão da irmã até a argamassa falsa, para que ela pudesse sentir também.

— É só... borracha? — ela perguntou. — Feita pra parecer argamassa quebradiça?

Dan começou a puxar a falsa argamassa de borracha. O material saiu numa única tira comprida.

— Cuidado — pediu Amy. — Uma das outras equipes pode ter colocado isso aí para encobrir seus vestígios. Talvez esteja programado pra explodir...

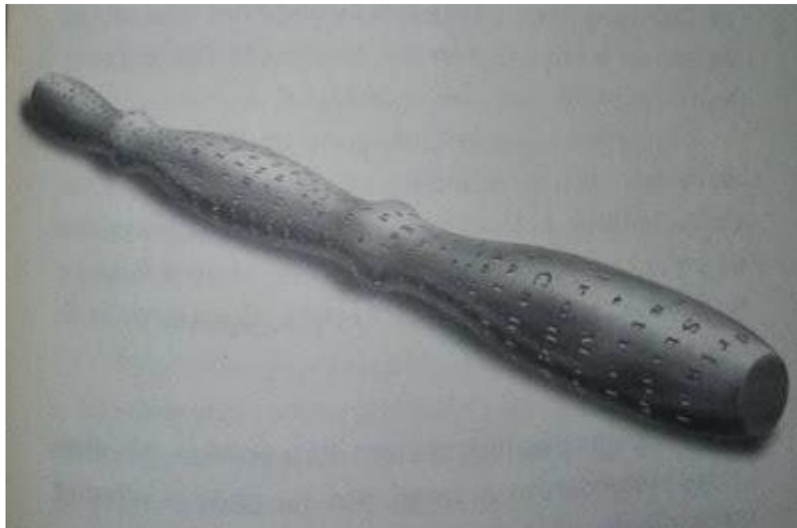
— Ou alguém está facilitando isso um monte pra nós — Dan argumentou e apontou pra um conjunto de dobradiças escondidas embaixo da falsa argamassa.

Ele usou a lixa de unha como alavanca. Um dos lados da pedra começou a subir rangendo, agora se movendo com a própria força.

Dan iluminou o interior do túmulo com a lanterna.

Ele estava preparado para ver um horripilante esqueleto em decomposição. Mas só viu um caixão.

Alguma coisa brilhava no topo do caixão: uma barra de metal de formato irregular. Estava coberta de palavras, que davam várias voltas na superfície metálica. Dan rolou o bastão para o lado e percebeu que havia apenas cinco palavras, repetidas inúmeras vezes: Madrigal Stronghold • Cahill Ancestral Home, ou seja, Base Secreta Madrigal • Antiga Residência Cahill.



— Está falando pra onde temos que ir agora! — sussurrou Dan.

— A base secreta dos Madrigal! — disse Amy. — É claro.

A busca pelas pistas os havia levado a bases secretas de todos os outros clãs: dos Lucian, em Paris; dos Janus, em Veneza; dos Ekat, no Egito; e dos Tomas, na África do Sul. Fazia muito sentido que eles tivessem que visitar a sede dos Madrigal também.

— "Antiga Residência Cahill"… Será que é a casa onde Gideon e Olivia Cahill moraram? — perguntou Dan.

— Sim, o último lugar onde a família Cahill esteve toda junta — respondeu Amy, numa voz triste. — É claro que os Madrigal construiriam sua sede lá.

Dan rolou o bastão outra vez, vasculhando as palavras que davam voltas na superfície.

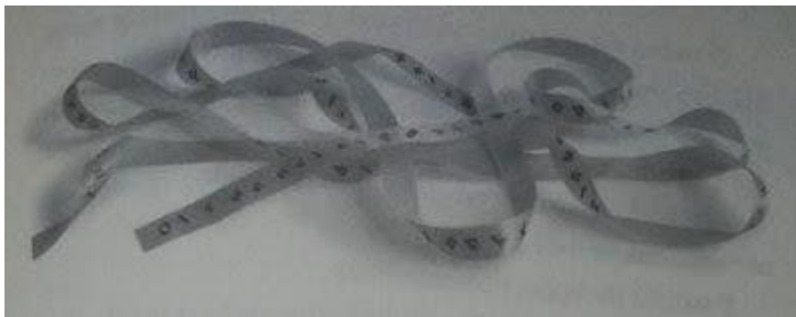
— Ok, ótimo — ele concluiu. — Tudo muito simbólico. Que nem poesia. Enfim. Mas onde fica essa antiga residência e base secreta dos Madrigal? Eles esqueceram de explicar como se chega lá!

Amy pegou a lanterna da mão de Dan e apontou na direção de uma rachadura na tampa do caixão que Dan não tinha notado antes. Depois ela pegou a lixa de unha que Dan tinha colocado no chão e forçou a rachadura. Não, ela estava tirando alguma coisa da fresta.

Uma fita.

— Acho que esse enigma tem duas partes — ela disse.

Eles estenderam a frágil fita no chão e olharam atentamente:



— E eu já achava Shakespeare confuso antes disso — Dan comentou.

— Está vendo algum padrão que se repete? — perguntou Amy. — Algum anagrama ou...

— Nessa bagunça? Você só pode estar brincando — Dan reclamou e depois resmungou. — Por que não podia ser uma pista legal e fácil, de números? Brigadão, Shakespeare.

— Não, eu é que agradeço, Dan e Amy — disse uma voz atrás deles.

Os dois viraram na mesma hora. Não era alguém de uma das outras equipes. Era o velho senhor que trabalhava como voluntário na igreja, o que tinha dado a Dan a permissão para fazer o decalque do túmulo.

— Podemos explicar tudo — Dan disse depressa. Pelo menos ele tinha esperança de que Amy conseguisse explicar.

O velho ergueu as mãos, num gesto de perdão.

— Não, não, já conheço as explicações — ele disse. — Só estou tão grato a vocês dois por... — Ele parou de falar e olhou em volta, seu rosto tomado de perplexidade. — Onde estão os outros?

— Outros? — Amy repetiu bobamente.

O velho estava olhando para a outra ponta da nave. Mesmo naquela penumbra, Dan conseguiu ver o sangue se esvaindo do rosto do homem. Ele começou a andar para trás.

— Não foi isso que eu pensei — o homem disse. — Eu pensei... eu pensei...

E sumiu de volta nas sombras.

Dan ficou de pé e se voltou para onde o homem estava olhando antes. Anos atrás, numa época em que eles estavam trocando de *au pair*, Dan tinha passado por uma fase em que havia assistido a muitos filmes de terror, daqueles que passam na TV a cabo de madrugada. Daqueles que qualquer criança da idade de Dan, com pais vivos de verdade, nunca teria permissão de assistir. Daqueles onde sempre havia alguma turba furiosa de aldeões com rastelos e tochas, prontos para matar alguém.

Dan sentiu como se estivesse vendo esse mesmo tipo de multidão em fúria, do lado oposto da nave.

As outras equipes na busca pelas pistas tinham chegado.

Capítulo 16

Para Amy, era como ver todos os vilões de Shakespeare de quem ela menos gostava ganharem vida. Com os rostos cobertos de sombras, Mary-Todd, Reagan e Madison Holt lembravam as três bruxas de Macbeth, Alistair parecia o enlouquecido Rei Lear, que tinha punido a filha que mais o amava. Hamilton era como Brutus de *Júlio César*, o suposto amigo que participava da conspiração de assassinato. Jonah era como Ricardo III, com duas caras, que fingia ser bonzinho, porém matava um parente após o outro. Sinead parecia...

Amy lembrou que aquilo não era uma aula de literatura. Ela não precisava inventar uma analogia para cada um.

Será que ela e Dan teriam tempo de salvar suas próprias vidas?

Amy jogou a lanterna no chão, para que o facho de luz apontasse na direção das outras equipes. Ela e Dan estavam na escuridão completa.

— Amy, Dan... não queremos machucar vocês — avisou Alistair.

— É claro que não — Amy berrou. — Vocês queriam machucar nossos pais sete anos atrás?

Os gritos fizeram sua voz tremer. E deixaram seus ouvidos zunindo, por isso ela não conseguiu ouvir o que Alistair disse em resposta, se é que ele disse alguma coisa.

Não dá tempo de pensar nisso, Amy disse a si mesma. *Não dá tempo para sentir. Apenas... planeje.*

Amy se agachou e recolheu do chão a fita delicada. A ponta já estava desfiando.

— Dan! — ela sussurrou. — Você deu uma boa olhada nisso? O bastante pra memorizar as letras?

— Acho que sim — ele sussurrou de volta. — Tenho quase certeza.

— Certeza a ponto de eu poder destruir a fita? — perguntou Amy.

Dan olhou depressa para a fita.

— Manda bala — ele confirmou.

Amy pôs uma ponta da fita embaixo do vaso que continha o buquê de flores. Agarrou o bastão de metal da tampa do caixão e o entregou para Dan.

— Ameace eles com isso, se for preciso — ela disse com uma voz sombria.

Então ela pegou a lanterna e apontou o facho de luz para a ponta da fita que ainda estava na sua mão.

— Esta é a próxima dica — ela gritou pra os parentes. — Se vocês chegarem aqui a tempo, talvez consigam me impedir de destruir tudo!

Ela puxou a ponta da fita que não estava embaixo do vaso. O tecido logo se separou em duas metades. Ela segurou firme, entre os dedos, sua ponta da fita semidesfiada. Depois soltou a lanterna e agarrou a mão de Dan.

— Corre! — gritou para ele.

* * *

Dan tinha percorrido metade do corredor lateral da igreja antes de se dar conta do que Amy estava tentando fazer. Ele sabia que ela estava desfiando a fita, deixando um rastro de fios atrás deles enquanto corriam. Mas por quê?

Ah, sim, ele pensou. *Ela está tentando fazer todo mundo correr até a frente da igreja para salvar o que resta da fita, em vez de perseguir a gente. Está ganhando tempo para fugir.*

Estava funcionando?

Dan e Amy alcançaram a porta sem que Dan precisasse ameaçar ninguém com o bastão de metal.

Boa, Amy!, pensou Dan. Ele quase se arrependia de ter dito que ela tinha cabeça encalombada.

— Vamos nos esconder no cemitério — Dan sussurrou para ela.

— Não... Continue correndo — ela respondeu. — Temos que encontrar a Nellie. Temos que sair de Stratford.

Dan não entendia como aquilo poderia funcionar. As outras equipes ainda não os tinham pego, é claro. Mas qualquer um dos Holt podia correr mais rápido que Dan e Amy. Provavelmente Ian, Jonah e os irmãos Starling também podiam. Se aquilo virasse uma simples corrida, Dan e Amy perderiam.

Eles atravessaram o cemitério em disparada e saíram para a rua pelo portão. Dan já podia ouvir passos atrás deles, chegando cada vez mais perto.

— Vire para esquerda! — Dan sussurrou para Amy. — Todo mundo está esperando que a gente vire à direita, por isso temos que enganá-los!

Amy lançou um olhar rápido para trás.

— Mas se alguém estiver perto o bastante pra ver...

Um carro mais adiante na rua de repente acendeu os faróis, mirando as luzes fortes em Amy e Dan.

— Oh, não... Saia da luz! — berrou Amy.

Uma figura saiu do carro.

— Amy! Dan! Aqui!

Era Nellie.

* * *

O velho estava sentado ao lado do túmulo aberto com o rosto enterrado nas mãos.

Quinze gerações.

Fazia todo esse tempo que sua família trabalhava na Igreja da Santíssima Trindade. Seu pai, sua avó, sua bisavó, seu trisavô... isso desde o século XVII. Todos eles tinham vigiado o túmulo de Shakespeare e os segredos dos Madrigal.

Em comparação com outras conquistas da família Cahill, não era muito. Seu pequeno ramo familiar no clã dos Madrigal não tinha produzido nenhum Shakespeare. Mas a família do velho homem, geração após geração, tinha sido leal, dedicada e honesta. Eles tinham orgulho disso.

A cada cinco anos eles trocavam uma fita velha apodrecida por uma fita nova, após copiar meticulosamente a sequência de letras. Uma ou duas vezes eles tinham tomado decisões estratégicas de modernizar o processo, atualizando até o que estava escrito na fita.

Mas, na maior parte do tempo, durante 15 gerações, eles tinham apenas esperado.

O velho tinha tido tanta certeza de que aquela seria a noite que todos estavam aguardando.

Ele recolheu um fiapo de tecido que ainda restava perto do túmulo.

Arruinadas, ele pensou. *Todas as nossas esperanças arruinadas.*

Porém sua família já tinha tido suas esperanças frustradas antes. Eles haviam aprendido o valor de ter um plano B. Ele foi até a loja de presentes da igreja e enfiou a mão embaixo da mesa para tirar uma fita de cetim de comprimento muito preciso. Depois foi a um esconderijo secreto e pegou um CD de computador contendo um único arquivo: uma foto da antiga fita, a que havia sido destruída. Ele tinha um serviço entediante pela frente, mas quando a manhã chegasse, o túmulo de Shakespeare novamente conteria parte de uma dica que levava a mais importante de todas as 39 pistas. Recuperar ou reproduzir o bastão de metal só levaria um pouco mais de tempo.

Uma sombra encobriu o ombro do velho.

— Eu fico com isso — disse a voz atrás dele.

E então uma mão surgiu e pegou o CD.

Capítulo 17

Nellie cantou pneu ao dobrar a esquina.

— Esquerda! Esquerda! Dirige na faixa da esquerda! — Dan berrou para ela.

— Ah, verdade — disse Nellie.

Ela mudou bruscamente de pista e quase bateu num carro estacionado.

— Como você sabia onde achar a gente? — perguntou Amy.

— Faz mais de um mês que eu ando praticamente 24 horas por dia com vocês, seus bocós — explicou Nellie. — Eu percebo quando estão tentando guardar um segredo. Esse plano de voltar escondidos pra igreja estava escrito na testa de vocês dois.

Amy caiu para trás no banco do carro.

— *Todo mundo* sabia que estávamos planejando voltar escondidos pra igreja — ela disse em voz baixa. — Só estavam fingindo que não sabiam.

— Como o próprio Shakespeare diria, "O mundo inteiro é um palco". — Nellie comentou. Ela olhou no retrovisor. — Uau. Preciso admitir que o Hamilton é incrível. Ele está praticamente acompanhando a gente.

Amy se virou no assento. Hamilton estava correndo atrás do carro deles, a uns 15 ou 20 metros de distância. Se Nellie precisasse parar no sinal vermelho ou num cruzamento, eles os alcançaria.

— Devo esperar o Hamilton? — Nellie perguntou, desacelerando um pouco.

Amy viu outra silhueta robusta correndo ao lado de Hamilton.

— Não! O pai dele está vindo junto! — ela gritou. Nellie dobrou outra esquina.

— Então — ela disse. — Vocês sabem pra onde querem ir ou eu só continuo dirigindo para fugir deles?

— Vamos voltar pro hotel e pegar nossas coisas — respondeu Amy. — E depois...

— Já cuidei disso — afirmou Nellie.

Ela tirou uma mão do volante apontando para o banco de trás e o chão. Pela primeira vez, Amy notou que a gaiolinha de Saladin e a bolsa de Nellie estavam bem ao seu lado.

— Assim que eu me separei do Alistair, fiz as malas e o *cheque-out* — contou Nellie. — Depois fui pra igreja. Achei que meu *timing* foi ótimo, vocês não?

Ela falava numa voz inacreditavelmente casual para alguém que estava fazendo o que pareciam ser acrobacias entre os carros estacionados dos dois lados da rua estreita.

— Que louco! O Eisenhower está acenando para nós como se achasse que vamos parar! — comentou Nellie.

— Pegue a estrada — disse Amy.

— Em direção a...? — perguntou Nellie.

— Ainda não sei. Você tem uma tesoura? — Amy quis saber.

— No meu canivete suíço — respondeu Nellie. — Num bolso no fundo da minha mochila, do lado direito.

Amy tirou o canivete da mochila da *au pair*. Depois procurou em sua própria mochila uma camiseta da Universidade de Boston que tinha ficado meio esfarrapada durante a busca pelas pistas. Começou a recortá-la formando uma tira em espiral, de baixo para cima. Fez a tira mais comprida do que o necessário, só para garantir. Depois se debruçou no encosto do banco e entregou o tecido e uma canetinha fina para Dan.

— Comece a escrever — ela pediu.

Dan respirou profundamente.

Era por isso que ele não estava falando nada, pensou Amy. *Ele estava prendendo a respiração, fazendo muito esforço para não esquecer.*

Ela tinha notado durante a busca pelas pistas que a memória fotográfica de Dan não acontecia completamente sem esforço. Ele apenas fingia ser assim.

— Pronto — disse Dan, alguns minutos depois.

Ele ergueu a tira. As bordas do tecido enrolavam sozinhas por causa do jeito como tinha sido cortado.

Enrolado, pensou Amy. *Uma espiral. Tipo...*

— Ainda não entendi — disse Dan. — Eu lembro das letras que estavam na fita. Tenho quase certeza de que até acertei o espaçamento estranho entre as letras. Mas não faço ideia do que isso significa.

— Enrole o tecido em volta do bastão — Amy pediu. — Na época de Shakespeare, as vilas inglesas sempre davam festas enormes no solstício de verão, nas quais meninas dançavam e enrolavam fitas em volta de um poste de madeira, formando desenhos diferentes. O festival de verão devia ser muito importante em Stratford, algo de que Shakespeare provavelmente sentiu falta ao se mudar para Londres. Algo que o fazia lembrar de sua casa, de seu lar.

Lar, pensou Amy. *Essa pista tem a ver com isso. Tem a ver com a dica que recebemos em Londres: "Tudo pode fechar um ciclo".*

— Uma das peças de Shakespeare se chama *Sonho de uma noite de verão* — completou Nellie enquanto girava o volante para a esquerda e para a direita. — É meio bizarro, com...

— Parem! — gritou Dan. — Vocês duas... parem de tentar me contar coisas!

— Eu só achei que isso talvez ajudasse você a decifrar a mensagem — Nellie resmungou, parecendo ofendida.

— Mas eu já decifrei — disse Dan, mostrando o bastão. — São números, afinal. Só estão escrito por extenso!

Amy se debruçou no assento da frente para conseguir ver. Dan tinha alinhado as bordas da tira de tecido com as palavras que desciam pelo bastão em espiral: MADRIGAL STRONGHOLD

• CAHILL ANCESTRAL HOME • MADRIGAL STRONGHOLD • CAHILL ANCESTRAL HOME...

Com a tira de tecido enrolada inteira no bastão, a lista de letras sem sentido realmente formava palavras de um dos lados.

— “Cinquenta e três oN Seis oO”? — Amy leu em voz alta. — O que isso quer dizer? Ah...

— Não é “oN” e “oO” — corrigiu Nellie, olhando de relance para o bastão. — Isso é...

— Graus ao norte — explicou Dan.

— E graus a oeste — continuou Amy.

— Latitude e longitude — concluiu Nellie.

Todos tinham entendido ao mesmo tempo. A fita dava as coordenadas precisas da base secreta dos Madrigal.

Nellie tirou o GPS portátil do painel do carro e jogou para Amy no banco de trás.

— Ainda bem que decidi alugar um carro de luxo, agora que vocês dois sabem que estamos gastando dinheiro dos Madrigal — disse Nellie enquanto Amy digitava as coordenadas. — Para onde vamos?

Amy olhou compenetrada para a tela brilhante.

— Para um lugar que talvez exija muito mais dinheiro dos Madrigal — respondeu Amy, em voz baixa. Ela começou a discar um número do celular de Nellie. — Alô, senhor McIntyre? Precisamos alugar um helicóptero.

Capítulo 18

Fiske andava de um lado para o outro enquanto o senhor McIntyre falava ao telefone.

— Amy e Dan agora sabem aonde precisam ir — informou o senhor McIntyre, tapando o telefone com a mão. — Eles estão com pressa. Querem alugar um helicóptero.

— Mas e as notícias que recebemos de nosso homem na igreja, sobre como foram as coisas lá? — perguntou Fiske.

O senhor McIntyre balançou a cabeça e voltou a falar ao telefone.

— Você sente que houve uma... *reaproximação* adequada entre vocês e as outras equipes? — ele questionou. — Você crê que suas ações em Stratford, e desse ponto em diante, vão levar ao cumprimento de nossas metas?

Fiske sempre percebia quando o senhor McIntyre estava nervoso. Ele começava a falar cada vez mais como um advogado.

— Sim — continuou McIntyre. — Estou falando da reunificação da família Cahill e do fim de quinhentos anos de hostilidade, inimizade e guerra declarada.

Fiske passou perto o bastante para ouvir a voz de Amy ao celular.

— Senhor McIntyre, estamos fazendo o melhor que podemos — ela respondeu. — O Dan meio que tem um plano.

Grace tinha dito a Fiske uma vez que Amy a fazia lembrar dele. Por isso, Fiske havia passado toda a busca pelas pistas tentando se imaginar na pele de Dan e Amy.

Eles são mais corajosos do que eu, Fiske tinha pensado inúmeras vezes. *Sempre têm tanta confiança no que fazem.*

Mas agora, ouvindo a preocupação e o medo na voz de Amy, ele sabia que aquilo não era verdade. Amy estava apavorada. Não tinha certeza de seu êxito. Mas ela e Dan sempre haviam tentado com empenho, sempre tinham feito o melhor que podiam, desde o começo.

Será que Fiske podia dizer o mesmo sobre si próprio?

Agora ele teria que fazer o melhor possível.

Fiske arrancou o telefone da mão do senhor McIntyre.

— Nós confiamos em vocês, Amy — ele disse, numa voz rouca. — Vocês não vão conseguir entrar em contato conosco depois que chegarem lá, mas... vamos confiar no seu bom senso. Tudo depende de vocês.

O senhor McIntyre era um homem cuidadoso. Não gostava de precisar confiar nos outros. Principalmente em crianças que eram jovens e inconstantes demais para serem previsíveis.

— Não se preocupe com as despesas — Fiske se viu dizendo ao telefone. — Não tenha receio de deixar os outros perceberem que vocês estão em contato conosco. Esta é a última parada. Está quase na hora de tudo ser revelado.

Do outro lado da linha, Amy parecia assustada.

Fiske queria continuar falando. Aquilo era estranho: ele não estava acostumado a querer explicar, tranquilizar, incentivar. Mas não conseguia pensar em nada tranquilizante para dizer, nenhum incentivo. Ele só conseguia pensar em avisos.

Com pressa, fechou o telefone e o deixou na mesa. O senhor McIntyre o observava.

— Vamos precisar planejar nossa própria viagem — comentou o advogado.

Fiske apenas ficou parado ali, com o olhar fixo na escuridão que envolvia o rio Avon.

O telefone tocou outra vez, vibrando no tampo da mesa, McIntyre atendeu.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, depois gritou:

— O *que* aconteceu? *Quem* roubou a dica?

O telefone escorregou de sua mão e caiu no chão.

Fiske estendeu o braço para pegar.

— Isso é perigoso demais! — Fiske exclamou. — Temos de parar...

— Não podemos parar nada — retrucou o senhor McIntyre. Agora era ele quem estava com o olhar perdido na escuridão. — Está fora do nosso controle.

Capítulo 19

— Estou falando pra vocês — insistiu o piloto. — Não vai ter nada lá!

— E *eu* estou falando pra você — respondeu Nellie, quase encostando o nariz no do homem. — Nós vamos te pagar um dinheirão pra nos levar lá de qualquer modo!

O piloto apontou para a tela do computador.

— Deixa eu explicar de novo — ele disse, com uma paciência exagerada, e aumentou o zoom no computador de modo que a tela ficou completamente azul. — As coordenadas 53 norte, 6 oeste ficam na agua. É perto da costa da Irlanda, sim, mas não tem uma ilha lá. Não tem nem um rochedo. Não tem onde pousar!

— Vamos levar paraquedas — disse Nellie.

O piloto se irritou:

— Você sabe o tamanho da encrenca em que posso me meter, deixando duas crianças e uma adolescente no meio do mar da Irlanda? — ele perguntou. —Posso perder minha licença!

— Eu não sou adolescente! — disse Nellie, furiosa. — Tenho 20 anos!

Parecia que os dois estavam discutindo desde sempre, indo e voltando, enquanto Dan e Amy improvisavam um jantar muito atrasado com o que havia na máquina automática do heliporto. Dan amassou o último saquinho de tirinhas de bacon.

— E se a gente pagar um bônus de 2 mil dólares pra você levar a gente lá? — ele sugeriu.

Todos viraram e olharam para ele.

Que foi?, Dan se perguntou. *Não posso ser a pessoa calma e razoável no recinto?*

Dan, percebeu que ele não era assim antes da busca pelas pistas.

É claro que, antes da busca pelas pistas, também nunca tinha tido acesso a enormes quantias de dinheiro que podia usar para subornar as pessoas para que fizessem o que ele queria.

— Está bem — concordou o piloto do helicóptero meio irritado. — Eu vou levar vocês nessa missão maluca. Só para olhar. Não vamos pousar nas ondas. Vocês não vão pular de paraquedas. Não vão nem abrir uma janela a não ser que eu diga que é seguro!

Foi um voo tenso. Nellie mandou Amy e Dan dormirem se pudessem, porém toda vez que Dan fechava os olhos, via a turba de inimigos na igreja. Várias vezes caiu no sono e acordou assustado, com pesadelos sobre seus adversários o perseguindo com ancinhos e tochas, ou pesadelos com o caixão do túmulo de Shakespeare se levantando da terra e voando atrás dele, ou pesadelos com Isabel Kabra de repente aparecendo para... para...

— Lá está! — gritou Nellie.

Dan endireitou o corpo, assustado. Piscou com a luz repentina: o sol tinha acabado de aparecer na linha do horizonte. E lá embaixo, entre as ondas agitadas, um pequeno ponto preto.

— Está vendo? Que foi que eu disse? *Tem* uma ilha lá — disse Nellie, abrindo um sorriso triunfante.

— Oh, não, não, não — respondeu o piloto. — Isso é só... — Ele olhou de relance para o painel de instrumentos. Mexeu em um dos botões. Olhou feio para tela que parecia ser um tipo de GPS para helicóptero. — Isso é impossível! Não tem uma ilha ali em nenhum mapa!

— Um esquema típico dos Cahill — comentou Amy, ao lado de Dan.

Ela estava falando baixo para que o piloto não a ouvisse por cima do zunido das hélices do helicóptero. — Provavelmente, faz quinhentos anos que eles vêm subornando cartógrafos pra manter essa ilha em segredo. Quantos navios será que já bateram nela por causa disso?

— É como o que aconteceu com o Lester — murmurou Dan.

Olhando para a água turbulenta, ele imaginou vítimas de naufrágios lutando desesperadas contra as ondas, assim como Lester havia lutado contra a areio movediça lá na Jamaica.

— É por isso que temos de vencer — Amy sussurrou em resposta.

Ela tinha dito a mesma coisa no dia em que Lester morreu: que eles precisavam terminar a busca em nome das pessoas comuns que foram feridas ou mortas pela família Cahill em sua briga para dominar o mundo. Dan concordava, mas... ele próprio não queria ser uma pessoa comum. Era mais divertido estar no controle, ter milhares de dólares para distribuir e fazer tudo o que quisesse.

Era mais fácil não pensar em nada daquilo.

E, Dan disse a si mesmo, não importavam os motivos... se por Lester, pelos Madrigal, se pela memória de Grace ou pelos pais de Dan e Amy, se só para impedir que as outras equipes obtivessem demais... Amy e Dan precisavam vencer, a qualquer custo.

— Veja, a ilha é grande o bastante para pousarmos — Nellie estava anunciando no banco da frente.

Sem dizer uma palavra, o piloto deixou o helicóptero cair na direção da ilha. O estômago de Dan foi jogado para cima. Ele teve a impressão de que o piloto poderia ter feito uma descida muito mais suave se quisesse.

— Espere! — gritou Dan. — Ali! É lá que precisamos pousar!

A ilha consistia em uma praia ampla, plana, cheia de cascalho, que levava a um campo de grama alta, e depois a um enorme penhasco íngreme com apenas um estreito espaço plano no topo. Dan não conseguia nem imaginar que estranhas forças naturais poderiam ter criado aquele relevo. Talvez não fosse nada natural. Talvez a paisagem da ilha fosse uma invenção dos Cahill. Dan sabia que o que tinha visto não era natural: uma porta com armação de metal no topo do penhasco. E, do lado da porta, um painel de metal com botões numerados.

— Pouse do lado daquela porta! — gritou Dan.

O piloto exasperou-se.

— Você não sabe nada sobre helicópteros? — ele perguntou. — Se eu tentar pousar aqui, as lâminas vão bater na porta e vamos cair de cima do penhasco e morrer.

— Então desça a gente até a porta numa daquelas escadinhas de corda que as pessoas sempre usam nos filmes — disse Amy.

Dan não conseguia acreditar que era Amy que estava sugerindo aquilo.

— Você não sabe quanto tempo uma pessoa precisa treinar para fazer isso? — perguntou o piloto. — Alguém como você, sem experiência, seria pego na corrente ar, soprada para longe e morreria.

— Isso se nós não batermos no penhasco e morrermos desse outro jeito — Dan resmungou. Aquele cara era uma piada.

— Então, voltando à ideia dos paraquedas... — Nellie começou a dizer.

— Vocês seriam soprados para o mar — explicou o piloto. — E esperariam que eu fosse resgatá-los.

— O resgate seria com a escada de corda. Mas então nós seríamos soprados de cima do penhasco e morreríamos — Dan resmungou de novo.

Amy franziu a testa para ele e fez que não com a cabeça.

— Por favor — ela pediu, se debruçando para a frente. — Não tem algum jeito...

— Vou pousar na praia. Em nenhum outro lugar — disse o piloto enfaticamente. — Isso é muito mais do que prometi no começo.

Não havia nada que eles pudessem fazer. O helicóptero aterrissou. Dan andou em direção à base do penhasco. A grama chicoteava suas pernas e peito. Depois seu pé bateu em alguma coisa dura.

— Ai! Oh!

Ele pulou para trás e viu o que tinha acertado: uma pedra alta e fina que antes estava escondida pela grama.

Do seu lado, Amy tinha afastado a grama ao redor de uma pedra parecida.

— Dan, isso são lápides. Aqui é outro cemitério — ela explicou e seu rosto perdeu a cor. — Oh, não. Oh, não. Quando Fiske disse que esta era nossa última parada, ele quis dizer...

Dan virou a cabeça e por um instante não conseguiu ouvir nada do que Amy dizia. Agora ele via apenas as falhas regulares na grama, sinais de uma fileira inteira de lápides.

Morte, ele pensou. *Toda esta busca pelas pistas tem a ver com a morte. Pais mortos, avó morta, antepassados mortos, todas essas pistas em túmulos, tumbas e criptas...*

Ele balançou a cabeça, como se isso pudesse afastar todos os pensamentos macabros.

— Controle-se — ele disse a Amy, ríspido. — Pare de agir como se nunca tivesse estado num cemitério antes. Quando o Fiske disse que essa era nossa última parada, quis dizer que é aqui que vamos encontrar a última pista. Onde vamos vencer.

Ele estendeu a mão e encostou na lápide que tinha diante de si, tão antiga e castigada pelo tempo que era impossível de ler. Mas Dan sentiu com o tato o que restava da inscrição e conseguiu descobrir as datas com as pontas dos dedos.

— Amy, isso é de, tipo, 1432 ou 1482... alguma coisa assim — ele disse.

— Então é o cemitério da família Cahill original — Amy respondeu. Ela deu um passo para trás, olhando as lápides e depois para o trecho de grama logo além. — A casa de Gideon e Olivia Cahill tinha uma cerca em volta. Eu vi imagens naqueles livros sobre a história da família que o Alistair tinha na Coreia.

— Mas a casa queimou há quinhentos anos — comentou Dan. — Então você acha que a última pista está em algum lugar no meio desse monte de grama?

— Não — respondeu Amy. — Em todas as imagens havia setas apontando para cima. Na época eu não tendia, mas agora...

Ela voltou o olhar para o penhasco que se erguia até as alturas. Era tão alto quanto um arranha-céu e o topo bloqueava o sol.

— Vamos ter que achar algum jeito de chegar naquela porta — concluiu Dan.

Amy concordou com a cabeça.

— Acho que vamos ter que voltar pra buscar equipamento de escalada — ela sugeriu. Depois fez uma careta. — Ou um piloto que aceite nos baixar numa escada de corda sem dizer que vamos morrer.

— Isso vai demorar um tempão! — exclamou Dan.

Amy olhou para a água deserta que rodeava a ilha.

— Talvez a gente tenha tempo — ela disse. — Nenhuma das outras equipes viu aquela fita.

Dan balançou a cabeça. Não para discordar, mas porque estava impaciente. Queria terminar a busca pelas pistas já. Olhou para o helicóptero, onde Nellie e o piloto discutiam outra vez. Quanto tempo demoraria para convencê-lo a concordar com um novo plano? Foi então que Dan ouviu o ruído de um motor.

Ele apertou os olhos para ver mais longe. A água em volta não estava mais deserta. Alguma coisa estava se movendo na direção deles.

Um barco.

Amy olhou na mesma direção.

— Deve ser só um barco de pesca — ela comentou. — Provavelmente não tem nada a ver com a gente, nem com essa ilha, nem com a busca pelas pistas.

Dan apertou ainda mais os olhos. O barco se aproximava.

— Então por que Hamilton Holt está pendurado numa das janelas, acenando para nós? — ele perguntou.

Capítulo 20

Os Holt tinham vindo com equipamento de escalada. Desembarcaram e se espalharam pela praia de cascalho carregando cordas, mosquetões e até picaretas.

— Mas como? — Amy perguntou, completamente atônita. Era uma tortura observar a outra equipe avançar com tanta eficiência em direção ao penhasco.

— Como o quê, Amy? — perguntou Hamilton, interrompendo por um segundo a checagem dos nós em sua corda.

— Como você resolveu a charada tão rápido, sem ter nada além de uns fiapos daquela fita? — Amy quis saber. — E como sabia que devia trazer cordas e tudo o mais?

— Amy, nós não resolvemos charada nenhuma — respondeu Hamilton. — Só seguimos vocês.

— Pusemos um aparelho de rastreamento no carro da Nellie — explicou Madison, olhando de soslaio.

— E depois foi fácil checar seu plano de voo no heliporto — gabou-se Reagan.

Não, Amy queria protestar. *Isso não é justo! Essa era nossa dica!* Mas, quando partiram de Stratford, estavam com pressa demais para procurar aparelhos de rastreamento. E nunca teriam conseguido convencer aquele piloto, tão obcecado por segurança, a voar sem um plano de voo.

Eles não tinham chance.

— De qualquer modo, levamos equipamento de escalada sempre, para todo lugar — acrescentou Hamilton. — Não é o que todo mundo faz?

Ele pareceu perceber o olhar atordoado nos rostos de Amy e Dan.

— Ah, acho que não — ele mesmo respondeu, voltando a cuidar das cordas. — Azar de vocês.

— É que nem aquela famosa citação de Shakespeare — acrescentou Eisenhower, surgindo ali perto. Ele franziu a testa, como se fazendo esforço para pensar. Então seu rosto se iluminou. — Ele dizia: “Sempre alerta”.

— Essa não é uma citação de Shakespeare! — protestou Dan. — É o lema dos escoteiros!

— E das bandeirantes! — acrescentou Amy.

A expressão arrogante de Eisenhower não se modificou.

— Ahã, bom, de que adianta todo esse conhecimento chique? — ele ironizou. — Nós, Holt, vamos deixar vocês aqui embaixo, comendo pó. E nós... nós vamos subir lá em cima! — Ele apontou para o topo da colina como se fosse o paraíso. — Conquistaremos o prêmio final. Os Holt vão dominar o mundo para sempre! — Ele CRIVOU a picareta na primeira rachadura na lateral do Penhasco. — Quem está rindo da gente agora?

Ele sabe, pensou Amy. *Ele sabe que esta é a última parada. A última chance de vencer. E... eu e o Dan não vamos conseguir.*

— E daí que vocês sabem escalar melhor que nós?! — Dan berrou enquanto os cinco Holt começavam a subir no penhasco. — O prêmio não está lá parado esperando vocês irem buscar! Tem uma porta e um teclado! Aposto qualquer coisa que a porta trancada! Aposto que vai ter um problema de matemática pra decifrar o código do teclado! Aposto que vocês vão ter que descer de volta aqui embaixo para implorar minha ajuda!

Os Holt apenas continuaram escalando.

* * *

Este é o melhor dia da minha vida, pensou Eisenhower Holt.

Ele estava pendurado por uma corda, a mais de mil metros acima do chão, com a brisa fresca do mar no rosto, a mulher e os filhos ao seu lado. O esforço, o família unida, a adrenalina correndo em suas veias – por tudo isso, a própria escalada bastaria para fazer daquele um dia maravilhoso.

Mas aquela escalada seria a melhor de sua vida. O dia anterior tinha sido horrível, mas pelo menos ele havia conseguido informações valiosas. E agora sabia que a vitória o aguardava no topo do penhasco. Sua família estava prestes a ganhar o melhor prêmio de todos, o melhor prêmio que qualquer pessoa poderia conquistar. Era verdade que Eisenhower não tinha descoberto exatamente qual era o prêmio final na busca pelas pistas, mas sabia que era algo tão grande que compensaria todos os seus fracas. Compensaria o fato de ter sido expulso da escola militar. Compensaria ter perdido aquele emprego como segurança, quando acidentalmente tinha disparado um choque no próprio traseiro. Compensaria o fato de os outros Tomas terem dado risada dele... de *todos* terem dado risada dele.

E provava que uma de suas citações favoritas verdade: “O que importa não é se você cai, mas se você levanta”.

Vince Lombardi, o grande técnico de futebol americano, havia dito aquilo. Eisenhower queria que houvesse alguma coisa na busca pelas pistas que exigisse citações de Vince Lombardi, pois conhecia todas: “Vencer não é tudo; é a única coisa que existe”. “Se vencer não é tudo, por que eles marcam o placar?” E...

— Pai — disse Hamilton em voz baixa do lado dele. — Olhe.

Eisenhower firmou o pé o melhor que pôde num gancho de 7 centímetros e virou a cabeça. A surpresa quase fez sua mão soltar a corda: Jonah Wizard estava desembarcando de um iate na praia. Os irmãos Kabra estavam descendo de paraquedas de um pequeno avião. E Alistair Oh tinha acabado de vir à tona na praia em um veículo vagamente parecido com um submarino. A concorrência havia chegado.

— Pelo jeito não fomos só nós que usamos um aparelho de rastreamento — comentou Hamilton.

— As meninas e eu vamos descer pra deter os adversários — ofereceu-se Mary-Todd. — Eisenhower, fofucho, você e o Hamilton vão pegar o prêmio em nome de todos nós.

Eisenhower reservou um segundo para olhar apaixonadamente para a mulher, enquanto ela e as meninas começavam a descer.

— Está vendo, isso é que é trabalho em equipe — Eisenhower disse a Hamilton. — Sua mãe sabia o que tinha de ser feito, e fez. Tudo pelo time. E, nesta família, a família é o time. Quer dizer, o time é a familia. Quer dizer...

— Eu sei o que você quer dizer, pai — interrompeu Hamilton, o que foi um grande alívio para Eisenhower, pois ele tinha meio que se perdido.

Hamilton ficou em silêncio por um instante. Se ele fosse qualquer outro menino, qualquer não-Holt, Eisenhower talvez tivesse pensado que era porque o menino estava escalando a encosta de um penhasco com pouco mais que uma corda e alguns mosquetões entre ele e a morte. Mas Hamilton conseguia escalar um penhasco daqueles até dormindo.

— Mexa-se! — Eisenhower vociferou, pois era o único jeito de lidar com crianças lerdas.

Mas Hamilton ficou um segundo a mais pendurado pela ponta da picareta. Ele suspirou.

— Lembra quando eu era pequeno e você ia aos meus jogos? — perguntou Hamilton. — Você lembra o que os outros pais diziam?

— Que nem... “Holt, seu filho é o melhor do tio inteiro”? — perguntou Eisenhower. Na verdade, o que os pais geralmente diziam era “Holt, faça seu filho parar de espancar o meu!”. Ou, “Holt, você vai pagar as despesas médicas do meu filho pelo resto da vida!”. Mas Eisenhower sabia o que os pais realmente queriam dizer.

— Não — respondeu Hamilton. — Aquela outra coisa. Tipo... “O que importa não é se você ganha ou perde. É como você joga”.

— Aaah — disse Eisenhower. — Quer dizer, o que os pais dos *perdedores* falavam. Pra eles acharem que não tinha problema perder. Se os perdedores não pensassem assim, nós, os vencedores, não teríamos adversários para jogar.

— E se não for isso que o ditado realmente quer dizer? — questionou Hamilton. — E se ele quer dizer que... ganhar não significa nada... se você estiver trapaceando?

Uma pluma poderia ter derrubado Eisenhower da encosta do penhasco naquele momento.

Meu... meu filho acha que estou trapaceando?, Eisenho-wer se perguntou.

Aquele era o pior dia de sua vida.

— Até tu, Hamilton? — disse Eisenhower, atônito.

— Pai? — perguntou Hamilton numa voz abafada. — Você está citando Shakespeare?

Eisenhower achava que sim. Quase se permitiu sentir uma ponta de orgulho por conhecer Shakespeare... mesmo que fossem apenas duas palavrinhas. Mas de que valia o orgulho se o próprio filho tinha vergonha dele? Fosse qual fosse o prêmio da busca pelas pistas, não valeria nada se Hamilton não ficasse orgulhoso também. Era por Hamilton e pelas meninas que Eisenhower queria vencer.

— Sobre a busca pelas pistas... — Eisenhower conseguiu dizer. — Você acha que não estamos vencendo de um jeito... justo?

— A Amy e o Dan descobriram como chegar aqui — começou Hamilton. — E várias coisas que você pensou ter sido eu quem descobriu... foram a Amy e o Dan que me contaram. Nós não merecemos o prêmio. Eles merecem.

Por um instante, Eisenhower sentiu como se estivesse pendurado sobre um abismo enorme, preso apenas por um fio não muito grosso, com um vento frio batendo nas costas. Na verdade, essa era uma descrição bastante precisa da sua situação, em relação ao penhasco e ao resto. Mas Eisenhower não tinha nem sentido a friagem do vento até poucos segundos atrás, e o abismo abaixo dele não havia parecido tão vazio e vasto.

Então ele percebeu em que seu filho tinha se enganado.

— Ham, Ham, Ham — disse Eisenhower, dando uma risadinha. — Até agora você viu a busca pelas pistas como se fosse qualquer outro jogo. Eu faço isso com a maioria das coisas, também. Mas existe uma grande diferença. Os jogos têm regras. A busca pelas pistas não tem. Não existe trapacear se não existem regras.

— Mas e as regras que você simplesmente tem de seguir na vida? — perguntou Hamilton. — As que fazem de você uma pessoa decente?

Eisenhower ficou olhando fixo para o filho. Ele já tinha ouvido outros pais dizerem que não compreendiam os filhos, mas ele mesmo nunca tinha vivenciado aquilo.

Até agora.

— Não estou dizendo que a gente devia simplesmente entregar o prêmio pra Amy e pro Dan — emendou Hamilton depressa, trocando os pés na encosta da montanha. — Só estou dizendo que a gente devia... compartilhar.

— Você diz... um empate? — Eisenhower perguntou, incrédulo. — Meu próprio filho quer aceitar um empate?

— Não é assim — explicou Hamilton. — É como... Sabe como os times de futebol contratam novos jogadores estreantes todo ano? Ou compram de outros times? — Por algum motivo, ele tinha parado totalmente de escalar e estava apenas pendurado na encosta do penhasco. — Imagine que estamos contratando a Amy e o Dan.

— Mas nossa equipe é nossa família! — retrucou Eisenhower. — Nós não compramos jogadores de outros times! Não fazemos contratações!

Hamilton olhou bem fundo nos olhos do pai.

— A gente poderia, se quisesse — ele disse. — A Amy e o Dan são da nossa família também.

— Não — teimou Eisenhower. — Não. Você está enganado. — Ele estava balançando tanto a cabeça que mal conseguia se segurar no penhasco. — Eles não são Holt! Eu sou o capitão da equipe! Sou seu pai! Ninguém entra no nosso time se eu não deixar!

Aquilo era terrível. Seu próprio filho estava quase falando como aqueles homens na sala escura ontem... os homens que o tinham atraído para longe de sua família com a promessa de mais pistas e mais ajuda caso ele cooperasse. Aqueles homens praticamente o haviam raptado, mantido como refém. Tinham falado do número de pistas, de quais equipes estavam na frente e de que ninguém tinha pistas suficientes vencer sozinho.

Eisenhower sabia o que todo aquele papo realmente significava: a busca pelas pistas estava quase no fim e os homens estavam aflitos porque os Holt estavam vencendo.

Então por que os dois simplesmente o liberaram, final? Por que não tinham dado uma surra nele, ou até mesmo o matado, em vez de apenas advertir “Estamos de olho”?

— Pai, *pense* — insistiu Hamilton, o que era cruel, depois do que Eisenhower tinha contado a ele no jogo do Manchester United. — Se não formarmos um time com o Dan e a Amy, ainda assim podemos perder. E se todo mundo fizer uma aliança contra a gente? Você não viu como os outros estavam se comportando naquela igreja. Ninguém estava nem brigando! Quer dizer, não até ontem à noite.

— Qualquer pessoa consegue fingir — retrucou Eisenhower com desprezo.

Fingir...

Era uma boa ideia. Não... Era uma ideia brilhante.

Principalmente se ninguém estivesse observando.

* * *

Madison Holt torceu o pescoço para trás, olhando para o topo do penhasco.

— Mãe! — ela chamou. — Por que o pai e o Hamilton estão descendo de volta? O prêmio estava na metade da subida?

* * *

Hamilton vai entender no final, Eisenhower disse a si mesmo. Por um instante, ele não conseguiu se lembrar se estava subindo ou descendo o penhasco. Então voltou a se mexer. *Depois que vencermos, ele vai ver por que Dan e Amy nunca poderiam* realmente *fazer parte do nosso time. Vai ficar orgulhoso do jeito como estou enganando todo mundo.*

Inclusive ele.

Capítulo 21

— Não confie neles.

As últimas palavras de Amy ainda ecoavam nos ouvidos de Dan. Tudo tinha acontecido tão rápido: Hamilton e Eisenhower tinham pulado da encosta do penhasco, Hamilton havia agarrado Dan, Eisenhower tinha ameaçado os outros com a picareta e anunciado:

— Vamos levar o Dan com a gente para buscar o prêmio. Todos os outros... fiquem longe.

Amy tinha corrido para o lado de Dan, gritando "Deixa eu dar um beijo de tchau no meu irmão!" (*eeeeca!*), e Dan soube que ela iria sussurrar alguma coisa em seu ouvido. Ele achou que seria uma última tentativa de enfiar informações sobre Shakespeare em sua cabeça, ou algo sobre tomar cuidado na escalada. Mas "Não confie neles"?

Hamilton está me carregando nas costas enquanto escala uma montanha. Estamos a milhares e milhares de metros acima do chão. Se ele soltar, estou mortinho da silva. E mesmo assim não devo confiar nele?

Dan realmente confiava em Hamilton... quando não estava junto com o pai. Porém Eisenhower estava a poucos metros de distância, escalando o penhasco logo ao lado do filho. Podia facilmente esticar a mão e passar uma faca nas cordas que amarravam Dan às costas de Hamilton. Ou podia facilmente mandar o próprio Hamilton cortar as cordas.

Dan tremeu.

— Você pode não se mexer? — perguntou Hamilton. — Isso me atrapalha um pouco.

Abaixo deles, pedaços de rocha solta caíam pela costa. O tremor de Dan tinha feito Hamilton perder o equilíbrio e chutar as pedras para longe. Hamilton estava pendurado ao penhasco por apenas dois dedos.

Dan prendeu o fôlego enquanto Hamilton encontrava apoio para ambos os pés.

— Não ouse fazer isso de novo! — Eisenhower brigou com Dan. — Não ponha meu filho em perigo!

Dan tomou um pouco de ar. Imaginou como seria ter um pai o protegendo daquele jeito.

No entanto, aquela não era uma boa hora para pensar nesse tipo de coisa. Porque ele podia se distrair e dizer a Eisenhower algo como "Sabe, eu poderia estar escalando esse penhasco com o meu próprio pai agora mesmo... se você não tivesse ajudado a matar ele".

Eisenhower fez uma careta ainda mais feia e por um instante Dan temeu ter falado em voz alta.

Não, ele só está fazendo esforço para alcançar o próximo apoio, Dan disse a si mesmo. *Relaxa. Você está em segurança pelo menos até chegar ao topo do penhasco.* Dan

imaginou que os dois Holt tinham voltado para buscá-lo porque realmente achavam que precisariam dele para resolver qualquer que fosse o enigma no topo do penhasco.

Mas o que aconteceria depois disso? O que Eisenhower faria com ele?

* * *

Foi uma escalada longa e demorada. Depois de subir até a metade, descer e subir de com Dan nas costas, Hamilton tinha entrado em um estado no qual só conseguia pensar em pedras. Pedras acima dele, pedras abaixo dele, pedras batendo em rosto enquanto ele avançava centímetro por centímetro encosta acima. Então veio o momento em que estendeu os braços para cima e só sentiu o ar. Espalmou a mão no chão esticando os dedos livremente depois de tanto tempo.

Estavam no topo.

E agora?

Nós três vamos resolver uma charada, Hamilton disse a si mesmo. *Vamos ganhar o prêmio. E... nós Holt vamos compartilhar com o Dan e a Amy. Meu pai prometeu.*

Ele e Eisenhower subiram com cuidado no estreito platô de pedra que se estendia diante da porta. Começaram a passar cordas, soltar mosquetões. Assim que se viu livre das cordas, Dan avançou devagar até a porta e o teclado.

— M-melhor eu começar a resolver isso logo — ele disse numa voz fina, frágil. Sua boca devia ter ficado muito seca durante a subida. — Ap-posto que depois da porta tem vários outros enigmas que vocês vão precisar que eu resolva. Provavelmente vão precisar da ajuda da Amy e da Nellie também.

Dan cambaleou um pouco ao caminhar, como se suas pernas estivessem exaustas do exercício, ambora não fosse ele quem tivesse escalado o penhasco.

Então ele tropeçou.

Dan caiu bem em cima da porta e do teclado, com as mãos espalmadas. A sua mão esquerda bateu diretamente no teclado, afundando o painel.

A porta se abriu.

— Opa, olha só — disse Hamilton, erguendo o olhas das cordas. — Pelo jeito essa porta não tinha nenhum truque especial. Não precisa saber matemática nem resolver charadas.

Dan puxou a mão, como se o teclado estivesse lhe dando choque. Virou rapidamente, com os olhos arregalados, tomados de pavor. Ele lançou um olhar para Eisenhower e depois correu na direção de Hamilton.

— Não! — Dan gritou. — Vocês vão precisar de mim depois! Vocês ainda precisam da minha ajuda!

Ele agarrou o braço de Hamilton e se escondeu atrás do corpo musculoso. Hamilton teria ficado bem se não tivesse sido pego de surpresa. Ou se não tivesse acabado de escalar um penhasco inteiro. Ou se Dan não estivesse tão desequilibrado. Mas o puxão de Dan foi um

pouquinho forte demais. Hamilton precisou se inclinar na direção contrária para não cair do platô. Ele exagerou no movimento. Tanto ele quanto Dan perderam o equilíbrio. Eles caíram... e continuaram caindo.

Da beira do penhasco.

Capítulo 22

Dan fechou os olhos com força porque não queria ver aquilo: o chão vindo na direção deles, a morte se aproximando.

A Amy vai ficar tão triste, ele pensou. *A Nellie também. Tomara que elas estejam meio bravas comigo, para não ficarem só chorando o tempo inteiro...*

Dan percebeu que, para alguém que estava despencando rumo ao chão, ele tinha tempo demais para pensar.

Então percebeu que tinha parado de cair.

— Opa — disse Hamilton. — Ainda bem que a corda ainda estava presa no meu colete de escalada.

Dan tomou coragem de abrir os olhos.

Eles estavam outra vez pendurados rentes à encosta do penhasco. Dan conseguia ver tudo até o cemitério, muito abaixo. Ergueu o olhar: Hamilton estava acima dele, agarrando muito firme os seus pulsos, tão firme quanto Dan segurava o braço de Ham.

Mas Dan não estava usando colete de escalada. Não estava preso a nenhuma corda.

Eu ainda posso cair, pensou Dan. *Se minhas mãos escorregarem, se o Hamilton me soltar...*

Ele não teve coragem de olhar para baixo outra vez. Não queria ver todo o espaço vazio que o separava do cemitério, espaço que facilmente atravessaria numa queda.

— Eu mandei você não pôr meu filho em perigo! — Eisenhower berrou de cima deles, agarrando a corda que estava presa ao colete de Hamilton.

— Pai, por que você não nos puxa para cima antes de começar a gritar? — pediu Hamilton.

Ele falava com calma, porém Dan sentiu suas mãos começarem a deslizar. Elas estavam suadas. Escorregadias. Perdendo o atrito.

— Com esse tipo de corda, não tenho certeza de que consigo salvar os dois — disse Eisenhower, muito agitado. Ele parecia estar puxando várias cordas, procurando mais mosquetões. Hamilton e Dan desceram ainda um pouco mais. — Não consigo...

— Você vai ter que dar um jeito — disse Hamilton. — Porque não vou deixar o Dan cair.

Os ouvidos de Dan estavam zunindo demais para ouvir o que Eisenhower ou Hamilton disseram em seguida. Mas a corda foi puxada para cima. E depois as mãos de Eisenhower o ergueram por cima da borda do penhasco, puxando-o de volta para a segurança. Dan caminhou devagar, o mais longe que pôde do platô de pedra, até entrar pela porta aberta na parede do penhasco. Ele não estava se perguntando aonde a porta o levaria. Não estava nem pensando mais na busca pelas pistas. Deixou seus olhos se fecharem outra vez.

Salvo, ele pensou. *Estou salvo. Não vou morrer. Hamilton não me deixou cair. Eisenhower não me deixou cair. Ele nem ia me machucar antes. Eu só fiquei assustado.*

Então Eisenhower deu um soco na cara de Dan.

* * *

— Você podia ter matado o meu filho! — Eisenhower gritou com Dan.

Agora que todos estavam em segurança, permitiu que a fúria o dominasse. Agarrou Dan pelos ombros e o sacudiu. O rosto de Dan raspou no chão. ele olhou meio grogue para Eisenhower, como um lutador que sofreu muitos golpes.

— Você podia ter feito eu perder o Hamilton! — repetiu Eisenhower.

Ele tinha que fazer Dan entender como aquilo teria sido horrível, como o menino tinha chegado muito perto de estragar tudo.

Dan piscou.

— Tipo, que nem eu perdi os meus pais? — ele perguntou.

— Pai, pare com isso! — Hamilton berrou, dando um encontrão no pai e o afastando de Dan.

Eisenhower soltou.

Dan acha que foi culpa minha que os pais dele morreram?, ele pensou. *Não foi, mas... o que o Hamilton acha?*

— Pai, o que deu em você? O Dan está no nosso time! — Hamilton estava gritando, prendendo Eisenhower numa espécie de parede.

Eisenhower mordeu a língua para evitar dizer: “Não está! Não mesmo!”

Como ele tinha pensado que poderia mentir para o próprio filho?

O que Hamilton vê quando olha para mim?, Eisenhower perguntou. *Ele não sabe que tudo o que eu fiz, tudo o que estou fazendo, é para que ele possa ter orgulho de mim?*

Agora Eisenhower sentia como se o mundo à sua volta tivesse ficado escuro e ele estivesse caindo. Como se tudo em que sempre havia acreditado estivesse desvanecendo e o próprio chão sob seus pés estivesse baixando.

Peraí. Realmente *tinha* ficado escuro, o chão *estava* de fato baixando.

— É um terremoto? — berrou Eisenhower. — Um deslizamento? — Ele agarrou Hamilton pelos ombros. — Rápido, vamos pra algum lugar seguro!

— Pai, acho que é só um elevador — disse Hamilton, soltando-se dos braços dele.

Eisenhower analisou as sensações. A escuridão podia ter vindo de uma porta se fechando atrás dele. E a queda era lenta e regular.

Exatamente como um elevador.

— Certo — ele concordou, severo. — Eu só estava testando você, filho.

Tudo ia ficar bem. Sem dúvida, o elevador os levava para o prêmio final. Os Holt ainda iam vencer. O elevador parou de se mexer. A porta se abriu. Eles tinham voltado ao nível do mar. Voltado ao cemitério.

Capítulo 23

O caos se formou ao redor de Amy.

— Olha... aquela pedra está abrindo!

— Tem uma porta!

— Por que não vimos isso antes? Estava tão perfeitamente escondida...

— Corram!

Amy não sabia quem estava falando o quê. Não havia tempo para pensar em nada disso. Uma hora ela estava sentada ao lado de Nellie, ambas torcendo o pescoço para tentar ver o que estava acontecendo no topo do penhasco. No instante seguinte, estava correndo em direção à porta aberta junto com Madison e Reagan Holt. Era como se seu corpo soubesse o que fazer antes mesmo de seu cérebro registrar o que os olhos vim: *Porta. Elevador. Dan. Hamilton. Eisenhower.*

Os dois Holt e Dan estavam esparramados no chão do elevador, muito afastados uns dos outros. Amy não conseguiu entender aquilo, não enquanto corria desviando de lápides.

— Sai da frente, perdedora — disse Reagan, tentando dar uma cotovelada na cara de Amy. — Meu pai e o Hamilton vieram buscar *a gente*.

— E o Dan veio *me* buscar — revidou Amy em voz baixa, esquivando-se do cotovelo.

Ela já estava tão abaixada e tão perto que decidiu mergulhar pela porta do elevador. Alguém caiu em cima dela. Reagan? Não... Era Natalie. Então Reagan e Madison se apertaram atrás dela, empurrando Amy mais para o fundo.

A orelha direita de Amy estava esmagada contra a parede e a mão de Natalie estava enfiada por cima de seu ouvido esquerdo. Mas ela ouviu um bipe e depois uma voz mecânica:

— *O elevador não pode avançar sem ao menos um representante de cada clã da família Cahill. Dirijam-se ao espelho para leitura de retina. Ekat?*

— Com a sua licença — disse Alistair, frio, de fora do elevador.

Houve uma pequena movimentação. Amy viu de relance Mary-Todd saindo e Alistair entrando. O elevador emitiu outro bipe:

— *Aprovado. Janus?*

— Sai da frente — disse Jonah.

Amy não conseguiu enxergar, mas achou que talvez ele estivesse puxando Madison e Reagan para fora do elevador e se enfiando lá dentro.

— *Aprovado* — disse a voz robótica. — *Lucian?*

— Presente — disse Ian.

Ele devia estar bem em frente ao leitor de retina, pois a voz mecânica disse:

— *Aprovado. Tomas?*

— Ah, não — objetou Eisenhower — tem dois Lucian nesse elevador agora, porque a Natalie está escondida ali atrás. Isso não é justo. Um de vocês tem que sair.

— É justo que haja dois Holt? — perguntou Alistair. — Você e Hamilton?

— Isso é diferente — disse Eisenhower.

Enquanto Eisenhower reclamava, Hamilton andou até o espelho.

— *Aprovado* — disse a voz robótica. — *Madrigal.*

— O quê?! — exclamou Alistair. — Madrigal não é um clã da família Cahill!

— Madrigal? — Agora quem falou foi Eisenhower. — Os Madrigal são maus!

— Todo mundo odeia os Madrigal! — gritou Ian.

As vozes se misturaram, cada palavra demonstrando indignação e fúria. Era o maior exemplo de união dos Cahill em quinhentos anos.

A não ser quando os outros clãs se uniram pra matar nossos pais, pensou Amy, sentindo um calafrio. Ela ficou tentada a gritar "Eu também odeio os Madrigal!" só para despistar todo mundo.

— O Dan me falou na China que ele era um Madrigal — disse Jonah, com sua voz de artista de algum modo suplantando os gritos dos outros. — Dan, você quer fingir isso de novo? Acha que consegue enganar o elevador?

Minta, pensou Amy para o irmão, desesperada. *Negue. Finja. Não é seguro contar a verdade agora.* Amassada no fundo do elevador, Amy não conseguia nem enxergar Dan. Esperava que ele estivesse perto o bastante do espelho para conseguir ficar nas pontas dos pés e secretamente ativar a leitura de retina.

— Eu sou uma Madrigal — afirmou a voz impetuosa de Dan, vindo da parte da frente do elevador. — Minha família inteira é Madrigal. Até a Nellie é Madrigal. Mas não é o que vocês pensam. Nós somos...

Ele estava tentando explicar. Amy achou que seu coração fosse explodir, ouvindo o irmão. Ele era tão corajoso.

E tão ingênuo.

Os resmungos em volta deles ficaram mais soturnos e cada vez mais ameaçadores.

— Não! — berrou Eisenhower. Sua voz era mais alta que a de qualquer outra pessoa. Ele estava na frente do elevador mas tinha virado de costas. — Não vou formar uma equipe com os Madrigal! Me recuso!

Os outros se encolheram para escapar da fúria de Eisenhower, por isso Amy conseguiu enxergar por cima deles. Viu Eisenhower agarrar Dan e o levantar, pronto poro jogá-lo para fora do elevador.

—Não! — gritou Amy, tentando alcançá-los.

Porém seu grito foi abafado pela voz mecânica anunciando:

— *Aprovado. Todos presentes e identificados.*

Ao levantar Dan, Eisenhower devia tê-lo feito passar pela leitura de retina exatamente no ângulo certo.

Isso pareceu assustar Eisenhower, que deu um passo para trás, ficando com metade do corpo para fora do elevador.

Tudo aconteceu depressa depois disso.

Nellie ultrapassou Mary-Todd Holt e espetou alguma coisa no braço direito de Eisenhower. Amy viu um prateado. Será que Nellie estava usando sua argola de nariz como arma?

— Solte o Dan — gritou Nellie, no instante em que o piloto puxou o braço esquerdo de Eisenhower.

— Senhor, senhor... — o piloto começou a dizer.

Eles estão malucos?, Amy se perguntou. *Estão achando que podem enfrentar Eisenhower Holt com uma argola de nariz e boas maneiras?*

Mas Eisenhower soltou Dan, que caiu com um baque surdo. Deu um passo para trás e encarou seus agressores. Agarrou Nellie com a mão direita e o piloto com a esquerda, e os impulsionou na direção um do outro, como se pretendesse bater suas cabeças.

— Nellie! — gritou Amy, empurrando para abrir caminho. Ela não fazia ideia de como podia ajudar, mas ia tentar.

Era tarde demais.

Não porque Nellie já estivesse machucada.

Não porque Nellie tivesse escapado sozinha.

Era tarde demais porque, naquele exato instante, a porta do elevador se fechou com um estalo.

E o elevador começou a subir em disparada.

Capítulo 24

— Opa! Aaai! Não pisa na minha mão! — Dan gritou no escuro.

— Dan! Dan! Você está ai? — Amy berrou atrás dele.

— Estou — respondeu Dan. Ele conseguiu tirar a mão de baixo do sapato de alguém. E depois conseguiu ficar quase de pé, embora seu rosto estivesse esmagado contra a porta do elevador. — Estou aqui.

Os resmungos em volta deles tinham virado meros sussurros, mas de algum modo aquilo era ainda mais assustador:

— Madrigal. O Dan e a Amy são Madrigal...

* * *

— Pai! Pai! Você está ai? — Hamilton chamou.

Não houve resposta.

— Reagan? Madison? Mãe? — ele tentou de novo, mesmo tendo visto as três saírem do elevador.

De novo não houve resposta.

Estou sozinho, pensou Hamilton. *Perdi minha família. Perdi meu time.*

Exceto por Dan e Amy. Será que eles ainda contavam, mesmo sendo Madrigal?

* * *

— Natalie? — Ian chamou na escuridão.

Ele viu que a irmã estava atrás dele. Esperava ouvi-la reclamar de como o tumulto no elevador estava amassando seu vestido de grife, de como o ar marítimo era péssimo para o cabelo e de como o tempo deles estava acabando.

Em vez disso, ela estendeu o braço e segurou sua mão.

* * *

Crianças, pensou Alistair. *Agora sobramos só eu e um monte de crianças.*

Ele tinha começado a pensar que na verdade não era muito bom com crianças. Principalmente depois que os trigêmeos Starling desapareceram de Stratford sem nem se despedir. E Amy e Dan... seriam eles realmente Madrigal? Aquilo era possível?

O que mais seria possível?

* * *

Relaxa, Jonah disse a si mesmo. *Fica sussa.*

Ele apertou com mais força a mochila que tinha trazido, abarrotada de pistas. Sabia que não podia entrar em pânico agora. Não se quisesse mostrar à mãe que era capas de vencer sozinho.

Basta pensar nos outros como uma plateia, ele disse a si mesmo.

Mas as plateias estavam cheias de amor. E só o que ele sentia dentro daquele elevador era ódio.

* * *

O elevador parou. A porta se abriu.

Eles estavam no topo do penhasco.

Capítulo 25

— Alguém aperte o botão pra descer! — berrou Amy, esquecendo que ninguém ia querer ajudá-la agora. — Temos que salvar a Nellie do Eisenhower Holt!

Amy apertou à toa as teclas do celular, tentando ligar para Nellie. A tela acesa continha a mesma notificação que ela tinha visto durante toda a viagem de elevador: SEM SINAL.

Hamilton parecia ter o mesmo problema com seu telefone. Jogou o aparelho no chão, frustrado.

— Pois é! Vamos descer! Temos que salvar meu pai de... — Um olhar perplexo surgiu no rosto de Hamilton, como se ele tivesse acabado de perceber que não podia dizer que Eisenhower precisava ser salvo de Nellie ou do piloto de helicóptero. A não ser que eles realmente acreditasse que os Madrigal eram as pessoas mais malignas do planeta. — Temos que voltar pra buscar o resto da minha família! — ele disse por fim.

Alistair estava tateando a parede do elevador.

— Sim, sim, é claro que alguns de vocês vão querer descer de novo — falou numa voz melosa. — Vou fazer o possível para ajudá-los com isso, assim que eu conseguir sair daqui... — Ele estava com um pé para fora da porta. — Hmm. Não estou achando o painel de controle.

Hamilton empurrou todo mundo para abrir caminho, saiu do elevador e começou a esmurrar o teclado do lado de fora.

— Desce! Desce! Desce! — ele gritava.

O elevador não saiu do lugar.

— Ham... sua família pode escalar até aqui — lembrou Dan.

— Ah, é verdade — respondeu Hamilton, atordoado.

— Felizmente, isso vai demorar um tempo — comentou Alistair em voz baixa. — E até lá...

Até lá, outra pessoa terá achado o prêmio, pensou Amy.

Todos pareciam pensar a mesma coisa, distraídos de sua revolta contra os Madrigal. O grupo inteiro avançou.

— Não! Não empurrem! Eu vou cair! — gritou Jonah. — Vocês precisam de mim! Precisam de um Janus!

Amy alcançou a frente do elevador e viu por que ele estava gritando: havia apenas um platô estreito de pedra e depois uma queda brusca que dava no cemitério lá embaixo. Amy saiu do elevador e imediatamente se moveu para o lado, segurando na parede de pedra.

— Amy? — chamou Dan em voz baixa ao lado dela.

Amy já estava esperando que ele caçoasse de seu medo de altura. Porém, quando se virou, Dan estava tão pálido e apavorado quanto ela.

— Talvez a gente devesse... se segurar um no outro — ele sussurrou.

A comunicação telepática deles estava funcionando outra vez. Amy percebeu que Dan pensava o mesmo que ela: *E se os outros odiarem tanto os Madrigal a ponto de decidirem nos jogar do penhasco?*

Porém o pensamento de Dan tinha uma segunda parte: *Eles precisavam de alguém de cada clã, até dos Madrigal, para fazer o elevador funcionar. Talvez precisem de um Madrigal de novo. Mas só precisam de um de nós. Por isso... temos que ficar juntos para nossa segurança.*

Amy segurou o irmão. Virou-se e viu que Ian e Natalie estavam agarrados um ao outro, tão desesperados quanto eles.

Mesmo motivo, ela pensou. *Também só precisamos de um Lucian.*

Alistair observava Jonah, pensativo.

— Precisamos de um Janus — ele murmurou. — Talvez... — Ele se virou para o teclado ao lado de Hamilton. — Talvez uma pessoa de cada um dos cinco clãs devesse encostar nisto ao mesmo tempo. O que aconteceria nesse caso?

Ninguém respondeu. Mas de repente todos empurravam outra vez, cada um lutando para chegar ao teclado.

— Venham! Agora vamos entrar de novo no elevador! — berrou Dan, puxando o braço de Amy logo depois de encostar no teclado.

Vamos descer, pensou Amy. *Não de volta para o cemitério, mas para algum outro andar, onde está o prêmio...*

Amy tropeçou nos pés de Jonah, Dan caiu em cima de Natalie. Alistair foi o último a entrar.

Ele deve ter planejado isso, pensou Amy. Para ser o primeiro a sair. O primeiro a pegar o prêmio.

Porém o elevador não se mexeu.

— Talvez minha hipótese fosse incorreta — concluiu Alistair.

Naquele instante, eles ouviram um ruído mecânico no fundo do elevador. Amy se virou para olhar: toda a parede dos fundos tinha desaparecido.

Capítulo 26

A primeira coisa que Hamilton viu foi mais rocha. O fundo do elevador dava numa enorme caverna.

Legal!, pensou, contemplando outra parede de pedra nua. *Os talentos dos Holt também dominam aqui! Viva o equipamento de escalada!*

Mas então, na luz fraca que se infiltrava de fora, Hamilton viu que também havia uma escada descendo em espiral, ao longo da parede.

Ele cogitou em correr na frente de todos os outros. Era mais forte, mas rápido... Com certeza conseguiria chegar ao prêmio antes de todo mundo. Mas como Hamilton voltaria com o prêmio e passaria pelos outros sem a ajuda da família?

Com Amy e Dan?, Hamilton se perguntou. *Com dois Madrigal?*

Ele olhou de relance para eles dois, que já estavam acendendo lanternas e avançando na direção da escada. Dan tinha uma mancha de terra na bochecha e seu olho direito parecia um pouco inchado onde o pai de Hamilton o havia acertado. Amy estava nervosa, retorcendo um cacho de cabelo entre os dedos. Eles não pareciam dois Madrigal malignos. Pareciam tão inocentes quanto Bambi. Quanto o Coelho da Páscoa. Quanto...

Em sua infância, Hamilton não tinha sido exposto a muitas histórias sobre criaturas fofinhas e inocentes, por isso não conseguiu pensar no exemplo certo. Mas não importava. Mesmo se Amy e Dan não fossem malvados, também não eram fortes o bastante para deter todos outros caso houvesse uma briga pelo prêmio. Para isso, Hamilton precisava de alguém com músculos.

Hamilton precisava de sua família.

— Você vem, Ham? — perguntou Dan esperançoso, como se tentasse descobrir: *Ainda estamos no mesmo time?* Ele e Amy estavam no topo da escada, logo atrás de Jonah, Ian e Natalie.

— Hã... — disse Hamilton. — Só um minuto.

Ele olhou para trás por cima do ombro, na direção do céu aberto.

— Por que você não sai para ver se sua família está chegando, escalando o penhasco do outro lado do elevador? — sugeriu Alistair, encostado no cotovelo de Hamilton.

— Seu eu fizer isso, você vai dar algum jeito de fechar a porta atrás de mim! — protestou Hamilton.

— Não, não, eu nunca faria algo tão baixo — retrucou alistair, lançando para Hamilton um sorriso nem um pouco confiável.

Hamilton viu que Alistair já estava com a mão encostada em alguma coisa na parede do lado do elevador. Seria outro botão?

Ele está tentando me confundir, pensou Hamilton. *Se não conseguir me trancar do lado de fora, quer que eu fique bravo e saia correndo atrás dos outros. Então, quando eu não estiver olhando, ele vai fechar a porta e trancar minha família para fora.*

Mesmo nos esportes, Hamilton odiava quando alguém tentava confundir sua cabeça. Mas ficou de boca fechada e esperou que Alistair desistisse de seu plano e começasse a descer as escadas.

Alistair não se mexeu.

Hamilton não se mexeu.

Alistair não se mexeu.

Agora Ian, Natalie, Amy, Dan e Jonah estavam todos muito à frente deles na escada. Até onde Hamilton sabia, eles já podiam estar com as mãos no prêmio.

Pense!, Hamilton disse a si mesmo. *Você não pode vencer os outros sempre com os músculos!*

Então Hamilton teve uma ideia.

Ele se agachou, dizendo que precisava limpar a lama dos sapatos. Estava meio escuro perto do chão. Enquanto estava abaixado, juntou dois mosquetões de seu kit de escalada e os enfiou na porta do elevador. Assim, mesmo se a porta fechasse, não fecharia totalmente.

Então – e Hamilton achou que aquela era a parte brilhante – ele ficou de pé e esperou mais alguns minutos.

— Certo, acho que vou alcançar os outros — disse num tom despreocupado.

Ele afivelou o kit escalada e começou a descer a escada, avançando para dentro da escuridão. Assim que saiu do campo de visão de Alistair, parou para acender uma lanterna e conferir de novo se os bolsos de seu casaco ainda continham dez tubinhos prateados, amostras de cada uma das pistas que os Holt haviam encontrado.

Vamos precisar disso se este for realmente o fim das buscas pelas pistas, pensou Hamilton. *Não vamos?*

Ele ainda estava pensando em "nós", não "eu".

Eles vão vir!, garantiu a si mesmo. *Minha família vai chegar aqui em breve!*

Escutou com atenção enquanto começava a avançar de novo. Só tinha dado uns poucos passos quando ouviu um barulho mecânico e depois um estalo atrás de sim. E depois os passos irregulares de Alistair soaram na escada.

O estalo só pode significar que os mosquetões funcionaram, pensou Hamilton.

Deixou que Alistair passasse por ele. Continuou escutando, esperando algum ruído que indicasse que sua família havia entrado.

Ali! São eles?, perguntou-se Hamilton. *E agora?*

Era muito difícil ficar de olho nos outros e continuar na retaguarda, tentando ouvir alguma prova de que sua família estivesse logo atrás dele.

Isso foi um passo leve?, Hamilton pensou. *Alguém nas pontas dos pés?*

A família Holt não era conhecida por andar nas pontas dos pés nem por pisar leve, mas a busca pelas pistas os havia forçado a fazer muitas coisas improváveis.

Hamilton tentou pensar em algum jeito de sinalizar para o resto de sua família.

O que eles saberiam que ninguém mais reconheceria? Hamilton se perguntou. *Ah, sim...*

Hamilton começou a batucar o hino da Universidade de Wisconsin no corrimão de pedra da escada.

Jonah, uns poucos degraus abaixo, lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Você? Tentando fazer música? — perguntou.

Jonah apertou os olhos e olhou em volta.

Nesse instante, a primeira pedra atingiu a nuca de Hamilton.

Capítulo 27

— Para! Quem é que está fazendo isso? — gritou Jonah enquanto os pedregulhos choviam sobre ele. — Fiquem sabendo que meu rosto tem seguro!

Automaticamente olhou em volta, procurando um guarda-costas que o protegesse. Mas ele tinha deixado todos os guarda-costas para trás quando saiu escondido dos pais. Quando tinha decidido ser leal a si mesmo.

Imaginou sua mãe ali, provocando-o: *E você achou que podia vencer isso sozinho?*

* * *

Ian e Natalie se agacharam na escada quando a primeira pedra os atingiu.

— Não pode ser ela. Não pode ser ela — repetiu Natalie, como um mantra. — Por favor, me diga que não é ela.

— É claro que não — disse Ian. — Isso seria impossível. Ainda temos tempo — ele completou olhando para o relógio.

Outra pedra passou por eles.

— É só mais alguém dessa ralé, certo? — perguntou Natalie, aflita.

— Com certeza — concordou Ian.

Ele nunca tinha se dado conta de quão bela era a palavra ralé. A ralé não merecia sua atenção. Não importava. Não podia machucá-lo porque ele era superior à ralé do mundo inteiro, em todos os aspectos.

Mas e se a ralé chegasse ao prêmio antes dele e de Natalie?

* * *

Dan iluminou ao redor com a lanterna assim que ouviu Jonah e os Kabra gritando atrás dele.

Pedras caíam de lá de cima, onde ficava o elevador. Dan não se importava com as pedras. Estava mais interessado na silhueta escura que havia deslocado as pedras, um vulto que agora estava pendurado numa corda e passava pela escada.

— Não! Não! Ele... Ela... Essa pessoa... está passando na nossa frente! — gritou Dan.

O vulto negro descreveu um arco perfeito e aterrissou na base da escada em espiral, a apenas alguns passos de distância de uma porta. Depois se virou e correu em direção a ela.

— Não! — gritou Dan. — Não podemos perder!

* * *

Hamilton piscou, confuso. Por que ele não tinha pensado em amarrar uma corda em algum lugar e descer pendurado pelo meio da escada em espiral?

Eu não vi onde ficava a base da escada, ele pensou. *Estava escuro demais.*

Notou que o vulto perto da porta usava óculos de visão noturna iguais aos de soldados. Sentiu uma pontada de orgulho por alguém de sua família, alguém de seu time (Reagan? Madison? Sua mãe?) estar tão preparado.

— Espere! Eu vou com você! — berrou Hamilton. — Eu sou do seu time!

Ele passou com um empurrão por Alistair, que ainda estava olhando para trás.

Foi fácil saltar por cima de Ian, Natalie e Jonah, pois eles estavam agachados nos degraus.

— Eu também vou! — gritou Dan.

— Não enquanto tiver pedras caindo — avisou Hamilton, passando por cima dos dois irmãos Cahill.

Hamilton não parou para pensar se estava protegendo Dan ou apenas fazendo com que ele demorasse mais.

Cinco enormes passadas depois, Hamilton chegou perto o bastante para agarrar o braço do vulto.

— Reagan? Madison? — ele perguntou. — Peraí! Sou eu! Cadê os outros?

Hamilton provavelmente tinha agarrado os braços das irmãs umas mil vezes na infância, mesmo contando só as brincadeiras em que ele as prendia no chão até elas prometerem fazer o que ele queria. Apertando cada vez mais forte o braço do vulto, ele pensou: *Tem muito pouco músculo para ser a Reagan ou a Madison.* Depois: *Também não é a mãe. E com certeza não é o pai.*

Aquele braço era raquítico. E cheio de cicatrizes.

— Você não é um Holt! — acusou Hamilton.

— Claro que sou! — sussurrou o vulto. — Hammy, hã... maninho! Me solta! Vou correr na frente. Você segura os outros.

Ela estava tentando se soltar. Hamilton segurou ainda mais forte.

— Não, não é. Você é... você é...

Em sua mente, Hamilton percorreu as centenas de braços raquíticos que tinha agarrado ao longo dos anos, a maioria de crianças lá no Winsconsin que haviam se mostrado incrivelmente dispostas a dar o dinheiro do lanche para ele. De algum modo, não gostou de pensar naquilo agora. Limitou sua busca mental a braços raquíticos que tinha agarrado durante a busca pelas pistas. *No Teatro Globe, o ninja de calção...*

— Você é Sinead Starling!

De repente, Hamilton entendeu por que estava sentindo cicatrizes por baixo da manga da menina.

Ela realmente se machucou naquela explosão no Instituto Franklin, pensou Hamilton, tomado de culpa. *A explosão que minha família causou*...

A mão que prendia o braço de Sinead se afrouxou.

Capítulo 28

Sinead se libertou de Hamilton, mas então o grupo inteiro a cercou. Dan arrancou os óculos de visão noturna da cabeça dela e espiou por eles em direção à saliência por onde Sinead tinha entrado.

— Os irmãos dela — ele exclamou. — Se estiverem bem atrás...

— Ah, não — disse Sinead, tentando parecer despreocupada. — Eu deixei o Ned e o Ted lá em Stratford. Um único Starling basta para derrotar vocês, seus perdedores.

Ela torceu para que ninguém percebesse como sua voz tremia por se impedir de dizer: *deixei meus irmãos num lugar secreto. Eu sabia que esta podia ser a etapa mais perigosa da busca pelas pistas.*

Ela podia sentir o perigo nos olhares frios de todos.

— Vamos amarrá-la e deixá-la para trás — disse Ian.

— Mas, se os irmãos dela realmente vierem resgatá-la... — Natalie começou a dizer.

— Vocês não sabem se eu estou mentindo ou não, sabem? — Sinead desafiou.

Ela esperou todo mundo começar a brigar de repente, como tinha acontecido no Globe. Assim, poderia passar despercebida por eles. Porém o resto do grupo apenas ficou paralisado, olhando desconfiado para ela e uns para os outros.

Pelo menos eles estão desconfiados demais uns dos outros para se unir contra mim, pensou Sinead.

— Como você chegou aqui, afinal? — questionou Dan.

— Eu resolvi a dica da igreja em Stratford — respondeu Sinead. — Não fiz como o resto de vocês, que apenas seguiu a Amy e o Dan.

Todos, exceto Amy e Dan, desviaram o olhar, culpados. Ela continuou:

— Então inventei um avião ultraleve pra voar até aqui e pousar no topo do penhasco. Tive uma intuição de que talvez precisasse incluir uma nova tecnologia para aterrissar num espaço tão apertado. Depois disso, não foi tão difícil reprogramar a porta para me deixar entrar.

Ela decidiu não mencionar que, embora houvesse roubado o CD em Stratford, Ted é quem tinha decifrado a charada. E Ned havia inventado o avião ultraleve muito antes da busca pelas pistas. E isso de reprogramar a porta era uma mentira deslavada, com a única intenção de descobrir a pessoa que tinha deixado os mosquetões lá.

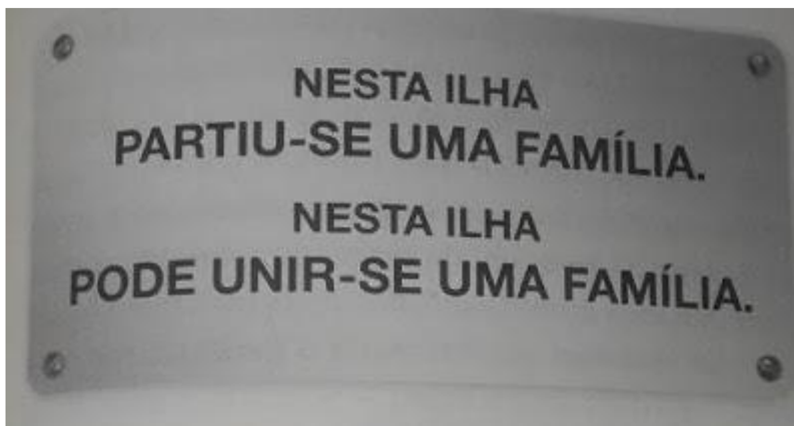
O rosto de Hamilton ficou levemente vermelho.

Ahá, pensou Sinead.

— Sério mesmo, vocês vão precisar da minha ajuda para o resto do percurso até o prêmio — gabou-se Sinead. — Olhem só. Tem uma charada bem naquela porta, que aposto que nenhum de vocês vai conseguir resolver.

Ela apontou para uma placa que sabia que ninguém mais tinha notado.

Lia-se:



— Se isso for poesia, tem uma sílaba a mais na última linha — disse Sinead. — E um anagrama de “nesta ilha” é “tinha sela”, que sem dúvida é uma referência a um equipamento de montaria. E...

— Sinead, isso não é uma charada — interrompeu Amy. — É a verdade. É... é o que os Madrigal esperam conseguir.

Ela passou por Sinead e abriu a porta com um empurrão.

— Está vendo?

Capítulo 29

As mãos de Amy tremiam enquanto ela segurava a porta. Ela tomou coragem de olhar, por cima do ombro, para os outros atrás dela.

— Os Madrigal querem reunir a família desde o começo — ela disse em voz baixa. — Somos descendentes de Madeleine, a quinta filha de Gideon e Olivia Cahill.

— Eles não tinham cinco filhos! — protestou Hamilton. — Tinham quatro!

Os outros gesticularam e resmungaram, concordando com Hamilton, não com Amy. Ela engoliu em seco e obrigou-se a continuar:

— Olivia estava grávida quando Gideon morreu. Madeleine nasceu depois que os outros brigaram e se espalharam pelo mundo. E então não era seguro contar — Amy não se sentia segura agora. Ela tentou terminar. — Os Madrigal só querem acabar com as brigas. Eles querem harmonia. Paz. Per... per...

Ela não conseguia pronunciar a palavra *perdão* diante de Alistair, que tinha ajudado a assassinar seus pais. Nem de Jonah, Ian e Natalie, que tinham tentado matar seu irmão e ela. Nem mesmo de Sinead, que jamais havia demonstrado nada além de maldade.

— No fim, somos nós os bonzinhos da história — afirmou Dan.

— Ah, lógico — zombou Ian. — É por isso que os Madrigal estão sempre roubando pistas dos outros clãs, destruindo todos os planos deles...

— Para impedir que um único clã tenha poder demais — explicou Dan. — Para manter o equilíbrio.

Amy não soube dizer se alguém estava acreditando nele. Apontou a lanterna para a frente, passando pela porta. A luz iluminou outra porta e outro teclado, desta vez com uma função muito óbvia. Esse teclado tinha cinco botões com identificação:



— Olhem — mostrou Amy. — Isso não prova que os Madrigal querem que todo mundo faça as pazes? Afinal, uma pessoa de cada clã precisa estar aqui antes de alguém poder continuar.

Ninguém respondeu. Eles estavam ocupados demais, correndo para apertar os botões. Alistair e Sinead pareciam acotovelar um ao outro para chegar primeiro ao botão dos Ekat. Alistair também estava observando Ian e Natalie, e Amy e Dan.

O coração de Amy afundou no peito.

Ele acha que o teclado pode surtir o efeito contrário: em vez de unir todos, pode dividir as pessoas dentro de cada clã, pensou Amy. *E ele tem razão. Isso pode acontecer. Não comigo e com Dan, mas com os outros...*

A porta se abriu com um estalo e todos passaram se empurrando, lançando olhares desconfiados uns para os outros. Amy se apoiou numa parede. Deve ter batido sem querer em algum tipo de interruptor, pois a sala de repente foi banhada em luz.

— Outro museu? — resmungou Dan.

E era.

Assim como as bases secretas dos outros clãs, pensou Amy.

Olhar para aquela sala cheia de vitrines a deixou mais tranquila. Diferente do museu dos Janus, com suas incríveis obras de arte, ou do museu dos Ekat, com suas invenções fabulosas e horripilantes, as peças em exibição eram bastante simples. Uma mesa de madeira de aspecto comum ficava no centro da sala, como se ocupasse o lugar de honra.

Amy caminhou até ela.

Em cima da mesa havia uma caixa de vidro com duas folhas de papel: uma delas, claramente muito velha, coberta de letras à moda antiga, numa língua indecifrável (gaélico, talvez?). A outra folha era nova, branca e datilografada, com uma etiqueta no topo:

TRADUÇÃO DO
RELATO ORIGINAL
DE OLIVIA CAHILL

Com espanto, Amy começou a ler:

A mesa de jantar de nossa família foi um dos poucos objetos resgatados daquele pavoroso incêndio em 1507. Isto aconteceu por mero acaso, pois eu tinha pedido que Thomas e Luke a carregassem para fora mais cedo, para que assim eu pudesse limpá-la e lustrá-la à luz do sol. Eu não sabia das trevas que estavam por. vir. Olho para a mesa agora e ainda consigo lembrar dos dias felizes: meu marido, meus filhos, eu mesma, todos inteiros e vivos, rindo e conversando, tomando sopa de feijão ou mingau... Sento-me a esta mesa só com Madeleine agora, ela com seu pão com geleia, eu com minhas mágoas, e digo-lhe: "Traga-os de volta. Reúna-os aqui outra vez". Não verei Gideon novamente nesta terra, porém meu maior desejo seria ver Luke e Katherine, Thomas e Jane – e Madeleine e eu! – todos sentados juntos em volta desta mesa. Por favor, Madeleine, por favor...

A frase se interrompia, mas depois havia mais texto, claramente escrito em época posterior:

Meu maior desejo jamais será realizado. As buscas de Madeleine trazem apenas noticias de mortes espalhadas por todo o mundo. Não posso recontá-las todas, a dor é grande demais. Não posso aceitar que meus filhos tenham morrido tão longe de mim e uns dos outros, em tamanha desavença. Madeleine tento me consolar com a ideia de que agora haverá muitos esperando por mim no outro mundo – versões mais felizes de si mesmos, repletos de perdão em vez de hostilidade. Na verdade, anseio por isso. Sou velha, eu mesma não estou longe do outro mundo. Neste mundo, porém, ainda tenho esperanças e medos. Sei que as ambições e aspirações de meu marido fizeram brotar a devastação e o horror em nossa família; meu maior temor é que minha família possa espalhar ainda mais devastação, ou já tenha começado a fazê-lo. Creio que isso só pode ser impedido se minha família se unir novamente e perdoar o passado. É tarde demais para Luke, Katherine, Thomas e Jane, mas talvez seus filhos, ou os filhos de seus filhos... Tenho um novo desejo. É que algum dia um descendente de cada um de meus filhos, inclusive de Madeleine, venha se sentar a esta mesa junto com os outros. Que eles deixem para trás o que já foi. Que carreguem do passado apenas o que pode ser útil ao futuro. E então a família Cahill estará em paz.

Amy tinha lágrimas nos olhos quando parou de ler. Percorreu com os dedos o tampo da mesa, a mesa onde uma família feliz tinha feito refeições por muitos anos, antes que a tragédia e a

traição despedaçasse suas vidas. Ela lembrou de como a própria mãe sempre ficava quando ela e Dan brigavam.

Olivia Cahill também tinha sido esse tipo de mãe. Só queria que seus filhos – ou os descendentes deles – se dessem bem.

Nesta ilha partiu-se uma família. Nesta ilha pode unir-se uma família, pensou Amy. *Será que basta simplesmente todo mundo sentar à mesa junto?*

Ela enxugou as lágrimas rapidamente. Virou-se, pronta para sugerir aquilo para os outros. Porém algo a impediu.

A pior coisa que o Dan e eu fazíamos quando éramos pequenos era brigar por brinquedos, pensou Amy. *Não era tão absurdo que minha mãe sempre conseguisse fazer a gente se acertar. Mas como Olivia Cahill e os Madrigal esperam que todos "deixem para trás o que já foi"", quando "o que já foi" significa assassinatos?*

Ela sentiu o coração endurecendo um pouco, a dor da morte dos pais pesando mais que tudo o quiser sobre os desejos de Olivia Cahill.

É simplesmente impossível, ela disse a si mesma. Era um pensamento que, desde a Jamaica, sempre acabava voltando.

Nesse instante houve um estrondo logo acima, como o barulho de um trovão. O próprio chão pareceu tremer.

E pedras enormes começaram a cair do teto.

Capítulo 30

Amy mergulhou embaixo da mesa de Olivia Cahill.

— Dan! Aqui! — ela gritou. — Hamilton!

As luzes se apagaram de repente, envolvendo a sala numa completa escuridão. Agora, Amy só conseguia ouvir as pedras caindo, não mais as enxergava.

Era pior.

— Dan! Dan! Dan! — ela exclamou. Ouviu Dan e Hamilton gritando por ela, Ian e Natalie clamando um pelo outro.

— Todo mundo embaixo da mesa! — Amy chamou. — É o lugar mais seguro!

Então ela ouviu algo bater com força logo acima. A perna da mesa a que estava agarrada rachou.

E se nenhum lugar fosse seguro?

* * *

Dan agarrou o braço de Hamilton e saiu correndo em direção à voz da irmã.

— Por aqui! — ele berrou.

A chuva de pedras estalava e explodia em volta deles, levantando poeira. Dan não conseguia respirar.

— Não me esp... — ele tentou gritar.

Hamilton nem prestou atenção. Levantou Dan nos braços e o carregou.

* * *

— É ela! — Natalie esgoelava, histérica. — É ela!

— Corre e fica quieta! — Ian berrou de volta para a irmã.

Ele ouviu Amy gritando alguma coisa sobre um lugar seguro. E começou a corner na direção da voz dela.

* * *

Alistair cambaleou e caiu, derrubando a bengala. Conferiu depressa se nenhum dos compartimentos secretos da bengala tinha se aberto sozinho, se nada havia caído. Mas ele estava desorientado. Era como se o chão de pedra tivesse se despedaçado e batido nele.

E continuasse batendo.

Talvez fosse porque todo o lugar estava cheio de pedras.

— Não consigo — ele murmurou. — Não consigo me mexer.

Ele havia simulado a própria morte num desabamento na Coreia, enganando Amy, Dan e Bae. Seria aquela uma ironia do destino? Será que ele realmente morreria num desabamento, tão perto do prêmio final?

— Não... posso... morrer... agora — ele sussurrou.

— Oh, não — uma voz disse acima dele. Mãos começaram a puxar seus ombros, arrastando-o para longe das pedras. — Não vou deixar você morrer.

Era Sinead.

Agora uma nova pergunta se formou nos lábios Alistair: *Por quê?*

Por que alguém o salvaria?

* * *

Jonah estava sozinho, à frente de todos os outros.

Quando o mundo começou a desabar à sua volta, ele ouviu os outros gritando nomes: “Dan!”, “Amy”, “Hamilton!”, “lan!”.

Ninguém chamou o nome dele.

Uma pedra acertou seu ombro e o derrubou no chão.

Centenas de milhares de pessoas gritam meu nome todas as noites, ele disse a si mesmo. *“Jonah! Jonah! JONAH!”*

Ele conseguia ouvir o ritmo dos gritos dos fãs nas pedras que atingiam o chão ao seu redor.

Outra pedra acertou sua perna, prendendo-o no chão.

Sou uma das maiores celebridades do mundo, ele repetiu para si mesmo. Mais pedras caiam sobre ele. *E... vou morrer num lugar onde ninguém se importa comigo.*

Capítulo 31

Hamilton ainda tinha uma lanterna. Assim que as pedras pararam de cair, ele a tirou do bolso e iluminou Dan.

Dan estava lutando para respirar.

— Ele precisa... ele precisa... — Hamilton começou a dizer.

— Da bombinha — completou Amy.

Desesperada, ela vasculhou os bolsos do irmão. A poeira no ar também incomodava Amy. Fazia seus olhos lacrimejarem, seus pulmões incharem, sua garganta fechar.

Ou seria seu próprio medo, seu próprio pânico?

— Não o Dan — ela murmurou — por favor, o Dan não.

— É isto? — perguntou Hamilton, segurando a bombinha que tinha caído a uns poucos centímetros de distância.

Amy tomou a bombinha da mão de Hamilton e a colocou na boca do irmão.

— Respire — ela sussurrou.

Dan começou a respirar.

Amy se apoiou na perna da mesa. *Quando foi que Dan começou a carregar a bombinha em vez de confiar na Nellie?,* ela se perguntou. Resistiu ao impulso de se abaixar, abraçá-lo e gritar: *Obrigada por ser responsável!*

Ele iria odiar isso.

Amy também estava zonza demais para pensar direito. Obrigou-se a ficar calma e olhar em volta. A mesa de Olívia tinha se revelado um lugar seguro. Só estava um pouco rachada, com pedaços ásperos de madeira despontando aqui e ali. Mas estava rodeada por pedras enormes, pedras que poderiam ter matado qualquer um deles.

Ela tomou fôlego com dificuldade e olhou para Hamilton.

— Você salvou a vida do Dan — ela disse — como salvou a minha lá na Austrália.

Ela achou que Hamilton fosse dar uma de machão, talvez até contar vantagem, dizendo que poderia ter levantado 200 quilos de rocha se fosse necessário. Mas Hamilton também estava com dificuldade para respirar.

— Eu devia isso a você — retrucou Hamilton — a vocês dois. Por todas aquelas vezes em que minha família tentou machucar vocês no começo da busca pelas pistas. E... — ele contorceu rosto — e acho que talvez essas pedras tenham caído por causa da minha família. Por que eles estavam tentando explodir o poço do elevador para entrar. As ondas de choque teriam se propagado até aqui.

Amy olhou fixo para Hamilton, que parecia tão angustiado quanto Dan.

Explodir um poço de elevador era o tipo de coisa que os Holt teriam feito no começo. Mas eles tinham parado de ser tão violentos assim.

Oh, Amy se deu conta. *Por causa da influência do Hamilton...? E agora ele não está com eles , então...*

— Talvez tenha sido só um terremoto comum — disse Amy. Era engraçado como culpar um terremoto podia ser tranquilizante. — Eles acontecem.

— Não na Irlanda — interrompeu Sinead. Ela estava encolhida embaixo da mesa, logo atrás de Hamilton — não é comum.

Ela parecia tentar falar com tanto desprezo quanto de costume, porém sua voz tremia, quase se desfazendo em soluços.

— Os Madrigal — interferiu Alistair. Ele estava deitado no chão, ao lado de Sinead. Mesmo no brilho fraco da lanterna, Amy percebeu que seu rosto estava empapado de suor e sua respiração, tão curta quanto a de Dan — os Madrigal estão nos castigando...

— Não — Amy balançou a cabeça, teimosa — não é isso que os Madrigal querem. Eu se que é difícil acreditarem, mas os Madrigal realmente estão tentando fazer as pazes.

A expressão de Alistair não se alterou.

— Só pode ter sido alguém que está atrás do prêmio — concluiu Natalie, numa voz fina e apavorada.

Amy percebeu que Ian e Natalie estavam encolhidos juntos, logo depois de Alistair, bem na beirada da mesa.

Isso seria bom o bastante para Olívia Cahill?, Amy se perguntou. *Seus descendentes não sentaram juntos à mesa, mas nós estamos juntos nos abrigando embaixo dela: Madrigal, Tomas, Ekat, Lucian e... e...*

Amy olhou em volta, sondando o escuro com olhos bem apertados...

— De repente foram os irmãos da Sinead que causaram a explosão — sugeriu Ian numa voz apertada — ou Cora Wizard. Talvez ela não confie mais no Jonah.

— Oh, não. Oh, não — murmurou Amy. Ela agarrou a lanterna da mão de Hamilton e apontou o facho para os destroços e pedras. — Cadê o Jonah?

* * *

Eles o encontraram embaixo de uma pilha de pedras, com a parte de cima do corpo parcialmente presa sob uma enorme estante de vidro que trazia a etiqueta A BUSCA DOS MADRIGAL PELA PAZ.

Lester, pensou Dan, sem energia, com a cabeça ainda zonza por causa da crise de asma. Ou por causa de tudo mesmo. *Lester, Irina, a mamãe e o papai. E agora...*

— Ele ainda está respirando! — anunciou Hamilton, afastando as pedras do caminho.

— Está? — perguntou Dan, atônito.

— Muito pouco — disse Sinead, debruçando-se sobre Jonah. Ela começou apertá-lo e cutucá-lo. — Ele vai sentir muita dor quando acordar. As duas pernas com certeza estão quebradas, provavelmente também algumas costelas e...

— Façam um curativo suficiente para impedir que ele morra e vamos continuar andando — interrompeu Ian, tenso.

— O quê? — exclamou Amy — você não ouviu o que Sinead disse? Ele precisa de ajuda! Tratamento médico! Alguém tem que levar ele de volta!

— Quem iria fazer isso? — Ian perguntou, em tom de zombaria. E apontou para a porta. — E de que forma, se a entrada por onde viemos está totalmente bloqueada?

Dan não tinha notado aquilo antes. Ficara ocupado demais tentando recuperar o fôlego, depois procurado Jonah. Mas agora Hamilton apontou a única lanterna que ainda funcionava para primeira porta. Ela nem aparecia por trás da pilha de pedras.

— Só tem um jeito de sair daqui — disse Ian, apontado agora para a outra ponta da sala, onde o chão sofria um leve declive — ir até o fim.

— Então por que você não está correndo na frente? — provocou Alistair. — Deixando os corações moles para trás, para cuidar de Jonah, enquanto você ganha o prêmio?

— Porque os Madrigal não vão permitir — disse Ian, lançando um olhar de ódio para Amy e Dan. — Foram eles que projetaram este lugar, certo?

Dan viu Amy concordar com a cabeça, num gesto quase imperceptível.

— Eu também olhei a porta que temos pela frente — Ian continuou. — É outra que exige impressões digitais de todos os cincos clãs — ele fitou sem expressão o corpo inconsciente de Jonah. — Vocês acham que a impressão digital do Jonah ainda vai funcionar se ele morrer?

* * *

— Você está fazendo os outros nos odiarem — Natalie sussurrou no ouvido de Ian. — Eles acham que você pode matar Jonah de propósito. Que pode matar todos eles. Você não lembra que a mamãe sempre diz que é melhor ser simpático até o momento de...

— Não me venha falar da mamãe — retrucou Ian.

Natalie piscou para conter as lágrimas.

Você acha que eu também não ouço a voz dela na minha cabeça?, Ian queria berrar para a irmã menor. Era tão difícil se desligar de tudo de tudo o que a mãe havia lhe ensinado. Era difícil até cogitar que ele poderia pensar por conta própria.

Ele olhou por cima do ombro para onde os outros estavam. Eles fizeram uma tala nas pernas de Jonah com a mochila dele. Depois, o puseram numa maca improvisada com uma bandeira da ONU tirada de uma das vitrines. Obviamente, os Madrigal alegavam ter ajudado a fundar a ONU e todas as outras organizações ligadas à paz nos últimos quinhentos anos.

Mais mentiras, pensou Ian. *Tanto faz. Isso não importa agora.*

— Depressa! — ele instigou os outros.

Dan, Amy e Hamilton tinham começado a vasculhar os destroços, procurando outra lanterna que funcionasse. Sinead e Alistair estavam reunindo uma estranha coleção de objetos: fios, cordas, pilhas, molduras de vitrines, os óculos de visão noturna estilhaçados. Talvez estivessem tentando construir outra lanterna.

— Não há tempo para isso — insistiu Ian — vamos!

Alistair, que estava vasculhando uma das vitrines, ergueu o olhar.

— Ansioso demais para continuar... — ele murmurou. — Você está nos conduzindo para alguma armadilha armada pela sua mãe?

— Não! Para longe dela! — desabafou Ian.

Natalie balançou a cabeça freneticamente, tentando fazer sinal para o irmão.

— Temos que contar — Ian avisou — senão eles não vão ouvir.

Natalie engoliu seco.

— Nós enganamos nossa mãe — ela contou numa voz trêmula — antes de irmos para Stratford, dissemos a ela que a próxima pista estava na Biblioteca Folger Shakespeare. Em Washington, nos Estados Unidos.

— Ela teria levado vocês junto — acusou Hamilton.

— Ela tentou! — exclamou Natalie. — Mas reservou a passagem dela na primeira classe e colocou Ian e eu na classe *econômica* — ela sussurrou a última palavra, como se fosse vergonhosa demais para ser dita em voz alta.

— Então nós embarcamos no avião, mas depois saímos escondidos e fomos para Stratford — explicou Ian. — Sabíamos que só teríamos o tempo de ela voar até Washington, descobrir que tinha sido enganada e voar de volta.

— De volta para a Inglaterra, claro, mas ela não teria como saber que vocês estão *aqui* — observou Dan.

— Ah, ela descobriria — disse Natalie. — Ela é mesmo assustadora.

— Nós conferimos os horários de voos — comentou Ian — não achamos que ela já possa ter chegado, mas...

— Ela é mesmo assustadora — sussurrou Amy.

Todos ficaram em silencio, seus rostos escurecidos no brilho fraco da única lanterna.

— E daí? — disse Hamilton, numa voz tão alta e intimidadora que fez Ian se encolher — mesmo se ela chegar a ilha, como vai atravessar *aquilo*?

Ele apontou para a pilha de pilha de destroços que bloqueava a porta.

— Ela vai usar explosivos — disse Ian — de novo.

Ian viu os outros se dando conta: *Isabel tinha causado a primeira explosão.*

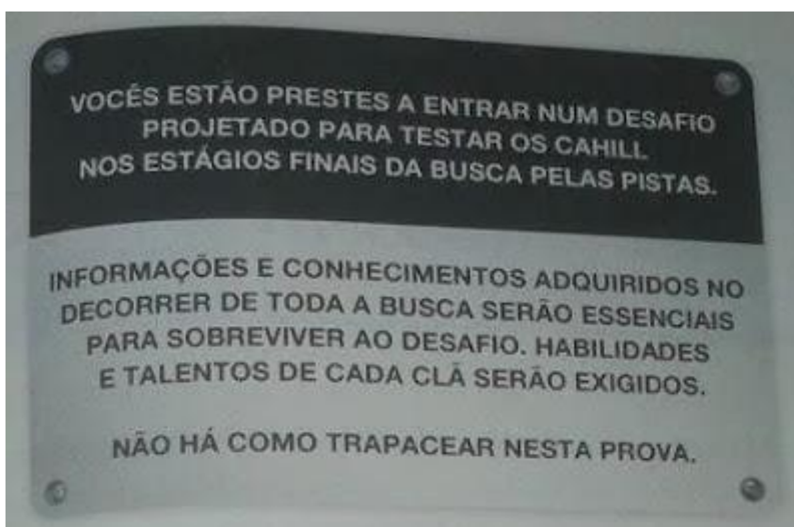
Ela não teria receio de machucar ou matar outras pessoas com mais explosões.

Não seria seguro ficar nesta sala se ela tentasse forçar a entrada com mais uma explosão.

— Hamilton, você e Ian carregam o Jonah — instruiu Amy — vocês dois são os mais fortes. Dan segure a lanterna, segure firme.

Ian não queria carregar Jonah. Queria ficar desimpedido para sair correndo e deixar todos para trás quando eles chegassem ao prêmio final. Porém naquele momento, era mais importante começar a se mexer. Ele levantou uma ponta da bandeira da ONU enquanto Hamilton erguia a outra. Os dois avançaram com dificuldade, tropeçando quase a cada passo. Na porta da saída, o próprio Ian segurou um dedo de Jonah sobre o botão dos Janus.

E claro que havia outra porta após a primeira. Era coberta por uma grande placa . Dan segurou a lanterna bem perto para que todos pudessem ler.



Ian deu um sorrisinho.

Sempre há um jeito de trapacear, ele pensou.

Seu sorriso sumiu do rosto. Aquelas eram apenas palavras que sua mãe tinha lhe ensinado? Ou ele realmente acreditava naquilo?

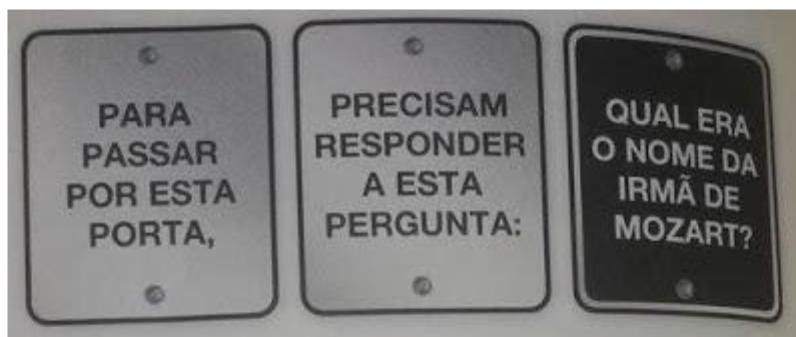
* * *

— Você confia no Ian? — Dan sussurrou para Amy.

— É claro que não — Amy sussurrou de volta — mas, por enquanto, nós meio que precisamos confiar, né?

A frente deles, Dan viu Ian e Hamilton cooperando para fazer Jonah passar por cima de uma pedra particularmente grande. Eles agora estavam num túnel estreito, com nada além de pedras à volta. A lanterna de Dan lançava sombras perturbadoras por toda parte.

Dan dobrou uma esquina e outra porta apareceu diante deles com mais placas:



Mas a porta já estava aberta, metade dela pendurada pelas dobradiças.

Ninguém se deu o trabalho nem de sussurrar “Nannerl” enquanto passava.

O grupo chegou a outra porta, com outro teclado onde aparecia os nomes dos cinco clãs.

Esta porta também estava escancarada.

— Com certeza vão aparecer outras portas que estarão trancadas — disse Amy numa voz aguda. — Nelas vamos precisar de todo mundo, até do Jonah...

Dan tentou travar contato visual com a irmã.

A gente podia correr na frente, ele pensou para ela. *Estou segurando a única lanterna. Se todas as portas estivessem abertas, poderíamos deixar os outros para trás no escuro e...*

Nesse exato instante, o chão começou a tremer de novo e pedras caíram do teto.

Desta vez não havia mesa para abrigá-los.

Capítulo 32

Dan se agachou instintivamente, com as mãos sobre a cabeça e a lanterna enfiada embaixo do braço.

Alguém lhe deu um tapinha nas costas.

— Não! Fique de pé! — Alistair gritou na sua orelha. — Menos área para as pedras atingirem!

Fazia sentido.

Dan lutou para ficar de pé enquanto as pedras continuavam chovendo.

— O mais seguro é grudado na parede! — exclamou Alistair.

Dan se apertou de costas contra a parede sólida de pedra. Iluminou em volta com a lanterna e viu os outros também de pé, comprimidos contra a parede. Jonah não podia fazer isso, é claro, mas Ian e Hamilton seguravam sua maca o mais próximo possível.

Dan viu uma pedra enorme cair a centímetros do rosto de Amy. E mesmo com a chuva de pedras, ouviu Sinead gritando:

— De novo, não! De novo, não!

Ele sentiu a mão de Alistair em seu ombro. Ajudando a mantê-lo equilibrado.

— Deixe a lanterna longe das pedras que estão caindo! — Alistair gritou para ele. Dan se aproximou. — Quer que eu segure para você?

— Não, valeu! — disse Dan, transferindo a lanterna para a outra mão. Ele a segurou atrás das costas.

E se esquivou da mão de Alistair.

Ele não estava tentando salvar minha vida nem me proteger, pensou Dan, furioso. *Estava se posicionando para roubar a lanterna assim que isso acabar! Ele também quer correr na frente!*

A chuva de pedras amainou, depois parou.

— T-todos estão bem? — Amy perguntou, trêmula.

Ian fez uma breve avaliação dos outros.

— Temos arranhões e cortes, mas só isso — ele disse. — Vamos continuar.

Porém havia uma pilha de destroços no caminho. Hamilton e Ian precisaram cooperar para mover uma das pedras maiores, só para poderem avançar.

Nossa! Precisamos ficar juntos por causa das explosões! Pensou Dan.

Pelo menos Alistair pareceu percebeu isso também.

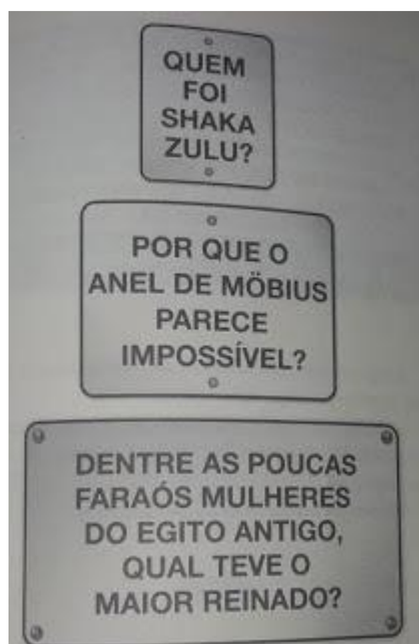
Ele deu um tapinha nas costas de Dan e não moveu a mão na direção da lanterna.

— Eu sabia que podia garantir nossa segurança! — comentou Alistair. — Sabem, uma vez prometi a seus pais...

Dan ficou revoltado.

— Não me venha nunca falar em promessas! — ele chiou. — Você nem sabe o que isso significa!

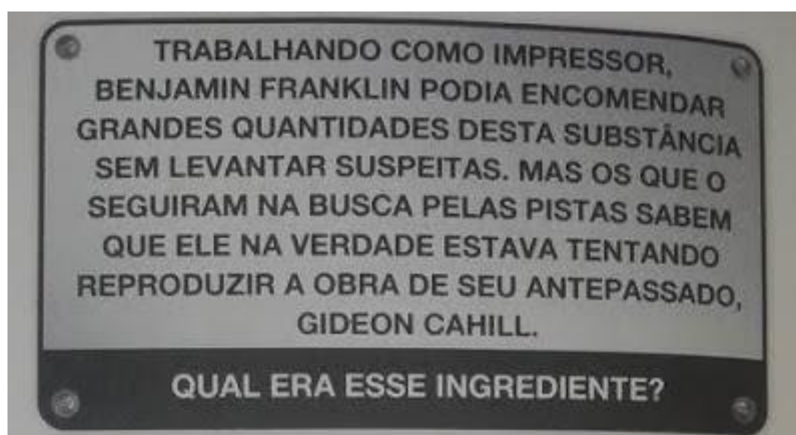
* * *



Eles passaram por portas e mais portas quebradas e, entre elas, explosões. Mesmo Amy mal se dava o trabalho de continuar lendo as perguntas. Vagamente, percebeu que os Madrigal deviam usar as perguntas para tentar fazer os clãs se unirem.

Talvez uma família normal se reunisse para brincar de perguntas e respostas, ela pensou. *Mas os Cahill? Jamais.*

Eles chegaram a outra porta com outra placa:



Solução de ferro, pensou Amy automaticamente. *Essa foi a primeira pista que descobrimos.*

Então os Madrigal esperavam que, a esta altura, os competidores estivessem tão amigos a ponto de compartilhar pistas?

Nem em um milhão de anos, pensou Amy.

* * *

Trinta e seis, pensou Ian. *Trinta e sete. Trinta e oito.*

Ele estava contando as portas com perguntas desde que eles haviam entrado no desafio. Tinha certeza de que a 39ª porta seria a última.

Segurando com uma das mãos a maca improvisada de Jonah, ele desviou do facho da lanterna e, na penumbra, roçou os dedos no braço de Natalie.

Será que ela vai entender?, ele se perguntou. *Assim que eu passar por esta porta, vou jogar o Jonah para trás de derrubar todo mundo. Ela toma a lanterna do Dan, e então saímos correndo. Seremos os primeiros a chegar ao prêmio.*

Ele não podia ter certeza de que a irmã saberia o que fazer. Precisou sussurrar no ouvido dela, o que fez os outros olharem desconfiados.

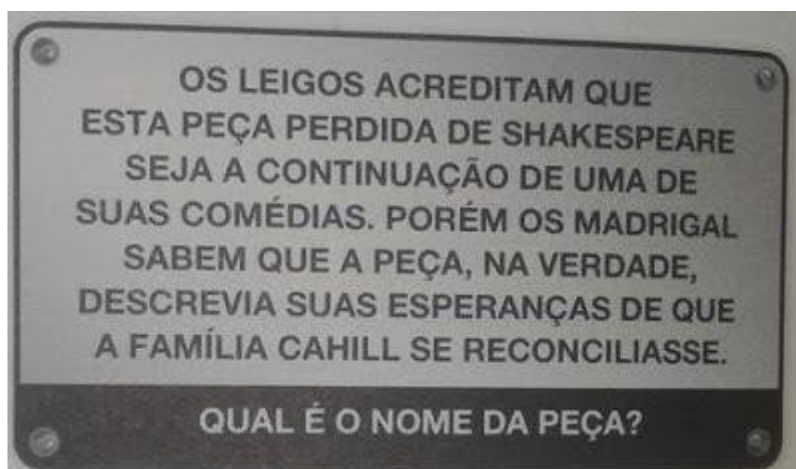
Tanto faz. Eles não vão ter tempo de reagir, pensou Ian.

Ele estendeu o braço para empurrar a última porta.

Aquela porta estava muito bem trancada.

E trazia uma pergunta que Ian não sabia responder.

Capítulo 33



Dan virou a cabeça na direção de Amy, pronto para ouvi-la anunciar uma resposta triunfante.

Mas Amy estava mordendo o lábio.

— Eu não sei qual é a peça. Desculpa — ela disse, seu rosto num tom de branco fantasmagórico sob o brilho fraco da lanterna. — Eu só tive dois dias pra estudar sobre Shakespeare. Você sabe, Alistair? Sinead?

— Eu nunca soube que Shakespeare era um Cahill — respondeu Alistair, irritado. — Como poderia dizer qualquer coisa sobre ele?

Sinead apenas fez que não com a cabeça.

Ian lançou um olhar assustado para o escuro atrás deles, onde as explosões continuavam a acontecer. Pareciam chegar mais perto.

— Temos que descobrir isso — ele murmurou. — Não temos muito tempo!

Ele depôs sua ponta da maca de Jonah no chão e começou a digitar num teclado, cujos botões de letras eram como os de um celular.

— Vou tentar *Reunião* — ele disse. — Não. *Paz.* Não. — Ele socou as teclas. — Que coisa imbecil, inútil, cretina...

— Talvez seja *Romeu e Julieta se beijam e fazem as pazes* — sugeriu Dan.

— Dan, *Romeu e Julieta* é uma tragédia, não uma comédia — corrigiu Amy. — e os dois morreram no final da peça, por isso não tem como existir uma continuação.

Dan não sabia daquilo e meio que desejava não ter descoberto.

— Quase toda a geração mais jovem morre nessa peça — comentou Sinead.

Dan olhou em volta. Quase toda a geração mais jovem da família Cahill estava ali, presa naquela caverna.

— Talvez o Jonah saiba a resposta — disse Dan, numa voz rouca.

Ele foi até Jonah e sacudiu de leve seus ombros.

Jonah gemeu, contorcendo o rosto de dor.

Natalie se debruçou e lhe deu um tapa.

— Jonah! — ela gritou. — Você tem que acordar e responder uma pergunta!

As pálpebras de Jonah tremeram.

— E aê... E aê... — ele balbuciou. — Beleza?

— O que você sabe sobre peças perdidas de Shakespeare? — Natalie perguntou.

— Não contem... pros fãs... que eu sei — murmurou Jonah.

— Mas diga para nós — exigiu Ian. — Diga, senão você talvez sangre até a morte, aqui mesmo.

Seria possível?, Dan se perguntou. Mesmo na luz fraca, ele enxergou manchas escuras crescendo nos panos que Sinead tinha usado como curativo nas pernas de Jonah. Ele provavelmente tinha perdido muito sangue.

— *Dupla falsidade* — sussurrou Jonah, ainda se contorcendo de dor. — *A história de Cardênio.* E *Trabalhos de amor...*

— *Trabalhos de amor perdidos* é uma peça de Shakespeare que todo mundo conhece — retrucou Sinead com desdém.

— Não *perdidos* — murmurou Jonah. — *Vencidos. Trabalhos de amor vencidos.*

— Vamos tentar — disse Amy, correndo para o teclado.

Ela digitou a resposta... e a porta se abriu com um estalo.

No instante seguinte, Dan sentiu a lanterna ser arrancada de sua mão.

— Ei! — ele gritou.

Natalie fugiu correndo dele, segurando a lanterna como se fosse um prêmio. O facho dançou loucamente em volta, iluminando o teto e depois o chão do outro lado da porta.

Dan levou um susto.

— Não, Natalie! Espere! — ele berrou. — Você vai...

Natalie caiu. Seu primeiro passo ao cruzar a porta a fez despencar pela beira de um precipício. Desesperado, Dan tentou agarrá-la e conseguiu segurar seu tornozelo. Mas o impulso do corpo dela puxou Dan na direção do abismo também.

Dan sentiu as mãos de Amy no seu pé. Mas agora ela também estava escorregando para a frente.

— AHHHHHH! — Natalie gritou.

— Socorro! — berrou Dan.

— Alguém! Por favor! — implorou Amy.

Dan viu a lanterna continuar sua queda, caindo e caindo sem parar.

Então tudo ficou escuro.

Capítulo 34

— Natalie! — gritou Ian. — Natalie, não!

Ele mergulhou, mirando às cegas onde tinha visto Dan, Amy e sua irmã pela última vez. Foi parar num amontoado de gente perto da porta. O cotovelo de alguém estava em sua orelha, o joelho de outra pessoa estava em suas costas e o rosto de mais alguém estava esmagado contra seu braço. A única outra ocasião em que Ian tinha estado num emaranhado tão complexo de braços e pernas foi no Teatro Globe, quando todos brigavam pela dica.

Desta vez, todos tentavam salvar Natalie, Amy e Dan.

— Eu vou morrer! — gritou Natalie lá de baixo.

— Não, não, eu estou te segurando — disse Dan desesperado, abaixo de Ian. — Mas preciso de ajuda...

— Estou tentando! — grunhiu Hamilton, perto da orelha de Ian.

Ian sentiu um peso mudando de lugar. Obviamente Hamilton estava bem em cima de Ian.

— Não! — Ian gritou. — Se você for para a frente, vamos cair no abismo! Você vai nos derrubar!

— Então o que é que eu tenho que fazer? — resmungou Hamilton.

— Me baixe pelos tornozelos — disse Ian. — Segure firme.

Para sua surpresa, Hamilton recuou e fez o que Ian tinha mandado.

— Sinead, você segura na Amy — instruiu Alistair.

Ancorado pela força de Hamilton, Ian esticou o braço em direção ao som da voz da irmã. Conseguiu segurar o tornozelo dela, sua mão logo ao lado da de Dan. Ambos puxaram, num esforço conjunto.

Logo em seguida, Natalie estava sentada junto com os outros no topo do despenhadeiro, próxima da porta. Ela soluçava no escuro.

— Eu podia ter morrido — ela choramingou. — Achei que fosse morrer...

— Agora você está bem — consolou Ian, abraçando a irmã. — Você está em segurança.

Ele sentiu arranhões e sangue nos braços e no rosto dela; ele mesmo devia estar todo sujo de sangue. Porém não se importou.

Dan salvou Natalie, assim como Amy me salvou no Everest, pensou Ian. Ele sentiu uma leve pontada de culpa pelo que tinha planejado fazer.

Pelo que ainda planejava fazer.

Não queria pensar nisso agora. No seu cérebro só havia lugar para o alívio.

— Você está segura — ele repetiu para Natalie.

Por enquanto.

* * *

Amy estava sentada no escuro, ouvindo os outros falarem. Quando não conseguia ver seus rostos, eles soavam diferentes.

Mais assustados. Mais sofridos, machucados, doloridos e angustiados... igual à Amy.

— O que faremos agora? — perguntou Dan, com a voz trêmula.

— Minha mãe está vindo — gemeu Natalie. — Eu perdi a lanterna, tem um abismo que não conseguimos nem ver e agora não podemos continuar... Ela vai nos pegar antes que...

— Pederneira — interrompeu Sinead.

— O quê? — perguntou Hamilton. Amy notou a confusão total na voz dele. — Pra que você iria querer uma peneira numa hora dessas?

— Não é *peneira* — disse Sinead. — É pederneira, o mineral.

— Para produzir fogo — completou Alistair.

Aaaah, pensou Amy. *Então existe uma chance...*

— Tenho certeza de que vi vestígios de pederneira nas pedras deste túnel — informou Sinead. — Se começarmos a bater pedras nas paredes e encostarmos pedaços de corda na pedra assim que virmos uma faísca...

— Então talvez conseguiremos acender tochas — concluiu Alistair. — Pena que não tenho gasolina ou fluido de isqueiro para embebedar as cordas.

— Serve perfume? — perguntou Natalie, dando um passo para o lado. Surpreendentemente, ela havia conseguido segurar a bolsa, mesmo pendurada pelo tornozelo num despenhadeiro.

— Só você é capaz de ter perfume numa hora dessas — comentou Amy.

— Não, minha... — Natalie começou a falar, mas se interrompeu. — Não, não sou.

Porém Amy sabia o que ela estava prestes a dizer: *Não, minha mãe também.*

Foi difícil no escuro, mas em poucos minutos todos manobraram até conseguir espalhar pedaços de corda no chão. Natalie começou a encharcá-la de perfume.

No instante em que a fragrância atingiu o nariz de Amy, ela recuou.

— Esse perfume! É... — Dan sentiu-se enjoar.

— Eu sei! Eu sei! É o mesmo que minha mãe usa! Desculpa! — Natalie gemeu.

O perfume era como a maldade de Isabel sussurrando em volta deles: *Vou pegar vocês. Vocês nunca podem ganhar de mim. Eu matei seus pais. Não sabem que vou matar vocês também?*

Amy não teve escolha senão se obrigar a pegar uma das cordas embebidas em perfume. Começou a bater em uma pedra na parede com um ânimo todo especial. À sua volta, todos golpeavam a parede com a mesma força.

— Vocês estão fazendo mundo barulho! — gritou Ian. — Vão atrair minha mãe direto para cá!

Por um instante, todos pararam, com a fragrância do mal rodopiando ao seu redor.

— Só tem um caminho neste túnel — disse Alistair, em voz baixa. — Se o que você diz é verdade, Isabel está vindo em nossa direção de qualquer modo.

Todos eles voltaram a bater na parede. Bateram e bateram e bateram e bateram...

Hamilton foi o primeiro a conseguir uma faísca, provavelmente porque era quem conseguia bater com mais força. Depois tentou fazer com que uma segunda faísca pulasse na corda embebida em perfume.

— Segure mais perto — sugeriu Dan.

— Separe mais as fibras da corda... até chegar aos fios individuais — aconselhou Alistair.

— Bata mais rápido — recomendou Ian.

— Todos vocês... calem a boca! — ordenou Hamilton, golpeando mais forte as pedras.

Enfraquecida, Amy se apoiou na parede. Eram passos que ela ouvia ao longe, ou apenas o eco das batidas de Hamilton?

O túnel estava envolto pelo cheiro de Isabel. Amy sentiu como se estivesse se afogando nele. Afogando-se em perfume, medo, escuridão e na maldade de Isabel...

Não há esperança, ela pensou.

E então o pedaço de corda de Hamilton pegou fogo.

* * *

Amy usou a corda de Hamilton para acender sua própria, enquanto todos os outros se amontoavam para fazer o mesmo.

— Opa, opa, cuidado — resmungou Hamilton enquanto Dan balançava sua corda. — Não vão botar fogo em mim.

As cordas eram moles demais para funcionar direito como tochas. Não havia como segurá-las em pé. Amy só conseguia carregar a sua de lado, de um jeito incômodo, com as chamas lambendo a corda perigosamente em direção à sua mão.

Ela não gostou da proximidade com o fogo, assim como não tinha gostado de sentir o cheiro do perfume. Cada chama a fazia lembrar aquela noite terrível em que seus pais haviam morrido, a noite terrível em que Irina tinha perdido a vida.

— De que adianta ter luz se só existe um abismo na nossa frente? — resmungou Natalie.

— Tem uma saliência. Ali do lado — disse Alistair, segurando sua própria tocha de corda diante de si. Ele pisou na saliência, porém manteve a corda em chamas bem baixa, junto à encosta do penhasco. — Este é um formato estranho para uma cratera se todas as explosões foram acima de nós. Será que...

— O quê? — perguntou Ian, a voz carregada de ansiedade. — O que isso significa?

— Não sei dizer — afirmou Alistair.

Mesmo com todas as cordas em chamas, estava escuro demais para Amy ler a expressão de Alistair. Ela não sabia se ele estava sinceramente perplexo ou se estava sonegando informações, como tinha feito tantas vezes antes.

Eles avançaram devagar pela saliência de pedra.

Não pense no buraco escuro, escancarado à sua frente, Amy disse a si mesma. *Não pense que você pode morrer se seu pé escorregar. Não pense que Dan pode morrer se o pé dele escorregar. Não pense em fogo e morte. Pense em...*

— Jonah? — ela chamou na escuridão. Amy nem tinha certeza se ele ainda estava consciente. — Como você está?

— Aê, já estive melhor — ele respondeu fracamente.

Ian e Hamilton ainda o carregavam, mas várias vezes precisavam contornar a encosta para impedir que Jonah batesse em quinas de pedras.

Agora que estava prestando atenção, ela ouvia Jonah ofegando de leve a cada poucos passos, provavelmente por causa das sacudidas em seus ossos quebrados.

O que era mais cruel: levar Jonah junto ou deixá-lo para trás?

Para Isabel encontrá-lo?. Amy pensou com um calafrio. *Isso seria a coisa mais cruel de todas.*

A saliência fazia um declive abrupto, uma decida que parecia interminável. Amy se perguntou se eles já tinham descido de volta para o nível da praia e do cemitério. Talvez eles estivessem num nível mais baixo que isso. Talvez estivessem abaixo do oceano.

— Aqui tem outra porta trancada — Alistair gritou da frente da fila. — E... outro teclado para cinco de nós apertarmos.

Foram necessárias algumas manobras para levar uma pessoa de cada clã para o início da fila. Eles apertaram os botões e depois houve uma longa pausa.

— Fizemos alguma coisa errada? — perguntou Dan. — Não está...

Nesse exato instante, a porta se abriu.

Desta vez, todos tomaram cuidado ao avançar. Mesmo antes de atravessar a soleira da porta, Amy percebeu que, na escuridão diante de si, havia um espaço muito maior que os corredores estreitos que eles tinham percorrido durante a maior parte do dia. Sob os pés dela, em vez de uma extensão interminável de rocha, havia um chão pavimentado com pedra e cimento. Sinais escuros marcavam o chão. Cinzas? Resquícios de cinzas?

— Olhem — sussurrou Dan ao seu lado.

Ele ergueu a corda em chamas para que Amy pudesse ver uma placa de metal na parede:

ISTO É TUDO O QUE RESTA
DO LABORATÓRIO
DE GIDEON CAHILL
1507

Capítulo 35

— Foi aqui que Gideon Cahill fez o soro! — sussurrou Dan. — Então o prêmio deve estar aqui!

Tardiamente, ele percebeu que não devia ter falado tão alto. Mas não importava, todos os outros também estavam olhando para a placa.

— Temos que chegar primeiro! — Dan gritou para Amy. Ele agarrou o braço da irmã, puxando-a mais para dentro da escuridão. — Precisamos!

* * *

Ian e Hamilton soltaram a maca de Jonah ao mesmo tempo, fazendo-o berrar de dor.

— Foi mal, cara — disse Hamilton. — Eu vou...

O quê? Compensar Jonah algum dia? Ele não podia. A não ser que compartilhasse o prêmio também com ele, mas Hamilton não tinha intenção de fazer isso.

Ele saiu em disparada, deixando Jonah para trás.

* * *

— Natalie! — Ian berrou. — Temos que ganhar deles! Você sabe o que fazer!

Ele olhou em volta enlouquecido, iluminando com a tocha de corda uma área muito pequena ao seu redor. O vidro quebrado estalava sob seus pés. Ele era tão rico, tão bonito, tão talentoso, tão esperto. Mas era desolador: nada disso garantia que ele e Natalie fossem vencer.

* * *

A dor era insuportável.

Você podia simplesmente desistir, Jonah disse a si mesmo. Ele perdia e recuperava a consciência, imaginando luzes que dançavam por todo o recinto.

Mas Jonah batalhava para ser o maior astro do mundo desde que tinha conseguido segurar um microfone. Desistir não era do seu feitio. E aquela batalha era ainda mais importante.

Ele se apoiou nos cotovelos e começou a rastejar.

* * *

— Isto é por vocês, Ned e Ted — sussurrou Sinead.

Ela observou um suporte que já devia ter abrigado tubos de ensaio, ou o equivalente disso em 1507. Talvez houvesse vestígio de alguma coisa importante nas manchas de cera derretida no suporte. Ou quem sabe algo tivesse vazado para a mesa carbonizada embaixo dele.

Possibilidades demais, pensou Sinead, entrando em desespero. Coisas demais para examinar em muito pouco tempo.

Mas ela tinha de achar o soro. Era a única chance de Ned e Ted.

* * *

As crianças são todas mais rápidas que você, Alistair lembrou a si mesmo. *Por isso você tem de ser mais astuto.*

Enquanto os outros corriam de um lado para o outro, desesperados, Alistair observou o brilho de suas luzes que subiam e desciam.

Uma mesa no meio do cômodo, pensou Alistair. *Uma parede à direita*.

E à esquerda?

Por mais que os outros avançassem para a esquerda, Alistair não viu nenhuma outra parede, nada que mostrasse o fim do espaço aberto.

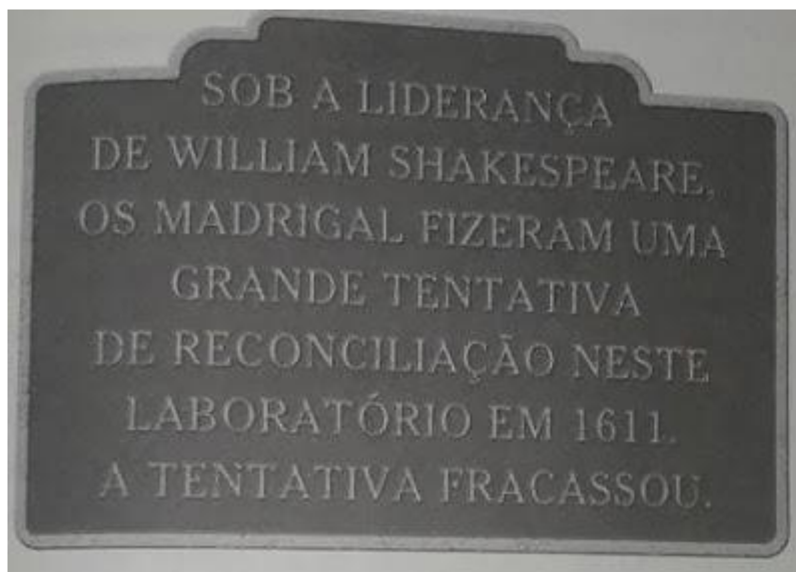
Então é para lá que eu vou, pensou Alistair.

Ele começou a se afastar dos outros nas pontas dos pés.

* * *

— Olhe aonde o Alistair está indo! — Amy gritou para Dan.

Dan assentiu e virou para a esquerda. Mesmo na escuridão quase total, percebeu que o cômodo se abria... Outra sala, talvez? Ele desviou de mais uma mesa carbonizada e uma viga caída. Passou tão perto da parede que conseguiu ver outra placa de metal:



Outro laboratório, pensou Dan. *Os Madrigal continuaram tentando, assim como estão tentando agora. Pode haver toda uma série de laboratórios. Preciso achar o mais recente.*

Ele saiu correndo. Teve a vaga noção de outros estavam correndo também, às vezes à sua frente, às vezes atrás. As salas passavam depressa e ele viu de relance outras placas: TENTATIVA EM 1783... TENTARAM NOVAMENTE EM 1848... OUTRO ESFORÇO EM 1914... Ele não parou para ler nenhuma delas até o fim, mas notou que cada placa terminava de um jeito parecido: FALHOU... FRACASSO... DERROTA COMPLETA... Cada sala que atravessava estava destruída: carbonizada, desabada, explodida. Os Madrigal tinha tentado reunir a família inúmeras vezes e fracassado em todas elas.

Em pouco tempo, Dan não podia mais correr por que precisava desviar dos destroços de paredes desmoronados, vigas de metal retorcidas e imensas máquinas quebradas. A destruição e o fracasso apenas tinha aumentado em tamanho e dramaticidade a cada tentativa.

Não podemos falhar desta vez, pensou Dan desesperado, abrindo cominho entre os destroços. *Amy e eu... nós temos que vencer.*

À sua frente, os destroços pareciam terminar. Ele baixou a corda em chamas para iluminar o chão e viu um piso de linóleo limpo, novo. Levantou a tocha de corda bem alto, e na escuridão diante de si alguma coisa pareceu brilhar em resposta. Vidro, talvez, refletindo sua luz.

Não é só vidro, constatou Dan, apertando os olhos. Um frasco. Um frasco enorme. Contendo... um líquido.

Só podia ser o soro.

— É isso que você está procurando? — ronronou uma voz no escuro.

Dan piscou, e naquele instante a sala inteira foi inundada por uma luz brusca, estonteante. Alguém havia ligado um interruptor.

Agora Dan conseguiu ver quem era. Conseguiu ver quem tinha falado. Conseguiu ver quem estava segurando o frasco.

Isabel.

Capítulo 36

— Não! — gemeu Amy, caindo nos destroços. — Não! O Ian e a Natalie... eles disseram que a Isabel estava atrás de nós!

— Achávamos que ela estava! — protestou Ian.

Ele parecia ter congelado. Amy ficou surpresa por Ian não estar correndo para se juntar à mãe no laboratório limpo e moderno diante deles.

Isabel riu. Era um som horrível.

— Vocês todos se mostraram tão fáceis de ludibriar — ela disse na voz baixa, culta e confiante que Amy já havia admirado um dia. Agora era doloroso ouvi-la. — Nem mesmo os Madrigal pensaram que alguém podia entrar no desafio pelos fundos, plantar explosivos em pontos estratégicos como iscas, ficar de tocaia...

— Mas as explosões... você poderia ter matado o Ian e eu! — reclamou Natalie.

— Peraí... O Ian e a Natalie ainda estão do lado da Isabel ou não? — perguntou Dan.

— Quem se importa? — gritou Hamilton. — De qualquer modo, os Lucian estão em desvantagem. Vamos derrubar todos eles!

Ele começou a correr, claramente avançando na direção de Isabel.

Amy ouviu o tiro mesmo antes de ver o revólver.

* * *

Num minuto, Hamilton tinha disparado, preparando-se para a melhor investida de sua vida.

É uma pena que meu pai não esteja aqui para ver isso, ele pensou.

No instante seguinte, ele sentiu alguma coisa sendo arrancada de sua mão... não, praticamente *pulverizada* em sua mão.

Olhou para baixo. A tocha de corda que carregava havia sumido.

Ergueu o rosto outra vez e olhou para Isabel.

— Esse foi um tiro de advertência — avisou Isabel, apertando os olhos. — Da próxima vez, haverá sangue.

Atrás de si, Hamilton podia ouvir os outros gritando. Ele abstraiu o som, assim como sempre abstraía o barulho da torcida quando se preparava para uma investida durante o jogo. Concentrou sua atenção em Isabel. Viu que ela havia deixado o frasco num balcão para pegar o revólver. Viu que era uma arma grande, capaz de disparar muitos tiros consecutivos. Viu com que perícia Isabel a empunhava.

E viu onde ela mirava agora: direto no coração dele.

Hamilton parou de correr.

* * *

— Os demais vão depositar suas tochinhas primitivas dentro daquela pia — ordenou Isabel, apontando para o outro lado da sala. — Um por vez, separadamente, para que eu possa vigiá-los. Alistair irá por último e abrirá a torneira para apagar as chamas.

Todos saíram cambaleando, quase em transe, dos destroços do último laboratório em ruínas. Assim como os outros, Alistair fez o que foi ordenado, tentando ganhar tempo, observando Isabel enquanto ela o observava.

Notou que ela tinha parado de apontar o revólver para o coração de Hamilton assim que ele desviou o olhar.

Talvez ela não queira realmente matá-lo, especulou Alistair. Talvez... ela precise dele? Precise do resto de nós também?

Alistair lembrou quantas vezes durante o desafio ele tinha visto cinco botões num círculo, botões que exigiam que uma pessoa de clã estivesse presente.

Mas Isabel já está com o frasco, ele pensou. *Poderia ter fugido com ele, mesmo antes de chegarmos aqui. Poderia ter explodido completamente o túnel e matado todos nós logo no começo.*

Por que ela não tinha feito isso?

Amy tropeçou na frente de Alistair. Ele agarrou seu braço, puxando-a de volta para cima. Então balançou a cabeça para ela, num gesto severo.

Não tente nada ainda, ele queria aconselhar a ela e a todos os outros. *Veja o que Isabel quer antes de fazer qualquer coisa.*

Mas eram crianças apavoradas, impacientes. Quanto tempo levaria até que alguém fizesse uma bobagem?

Alistair percorreu planos possíveis em sua mente. *Se nós... Não, não vai dar certo. Ou se... não, isso também não.*

Alistair conseguia pensar em diversos planos para aniquilar Isabel. Porém nenhum deles garantiria que ele próprio estaria segurando o frasco no final.

* * *

— Volte para o laboratório de Gideon e me traga o Jonah — Isabel ordenou a Ian. — Quero ele aqui com o resto de vocês.

— Não — disse Ian. — Não sou seu empregado. Nem quero mais ser seu filho. Eu... estou me emancipando! Natalie e eu... nós estamos.

— Estamos — repetiu Natalie.

Ian pôs o braço nos ombros da irmã. Ela estava tremendo, e as pernas de Ian estavam bambas, mas torceu para que não fosse possível notar.

Ian estava planejando o que dizer a Isabel desde que ele e Natalie desembarcaram escondidos daquele avião em Londres. Ele tinha esperança de fazer isso depois de encontrar o soro. Depois de destronar os pais como líderes dos Lucian. Depois assumir o comando.

Ele nunca havia imaginado que teria de fazer aquele discurso encolhido num momento de fraqueza.

Nunca havia pensado que sua voz sairia esganiçada.

Isabel levantou o revólver, mirando direto em Ian e Natalie.

— Mamãe! — Natalie gritou, chocada.

— Vocês não podem se emancipar — chiou Isabel. — Porque estou deserdando vocês. Imbecis! — Ela se aproximou, ficando quase ao alcance deles. — Vocês não aprenderam nada comigo? Não viram que eu estava dando uma segunda chance, uma oportunidade de mentirem? Não viram que lhes dei um jeito de voltar para mim?

Algo brilhou nos olhos de Isabel, mas Ian sabia que não podiam ser lágrimas. Não lágrimas de verdade, de qualquer modo.

— Não queremos voltar para você — respondeu Ian com frieza.

Ele sabia que aquela era uma péssima estratégia. Sabia que Isabel esperava que ele se ajoelhasse e implorasse que mentisse e dissesse que ela era a melhor mãe do mundo, e que havia sentido saudade dela.

Mas a sensação de dizer a verdade era muito melhor.

Isabel deu um passo para trás, abandonando Ian e Natalie. Ou apenas garantia que, se precisasse, poderia atirar em qualquer pessoa ali. O grupo inteiro estava ao alcance do seu revólver.

— Mesmo assim — ela disse por entre dentes. — Ian, você vai buscar o Jonah. Agora. Ou eu atiro na Natalie.

— Não — protestou Ian. — Não vou. Você não faria isso.

Tarde demais, Ian percebeu que tinha encurralado a mãe.

Então eis a sua saída, mamãe, pensou Ian, encarando os olhos reluzentes de Isabel. *Recue. Pare. Mostre a todos aqui que Natalie e eu somos mais importantes para você que o soro. Mostre que... que você realmente nos ama, afinal...*

Ian chegou a abrir a boca para dizer aquilo. Mas engasgou na primeira palavra:

— M-mostre...

Porque qualquer vestígio de amor que ele um dia vira nos olhos de Isabel agora havia sumido. Seu rosto não transparecia nada além de crueldade e determinação. Nada mais vivia em sua alma.

— Não! — ele gritou, jogando-se para frente, desesperado. — Não! Não faça isso! Você não pode!

Era tarde demais.
Isabel apertou o gatilho.

Capítulo 37

Todos gritaram.

— Você atirou na sua própria filha! Você atirou na sua própria filha! — guinchou alguém, várias vezes.

Dan não soube dizer se tinha sido Amy, Sinead ou Natalie. Seus ouvidos não estavam funcionando direito. Ele se sentiu escorregando para dentro da mesma espécie de torpor em que tinha caído depois da morte de Lester. Sua visão estava borrada.

Não, ele pensou, lutando contra o atordoamento, a escuridão. *É isso que Isabel quer. Ela quer que fiquemos chocados e abobalhados. Assim pode fazer o que quiser.*

Os olhos de Dan desembaçaram um pouco. Agora ele podia ver Isabel, ainda apontando o revólver. Via Ian debruçado sobre Natalie, encolhida no chão.

Pareceu exigir uma força sobre-humana, mas Dan foi cambaleando até Ian e Natalie.

— Nós podemos tomar conta da Natalie — Dan murmurou para Ian. — Vai buscar o Jonah antes que Isabel atire de novo.

— Isso mesmo. E vou atirar se você não obedecer — vociferou Isabel, numa voz fria e duro como metal. — Desta vez foi só pé da Natalie. Da próxima... — Ela girou o revólver, apontando primeiro para cabeça de Amy, depois para o peito de Alistair, depois para as costas de Natalie. — Quem sabe?

Ofegando, e talvez até choramingando, Ian se afastou com passos vacilantes.

— E não demore muito, senão eu *vou* atirar de novo — ameaçou Isabel.

Dan se agachou ao lado de Natalie. Viu um buraco no sapato chique de grife. Havia sangue escorrendo.

Pelo menos não estava jorrando.

— Não dói — sussurrou Natalie. — Acho que a bala só pegou de raspão. Estou fingindo sentir dor pra podermos enganar minha mãe.

Dan decidiu não dizer a Natalie que ela provavelmente estava em estado de choque e que por isso ainda não tinha sentido nenhuma dor. Mas enganar Isabel parecia uma boa ideia.

Antes que Dan pudesse pensar num plano, ouviu Hamilton chamar por trás dele:

— Vou ajudar o Ian a buscar o Jonah. Assim vai ser mais rápido.

— Não! — gritou Isabel. Ela atirou de novo, mas desta vez mirou no espaço entre Hamilton e Ian, impedindo que Hamilton avançasse. — Não vou deixar vocês ficarem tramando lá trás.

Amy caiu de joelhos ao lado de Dan.

— A Natalie precisa de um torniquete pra estancar o sangramento? Ou um curativo já serve? — ela disse em voz alta. Depois acrescentou em um sussurro disfarçado: — Tem um plano?

Acima deles, Alistair deu um passo na direção de Isabel. Ele estava com as mãos erguidas, como se quisesse se render.

Dan torceu muito para que Alistair tivesse um plano, para que o ato de se render fosse fingimento.

Mas ele já colaborou com Isabel antes, quando meus pais morreram, pensou Dan. *E agora...*

Alistair só estava fazendo uma pergunta.

— Por quê? — Alistair perguntou a Isabel. — Você já está com o soro. Você *venceu.* Porque precisa torturar o resto de nós? Porque não pode simplesmente nos deixar ir embora?

— Oh, eu estou com o soro, é? — caçoou Isabel, contorcendo horrivelmente o rosto. — É isso que os Madrigal querem que eu pense. Querem que eu caia nos truques deles!

— Truques? — repetiu Alistair, atordoado.

— Você é mesmo tão tolo assim? — Isabel perguntou impaciente. — Ou você acha que eu sou?

Isabel brandiu o revólver de novo, mas desta vez parecia estar tomando uma decisão. Escolhendo alguém. Escolhendo...

Dan.

Isabel apontou o revólver direto pra ele.

— Jovem mestre Cahill — ela disse, quase naquela voz melosa que alguns adultos usam com crianças muito pequenas. — Você se revelou um prodígio da família durante esta busca pelas pistas. Diga uma coisa: o que você viu várias vezes neste desafio imbecil dos Madrigal? Localizado perto de tantas portas trancadas... ou portas que os Madrigal pretendiam que ficassem trancadas antes de *eu* intervir.

Dan não conseguia pensar. Não com o revólver apontado pra ele, não com Isabel o encarando bem nos olhos.

Amy o agarrou pelos ombros, segurando-o de pé, protegendo o irmão.

— Você está falando dos teclados — ela disse.

Sua voz tremia, mas Dan ainda assim conseguia ouvir força nela. Ele próprio se sentiu mais forte. Sua mente desanuviou.

— Os teclados que cinco pessoas precisavam tocar — ele completou. — Uma de cada clã.

— Ah, é verdade, vocês dois agem juntos — zombou Isabel. — Vocês se ajudam. Isso é tão comovente.

Ela franziu o rosto, quase como se lamentasse não ter ninguém ao seu lado. Mas com certeza Dan só estava imaginando isso. Ele piscou e, quando olhou de novo, o olhar de Isabel estava implacável como sempre.

Era covardia, mas Dan ficou muito aliviado por Amy não tirar o braço dos ombros dele.

— Todos aqueles teclados, todo aquele caminho — especulou Isabel. — Todas as medidas de precaução. E então este grande frasco, supostamente de soro, simplesmente está aqui, sem mais nem menos? Desprotegido? Disponível para qualquer um?

— Os t-teclados antes — gaguejou Amy — Os Madrigal acharam que era suficiente para prot...

Isabel agitou o frasco.

— É só água colorida! — ela gritou. — É só isso que tem aqui dentro!

Não atire, pensou Dan. *Por favor, não atire.*

Alguém estava soluçando atrás dele. Amy se segurava em Dan com tanta força que doía.

Ele não se importou.

Isabel mexeu o revólver. Não que ela estivesse parado de apontá-lo para Dan exatamente, mas parecia estar pronta para atirar em qualquer um.

— Só que esses Madrigal espertinhos não me enganam — ela começou. — Faz horas que venho estudando este frasco. Descobri a traição dos meus filhos muito antes do que eles esperavam. Por isso tive tempo. O vidro é tão espesso... e esses Madrigal realmente gostam de impressões digitais. Querem impressões digitais aqui também. Mas só porque cinco pessoas desvendam um segredo, isso não quer dizer que todas as cinco ficarão com ele, não é mesmo?

Mesmo com o cérebro tomado pelo terror, Dan entendeu o que ela queria dizer. Ela achava que o próprio frasco era como outro teclado. Se uma pessoa de cada um dos cinco clãs Cahill encostasse nele ao mesmo tempo, isso revelaria uma mensagem... uma pista.

A pista final.

Ela vai nos obrigar a ajudá-la a conseguir a pista, pensou Dan. *E depois...*

Dan ouviu exclamações á sua volta, conforme todos os outros começaram a entender também.

Hamilton deu um passo à frente.

— Você não pode obrigar todos nós a encostarmos no frasco pra você — argumentou Hamilton. — Não pode apontar um revólver pra cinco pessoas ao mesmo tempo. E, se matar qualquer um de nós, as impressões digitais provavelmente não vão funcionar.

— Oh, eu posso obrigar todos vocês a encostarem no frasco — disse Isabel. — Posso obrigá-los a fazer o que eu quiser.

— Como? — desafiou Hamilton. — *Eu* não tenho uma irmã aqui que você possa ameaçar com um tiro.

— Não aqui, exatamente — respondeu Isabel.

Ela deu um passo pra trás e apertou um botão na parede. Pela primeira vez, Dan notou uma enorme TV de tela plana embutida na parede. O aparelho ganhou vida, mostrando diversas cenas dos corredores que eles tinham acabado de atravessar.

Então ela estava observando a gente o tempo inteiro, pensou Dan com um calafrio.

Isabel apertou outro botão, e as diversas cenas foram substituídas por uma única imagem grande: uma visão externa da ilha, a praia de cascalho e o cemitério. O helicóptero, o barco dos Holt, o iate de Jonah, os paraquedas dos irmãos Kabra e o submarino de Alistair estavam todos de lado, abandonados. Isabel aumentou o zoom, focando nas lápides dos túmulos.

O resto da família Holt estava amarrado às lápides.

O piloto do helicóptero também.

E Nellie também.

Dan não conseguiu mais olhar depois disso.

Isabel levantou um controle remoto, antes escondido junto ao revólver.

— Isto está conectado a diversos explosivos no cemitério — ela explicou. — Um ao lado de cada lápide. — Seus lábios formaram um sorriso demorado e maligno. — Vocês vão fazer tudo o que eu mandar. Senão eu matarei as pessoas que vocês amam.

Capítulo 38

Nellie, pensou Amy, com os olhos embaçados com lágrimas repentinas. *Não podemos deixar Nellie morrer...*

Nada mais importava.

Na TV, Nellie aparecia sentada, inabalável, mesmo amarrada à lápide. Ela tinha a cabeça erguida, o queixo empinado. A argola em seu nariz brilhava à luz do sol e seus cabelos arrepiados continuavam espetados.

Ela não tinha desistido.

Pense, Amy ordenou a si mesma.

— Os M-Madrigal — ela gaguejou. — Eles nunca vão deixar você sair impune disso.

— Quais Madrigal? — caçoou Isabel. — Você diz... vocês, crianças? — Olhou com desprezo para Amy e Dan, fazendo Amy se sentir tão indefesa e insignificante quanto uma pulga. — Ou os velhos que encontrei escondidos na sala de controle da ilha?

Ela ajustou a imagem na tela outra vez, mostrando a fileira de túmulos.

O tio Fiske e o senhor McIntyre também estavam amarrados às lápides. Ao contrário de Nellie, pareciam completamente derrotados: surrados, cobertos de sangue e poeira.

— Abri caminho para a sala de controle com explosivos — disse Isabel, como se isso não fosse nada. — Por azar, uma pequena cratera se abriu, várias centenas de metros acima.

Uma cratera, pensou Amy. *Aquela onde a Natalie quase caiu? E a Isabel acha que isso foi só "azar"?*

— Eles eram os únicos Madrigal na ilha — informou Isabel. — E eu contratei assassinos que já estão prontos pra dar cabo de todos os outros Madrigal no mundo inteiro. Só estão esperando o meu sinal. — Ela fitou Amy direto nos olhos. — Podemos continuar?

Amy percebeu que Isabel estava apenas esperando que Ian voltasse com Jonah. Os dois meninos reapareceram naquele instante: cansado, Ian puxava Jonah em meio aos destroços do último laboratório explodido. Jonah mal parecia estar consciente.

Amy achou um péssimo sinal o fato de Isabel não fazer nenhuma tentativa de vendar os olhos deles enquanto os reunia em volta do frasco.

Ela não se importa com o que nós vamos ver, pensou Amy. *Porque vai matar todos nós assim que tiver conseguido o que quer.*

Isabel obrigou todos a se agacharem, pois Jonah e Natalie não podiam ficar de pé. Dan, e não Amy, representou os Madrigal no momento de encostar no frasco. Mas Amy ficou bem perto enquanto Alistair, Hamilton e Isabel colocavam suas mãos ao lado das de Jonah e Dan. Ela viu a lateral do frasco brilhar.

E então palavras apareceram no vidro, como um holograma:

Para o soro de Gideon Cahill:
Uma porção = uma onça

Começar com uma porção de água.

Acrescentar 1/8 de porção de cada ingrediente da lista fornecida a Luke Cahill.

Acrescentar 1/16 de porção de cada ingrediente da lista fornecida a Jane Cahill. Então...

A pista final que todos estavam procurando não era outro ingrediente do soro.
Era a receita.

Capítulo 39

Alistair praticamente desabou de alívio ao ver as palavras prateadas brilhando, projetadas pelo vidro.

Ainda há tempo, ele pensou.

Isabel teria o trabalho de chantagear cada um deles para descobrir as pistas que os outros clãs possuíam. Ela ainda precisava deles para fazer o soro.

Alistair achou que Hamilton ia dar com a língua nos dentes primeiro. Ele estava quase quebrando o pescoço, olhando o tempo todo para a tela atrás de si e murmurando:

— Não posso deixar minha família morrer. Não posso deixar minha família morrer...

Alistair tentou travar contato visual com alguém (Amy? Dan? Sinead?) na esperança de que eles pudessem agir juntos para enfrentar Isabel. Mas os três estavam quase tão obcecados quando Hamilton, olhando para a TV.

Alistair deparou com os olhos de Isabel por engano.

— Tsc, tsc — ela o repreendeu de brincadeira, como se soubesse tudo o que ele estava planejando e apenas achasse graça. — Com certeza vocês não acha que alguém confiaria em *você*. É tarde demais para isso.

Ela o conhecia muito bem. Conhecia todos eles muito bem.

* * *

— Solução de ferro, veneno de cobre-real, tomilho, hidrogênio, absinto, âmbar, magnésio, hortelã, quartzo e estanho — concluiu Hamilton. Ele falava em voz baixa, para que apenas Isabel ouvisse. Tinha esperanças...

— Oh, muito bem — murmurou Isabel.

Será que havia funcionado?

O rosto de Isabel se contorceu e sua voz ficou dura.

— Muito bem... você acaba de matar sua família! — ela rosnou, alto o bastante para todos ouvirem.

Ela levantou o controle remoto, com o dedo posicionado sobre um botão. Olhou feio para Hamilton.

— A pista dos Madrigal que sua família achou em Nova York não era *tomilho* — ela disse, com um olhar fulminante. — Era alecrim. Você não sabe? Não pode mentir para mim! Essa sua cara não me engana!

Você só sabe do alecrim porque os Lucian devem ter achado essa pista também, Hamilton quis protestar. Mas como ele poderia ter certeza de quais pistas Isabel já tinha e quais não? Principalmente quando a vida de sua família inteira dependia disso?

Hamilton começou a suar, mais do que jamais havia suado em qualquer competição esportiva.

— É zinco no final! — Hamilton desabafou. — Zinco, não estanho! E essa é a única outra coisa sobre a qual eu menti! Sério mesmo! Eu juro! Por favor, não mate minha família!

Isabel sorriu.

E... não apertou o botão.

* * *

— Jonah — uma voz melodiosa ronronou ao lado da orelha dele.

Jonah estava tendo um sonho horrível. Estava num palco, mas só uma pessoa estava na plateia: uma mulher. Uma mulher que de algum modo era sua mãe e Isabel Kabra ao mesmo tempo.

"Cante suas pistas", a mulher exigia. E então a mulher se dividia em duas; Cora e Isabel se tornavam duas pessoas. Cora gritava: "Não! Não! Não conte nada pra ela! Não importa o que ela ameace fazer!". E Isabel berrava também: "Me conte suas pistas! Senão...!".

— Está doendo muito? — perguntou a voz melodiosa, cheia de compaixão.

A dor era um monstro devorando Jonah de dentro para fora. A dor era a explosão de uma bomba, estraçalhando seu corpo toda vez que respirava.

Ele nunca tinha imaginado que uma pessoa podia sentir tanta dor e ainda assim continuar viva.

— Quem sabe isso vai ajudar — ofereceu a voz.

Ele sentiu uma agulha picar seu braço e a dor começou a dissipar. Não desapareceu, porém a mente de Jonah ficou um pouco mais clara. Percebeu que era Isabel Kabra quem estava debruçada sobre ele.

Sua mãe não estava a vista.

— Preciso das suas pistas — disse Isabel em voz baixa. — E você vai me dizer quais são elas.

A ti mesmo sê leal, pensou Jonah. *A ti mesmo sê leal.*

— Não sou como você — ele murmurou. — Não Lucian. Janus. Minha mãe não entende. Preciso vencer isso... como um Janus. Artisticamente.

— Artisticamente? — caçoou Isabel.

Jonah sabia quando estava perdendo uma plateia.

— Como no Globe — ele explicou, com a voz um pouco mais forte. — Eu simplesmente percebi... naquela hora. Eu ia cantar. Sobre como a disputa dos Cahill estava fazendo mal à família

toda e como talvez, se nós todos simplesmente, não sei, compartilhássemos as pistas e o prêmio, talvez, talvez...

Isabel deu uma risada cruel. Era como uma plateia que estava ali apenas para zombar, atrapalhar, destruir.

— Os Cahill não compartilham — ela afirmou. Agarrou o braço de Jonah e o torceu.

Será que alguns dos ossos de seu braço também estavam quebrados? Pois Isabel estava trazendo a dor monstruosa de volta, com força total.

— Você vai me contar suas pistas. Agora — ela ordenou.

— Não vou — respondeu Jonah, tirando forças de algo que estava além de querer agradar a mãe, além de querer agradar os fãs, e mesmo além de ser um Janus. Será que havia dentro dele um verdadeiro eu que nem ele sabia existir?

— Você vai me contar, senão... — Isabel começou a dizer.

— O Jonah chegou na ilha sozinho — interrompeu alguma outra pessoa. Ian, talvez, ou Dan. — Não tem ninguém que ele ama que você possa ameaçar.

Sozinho, pensou Jonah. *Estou sozinho.*

— É, o Jonah chegou sozinho — concordou Isabel. — Mas, você sabe, alguns pais... quando você não é capaz de fazer nada por conta própria e seu filho é seu vale-refeição... não é lindo como aquele velho inútil do Broderick conseguiu encontrar o caminho até aqui?

Ela levantou a cabeça de Jonah e mais ondas de dor se espalharam pelo corpo dele. Então ele pôde ver uma tela de TV mostrando seu pai amarrado a uma lápide. Broderick estava com o rosto coberto de lágrimas e seus lábios se mexiam, dizendo algo que Jonah não podia ouvir porque a TV não tinha som. Não... Broderick estava *cantando* alguma coisa. Jonah até conseguiu ler seus lábios bem o bastante para saber o que era:

Jonah-boy, meu camarada,
Jonah-boy, meu chapa, meu filho...

Era a primeira música que Jonah tinha aprendido na vida, uma música que ele e Broderick tinham criado juntos.

Broderick não tinha seguido Jonah até aquela ilha porque ele era seu vale-refeição. Tinha vindo porque estava preocupado com o filho. Porque o amava.

Por que Jonah não tinha notado isso antes? Por que não tinha confiado mais no pai?

— Eu vou matar seu pai se você não me contar suas pistas — ameaçou Isabel, segurando um controle remoto diante dos olhos dele.

Não conte nada a ela! Custe o que custar!, a Cora do sonho ainda gritava na cabeça de Jonah.

Mas Jonah observou o pai cantando. Ele conhecia seu verdadeiro eu. Conhecia o de seu pai. E sabia a escolha que precisava fazer.

— Pérola — Jonah sussurrou direto no ouvido de Isabel. — Mel, enxofre, solução de ferro, tungstênio, veneno de cobra-real, alecrim, hidrogênio, zinco, sangue, osso, chumbo, mercúrio, platina, iodo e hortelã.

* * *

Jonah queria colaborar desde o Globe, pensou Dan como se falasse com a irmã. *O que ele diz que queria... é mais ou menos o que os Madrigal querem.*

Bom, ele teve um jeito estranho de mostrar isso, Amy parecia estar pensando de volta para ele. *E não é exatamente o melhor parceiro para armar uma rebelião agora, não com duas pernas quebradas.*

Mas e o Hamilton?, Dan pensou. *Nós três juntos...*

Porém Hamilton estava aflito, com os olhos cravados na tela, balbuciando as mesmas palavras inúmeras vezes: "Mamãe. Papai. Reagan. Madison". Nem olhava para Isabel.

E Amy também tinha voltado a observar a TV, procurando Nellie.

Dan suspirou. Isabel já tinha parado de torturar Jonah. Ela puxou Amy e Dan de lado, para longe dos outros. Dan não esperou.

— Macis — ele disse. — Lírio, cobre, *aloe*, pimenta, seda, solução de ferro, tungstênio, ouro, alecrim, cevada, vinagre, mirra, âmbar e água.

Cada palavra parecia uma traição de tudo aquilo pelo que tinham batalhado durante toda a busca pelas pistas. Das não estava apenas abrindo mão de ingredientes, mas da confiança que Grace havia depositado neles, das esperanças que os Madrigal mantinham neles, dos sonhos pelos quais seus pais morreram. Estava abrindo mão da chance de vencer em homenagem ao sacrifício de Lester, de Irina, de seus pais. Porém a vida de Nellie valia mais que qualquer uma dessas coisas.

* * *

— Qual irmão você achou escondido na minha aeronave? — perguntou Sinead, apertando os olhos para olhar as fileiras de pessoas amarradas a lápides que aparecia na tela. — Não estou enxergando direito...

— Por quê? Você ama um irmão mais que o outro? — Isabel deu risada. — Qual aleijado você prefere?

— Meus irmãos não são *aleijados*! — gritou Sinead, avançando na direção de Isabel. — Não utilize essa palavra!

Isabel deu um passo atrás.

— Não? — ela disse, impassível. — Como você quer que eu chame? Desde aquela explosão no Instituto Franklin, Ted está cego. Ted, que costumava desenhar projetos de arquitetura e engenharia tão complexos...

Do outro lado da sala, Hamilton levou um susto.

— O Ted não está cego! — gritou Sinead. — Ele tem... uma deficiência visual. Ainda consegue enxergar luz e sombra!

— Sim, luz e sombra — murmurou Isabel, balançando a cabeça. — E Ned... O que é mesmo que ele diz sobre essas dores de cabeça que tem o tempo todo agora? “Não consigo pensar com essa dor”? E nenhum remédio ajuda... — Ela estalou a língua em falsa compaixão. — É tão triste ser um gênio e nem mesmo conseguir pensar...

— Ele vai se recuperar! — gritou Sinead. — E o Ted vai enxergar de novo! Quando eu tiver o soro...

— Não — disse Isabel, aproximando-se outra vez. — Não. Você não vai ter o soro. Ele é *meu*. Seus irmãos nunca vão se curar. A única coisa que você pode fazer é me contar suas pistas e salvar a vida do seu irmão. Ned ou Ted... quem se importa qual?

Sinead estava soluçando forte demais para dizer qualquer coisa. Isabel movimentou o dedo na direção do botão.

* * *

Os dois meninos Starling se feriram tanto assim?, pensou Alistair, espantado, enquanto ouvia Sinead e Isabel discutirem. *É verdade? Um está cego, o outro tem dores de cabeça lancinantes?*

Ele se perguntou como não tinha notado aquilo no Museu Tate, na Igreja da Santíssima Trindade ou durante as poucas refeições que havia feito com os três irmãos Starling.

Ned não falava muito. Tirando isso, os meninos pareciam praticamente idênticos, ele pensou.

E então ele entendeu. Cada um tinha ajudado o outro a disfarçar sua deficiência: Ned agia como os olhos de Ted, Ted encobria a dor desconcertante de Ned.

É por isso que eles são inseparáveis, pensou Alistair. *E... é por isso que Sinead quer tanto saber qual dos irmãos está ali amarrado à lápide.*

Nenhum dos meninos teria embarcado clandestinamente na aeronave de Sinead sem o outro. Por isso, se um deles estava amarrado no cemitério, o outro tinha conseguido se esconder quando Isabel apareceu. Então ele estava em algum outro lugar da ilha, talvez agora mesmo percorrendo aqueles corredores para resgatar Sinead.

Talvez seja Ned, e ele não vai *ter dor de cabeça*, pensou Alistair. *Ele é um gênio. Vai saber o que fazer quando chegar aqui embaixo.*

Alistair percebeu que isso significava que eles ainda tinham uma chance. Isso se ele conseguisse atrasar Isabel por tempo suficiente. Ele viu que ela ainda tinha o dedo posicionado sobre o botão, pronta para matar um dos irmãos de Sinead.

— Deixe a Sinead em paz! — Alistair berrou. — Ela não sabe nenhuma pista além de zinco, que ela roubou de Bae Oh. Você tem as pistas de todo mundo, menos as minhas! E as minhas você nunca vai conseguir!

— Não? — perguntou Isabel.

— É claro que não — confirmou Alistair. Ele ficou surpreso com o esforço que precisou fazer para que sua voz não vacilasse. — Não tem ninguém nesse cemitério para eu salvar. Mesmo se você trouxesse Bae Oh, eu diria "Que morra!". *Principalmente* se você trouxesse Bae Oh! Não existe ninguém que eu ame! Ninguém que me ame!

Sua voz falhou no final.

— Não no cemitério — concordou Isabel. Ela baixou o controle remoto e redirecionou o revólver. — Mas e aqui dentro? Será que eu devo ameaçar matar a Amy, ou o Dan, ou a Sinead? Ou os três?

O jeito como ela sacudia o revólver na direção de todas as crianças fez o coração de Alistair bater mais forte.

Isabel é uma Lucian, pensou Alistair. *Ela vê coisas que os outros não veem. Coisas que é capaz de manipular para obter poder.*

Será que ela tinha visto algo em Alistair que ele próprio não percebera? Seu coração acelerou ainda mais; era como se planejasse fugir do peito. Ou apenas se despedaçar.

Mas... as pistas, pensou Alistair, com sofreguidão. *Dediquei minha vida inteira a reunir estas pistas. Elas são tudo o que eu sempre quis. Tudo o que sempre teve valor para mim.*

Ele estava mentindo para si mesmo. Estava se iludindo desde o começo da busca pelas pistas. Porque, quando imaginou uma bala atravessando o corpo de Amy, Dan ou Sinead – ou mesmo de Jonah, Hamilton, Ian ou Natalie – o valor das pistas desapareceu. Se ele pudesse, talvez até trocasse uma pista para curar o ferimento a bala no pé de Natalie ou os ossos esmigalhados no corpo de Jonah.

E se houvesse algum jeito de trazer Hope e Arthur de volta? Que pista não valeria isso?

Ele viu que estava diante de uma escolha, assim como tantos anos atrás, na noite em que Hope e Arthur morreram. A diferença era que desta vez ele podia ver as consequências.

Isabel aproximou o dedo do gatilho.

Ela planeja matar todos nós de qualquer modo, Alistair disse a si mesmo. E seu próprio cérebro gritou de volta: Mas por enquanto ainda há tempo! Ainda há uma chance!

— Prata — ele finalmente disse. — Fósforo, água, ouro, alecrim, mercúrio, enxofre, solução de ferro, urânio, hidrogênio, zinco, pimenta, cacau, lírio e chumbo.

Capítulo 40

Isabel tinha misturado o soro. Havia encontrado os ingredientes que os Madrigal conheciam no laboratório, escondidos entre dezenas de ingredientes falsos. Além disso, tinha chantageado os membros dos outras clãs para forçá-los a entregar as amostras que estavam em suas mochilas, bolsos e – no caso de Alistair – bengala. Por fim, juntou à mistura os três ingredientes que faltavam, conhecidos apenas pelos Lucian: carbonato de cálcio, trevo e sal.

Os outros vieram preparados, pensou Amy, desanimada. *Dan e eu nunca iríamos vencer.*

Agora Isabel estava de pé no centro do laboratório, segurando o enorme frasco. Ela enfiou uma rolha no topo e agitou uma última vez.

Quando Isabel tirar a rolha, pensou Amy, *vai ter que desviar o olhar de nós por um instante. Talvez até solte o controle remoto ou o revólver. É nessa hora que devemos atacá-la, todos nós juntos.*

Mas Amy não tinha como fazer sinal para os outros. Não tinha como contar a eles seu plano, não enquanto Isabel estivesse vigiando todos tão de perto.

E Amy não podia fazer nada contra Isabel sozinha.

Ela vai beber o soro, pensou Amy. *Vai se tornar a pessoa mais poderosa do mundo.*

Amy e Dan tinham fracassado completamente.

Isabel ergueu o frasco bem alto no ar, examinando o líquido que havia dentro.

— Esperei por esse momento a minha vida inteira — ela murmurou.

— Mamãe, não beba isso — exclamou Natalie, que estava agachada no chão. — Por favor! Isso faz mal.

— O quê? — explodiu Isabel, baixando o frasco apenas um pouco. — Como pode ser ainda mais tola do que eu pensava?

— Você bebeu o soro dos Lucian e isso tornou você malvada — disse Natalie. — Malvada com todo mundo, até comigo e com Ian. E fez você matar a Irina sem nem se importar...

— Eu só bebi o soro dos Lucian depois de ter matado Irina — esclareceu Isabel. — Eu sempre fui má. O soro dos Lucian apenas me mostrou como ser assim de forma eficiente... como vencer. É por isso que estou segurando o soro dos Cahill neste exato instante.

Ela contemplou o soro com um olhar triunfante.

Ela já bebeu o soro dos Lucian?, pensou Amy, em desespero. *O soro parcial que eu achei em Paris? Então... ela já sabe tudo o que há para saber sobre estratégias, intrigas e planejamento. Nunca conseguiríamos ser mais espertos que ela. Não há esperança.*

— E pensar que eu pretendia compartilhar isso com meus filhos imprestáveis... — resmungou Isabel.

Natalie contraiu o rosto, mas Ian apenas ficou ali, estoicamente parado, olhando feio para a mãe.

Isabel agarrou a rolha do vidro, preparando-se para puxá-la. Porém fez isso com apenas uma mão, usando a outra para manter o revólver apontado para os outros.

Do canto do olho, Amy vislumbrou um movimento nos destroços do laboratório destruído ao lado. Seria apenas um pedaço de papel, um lixo soprado pela brisa?

Não tem brisa nenhuma, constatou.

Ela precisou fazer muito esforço para não torcer o pescoço, não virar a cabeça, não fazer nada que chamasse a atenção de Isabel para o movimento.

Deve ser alguém vindo resgatar a gente!, pensou Amy, entusiasmada, embora tivesse que afastar de seu rosto quaisquer indícios de esperança. *Quem quer que seja, vai ter que avançar discretamente... Talvez consiga derrubar Isabel por trás e ela nunca vai ver quem foi.*

Um estrondo soou nos destroços.

Agora Amy teve de olhar. Viu Ned Starling, curvado ao lado de uma estante de tubos de ensaio caída. Ele segurava a cabeça e gemia.

Então Amy viu Isabel virar para ele. Ela posicionou rapidamente o revólver, mirando com cuidado direto no coração de Ned.

Amy percebeu que antes Isabel só estava brincando com eles, fingindo. Agora era sério. Agora era de verdade. Aquilo ia acontecer.

Amy se lançou na direção de Isabel.

Não importava que não tivesse tempo para planejar. Não importava que não pudesse derrotar Isabel sozinha. Nem importava o fato de que mal conhecia Ned Starling.

Só o que importava era que Amy não podia ficar parada enquanto Isabel matava mais uma pessoa.

É assim que eu vou honrar meus pais, Irina e Lester, pensou Amy, esforçando-se na corrida. *Mesmo se eu morrer também...*

Então ela percebeu que não estava sozinha. Ao seu lado, Dan também estava avançando na direção de Isabel. Assim como Sinead, Hamilton, Alistair, Ian e até Jonah e Natalie, embora estivessem se contorcendo e ofegando de dor. Assim como quatro clãs da família Cahill haviam se unido a Isabel uma vez, agora cinco clãs se juntavam contra ela. O grupo se movia quase como um só, todos berrando:

— Não! Não faça isso!

Vários deles colidiram com Isabel ao mesmo tempo. Eles a derrubaram, arrancando o revólver, o controle remoto e o frasco de suas mãos. O revólver disparou, mas a bala se perdeu inofensivamente na escuridão.

— Conseguimos! — gritou Amy.

Mas apenas Amy, Dan e Sinead seguravam Isabel contra o chão. Os outros corriam para longe, atrás do frasco que rolava. Ian chegou primeiro.

— Isso... tem... de ser... destruido! — ele berrou, erguendo o frasco de soro bem acima da cabeça. — Antes que cause ainda mais desgraças!

Ele fez menção de arremessar o frasco no chão, porém Alistair e Hamilton seguraram os braços dele e tentaram pegar o frasco. Então Sinead ficou de pé, cambaleando na direção do frasco e gritando:

— Não! Meus irmãos precisam disso!

Agora eram apenas Amy e Dan prendendo Isabel. Sem dificuldade, ela se libertou, mas manteve-se agachada. Estendeu a mão para pegar o revólver e o controle remoto.

— Esse soro é meu! — gritou Isabel, enfurecida.

Ela estava novamente com o revólver e mirava os que brigavam pelo frasco.

— Vou matar todos vocês! — ela ameaçou.

Mas eles estavam berrando alto demais para ouvi-la. Hamilton derrubou o frasco da mão de Ian. O recipiente escorregou, passando de uma mão para outra, cada pessoa arrancando-o da anterior. Então o frasco caiu no chão e começou a rolar.

Agora Isabel tentava alcançá-lo.

Não podemos impedi-la, pensou Amy enquanto lutava para puxar o braço de Isabel para trás. *Somos só o Dan e eu contra a mulher mais diabólica do mundo.*

Não. Aquele não era o jeito certo de pensar. Eram Dan e Amy contra Isabel sozinha: dois contra uma.

Dan acertou o rosto de Isabel com o punho. Um punho mirrado, sim, mas foi o suficiente para distraí-la. Isabel deu uma coronhada na barriga de Dan. Ele dobrou o corpo, parecendo sentir uma dor excruciante. Com uma mão, Amy tentou afastar Isabel de Dan. Com a outra, tateou no chão procurando alguma coisa, qualquer coisa, para defender o irmão. Suas mãos agarraram um objeto cilíndrico: o frasco.

Amy o ergueu bem alto e bateu com ele o mais forte que pôde na cabeça de Isabel.

Capítulo 41

Por um instante, ninguém se mexeu.

Então Dan ouviu Sinead sussurrar:

— A Amy salvou a gente.

— E destruiu o soro — completou Alistair, atordoado.

— Eu precisei — Amy se defendeu. — A Isabel ia matar o...

— Não, não — disse Alistair, agitando as mãos como se tentasse desfazer qualquer mal-entendido. — Não estou criticando. Você fez a coisa certa.

Ele olhou para o corpo de Isabel entre os cacos de vidro, com o soro escorrendo.

— A coisa certa... — ele repetiu.

— Mas eu queria o soro para curar meus irmãos — murmurou Sinead, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu... — Dan começou a dizer, mas parou. Queria pensar direito antes de falar.

Ninguém pareceu ouvi-lo, pois Hamilton também estava falando:

— Vamos amarrar a rainha do mal antes que ela acorde e comece a nos atacar de novo.

Cuidadosamente, Amy recolheu do chão o controle remoto de Isabel e colocou num balcão, fora de alcance. Dan chutou o cabo do revólver, que deslizou pelo chão e foi parar no meio dos destroços.

Ninguém fez nenhum esforço para agarrar nenhuma das armas.

Isso é bom, não é?, pensou Dan. *E todo mundo queria salvar o irmão da Sinead. Pelo menos no começo. Talvez...*

Seu cérebro estava atordoado demais para pensar. Ele se concentrou em ajudar Hamilton a atirar uma corda de sua mochila, amarrando-a bem firme em volta dos tornozelos e pulsos de Isabel.

— Isso não é suficiente — disse Ian, aflito. — Ela vai acordar. Vai dar um jeito de escapar!

Alistair interrompeu:

— Momentos de desespero exigem medidas desesperadas. Isto foi projetado por nossa amiga Irina Spasky. — E mostrou uma pequena pílula branca. — Vai manter Isabel inconsciente durante várias horas e garantir que ela esqueça o que aconteceu hoje.

Para que ela não lembre como preparar o soro, pensou Dan, aliviado.

— Isso quer dizer que Natalie e eu podemos dizer a ela outra vez que *nós* estamos renegando *ela* — comentou Ian numa voz dura. — Até que vou gostar de fazer isso de novo.

Ele está falando sério, pensou Dan, *Não vai dar para trás.*

Dan observou Alistair se debruçar sobre Isabel. Colocou a pílula na boca dela. Depois esfregou sua garganta para fazê-la engolir, assim como Dan faria com Saladin.

Ned Starling saiu cambaleando dos destroços e foi na direção da irmã.

— A dor está pior que nunca, não está? — perguntou Sinead, encostando de leve na testa de Ned. Ele fez uma careta, o rosto contraído de agonia.

— Sinead... — Dan tentou outra vez.

Ele parou e olhou para Amy.

O que nós deveríamos fazer?, ele pensou para ela. *Devemos confiar neles? Será que eu devo contar?*

Amy inclinou a cabeça, com uma expressão irônica no rosto, como se dissesse: *Acho que todos além de Sinead já sabem. Só estão fingindo que não.*

Dan estava cansado de fingir.

— Sinead, eu tenho memória fotográfica — ele começou. — Lembro de todas as palavras daquela receita no frasco. Não consegui ouvir todos os ingredientes, mas todo mundo lembra dos seus próprios. Se nós colaborássemos, poderíamos preparar mais soro e...

Ninguém reagiu do modo como Dan esperava.

Hamilton não propôs um "toca aqui". Jonah não ofereceu a mão para ele apertar. Alistair não pôs o braço no ombro de Dan e disse, em um tom de confidência. "Dan, meu rapaz, eu sempre soube que você era muito parecido com seu tio".

Ninguém fez movimento algum, exceto Sinead, que fez uma careta.

— Dan, eu... — ela começou a dizer. — Eu não sei. O que fiz tentando conseguir o soro... Até coloquei a vida do Ned em perigo para brigar pelo frasco... Talvez eu não queira o soro só para ajudar meus irmãos. Talvez... talvez eu seja parecida demais com ela.

Sinead apontou para Isabel amarrada no chão. Alistair pegou um pedaço de papel de um balcão e começou a escrever uma lista de com suas pistas. Depois enfiou o papel na mão de Dan.

— Eu confio em você e na Amy — ele disse. — Não confio em mim mesmo. Façam o que precisarem fazer com o soro.

Ian tomou a caneta de Alistair e anotou seus próprios ingredientes. Também entregou o papel para Dan.

— Natalie e eu passamos a vida inteira ouvindo nossa mãe — começou Ian. — Acreditando em tudo que ela nos dizia...

— Mas vocês pararam de acreditar nela! — protestou Amy. — Vocês mudaram! Senão, teriam ajudado aqui, mesmo enquanto ela pretendia matar todos nós!

— Por que nós não paramos de ajudá-la antes, na Coreia? — perguntou Ian. — na Austrália? Na África do Sul? Na Jamaica?

— Não mudamos o suficiente — completou Natalie numa voz fraca, dolorida. — Mas... estamos tentando.

Jonah pegou a caneta e começou a escrever, teve de se debruçar dolorosamente, apoiando o papel no chão.

— Não, Jonah — Dan começou a dizer. — Você nunca realmente...

— Se eu soubesse como fazer o soro, minha mãe ia me obrigar a contar — ele explicou — E minha mãe... minha mãe é parecida demais com a mãe deles — completou, apontando para Ian e Natalie.

Ele terminou de escrever e abriu o famoso sorriso de Jonah Wizard ao entregar o papel.

— Além disso — ele continuou — vou ser o maior músico do mundo, mesmo sem soro!

Hamilton pegou a caneta e o papel depois de Jonah.

— O quê? — perguntou Dan, atônito. — Hamilton, você não precisa fazer isso! Nós confiamos em você! Estamos no seu time! Você...

— Escolhi o soro em vez da vida do Ned, assim como todos os outros — disse Hamilton numa voz pesada. — Todos, menos você e Amy.

Ele abaixou a cabeça e começou a escrever.

— Bom, não é que nós sejamos santos nem nada — amenizou Dan. — É só que não sabíamos nada sobre o soro até umas poucas semanas atrás. Por isso não tínhamos o *instinto* de ir atrás dele.

— Dan, é por isso que a Grace queria que a gente busca pelas pistas — interrompeu Amy, parecendo espantada, como se tivesse acabado de se dar conta daquilo. — É por isso que ninguém nos contou a história da família antes de a Grace morrer.

— Para que vocês tivesse o instinto certo — completou Alistair numa voz branda. — Vocês só podiam vencer a busca pelas pistas se dessem mais valor à vida humana que às pistas. Irônico, não é? Grace sempre adorou ironias.

— Peraí... Nós *vencemos*? — Dan perguntou, incrédulo.

— Cara. Você está com todas as pistas — disse Hamilton, colocando o papel nas mãos de Dan.

Ele então deu uma batidinha nas costas de Dan, bem leve para um Holt. Ou seja, Dan deu só dois passos para a frente antes de conseguir recuperar o equilíbrio.

— Vou contar pro meu pai que você e Amy tiveram uma vitória justa, por conta própria — comentou Hamilton. — Porque... é a verdade.

Dan ainda estava piscando de espanto, os ingredientes que tinham sido reunidos pela primeira vez quinhentos anos antes... e haviam mudado a história da humanidade desde então.

Que efeito poderiam ter no futuro?

— Hamilton, espere — Dan começou a dizer, pois queria mais ajuda. — Pense em quantas vezes você salvou nossa vida. Pense em como você me carregou até o topo daquele penhasco. Pense em...

— Como minha família ateou fogo na mansão da Grace — interrompeu Hamilton. — Como nós quase matamos o Alistair na África do Sul. Como... como é nossa culpa que os Starling tenham se ferido no Instituto Franklin.

Ele encarou Sinead nos olhos e disse:

— Sinto muito.

Sinead assentiu uma vez com a cabeça, o que não era exatamente um gesto de perdão. Mas talvez fosse um primeiro passo.

— E eu peço desculpas — adiantou-se Alistair, olhando para Dan e Amy. — Por tudo.

— Nós perdoamos você — sussurrou Amy.

Dan olhou fixo para a irmã, pensando: *Perdoamos?*

Precisamos perdoar, Amy parecia estar pensando de volta para ele. *Não podemos passar o resto das nossas vidas odiando pessoas.*

Como uma criancinha em busca de seu cobertor de estimação, Dan procurou a raiva que tinha impulsionado durante boa parte da busca pelas pistas. Ainda estava lá, mas de algum modo mais fraca. Mais leve.

Talvez algum dia desaparecesse por completo.

— Você abriu mão das suas pistas para impedir que a Isabel matasse a gente — Dan disse a Alistair, com relutância.

— Sim — concordou Alistair. — Mas eu também sou muito parecido com Isabel e Cora... e Eisenhower.

— Meu pai é um ótimo *pai* — protestou Hamilton — Mas... — Ele olhou para as próprias mãos. — Não quero ser igual a ele.

Alistair concordou com a cabeça.

— Quando eu cresci, eu vi como meu tio Bae era mau — ele começou a contar. — E mesmo assim ainda tentei conquistar sua aprovação. Ainda tomei para mim os objetivos dele. — Ele deu um pigarro ruidoso. — Vocês são muito mais sensatos, meninos. Estão escolhendo um caminho melhor.

Lágrimas brilhavam em seus olhos.

É tudo verdade, pensou Dan. *Nós realmente vencemos. Todos nós. Juntos.*

Ele lembrou de quando, em Londres, tinha dito a Amy que eles deveriam vencer e depois pôr todo mundo na linha. Porém esse era o tipo de plano que os outros tinham tentado durante os últimos quinhentos anos e nunca tinha funcionado. O jeito como Amy e Dan haviam vencido era totalmente diferente. Eles haviam vencido porque todos os outros queriam que eles vencessem.

Ele mal podia esperar para contar a Nellie.

— Oh... a Nellie! — ele gritou. — Precisamos resgatar todo mundo que está no cemitério! — Ele começou a enfiar no bolso os papéis que tinha recebido dos outros. — Todo o resto pode esperar até nós fazer isso e...

— E arranjarmos atendimento médico para Natalie e Jonah — concordou Alistair. Ele lançou um soturno para o vulto inconsciente de Isabel. — E precisamos entregá-las para as autoridades.

— As pessoas ficam presas um tempão por *tentativa* de homicídio, não é? — perguntou Amy, aflita. — Todos aqueles explosivos que ela disparou...

— Oh, ela não vai ser condenada só por tentativa de homicídio — explicou Alistair. — Vou fazer uma coisa que tive medo de fazer sete anos atrás. Vou testemunhar que Isabel matou seus pais.

— Então quer dizer... — Amy começou a falar.

Alistair quase sorriu.

— Que Isabel vai ficar presa pelo resto da vida — ele completou.

Capítulo 42

Ned Starling foi guiando o caminho pela passagem secreta que tinha visto Isabel usar. Foi um processo lento, pois Jonah, Natalie e Isabel precisavam ser carregados. E Ian teve de sair primeiro, para dispensar os capangas que Isabel tinha deixado vigiando o cemitério.

— Minha mãe quer que vocês saiam desta ilha... agora! — ele gritou, o que foi suficiente.

Quando o resto do grupo surgiu, todos no cemitério comemoraram.

— Amy e Dan... vocês sobreviveram! — berrou Nellie. — Minhas crianças!

— Nossas! — gritou o tio Fiske, poucos segundos depois dela. Então ele lançou um olhar envergonhado para o senhor McIntyre. — Bom, eles são mesmo.

— Não estou vendo... a Sinead e o Ned estão aí? A Sinead e o Ned estão aí? — gritou Ted. Alguém deve ter dito que sim, pois então ele exclamou: — Isso é ainda melhor que achar um novo dígito do número pi!

— Hammy! Hammy! Hammy! — os Holt comemoraram em uníssono.

— Jonah? Você está machucado? — perguntou Broderick, debatendo-se contra as cordas que o amarravam.

— Pode crer — disse Jonah, fazendo um esforço dolorido para sorrir em sua maca improvisada. — Mas espera até ouvir as músicas que eu vou criar sobre essa experiência.

Alistair e Sinead insistiram que, antes que qualquer pessoa entrasse no cemitério, eles precisavam desarmar. os explosivos que Isabel tinha instalado.

— Tem razão — disse o piloto do helicóptero em tom de aprovação. — É o modo mais seguro.

Hamilton ficou parado na praia, gritando para sua família, contando tudo o que tinha acontecido.

Ou... quase tudo.

— Então, a Amy e o Dan venceram no fim, mas depois a Amy precisou destruir o prêmio para proteger todos nós — explicou Hamilton. — E, pai, sei que você vai ficar bravo porque eu não ganhei tudo para a equipe Holt mas...

Ele esperou, mas Eisenhower não começou a gritar como Hamilton havia imaginado. Eisenhower abriu a boca, contraiu o rosto, engoliu em seco, depois tentou de novo.

— Vencer não é tudo — disse Eisenhower numa voz fraca. — Às vezes, saber que sua família está viva, em segurança e com saúde, é ainda melhor.

— Vince Lombardi disse isso? — perguntou Reagan. — Ou Shakespeare?

— Não — respondeu Eisenhower. — Eu disse.

* * *

Depois que todos estavam desamarrados, Amy e Dan se abraçaram como se não se vissem há um milhão de anos. Dan não quis se envolver naquilo, pois na verdade queria falar com o tio Fiske e o senhor McIntyre.

Mais tarde, pensou Dan. *Depois que todos os outros forem embora...*

Frustrado, ele foi andando na direção dos Starling. Ted estava esticando o braço para tocar no rosto da irmã.

— Eu ouvi o que o Hamilton disse sobre a destruição do soro — Ted estava dizendo. — Não se preocupe, Sinead. Isso não importa. Eu e o Ned vamos ficar bem de qualquer modo.

— Oh, mas... — Sinead começou a dizer.

— Não, ouça — disse Ted. — Enquanto eu estava amarrado aqui com todos os outros, comecei a pensar naquelas cirurgias experimentais que eles ofereceram ao Ned e a mim. Bolei umas coisas novas para sugerir aos médicos, para que não sejam tão arriscadas. Reagan Holt até desenhou os esboços para mim. — Ele tirou um maço de papéis do bolso da jaqueta e estendeu à irmã. — Olhe.

— Mas nós podemos... — Dan começou a dizer, aproximando-se dos Starling.

Sinead ergueu o olhar dos desenhos e balançou a cabeça, num gesto de advertência.

— O jeito do Ted é melhor — ela interrompeu. — Se as cirurgias funcionarem, vão ajudar muitas pessoas, não só o Ned e o Ted. E não vai haver os mesmos... efeitos colaterais e complicações. Afinal, eu vi Isabel Kabra em ação, e ela só tinha *parte* do soro.

— Acho que tem razão — disse Dan.

Ele de repente estava ainda mais ciente dos papéis que tinha guardado nos bolsos. Como era possível folhas de papel parecerem tão pesadas?

* * *

Jonah quase desmaiou quando os outros o carregaram para dentro do helicóptero. Tentou relaxar enquanto o acomodavam no banco de trás, mas então retesou de novo.

— Pai! — ele gritou. — A acusação de vandalismo no Globe... Alguém vai tentar me prender quando eu chegar no hospital?

— Oh, não — respondeu Broderick. — Eu quase esqueci... todas as acusações foram retiradas. A senhorita Pluderbottom mudou o depoimento.

— Aê! A senhorita Pluderbottom, a que “só diz a verdade”, *mentiu*? — perguntou Jonah, surpreso. — Por mim?

— Não — disse Broderick. — Ela não mentiu. Ela disse que a verdade mudou. Foi à policia e afirmou ter descoberto que você era um rapazinho simpático, que nunca destruiria de propósito nada ligado ao Bardo.

A verdade mudou, pensou Jonah. *E... eu mudei. Encontrei meu verdadeiro eu.*

— A senhorita Pluderbottom é minha truta — Jonah murmurou, meio zonzo. Eles agora estavam decolando, o helicóptero se erguia no céu. — Acho que vou pedir a ajuda dela pra montar uma versão hip-hop de *Romeu e Julieta*. Pode ser um sucesso, pode conquistar novos públicos. Quer ajudar também? Afinal, eu não posso ser um fenômeno adolescente pra sempre. Tenho que começar a bolar o próximo passo, a próxima fase...

— O que você quiser — interrompeu Broderick.

Eles voaram mais alto, adentrando as nuvens. A mente de Jonah também estava ficando nublada. Talvez ele tivesse começado a sonhar outra vez. Ou talvez realmente tivesse ouvido o pai dizer, por cima da barulheira das hélices do helicóptero:

— E vamos contar à sua mãe o que você quiser sobre o soro, também.

* * *

Sinead decolou em sua aeronave com Alistair e Isabel, que ainda estava inconsciente. Por isso os irmãos Starling teriam que ir ao hospital com Ian e Natalie a bordo do iate de Jonah.

— Você sabe pilotar um iate? — o senhor McIntyre perguntou a Ian, preocupado.

— Eu nasci sabendo pilotar um iate — respondeu o jovem. E uma expressão preocupada surgiu em seu rosto. — Mas... você acha que o Jonah deixou tudo pago quando alugou isto? Depois que meu pai ficar sabendo o que a Natalie e eu fizemos, vai cancelar nossos cartões de crédito.

— Quer dizer que nós somos... somos pobres agora? — perguntou Natalie.

— Indigentes — assentiu Ian, soturno.

— Na verdade — disse o senhor McIntyre — eu deveria ter mencionado isto antes de os outros irem embora. Grace tinha um adendo em seu testamento, referente a todos que chegassem ao fim do desafio. Vocês oito receberão o dobro da quantia que recusaram para obter a primeira pista.

— Originalmente, era 1 milhão de dólares — lembrou Ian. — Então a Natalie e eu vamos receber 2 milhões de dólares cada? Acho que podemos nos virar com isso.

Natalie abriu um sorriso enorme.

— Que alívio! — ela suspirou. — Ser pobre não foi tão ruim quanto eu achei que fosse ser, mas mesmo assim...

— Você só foi pobre durante uns dois segundos! — protestou Dan, revirando os olhos.

— Dan, os 2 milhões de dólares por pessoa... Isso vale pra nós também — disse Amy, atordoada.

Ah, sim, pensou Dan. *Dois milhões por pessoa. Quatro milhões ao todo...*

Ele não conseguia assimilar aquilo. Não enquanto trazia no bolso papéis que continham um segredo de valor inestimável. Ian, Natalie, Ned e Ted partiram. Os Holt gritaram ao ouvir que

Hamilton tinha ganho 2 milhões de dólares. Então começaram a dizer, aos berros, que aquilo significava que eles podiam ir a um tal jogo de futebol internacional, que seria disputado na Irlanda dali a apenas uma hora. Eles também partiram, porém Hamilton ficou pendurado na janela do barco, com a mão colada ao ouvido, dedão e dedinho esticados, querendo dizer: *Me liguem. Mantenham-me informado.*

— Ainda podem contar comigo! — foi a última coisa que Hamilton gritou para eles.

Então sobraram apenas os Madrigal na ilha. Dan andou até o tio Fiske e o senhor McIntyre.

— E agora? — ele perguntou. — A Grace queria que a gente conseguisse o soro pra *quê*?

Capítulo 43

— O... o que você disse? — gaguejou o senhor McIntyre.

— Dan, Amy, por favor nos digam... vocês tem a fórmula do soro? Sabem todos os ingredientes? — Fiske implorou. — Eu *acho* que sim, pois meio que percebi que vocês só estavam fingindo estar decepcionadas quando os outros estavam aqui, mas...

Amy decidiu que precisava acabar com a aflição do coitado.

— Sim — ela respondeu. E contou aos dois homens e a Nellie as partes da história que Hamilton tinha deixado de fora.

— Então vocês realizaram tudo o que pedimos — concluiu Fiske surpreso.

Realizamos?, pensou Amy. *Mas...*

— Nós não reconciliamos com a *Isabel* — ela observou. — Nem com a Cora Wizard. Nem...

— Mas se reconciliaram com os filhos delas — emendou o senhor McIntyre. — E o Alistair e os Starling. Com representantes de todos os clãs. Vocês sinceramente não acharam que nós esperávamos tudo isso de vocês, acharam? Que conseguissem fazer com que cada descendente da família Cahill vivesse em perfeita harmonia com os outros?

Eu meio que achei isso sim, Amy quis dizer.

Mas ela sentiu como se o senhor McIntyre tivesse acabado de tirar um grande peso de seus ombros.

— Você se reconcilia com alguns — comentou Fiske. — Só o que pode fazer com os outros é lavá-los a justiça. E isso vocês fizeram.

Amy percebeu que, se Fiske e o senhor McIntyre fossem quaisquer outras pessoas, teriam começado a pular e gritar como os Holt e abraçar Amy, Dan e Nellie. Porém o que aconteceu foi que Fiske olhou de um lado para o outro rapidamente e pareceu um pouco menos incomodado que de costume. O senhor McIntyre quase conseguiu sorrir.

— Bem... — suspirou o senhor McIntyre aliviado, apoiando-se numa lápide.

— Ah, não — Nellie os repreendeu. — Não senhores. Vocês não vão se safar com uma reação tão desanimada. Digam pra Amy e pro Dan que eles salvaram o mundo. Agradeçam a eles por derrotar a mulher mais maligna do planeta e reunir a família mais problemática de todos os tempos. Peçam desculpas por cada cacetada, hematoma, arranhão, agonia e decepção que eles sofreram no caminho. E depois — ela concluiu — *depois*, por favor, respondam a pergunta do Dan.

— De fato, nós agradecemos a vocês. E pedimos desculpas. E... qual era mesmo a pergunta? — disse o senhor McIntyre, claramente usando uma tática de advogado para ganhar tempo.

— O que nós devemos fazer agora? — perguntou Dan. — Temos o soro... mas pra quê? Devemos tomar o soro e dominar o mundo nós mesmos? Mesmo se a própria Olivia Cahill achava que era perigoso demais? Ou devemos compartilhar o soro com o resto dos Madrigal? Com todos os outros clãs da família Cahill? Com todas as pessoas do mundo?

Amy olhou boquiaberta para o irmão. Aquele era mesmo *Dan*, refletindo sobre tudo com tanto cuidado? Se ele tivesse achado uma receita de superpoderes no início da busca pelas pistas, provavelmente teria preparado a fórmula e bebido sem pensar duas vezes.

E, no entanto, lá estava ele, ainda fazendo mais perguntas.

— Por que era tão importante encontrar as pistar *agora?* — ele perguntou. — Por que a Grace... assim como todos os Madrigal, imagino... estava tão desesperada a ponto de arriscar que Cora Wizard, Alistair, os Holt ou mesmo Isabel ficasse com o soro? Por que, depois de todos esses séculos?

— Grace estava *morrendo* — explicou o senhor McIntyre. — Ela não tinha muita escolha.

Porém seus olhos não paravam quietos, ele não queria olhar diretamente para Amy ou Dan.

— A Grace poderia ter deixado instruções para iniciar a busca pelas pistas depois de um tempo — Amy entrou na conversa. — Vocês poderiam ter esperado até Dan e eu crescermos. Ou até Isabel morrer. Ou...

— Por favor — implorou o tio Fiske, aflito, levantando as mãos. — Vocês não querem apenas comemorar sua vitória por enquanto? Não querem ser felizes? Aproveitar seu triunfo impossível? Em vez de... fazer perguntas impossíveis?

— Gosto de saber o que estou comemorando antes de botar meu chapeuzinho de festa — disse Nellie, cheia de sarcasmo.

O tio Fiske e o senhor McIntyre trocaram olhares.

— É tão difícil proteger esses três — reclamou o senhor McIntyre em voz baixa.

Amy começou a pensar no soro. O tio Fiske tinha dito na Jamaica que Gideon Cahill originalmente não estava tentando dar poderes incríveis à sua família. Ele só queria impedir que as pessoas morressem com a praga.

Amy levou um susto.

— O soro — ela murmurou. — A praga. Será... que tem outra praga vindo por aí?

O tio Fiske e o senhor McIntyre franziram a testa ao mesmo tempo.

— Não... necessariamente — disse o senhor McIntyre, hesitante. Ele deve ter visto Nellie olhando feio, pois deu um suspiro pesado e continuou. — Outra família está ameaçando...

— Os Lucian? — arriscou Dan.

— Algum dos Ekat... Bae Oh? — tentou Amy.

O senhor McIntyre fez que não com a cabeça.

— Está vendo, nós ensinamos a eles que toda maldade do mundo está na própria família — comentou Fiske em voz baixa.

— Esta é uma família totalmente diferente — explicou o senhor McIntyre. — Não tem nenhum parentesco conosco. Eles são ainda mais sigilosos que os Cahill e, francamente, fazem Isabel Kabra parecer a Madre Tereza.

Amy sentiu um calafrio.

— Faz tempo que eles estão interessados em adquirir os poderes dos Cahill — completou Fiske. — Começaram a tentar seguir as pistas anos atrás... Talvez vocês mesmos tenham detectado a presença sombria deles durante a busca pelas pistas.

Amy se lembrou de todas as vezes em que tinha tido a sensação de que ela e Dan estavam sendo observados, das vezes em que tinha sentido alguém os seguindo e ouvido passos suspeitos no escuro. Mas no fim era sempre Irina, ou Isabel, ou mesmo o próprio Fiske, no tempo em que pensavam nele como o homem de preto.

Não era?

— Pouco antes de Grace morrer, um agente dos Madrigal interceptou uma mensagem altamente confidencial da outra família — contou Fiske. — Uma mensagem com todo tipo de ameaças... Precisávamos estar prontos.

— Então vamos começar a preparar o soro! — disse Dan, ficando de pé num pulo.

Ele quer tomar o soro, pensou Amy. *Só está procurando uma desculpa. Um motivo que não o faça parecer tão mau quanto Isabel, querendo dominar o mundo.*

— Não — retrucou o senhor McIntyre com firmeza. — Apenas possuir a fórmula completa do soro já deve ser suficiente. Usá-lo é perigoso demais, a não ser que seja nossa única opção. E ainda temos outras opções, graças a vocês. Nós *podemos* lidar com isso agora.

Dan fez uma careta.

— Mas então o que sobrou para eu e a Amy fazermos? — ele perguntou, desanimado.

— Recuperar-se — respondeu Fiske, olhando para o olho roxo de Dan e os cortes e machucados das duas crianças.

— Esperar — completou o senhor McIntyre. — Ser crianças. Crescer.

A careta de Dan ficou ainda mais feia.

— Talvez seja a hora de deixar a Grace explicar — disse Fiske, acenando com a cabeça para o senhor McIntyre.

— *A Grace?* — sussurrou Amy.

* * *

Dan olhou em volta, muito agitado. Percebeu que Amy estava pensando o mesmo que ele: *Quem sabe até o funeral da Grace foi uma farsa dos Madrigal! Quem sabe a busca pelas pistas foi a maior enganação de todas! Talvez... talvez a Grace ainda esteja viva!*

Porém sua querida avó não estava cruzando a praia de cascalho, nem vindo de barco na direção deles. O senhor McIntyre estava apenas ajoelhado ao lado de um túmulo, empurrando algum tipo de alavanca escondida, depois enfiando a mão na própria lápide.

— Não se pode mais ler a inscrição, mas este é o túmulo de Madeleine Cahill — explicou o senhor McIntyre. — O compartimento secreto dentro da lápide era o lugar favorito de Grace para deixar mensagens.

Ele tirou uma caixa de metal e abriu. Passou os olhos em dezenas de envelopes lacrados.

— Não, não é este. Não é este. Nem este... — ele murmurou. — Ela queria muito poder cobrir qualquer eventualidade.

Por fim, o senhor McIntyre entregou a Amy e Dan um envelope cor de creme, com uma etiqueta que dizia "Melhor das hipóteses" na letra marcante de Grace. Amy ficou ali parada, segurando a carta como se fosse o maior tesouro que eles tinham encontrado em toda a busca pelas pistas.

— Acho que a Grace iria querer que a gente *lesse* a carta — comentou Dan em voz baixa.

— Ah, certo — concordou Amy.

Os dois se sentaram na grama. Dan virou o envelope e enfiou o dedo embaixo da aba. Amy tirou a carta e desdobrou as folhas. Eles começaram a ler juntos:

Meus queridos Amy e Dan,

Se o senhor McIntyre entregou esta carta a vocês, então realizaram meus maiores sonhos.

Não. Isso não é bem verdade. Vou começar pelo começo.

Quando vocês eram pequenos, meu maior sonho era que vocês nunca tivessem de saber da complicada herança da nossa família. Queria que isso nunca afetasse você de nenhum modo.

Mas, como vocês sabem, não foi o caso. Vocês eram muito novos quando seus pais morreram. Meu maior sonho naquela época de tristeza e desgosto era agarrar vocês e nunca mais soltar. Planejei inúmeras fugas. Reservei passagens para o Pacífico Sul, para os Alpes Suíços, para vilarejos minúsculos em lugares que os cartógrafos raramente colocam nos mapas. Mas "raramente" não bastava. No fundo do meu coração, eu sabia que, onde quer que tentássemos nos esconder, algum parente perigoso acabaria nos rastreando. Sabia que meu amor por vocês não era suficiente para mantê-los em segurança.

E eu não podia partir naquela época perigosa. Eu tinha uma responsabilidade com o mundo, assim como com vocês dois.

Por isso escolhi a opção mais segura – e mais cruel. Por causa de meus parentes vigilantes e sanguinários, precisei fingir ser verdadeira a mentira mais terrível: que eu não me importava muito com os meus netos. Era o único jeito de impedir que eles os matassem também, o único jeito de impedir que eles os usassem como peças em seus jogos horrendos. Convenci minha desinteressada irmã, Beatrice, a adotar vocês, muito embora ela

Aqui havia algo riscado e coberto de tinta, impossível de ler. Grace tinha desenhado uma seta para o lado e escrito na margem: “Se é errado falar mal dos mortos, então também deve ser errado falar mal dos que ainda estão vivos. Basta dizer que minha opinião sobre Beatrice não é melhor que a de vocês!”.

A carta continuava:

Convenci Beatrice a adotar vocês porque ela, sem interesse na história da nossa família, podia mantê-los em segurança, quando eu não era capaz.

Mas, oh, como eu ansiava por aqueles fins de semana que passávamos juntos!

Na luta incessante pelo poder entre os clãs da família Cahill, fui forçada a fazer muitas coisas das quais não me orgulho. Mas não há nada de que eu me arrependa mais do que não ter estado ao lado dos meus netos.

Foi uma grande surpresa perceber que vocês não pareciam se ressentir com as minhas falhas. Mesmo sofrendo, vocês dois ainda eram tão adoráveis e simpáticos... e tão ansiosos para aprender. Eu ainda esperava protegê-los o quanto pudesse da pior parte da sua herança Cahill. Porém, talvez por egoísmo, também queria partilhar as melhores conquistas dos Cahill. Por isso os levei a peças de Shakespeare e paguei aulas de piano para que aprendessem a música de Mozart. Mas não expliquei quase nada sobre a ligação deles com vocês. Meu maior sonho, naquela época, era não precisar lhes contar sobre a guerra na família enquanto ela não acabasse.

E que isso acontecesse logo, para que eu pudesse tirar vocês de Beatrice e trazê-los para casa, para morar comigo enquanto ainda eram jovens.

Isso também não era pra ser.

Descobri que tinha câncer – e que ele me mataria com certeza – num momento em que outras nuvens de tempestade se acumulavam no horizonte. A guerra que estávamos lutando se tornou mais perigosa que nunca.

Nós, os Madrigal, percebemos que o mundo nunca ficaria em segurança a não ser que os Cahill se unissem, de uma vez por todas. Tornou-se mais importante do que nunca os clãs se reconciliarem para, juntos, fazer frente aos perigos que assomam à nossa volta.

— Então... todo mundo vai se envolver no conflito com essa outra família? — perguntou Dan. — *Todos* os Cahill?

— Sempre tivemos alguns poucos amigos em outros clãs — explicou o senhor McIntyre. — Mas agora vamos precisar de muito mais.

— Mas algumas pessoas que estavam no desafio... Alistair, Sinead, Ian e Natalie... eles não confiam nem em *si mesmos* para lidar com o soro — observou Amy.

— Ninguém deveria confiar — retrucou o senhor McIntyre numa voz soturna.

Dan voltou a ler a carta porque mais uma vez estava muito consciente dos papéis que tinha no bolso.

Se estão lendo esta carta, então realizaram uma meta que nenhum outro Madrigal foi capaz de realizar em quinhentos anos. Estou tão orgulhosa de vocês.

E, se estão lendo esta carta, é porque estão de posse de um fardo que nenhuma criança de 11 ou 14 anos jamais deveria ter de carregar.

Dan piscou. Era como se Grace *soubesse!*

Os Madrigal sempre tiveram uma versão parcial da fórmula do soro original de Gideon. Em meio milênio, nunca conseguimos descobrir todas as pistas dos outros clãs. Sempre acreditamos que era mais importante trabalhar pra reconciliar a família e impedir que o soro caísse em mãos erradas. Não queríamos o soro de Gideon.

Acontecimentos recentes nos forçaram a mudar nossas prioridades.

Quando comecei a pensar em dar início a uma gigantesca busca palas pistas, rapidamente percebi que mais uma vez precisava escolher entre alternativas intoleráveis. Eu amo profundamente meu irmão, Fiske, mas ele seria o primeiro a dizer que não conseguiria reunificar os Cahill. Tenho um enorme respeito por William McIntyre e pelos outros Madrigal, mas por um ou outro motivo era claro que também eles, por conta própria, fracassariam.

As únicas pessoas que eu podia imaginar atingindo as metas dos Madrigal eram vocês dois – as duas pessoas que mais queria proteger. Sabia que, caso eu pedisse, qualquer um dos dois teria se oferecido voluntariamente para salvar o mundo. Mesmo você, Amy, embora você considere-se tão covarde.

Eu mesma sou covarde.

Inúmeras vezes nestes últimos dias e semanas, tive vontade de contar tudo a vocês, adverti-los sobre os perigos que estão por vir. Mas sei que não posso fazer isso sem assustá-los demais: sem <u>me</u> assustar demais. Estou ficando fraca. Não é só o câncer. É o medo do que estou prestes a fazer, do que preciso fazer pelo bem do mundo.

Espero que agora estejam em condições de me perdoar por tudo de errado que fiz com vocês dois.

— Ah, como assim, Grace — comentou Dan. — Nós não teríamos conseguido perdoar se você não tivesse nos incluído na busca pelas pistas!

Mas era fácil pensar isso agora que a busca tinha acabado.

Instrui o senhor McIntyre a dar a melhor assistência possível a vocês segundo seu próprio discernimento. E pedi que ele lhes dissesse, depois do meu funeral, para não confiar em ninguém. Isso era para ser um bom conselho para o começo da busca pelas pistas, quando tantas coisas seriam desconhecidas para vocês. Mas espero que entendam que não quero que passem a vida inteira com essa filosofia. Muitas pessoas erraram com vocês – eu mesma falhei, embora os ame mais do que minha própria vida. Posso dizer que terão seu coração partido mais pelas pessoas que amam do que pelas pessoas que odeiam. Mas ainda assim devem ter a coragem de amar. As recompensas valem muito mais que os riscos.

Dan ergueu o olhar e viu que Amy tinha lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Isso tudo realmente tinha a ver com o amor... *Trabalhos de amor vencidos* — murmurou Amy. — Grace achava que venceríamos passando a nos importar com as outras pessoas. E fazendo com que elas se importassem conosco. Na verdade, foi mais ou menos isso que aconteceu!

— Que cafona — murmurou Dan.

Amy deu uma fungada. Dan decidiu cutucá-la entre as costelas, a troco de nada. Bom, talvez isso fosse ajudar.

Amy o cutucou de volta e ele sabia que ela ficaria bem. E Dan também.

Gostaria de poder dizer o que enfrentarão agora, mas não sei como os perigos cresceram desde a minha morte. Confio em vocês para tomarem as decisões certas. E confio que saberão em quem confiar para ajudá-los.

Sei que terão descoberto verdades terríveis durante essa busca pelas pistas – certamente descobrirão os fatos sobre a morte dos seus pais que eu mesma nunca tive coragem de contar. Vocês foram vítimas de um grande mal. Mas vocês, assim como eu, não são apenas vítimas. Espero que esta busca pelas pistas tenha também lhes mostrado suas grandes reservas de força, coragem e bondade.

Eu amo vocês. Seus pais teriam muito orgulho dos filhos.

Com todo o meu amor.

Grace

Amy e Dan ergueram o olhar da carta de Grace ao mesmo tempo.

— Vocês vão precisar de nós para mais coisas — disse Amy. Para alguém com o rosto coberto de lágrimas, ela parecia incrivelmente calma. — Com o soro, ou...

— Não — interrompeu o senhor McIntyre. — Ainda não. Vocês têm tempo para se recuperar.

Nossas aventuras não chegaram ao fim, pensou Dan. *Mas acabaram, por enquanto.*

Era estranho que ele podia se sentir tão aliviado e tão decepcionado ao mesmo tempo.

Por um instante, todos apenas ficaram parados.

Então Nellie disse:

— Como é? Prontos pra ir pra casa?

— Casa? — repetiu Amy, como se nunca tivesse ouvido falar desse lugar. — Mas... não temos mais uma casa. Lembra?

— Vocês têm 4 milhões de dólares — o senhor McIntyre lembrou a eles. — Podem morar onde quiserem, em qualquer lugar do mundo.

Um olhar sonhador se espalhou pelo rosto de Amy.

— Podíamos morar em Paris — ela disse.

— Ou na China, onde eu poderia praticar meu kung fu — sugeriu Dan.

— Veneza, com todos os canais — lembrou Amy.

— Austrália, onde poderíamos surfar com o Shep outra vez — ponderou Dan.

Nellie deu de ombros:

— Eu topo — ela disse. — Só espero que a Sorbone ou a Universidade de Sydney aceitem transferências de estudantes. Porque vocês não vão se livrar de mim como sua...

— Não diga babá! — interrompeu Dan. — Por favor!

— Na verdade, eu ia dizer “irmã mais velha” — respondeu Nellie com um sorriso.

Aquilo soava perfeito.

— Na verdade — disse Amy — o lugar para onde eu quero ir é...

Dan olhou para a irmã. A comunicação telepática deles estava funcionando muito bem agora.

— Massachusetts — Dan concluiu para ela.

Amy concordou com a cabeça.

— Podíamos mandar reconstruir a mansão da Grace — especulou o senhor McIntyre. — Não lhes contamos isso antes, mas ela deixou essa propriedade... Vocês são os herdeiros primários dela. E, felizmente, a casa estava no seguro.

— Obrigada, mas não seria a mesma coisa sem a Grace — respondeu Amy. — De verdade, nosso antigo apartamento está bom por enquanto. Não iríamos querer que a Nellie perdesse nenhum crédito da faculdade se tivesse de pedir transferência da Universidade de Boston.

— E justo agora que eu finalmente sei em que quero me formar! — exclamou Nellie.

— Você sabe? — perguntou Dan. — Em quê?

— Línguas? — sugeriu o senhor McIntyre.

— Não, embora eu queira aprender tantas quantas puder — disse Nellie. — Pensei em virar tradutora, mas sabem como é, assim você só pode dizer o que outras pessoas já estão dizendo. Eu estava pensando mais em algo como diplomacia.

— O quê? — Dan se espantou, olhando para ela boquiaberto. — Você é a pessoa menos diplomática que eu conheço!

— Eu levei vocês dois até o fim da busca pelas pistas sem se matarem, não? — perguntou Nellie. — Estou totalmente preparada para a ONU!

Dan quase conseguiu imaginar. Em questão de dias, ela ia convencer todo mundo da ONU a fazer piercing no nariz.

— Só preciso de mais bolsas de estudo — continuou Nellie. — Porque, não sei, agora estou meio com uma febre de viajar... Talvez eu queira ir pra Paris ou pra Jamaica de vez em quando.

— Não, isso não — disse o senhor McIntyre.

— Eu posso ir pra onde eu quiser, sim! — objetou Nellie.

— Não é disso que eu estou falando. É da parte das bolsas de estudo — respondeu o senhor McIntyre.

Ele enfiou a mão na caixa onde tinha guardado as cartas de Grace e tirou outro envelope. Então o entregou para Nellie.

— Digamos que agora você é tão rica quanto Amy e Dan. É justo, para irmãos. E é isso que Grace queria.

Nellie espiou dentro do envelope, que devia conter o número de uma conta bancária. Era fino demais para estar carregado de milhões de dólares.

— Verdade? VERDADE? Legaaaaaal! — exclamou Nellie, abrindo um sorriso gigantesco. — Então o primeiro mês de aluguel é por minha conta! Uau... é tão divertido poder dizer esse tipo de coisa!

— Oh, mas se nós voltarmos para Boston... — Amy começou a dizer. — A tia Beatrice não vai mandar o Serviço Social buscar a gente?

O senhor McIntyre voltou a mexer na caixa onde estiveram guardadas a carta de Grace e o envelope de Nellie. Desta vez tirou um bolo de papéis.

— Estes documentos transferem a sua tutela em conjunto para Fiske Cahill e Nellie Gomez — ele explicou. — Não é muito convencional, mas conheço um juiz que vai aprovar.

— Quer dizer que o tio Fiske vai ser, tipo, nosso pai adotivo? — perguntou Dan, incrédulo.

Fiske ficou vermelho e olhou para o chão.

— Não tenho nenhuma experiência como pai — ele murmurou.

— Muito sorvete, esse é o segredo — disse Dan.

— Deixar ir pra cama tarde — continuou Nellie.

— Amor — completou Amy, sorrindo para eles.

— Então, de volta para Boston — concluiu Nellie. — Eu talvez até consiga pegar alguns cursos que começam mais tarde.

Uma expressão consternada se espalhou pelo rosto de Amy.

— Ahhh! — ela gritou. — Que dia é hoje?

— Setembro... — O senhor McIntyre olhou para o relógio, que possuía o calendário do mês inteiro no mostrador. — Vinte e sete de setembro.

— As aulas começaram já faz três semanas! — gritou Amy. — Eu estava com tanto medo de entrar no ensino médio! Vocês sabem o que todos dizem, que eles trancam calouros nos armários e jogam os livros no chão e...

Ela pareceu se dar conta exatamente do que estava dizendo.

— Amy, você sobreviveu à busca pelas pistas — Nellie ponderou. — O ensino médio não vai ser nada!

Dan revirou os olhos. Não ia admitir que também estava com um certo receio de passar para o sétimo ano.

Um novo ano letivo, ele pensou. *O antigo apartamento. Meus velhos amigos. O Saladin vai ficar feliz de ficar em um mesmo lugar. Posso finalmente usar os kits de decalque que comprei em Stratford. Podemos pendurar as espadas da Itália na parede. Posso comprar todos os meus cards de beisebol de volta.*

Voltar para a vida normal parecia maravilhoso... por ora. Mas ele sabia que tudo isso seria apenas um intervalo, antes que algo maior e ainda mais importante que as 39 pistas começasse.

Eu tenho 11 anos, ele pensou. *Mereço aproveitar esse intervalo enquanto posso.*

— Então tudo bem — ele disse para Nellie e Amy. — Vamos voltar para casa.